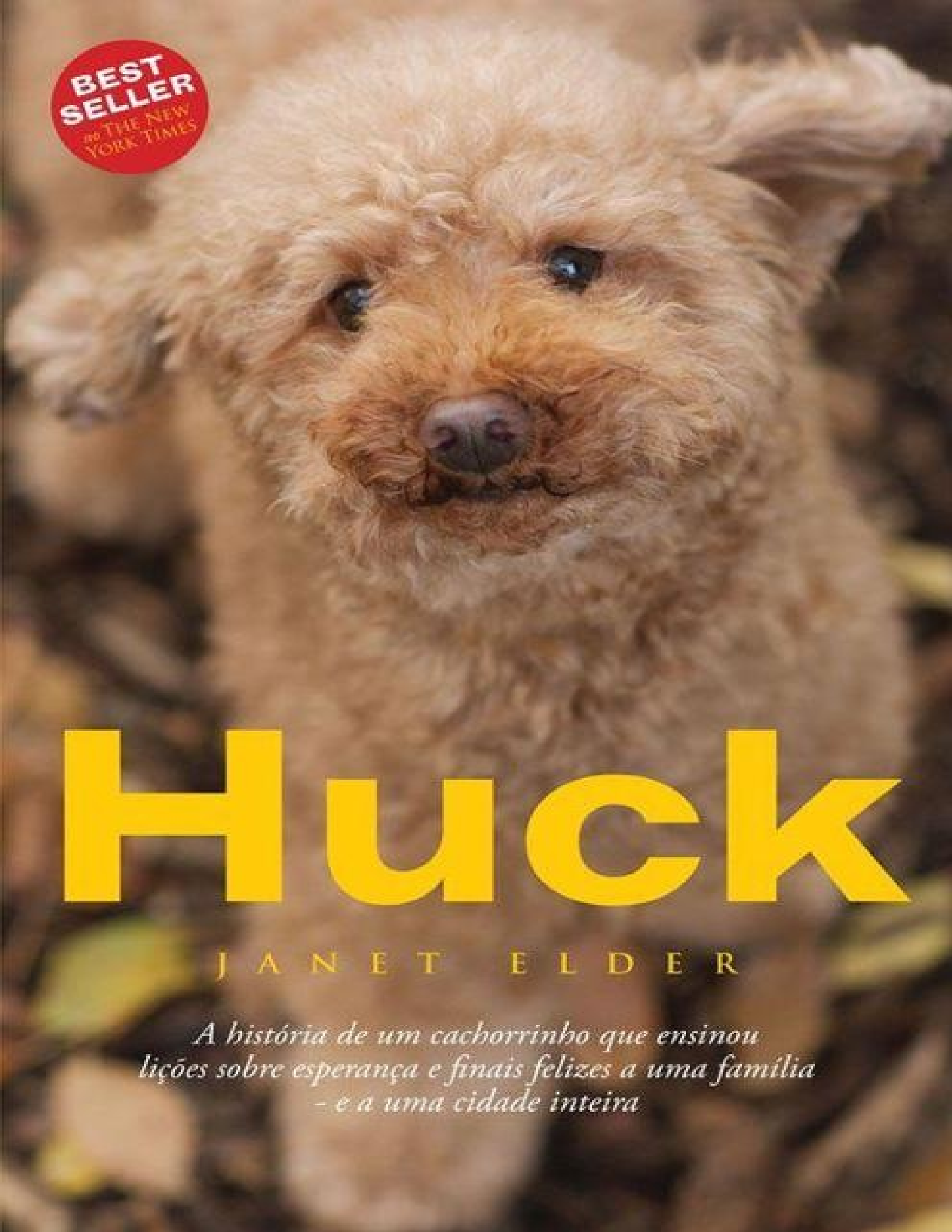

BEST SELLER
THE NEW YORK TIMES
Huck
JANET ELDER
A história de um cachorrinho que ensinou
lições sobre esperança e finais felizes a uma família
– e a uma cidade inteira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Huck



Janet Elder

Huck

A história de um cachorrinho que ensinou lições sobre esperança e finais felizes a uma família – e a uma cidade inteira

tradução:
Renato Marques

EDITORA GLOBO

Copyright © 2011 by Editora Globo S. A. para a presente edição
Copyright © 2010 by Janet Elder

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada
ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecâniconou eletrônico, fotocópia,
gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados,
sem a expresssa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: Huck
Preparação de texto: Marleine Cohen
Revisão: Maria A. Medeiros e Antonio Faria da Costa
Paginação: Ana Dobón
Projeto de capa: Cláudia Xavier
Foto de capa: Lawrence Pinsky
Foto da autora: Stephen Brown
Diagramação para ebook: Xeriph

1ª edição, 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Elder, Janet
Huck, A história de um cachorrinho que ensinou lições sobre esperança e finais felizes a uma família - e a uma cidade inteira / Janet Elder. – São Paulo: Globo, 2011.
969 Kb; ePUB

Título original: Huck
ISBN 978-85-250-5151-6
1. Filhotes 2. Huck (Cão) 3. Poodle miniatura
4. Relações homem-animal I. Título.
10-11637 CDD-639.80929

Índices para catálogo sistemático:
1. Huck : Cão : Relações homem-animal
639.80929

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www. globolivros.com.br

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Recompensa

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Agradecimentos

Para Michael e Rich

Recompensa
de $ 1.000
em dinheiro

Cachorro perdido!
23/3/2006
Imediações de Ramsey/Mahwah
917-555-5555
201-555-5555
ou polícia local
poodle toy abricó (castanho-avermelhado)
“felpudo”
Por favor: menino inconsolável



“Huck”

“Huck”

SE VOCÊ O ENCONTRAR, POR FAVOR, DIGA CALMAMENTE
“QUEIJO CREMOSO, “HUCK”. LEVE-O PARA SUA CASA,
POR FAVOR. E LIGUE PARA GENTE, POR FAVOR!



Capítulo 1

Quando tive câncer, passei a me proteger com vários amuletos – um par de brincos à moda antiga, cor-de-rosa e branco, que uma amiga próxima trouxe de Paris; uma delicada pulseira de ouro com a palavra vida gravada, presente que ganhei de uma mulher que eu mal conhecia e que me disse que admirava a minha coragem; um ursinho de pelúcia roxo abraçando a palavra mamãe, que meu filho Michael me deu quando me visitou no hospital; um bilhete do meu cunhado, rabiscado em um papel amarelo, citando um dos muitos médicos que eu tinha consultado e que me garantira o seguinte: “Você vai sarar”. Eu mantinha todos os meus talismãs perto de mim, levava-os comigo em minhas visitas aos consultórios dos médicos, me pegava olhando para eles no meio da noite, e os apertava com força toda vez que me sentia vulnerável.

Mas nenhum talismã foi tão poderoso quanto um cachorrinho chamado Huck.

Michael dizia que precisou implorar durante “apenas” sete anos para que eu o deixasse ter um cachorro. Pois até onde a minha lembrança e a do meu marido Rich alcançavam, todo ano a carta que Michael escrevia para o Papai Noel começava com um comovente pedido de um cachorro. “Eu só quero um cachorrinho pra eu amar”, ele escrevia em letras de forma. Depois de anos

encontrando de tudo debaixo da árvore de Natal, menos um cachorro, a carta do meu filho para o Papai Noel continuava incluindo o mesmo pedido, mas Michael, a essa altura cada vez mais decepcionado, agora acrescentava, entre parênteses, “embora eu saiba que não vou ganhar um”.

Michael era implacável em sua insistência. Aos dez anos de idade, já tinha aprendido na escola a fazer apresentações em Power Point, e um dia, em casa, exibiu suas habilidades com uma criação especial intitulada “Meu Cachorro”.

Sentado em frente à tela do computador – eu e meu marido de pé atrás dele –, Michael nos mostrou uma sucessão de fotografias de crianças sorridentes e cãezinhos de aparência brincalhona, tudo isso entremeado com frases que resumiam sua situação e apresentavam seu argumento. Uma página era intitulada “Um Animal Incrível” e tinha itens assinalados em negrito – coisas como: “Você sempre pode ganhar um abraço do seu cachorro quando estiver se sentindo triste” e “O animal mais carinhoso que existe”. Outra página dizia simplesmente: “Uma criança sem um cachorro é uma coisa muito triste”. A apresentação cumpriu o efeito desejado de partir nosso coração. Michael ficou lá sentado, orgulhoso de seu feito e confiante de que sua argumentação tinha sido convincente, até que por fim perguntou: “Vocês gostaram?”.

Eu fiquei com os olhos rasos d’água, mas ainda não estava pronta para lhe dar um cachorrinho.

A obsessão de Michael por animais em geral e por cachorros em particular era culpa minha. De um jeito ou de outro, desde a mais tenra infância eu tinha enchido a cabeça dele com imagens de animais de estimação, reais e imaginários, e ele se apaixonava por todos. Seus primeiros amigos foram os bichinhos de pelúcia que dividiam o berço com ele: Geraldo Girafa, Samuel Esquilo, Mamãe Pata e Patolinha, e Colcha de Pelos, um golden retriever tão imenso que era possível tirar um cochilo em cima dele.

Antes de Michael nascer, enquanto Rich e eu esperávamos que se passassem os nove meses, saímos para comprar um ursinho de pelúcia. Depois de dar uma busca minuciosa por todas as lojas do bairro sem conseguir encontrar o brinquedo perfeito, decidimos ir até a catedral dos brinquedos de Nova York – a fao Schwarz. A caminho da loja cumprimentamos um homem alto, vestido feito um soldadinho de brinquedo – com um casaco vermelho, calça azul e um

chapéu preto comprido –, de sentinela diante das portas de vidro, saudando os clientes. Uma vez lá dentro, apertamos ursinhos de todos os tipos e formatos: ursos pretos, ursos polares, ursos pandas, ursos que pareciam de verdade (até demais) e outros vestidos de fazendeiros e palhaços. Demos muitas risadas e, por fim, levamos para casa um ursinho de carinha linda – ele era marrom, irresistível e macio – chamado “Floquinho”, que anos depois foi rebatizado por Michael de “Xuxu”.

Nossa esperança era que Xuxu se tornasse o melhor companheiro de Michael, o tipo de animalzinho de pelúcia que vai da cama para o armário e de lá para o porão, mas nunca para a lata de lixo. Mas Xuxu, o ursinho, nunca conseguiu ser o favorito de Michael, porque o primeiro lugar já tinha dono: o cachorrinho Rolha.

Rolha, que era cor de areia e tinha olhos castanhos, era suficientemente pequeno para caber entre o queixo e o pescoço de Michael, mas grande o bastante para ser abraçado. Ele viera em meio a uma avalanche de presentes de amigos e colegas por ocasião do nascimento de Michael.

Assim que as mãos de Michael ficaram grandes o bastante para agarrar a patinha de Rolha, o menino e o cachorrinho tornaram-se companheiros inseparáveis. Rolha dormia ao lado de Michael, primeiro no berço, depois na caminha e, por fim, na cama de “menino crescido”. Rolha era o animal de estimação perfeito. Não latia, não soltava pelos, não precisava sair para passear e era infinitamente tolerante com o hábito que seu dono tinha de arremessá-lo no ar e agarrá-lo pelo rabo. Toda vez que a brincadeira de Michael ficava um pouco violenta demais e Rolha quebrava um braço ou perna, era consertado por Grammy, enfermeira aposentada e muito habilidosa com agulha e linha. Rolha era indestrutível.

Quando Michael era pequeno, tinha propensão a ter febre alta. Rolha ficava contente de se deitar quieto e imóvel ao lado do dono. Toda vez que medíamos a temperatura de Michael, também púnhamos o termômetro em Rolha. Ele tinha seu próprio pote para tomar sorvete. Toda vez que Michael precisava de um band-aid, Rolha também ganhava um. A imaginação de Michael tinha transformado o cãozinho Rolha em um membro integral da família. “Mamãe, não se esqueça de dar um beijo de boa noite no Rolha” ou “Papai, o Rolha

precisa de leite também". Eram sinais que serviam como lembretes de que o cachorrinho de estimação só era inanimado para nós; para Michael, era bem real.

Esta situação tinha enorme potencial para causar sofrimento ao menino. Rich e eu tínhamos tanto medo de perder Rolha que compramos um cachorrinho de pelúcia idêntico para que Michael pudesse levar em suas incursões fora de casa – quando ia ao parque, quando ia dormir na casa de algum amiguinho, em viagens mais longas de carro ou quando visitávamos parentes. Dissemos a ele que o cachorrinho novo era primo de Rolha. Nossa história funcionou muito bem quando Michael ainda era uma criança de colo, mas, depois que ele já tinha idade suficiente para entrar na creche, nosso esquema passou a ser visto como uma mentira deslavada.

Rolha e o zoológico no quarto de Michael foram apenas o começo.

Pelo fato de ter pai e mãe escritores, Michael teve uma infância repleta de livros, que estavam por toda parte: livros de plástico na banheira, livros de pano no berço, livros de papelão pendurados no carrinho, estantes abarrotadas de livros de parede a parede. No carro, ouvíamos audiolivros.

Em meados da década de 1990, quando Michael estava na pré-escola, parecia quase impossível comprar um livro infantil que não fosse sobre animais. Eu passava horas varrendo livrarias da cidade inteira à procura de livros com meninos, imaginando que Michael gostaria de se identificar com um personagem parecido com ele. Mas aventuras protagonizadas por menininhos loiros estavam em falta no mercado.

Christopher Robin, o amigo leal e confuso do Ursinho Pooh, era um personagem insignificante demais em comparação às outras estrelas da história, todos de personalidade bem definida, e todos eles animais. Por isso, eu sempre acabava levando ao caixa mais livros sobre bichos, como *O cachorrinho Samba*, *Meu cachorrinho carinhoso*, *O cachorrinho Guga*, *O cachorrinho Pepe*, *Cachorrinho quer brincar* e *O dia do cachorrinho*.

Ao chegar em casa, eu levava minhas sacolas de compras para o quarto de Michael; lá, eu me sentava na cadeira de balanço com almofadas de bolinhas brancas e vermelhas, acompanhada de Michael e Rolha aninhados no meu colo, e, com os raios de sol jorrando através da janela, ficávamos lendo horas a fio. Alguns dos livros nós líamos tantas vezes que em pouco tempo eu já conseguia

recitá-los. A cadência e o ritmo dos livros passavam a fazer parte da antologia de palavras que ao longo dos anos, inconscientemente ou não, eu tinha decorado: o Pai-Nosso, a última frase de *You can't go home again*,[1] a frase de abertura da Declaração de Independência, e, agora, em sua totalidade, *O grande celeiro vermelho*.

***

Michael foi uma criança muito ansiada. Quando nasceu, eu já estava com 36 anos de idade, quase 37. Rich estava com 45. Depois que Michael nasceu, continuei trabalhando em tempo integral, deixando meu filho aos cuidados de babás. Quando estava no trabalho, sentia muita falta dele, e apreciava com carinho todas as oportunidades de que dispunha para ficar com ele. Durante os dias da semana, isso acontecia de manhã bem cedo e à noite, ocasiões perfeitas para contar uma história, e ler com ele tornou-se um ritual que ambos adorávamos.

Quando Michael fez quatro anos, meu presente de aniversário para ele foi o livrinho *McDuff volta para casa*, sobre um irrefreável West Highland terrier – ou "Westie" – branco chamado McDuff, no qual o cachorrinho sai à caça de um coelho por colinas, ruas e jardins, até constatar que, na verdade, perdeu o caminho de casa. A coleira de McDuff fica enroscada em um galho de árvore e quebra, o que dificulta muito as intenções até do mais caridoso samaritano de devolvê-lo à família e à boa vida a que o cãozinho estava acostumado, uma vida que consistia em ficar sentado no jardim comendo arroz-doce com uma fatia de linguiça por cima.

McDuff volta para casa passou a ser a leitura favorita de Michael; era um livro que a essa altura ele já conseguia ler sozinho e que eu identifico como a fonte mais remota de sua incansável campanha para ganhar um cãozinho. Foi depois de ler esse livro que ele começou a pedir, a implorar, a suplicar e a rezar para ganhar seu próprio "McDuff".

As súplicas de Michael vinham em jorros intermitentes. Ele ficava um mês inteiro nos amolando sem parar, depois simplesmente passava semanas sem falar no assunto. Quando achávamos que ele tinha abandonado de vez a ideia, o menino retomava suas investidas. "Preciso de um cachorro", ou "Quero só um

cachorrinho pra abraçar", ou "Por que não posso ter um cachorrinho pra brincar de pegar a bolinha ou pra assistir tv comigo?", ou "Quando vocês eram crianças, vocês tinham cachorro; não querem a chance de reviver boas lembranças?".

Era duro. Minhas respostas aos rogos de Michael eram sempre inadequadas. Desde a mais tenra idade ele conseguia ser intelectualmente mais hábil que Rich e eu. Michael era mais rápido para desferir uma réplica do que nós éramos capazes de apresentar nossos argumentos. Se ele percebesse alguma fraqueza, partia para o ataque. Eu tinha de tomar cuidado para não fazer uma daquelas promessas típicas que os pais fazem quando sabem que estão perdendo uma discussão e ficam desesperados para mudar de assunto – "Talvez quando você for mais velho".

Eram muitos os meus momentos de fraqueza, em que eu quase entregava os pontos. Mas eu acabava voltando atrás e mantinha minha postura inflexível, por causa dos aparentemente inescapáveis fatos da nossa vida familiar. Rich é autônomo e viaja muito. Eu quase nunca tinha tempo livre, pois vivia atolada de trabalho. Meu emprego no jornal *The New York Times*, cuidando da cobertura das eleições e da área de opinião pública, era mais do que integral. Quem levaria o cachorro para passear, especialmente à noite, quando Rich estivesse viajando? Eu não podia deixar Michael dormindo sozinho em casa. Moramos em um apartamento pequeno na cidade de Nova York, e cães precisam de casas e quintais. E nas férias? Quem cuidaria do nosso cachorro quando fôssemos viajar? Não. Não. Não. Nada de cachorro.

O problema com esta linha de raciocínio pessoal era não conseguir perceber que, não importava o que eu dissesse, Michael continuaria obedecendo ao próprio coração. É o que as crianças costumam fazer, apesar dos pais. Isso vale tanto para crianças de quatro anos como para adolescentes de quatorze. Assim, se Michael não podia ter um cachorro, ele daria um jeito de ter algum outro tipo de animal de estimação.

***

Tínhamos a sorte de passar parte dos nossos verões em Nantucket, ilha a cerca de cinquenta quilômetros da costa de Massachusetts. Rich e eu fazíamos isso todo ano, desde que nos conhecêramos. Tínhamos fugido para casar em

Nantucket e para lá continuamos indo, agora com Michael e, é claro, Rolha.

Ficávamos na extremidade da ilha, no vilarejo de Siasconset (‘Sconset” para os íntimos), em um chalé de telhas de madeira cinza que permanecia quase intocado desde a década de 1940, repleto de livros velhos, bolor, aranhas e charme.

O proprietário do chalé, Bryce Roberts, era um senhor já entrado na casa dos setenta anos, que ali tinha passado os verões de sua própria infância. Apreciávamos sua polidez, suas maneiras antigas, seu gosto por livros de arte e a escrupulosa atenção que ele dava a detalhes, como fazer a cafeteira funcionar. Ele nos alugava o chalé por um preço abaixo do valor de mercado, o que por sua vez nos permitia ficar de duas a três semanas por temporada. Adorávamos aquela vida simples, que esperávamos ter também em todas as outras semanas do ano.

Dia após dia, ano após ano, nossa descomplicada rotina em Nantucket quase nunca variava. Ao cair da tarde enchíamos sacolas com brinquedos e trocas de roupa para Michael, bonés, chapéus, óculos de sol e filtro solar e íamos para a praia. Ficávamos horas junto ao mar, vendo Michael em suas primeiras tentativas de enfrentar o oceano, primeiro marchando corajosamente na direção da água, depois correndo às pressas para fugir das ondas. Cavávamos buracos fundos, erguíamos castelos de areia, juntávamos conchas.

Depois da praia, fazíamos uma parada na fazenda Bartlett. Qualquer pessoa que já tivesse cozinhado em Nantucket conhecia a fazenda Bartlett, hectares e hectares de terras cultiváveis à beira-mar, uma atração da ilha desde o século xix. De alguma maneira o solo arenoso e o centenário e cuidadoso manejo da terra geravam legumes e verduras que suscitavam nos clientes a vontade de nunca mais voltar a comprar hortaliças em um supermercado. Cada espiga de milho, cada melão, cada tomate ali produzido era uma obra de arte.

A família Bartlett tinha um novilho chamado Bebê, que era mantido em um dos campos, atrás de uma cerca de madeira. As crianças ficavam desesperadas para tocar Bebê, especialmente Michael. Os Bartlett distribuíam espigas de milho para quem quisesse dar de comer ao novilho. Michael era o freguês mais leal. Ele nunca se cansava de alimentar o bezerro e de ver a enorme língua do animal – babenta, rosada, lisa e escorregadia – sugar a espiga inteira, com casca

e tudo, esmagá-la com os dentes e engolir tudo, de uma mordida só.

Michael amava Bebê. Sem sombra de dúvida, meu filho era parcialmente responsável pela cintura avantajada do novilho, que o impedia de atravessar a cerca.

Mas Bebê não era a única atração da fazenda. Michael dava um jeito de encontrar ali algum animal de estimação. Enquanto eu escolhia tomates, Michael postava-se diante da enorme mesa de madeira onde ficavam expostas centenas de espigas de milho, que ele examinava à procura de larvas perdidas; quando encontrava alguma, pegava-a com o dedo e a levava para o carro. As larvas geralmente morriam antes de chegarmos ao estacionamento, então nem era preciso ter grandes discussões sobre como alimentar e cuidar de uma larva. Mas houve um verão, quando Michael tinha cinco ou seis anos, em que ele encontrou uma larva, fina e verde, que viveu mais do que alguns minutos.

“Vou chamar minha larvinha de Polegada”, anunciou Michael assim que entramos com o carro na garagem coberta de conchas do nosso chalé. Gargalhando enquanto observava a larva rastejar para cima e para baixo entre seus dedos, Michael insistiu que devíamos construir uma casinha para seu animal de estimação recém-adotado. Vasculhamos os armários da cozinha e encontramos um velho pote de maionese, em cuja tampa fizemos alguns buracos com uma chave de fenda. Ali Polegada viveu por dois dias, alimentando-se de grama e folhas. Michael parecia uma mãe superprotetora e ficava o tempo todo verificando as acomodações de seu rebento. “Vocês acham que ela tem ar suficiente?” Segurando cuidadosamente o pote na mão, Michael nos perguntava com a maior sinceridade do mundo: “Vocês acham que ela sabe que é hora de dormir?”; “Será que ela tem medo do escuro?”.

Quanto mais velha a larva Polegada ficava – uma idade medida em horas –, mais apegado Michael ficava. Quando ela morreu, meu filho enterrou-a no jardim, atrás do nosso chalé. Converteu uma pedra em lápide e nela escreveu “Polegada”. De pé diante da sepultura improvisada, com a mão no coração, ele disse: “Polegada, eu te amarei pra sempre”.

A ternura que Michael demonstrou em relação ao seu animalzinho de estimação de vida tão curta foi tão pungente que me permiti sonhar acordada com a possibilidade de lhe dar um cachorrinho. Cheguei ao ponto de pensar que

podíamos arranjar um cachorrinho para ele lá mesmo em Nantucket. Mas assim que saí do jardim, passei pela porta dos fundos e entrei na cozinha para dar uma olhada nos anúncios de cães do jornal local – o *Inquirer and Mirror* –, eu já tinha recobrado a razão e decidido abortar a ideia. Nada de cachorro. Simplesmente não tínhamos como dar conta de tamanha responsabilidade.

O fato de estar em Nantucket, vivendo a vida ao ar livre, dava a Michael a oportunidade de ter um contato mais próximo com a natureza, com mais liberdade do que ele estava acostumado. Todo verão, nossa criança urbana ficava extasiada por ter à disposição um quintal, mesmo que fosse apenas por algumas semanas. Ele entrava e saía correndo de casa à vontade, batendo atrás de si a porta de tela com estrondo, algo completamente impensável para um menino que passa o resto do ano em um prédio de apartamentos de vinte andares. Nós três ficávamos sentados lá fora, soprando bolhas de sabão, chutando de um lado para o outro uma enorme bola de praia, grelhando peixe para o jantar e tentando fazer uma família de coelhos sair de uma moita de arbustos.

Nos fundos da casa havia um barracão, onde ficavam a máquina de lavar e a secadora de roupas. Foi na pia desse barracão que Rich ensinou a Michael as alegrias de encher uma bexiga d'água e transformá-la em arma de guerra, brincadeira que se tornou um ritual anual.

No fim das contas, Michael e dois amigos da cidade, Sam Bresnick e seu irmão Elias, que também passavam parte do verão em Nantucket, transformaram o ritual em uma batalha anual. O arsenal ia aumentando na mesma velocidade com que os meninos cresciam. Quando tinham oito anos, utilizavam em sua guerra um contra o outro mais de cem bexigas d'água, deixando em seu encalço dezenas de pedaços de plástico colorido que depois tiveram de ser recolhidos da grama.

Rich e eu tínhamos nossos próprios rituais de Nantucket. Assim que Michael ia para a cama, nós dois desfrutávamos o raro prazer de sentar no quintal, contemplando o céu estrelado, ouvindo o silêncio e bebericando vinho.

Nantucket tinha um potencial inestimável para a descoberta de animais de estimação. Dos quatro aos onze anos de idade, todo dia Michael ia à praia e capturava águas-vivas, caranguejos e piolhos-do-mar, punha seus achados dentro de um balde e insistia em levar seus tesouros para o chalé e dali para Nova York.

Inicialmente, Rich e eu não reagíamos da mesma maneira aos desejos de Michael. Eu estava sempre tentando imaginar o que dizer sem parecer a mãe austera que de fato eu era. Rich estava sempre tentando imaginar um jeito de viabilizar o plano do menino. No fim, o espírito intrépido do nosso filho levava sempre a melhor.

Todo verão, o quintal do chalé ficava salpicado de baldes e garrafas de todos os formatos e tamanhos. Felizmente, as criaturas marinhas nunca sobreviviam tempo suficiente para fazer a viagem até Nova York, mas viviam o bastante em seus baldes para sobrepujar o doce aroma das madressilvas silvestres que cresciam no quintal.

***

O cuidado e o carinho com que Michael coletava e alimentava todas essas criaturas marinhas me faziam perceber que mais cedo ou mais tarde acabaríamos comprando algum animal de estimação para ele. Um cachorro, porém, continuava fora de cogitação; essa decisão definitivamente não tinha mudado. Mas pouco antes de Michael entrar no jardim de infância, pouco depois da morte da larva Polegada, assim que voltamos para Nova York, compramos peixinhos de aquário. Três deles: Bonitinho, Douradinho e Pretinho. Douradinho foi o primeiro a morrer. A seguir, foi a vez de Pretinho. Imaginei que talvez fosse possível prolongar a vida de Bonitinho dando-lhe menos comida. Foi o que fiz: o coitado do peixe praticamente passava fome, mas, de maneira extraordinária, viveu conosco por muitos anos.

No primeiro dia no jardim de infância, Michael desenhou um retrato de família e listou os membros: Mamãe, Papai, Michael e Bonitinho. Notei que as listas das outras crianças eram mais ou menos assim: Papai, Mamãe, Susie, Joey, Sarah e Fiel.

Michael era filho único de um casal de pais mais velhos que a média. Embora isso propiciasse a ele um tipo de proximidade e intimidade com seus pais que de outra maneira ele talvez não tivesse, também implicava que não tinha irmãos nem irmãs com quem pudesse brincar, brigar e unir forças para tirar sarro dos pais. E também não tinha cachorro. Só tinha um peixe chamado Bonitinho.

Nós íamos comprando mais peixinhos. Depois de comprar, matar de fome e enterrar muitos outros peixes, por fim aposentamos o aquário. Uma vez que não podia segurá-los nas mãos nem alimentá-los – sem mencionar o fato de que morriam rápido demais –, o interesse de Michael por peixes tinha naturalmente diminuído, embora seu interesse por animais e bichinhos de estimação em geral jamais perdesse a força. Rich e eu tínhamos, no máximo, frustrado um pouco suas expectativas por nunca permitir que ele tivesse um bicho com quem pudesse brincar de verdade.

De vez em quando, ele me atazanava com uma enxurrada de comentários do tipo: "Eu só preciso de um cachorrinho para amar", ou "Se eu tivesse um cãozinho, teria sempre um amigo". Comecei a cogitar a ideia de arranjar um cachorro. Mas eu sabia que mesmo que tomasse essa decisão, Rich seria contra. Ele até estava disposto a tomar conta de peixinhos de aquário, mas refutaria a ideia de arcar com as despesas e a responsabilidade de acrescentar um cachorro à rotina de nossa vida já tão corrida e atribulada.

Rich estava às voltas com a própria firma de consultoria; eu estava sempre no jornal ou pendurada ao telefone falando com alguém de lá. Não havia tempo para cuidar de cachorros. Em duas ou três ocasiões, até tentei puxar assunto, mas Rich nunca quis se aprofundar no tema e terminava a conversa com um abrupto "Dá pra gente falar disso outra hora?". O que na verdade queria dizer: "Ainda não mudei de ideia e não quero falar nisso".

Oportunamente, contudo, Rich começou a vislumbrar a ideia de dar a Michael um animal de estimação que exigisse mais envolvimento de nossa parte do que os peixes. Quando Michael estava na quarta série, Rich e eu o levávamos à fazenda East Hill, em Massachusetts. Depois de recolher ovos, cavalgar e aprender a ordenhar, Michael descobriu os filhotes de coelhos, e ficava o tempo todo rodeando os bichinhos. Rich começou a acalentar a possibilidade de comprar um coelhinho. "Pelo menos é um animal que a gente não precisaria levar pra passear", ele argumentou. Mas se era impensável ter um cachorro, não passava de pura insanidade pensar em criar um coelho dentro de um apartamento de Nova York.

Michael continuava desejando um cachorro, e nós continuá-vamos dizendo "não" e lhe empurrando substitutos. Houve um ano em que meu filho ganhou de

Papai Noel um *kit* para caçar borboletas. Achávamos os casulos, ficávamos observando pacientemente até que, como em um passe de mágica, se transformassem em borboletas, depois sofríamos com a dúvida: devíamos ou não deixá-las ir embora?

Atingimos um ponto realmente crítico quando Michael chegou um dia da escola e anunciou que a ratinha de um amigo da vizinhança estava prestes a dar cria. Sorrindo de orelha a orelha, me disse: “E ele me falou que se eu quiser, posso ficar com um filhotinho. Não é legal?”.

Eu tive de chamar a mãe do menino e implorar para que o filho dela não presenteasse Michael com um ratinho. Ela não entendia o motivo da minha aflição. Perguntei à mulher o que ela faria se Michael tivesse seduzido o filho dela com a promessa de um filhote de cachorro, um dos poucos animais de estimação que ele ainda não tinha. Seis meses depois, vi mãe e filho passeando na calçada com seu cachorrinho novo.

Foi mais ou menos nessa época que um dos amiguinhos de Michael, Jack Schlossberg – menino que era fã ardoroso do time de beisebol New York Yankees e tinha duas irmãs e nenhum irmão –, ganhou um cachorro: “Augusto Yankee Alonso Soriano Schlossberg”. Jack estava tão apaixonado por Augusto que se referia ao cãozinho como seu irmão. A mãe dele até então tinha sido um dos pilares de resistência contra a ideia de criar um cachorro. E fazia questão de me prevenir e alertar, tanto que, toda vez que eu me sentia sem forças para recusar os apelos de Michael, bastava ligar para ela, que sempre me convencia a bater o pé e manter minha posição. Quando ela me telefonou para dizer que tinha cedido à vontade de Jack, suas palavras foram: “Sei que você vai me matar, mas...”.

Muitos dos nossos amigos nova-iorquinos também já tinham deparado com a dúvida “ter ou não ter um cachorro”, e também decidiram abdicar da ideia, argumentando, como nós, que por causa das complicações da vida na cidade, o projeto era simplesmente aterrorizante. A situação era um tanto quanto irônica. Lá estávamos nós, fazendo sacrifícios para que nossos filhos pudessem desfrutar de todas as vantagens na vida; éramos capazes de nos desdobrar para fazer um punhado de coisas ao mesmo tempo e não deixar a peteca cair, e mesmo assim não conseguíamos nos ver cuidando de um cachorro.

Uma amiga, Susan Finkelstein, mãe de Jesse, outro amiguinho de Michael, vivia repetindo uma frase que ouvira de uma amiga dela. “Talvez seja uma coisa que nossos filhos vão ter de se acostumar a *não* ter.”

Entretanto, à medida que Michael foi ficando mais velho, a situação só piorou. Como a maior parte das crianças, ele não fazia a menor ideia do que significava cuidar de um cachorro – levar para passear, dar banho, dar comida -, mas jurava de pés juntos, com uma sinceridade de partir o coração, que se incumbiria ele mesmo e com a maior alegria de todas essas responsabilidades. “Eu prometo sair pra andar com ele, se vocês forem comigo. Vou dar comida pra ele, e ele pode dormir no meu quarto. Tudo que eu quero é um cachorrinho pra brincar comigo.” O desejo dele era genuíno. Ele estava simplesmente desesperado.

Quando tinha a oportunidade de ver um cachorro, nada demovia Michael, especialmente se era o Foguete, um poodle toy abricó (castanho-avermelhado) tímido que era o mais novo membro da família Simon, vizinhos que moravam três andares acima de nós, em um apartamento idêntico ao nosso. Jennifer e Paul também eram pais de uma única filha, a doce e tranquila Emily, apenas dois anos mais nova que Michael.

De todos os cães por quem Michael se apaixonou, nenhum cativou tanto seu coração como Foguete, nem mesmo McDuff. Afinal de contas, Foguete vivia no nosso prédio, e não nas páginas de um livro. Em um dia frio de inverno, vimos Foguete vestido com um suéter vermelho e Michael declarou: “É o cãozinho mais lindo e mais adorável que eu já vi em toda a minha vida”. Foi outro daqueles momentos em que eu quase sucumbi – mas instantes depois voltei atrás.

Quando Michael tinha onze nos, levava uma vida bem apertada, dividindo seu tempo entre a escola, os amigos e o beisebol. Nas duas semanas de recesso escolar da Páscoa, pela primeira vez viajaríamos juntos para a Europa. Fazia algum tempo que o nosso filho não trazia à tona o assunto do cachorro.

Eu, porém, julgando que tinha nas mãos uma boa oportunidade de apresentar um argumento convincente para o debate em questão, fiz uma coisa bastante ousada e temerária. Proclamei: “Se a gente tivesse um cachorro, não poderia sair de férias”.

Como sempre, Michael estava preparado para contra-argumentar. “Já falei com a Tia Babs, e ela disse que toda vez que a gente for viajar ela cuida do meu cachorro. Por favor, mamãe, a gente pode ter um cachorro? Eu nunca mais peço nada. Prometo!”

Minha irmã caçula, Barbara Clark (a Tia Babs), e o marido, Dave, viviam com os três filhos em Ramsey, Nova Jersey, em uma casa com um quintal protegido por cerca. Os Clarks tinham vários cachorros. Eles eram o que poderíamos chamar de “gente que curte cachorros”. Era perfeito demais. Eu estava esgotada. Acuada ao constatar que meu argumento tinha dado com os burros n’água, me vi apelando para uma declaração desesperada: “A gente fala disso quando você for mais velho”. Eu agora estava me odiando.

Fizemos uma viagem gloriosa – Roma, Florença, Veneza. Michael já tinha idade suficiente para saber ler os guias de turismo, carregar a própria bagagem, decidir o que queria comer no restaurante e apreciar o ritmo mais civilizado da vida nos países mediterrâneos.

Quando estávamos subindo os 463 degraus íngremes, estreitos e sinuosos da cúpula desenhada por Brunelleschi na catedral de Florença, a mochila da família – abarrotada de garrafas d’água, jaquetas, livros e suvenires – ficou pesada demais para Rich, agora com 56 anos de idade e duas cirurgias no quadril. Michael, em um gesto galante, se ofereceu de bom grado para carregar a mochila. Naquele momento, uma linha foi cruzada. Michael estava crescendo mais depressa, provavelmente mais rápido do que eu estava preparada para encarar. Isso é uma coisa engraçada quando se é mãe ou pai: quando você se acostuma a compreender e lidar com uma idade dos filhos, eles já estão indo para a idade seguinte.

Mais para o fim da viagem, um dia estávamos sentados no Caffè Quadri, em uma calçada da praça de São Marcos, em Veneza, aquecendo-nos ao sol e vendo Michael dar comida aos pombos, quando aconteceu algo que me fez pensar mais seriamente do que nunca na ideia de dar a ele um cachorro.

Michael tinha passado tanto tempo dando de comer aos pombos que já gastara setenta dólares. Mas não foi o dinheiro gasto em comida de pombos que me fez ver a situação sob um ângulo diferente; foram dois adolescentes que estavam se divertindo torturando as aves. Os dois rapazes atraíam os pombos

com comida, capturavam-nos e começavam a dar puxões em suas asas. Um deles parecia querer quebrar o pescoço dos pombos. Foi uma cena horrível. Michael ficou perplexo. “Pai, faz aqueles meninos pararem! Você tem de fazer eles pararem com isso!”, gritou.

Foi naquele exato momento que, no meu íntimo, comecei a abandonar minha posição – até então defendida com tanta veemência – de não ter um cachorro. Foi uma epifania. Michael tinha de ter um cãozinho. Como ignorar o amor do meu filho por animais, que só tinha aumentado ao longo de sua infância? Por que motivo eu não estava dando ouvidos a ele, quando ele me dizia que “precisava” de um cachorro? Ele estava de fato ficando mais velho. Talvez pudesse arcar com parte das responsabilidades. Talvez conseguíssemos dar um jeito de fazer a coisa dar certo. Por que eu estava tão disposta a gastar dinheiro com qualquer outra coisa, menos com um cachorro?

Talvez eu quisesse ficar presa à infância do meu filho, ou talvez eu tivesse algum tipo de sexto sentido do que estava prestes a aprender na estrada que minha família acabaria trilhando. Só sei que, sentada naquela praça vendo meu filho com os pombos, deixei de lado minhas próprias limitações e me pus a pensar seriamente no inquestionável e inabalável amor que meu filho sentia pelas criaturas de Deus. Prometi a mim mesma que voltaria a falar no assunto com Rich assim que surgisse a ocasião oportuna.

E ela surgiu bem rápido.



Capítulo 2

Quatro dias depois de voltarmos da Itália, fui ao consultório do radiologista. Havia outros pacientes na sala de espera. A recepcionista me chamou e fez algumas perguntas. “Não, meu endereço não mudou.” “Sim, meu plano de saúde ainda é o mesmo.” “Sim, entendo que tenho de pagar pelos serviços prestados hoje.” “Sim, já estive aqui antes.” “Sim, quero ver o médico pessoalmente e não quero que meus exames sejam enviados pelo correio.”

Enquanto estivemos fora, consegui a proeza de me esquecer do trabalho, o que para mim era um fato raro, mas em nenhum momento consegui tirar totalmente da cabeça uma preocupação constante, um medo incômodo: assim que retornássemos a Nova York, eu teria que fazer uma mamografia.

Eu odiava esses *checkups* médicos – a ansiedade, o ambiente frio e estéril, ter de ficar sentada sem sutiã vestindo uma camisola barata e diáfana de tão fina. A espera interminável, infinita. Eu detestava ter de encarar as outras mulheres ali também à espera – todas elas tentando puxar assunto sobre banalidades e ao mesmo tempo evitando as conversas fiadas. Achei que se eu marcasse a primeira consulta do dia, seria atendida em meio a menos gente esperando. Eu estava enganada.

E lá estava eu, sentada no sofá da sala de espera, em uma manhã de uma

segunda-feira fria e chuvosa de março, folheando revistas já bem amassadas de tão manuseadas. Nada de exemplares da *Time* ou da *Newsweek*; só havia publicações repletas de receitas ou cheias de dicas sobre como reacender sua relação com o marido depois de décadas de casamento. Quem achasse que as revistas não eram suficientemente interessantes podia ler panfletos sobre câncer de mama. Meu "favorito" trazia estampada a fotografia de um seio trespassado por um arco-íris sobre um fundo cor-de-rosa. Para dizer a verdade, lá havia um excesso de cor-de-rosa, que é a cor das menininhas. Esse uso exagerado do rosa é um tanto quanto aviltante. O câncer não tem nada de cor-de-rosa. É um assunto muito sério.

Ninguém pensou em alegrar o ambiente com música; por isso, todo e qualquer som – alguém pigarreando, um espirro, alguém virando a página da revista ou mexendo na bolsa – era amplificado. O lugar estava começando a ficar lotado. Dez mulheres, a maioria na casa dos cinquenta ou sessenta anos, todas com a mesma expressão no rosto: preocupação. Pensei em como, naquele mesmo dia, eu tinha abraçado Michael, na hora de despachá-lo para a escola; enquanto olhava meu filho indo embora, me ocorreu o seguinte: *Esta é a última vez que abraço meu menino sem saber que tenho câncer no seio*. Imediatamente, dei uma bronca em mim mesma: *Você é realmente muito, muito maluca*. Anos atrás, quando completei quarenta anos, uma amiga me disse que agora estávamos em uma idade em que qualquer dor de cabeça é um tumor cerebral. Pus minha paranoia sobre o câncer de mama na categoria "dor de cabeça é tumor cerebral" e entrei na sala do médico. Afinal de contas, tratava-se apenas de uma mera mamografia de rotina.

Era sempre a mesma coisa. A técnica em radiologia espremia um dos meus seios entre duas chapas, me dizia para não respirar, desaparecia atrás de uma parede e tirava o raio X. Depois fazia a mesma coisa no outro seio. Eu era despachada para outra sala de espera. Às vezes eu era chamada de volta, por razões que nunca eram mais claras do que alegações do tipo "Precisamos de outra imagem".

Naquele dia, eu estava lá sentada, às nove da manhã, vestindo minha camisola cor-de-rosa, e fui ficando cada vez mais ansiosa. A radiologista disse que precisariam de outra imagem. Voltei. Não respire. Sente-se lá fora. Outra

sala de espera. Mais revistas. Ali dentro não havia fonte de luz natural; eu sentia as paredes se fechando ao meu redor. Quanto mais eu tentava me convencer de que a longa espera nada tinha a ver com os resultados da minha mamografia, mais eu achava que minha longa espera significava que eu era aquela “sorteada” de cada sete mulheres que receberia o diagnóstico de câncer de mama.

E então, depois da infinita espera até que a imagem fosse revelada, a médica me chamou para conversar.

A sala era escura, iluminada quase exclusivamente por uma tela onde estavam as imagens de raios X dos meus seios. Meu médico habitual estava viajando, então fui atendida por uma mulher bem mais jovem, com uma postura ríspida e resoluta. Ela era magra, tinha cabelos loiros e compridos. Não parecia nem um pouco amigável ou afável. Seria possível defini-la como “comum”. Ela provavelmente era dez anos mais nova que eu. Antes mesmo que a médica abrisse a boca para dizer uma palavra, eu sabia que havia algo errado.

“Apareceu uma coisa suspeita no raio X”, ela disse, e apontou para uma massa que a meu ver parecia indistinguível das outras na imagem.

Não entrei em pânico. Eu estava com uma sensação de alívio só de me ver fora da sala de espera e finalmente na frente de um médico, alguém que podia dar fim ao meu desconhecimento. Também sou bastante boa em me fortalecer em momentos de crise. Meu lado jornalista assume o comando e começa a fazer uma série de perguntas, e presta extrema atenção às nuanças das respostas, tentando detectar informações que meu interlocutor não pretendia revelar. Enquanto ainda estou na fase de reportagem, coletando fatos e não escrevendo a matéria, não existe conclusão, não há final triste. Tudo é ainda apenas possibilidade. Em geral, é só depois que eu desmorono.

“Quando foi sua última mamografia?”, ela perguntou. Sem esperar pela resposta, me alertou: “A senhora deve fazer uma ultrassonografia o mais rápido possível”.

“Isso pode ser feito agora?”, perguntei. Felizmente, “agora” era possível. Eu não teria de marcar uma nova consulta para outro dia nem esperar mais tempo. A espera tinha se tornado um martírio.

A clínica era dividida em dois andares. O aparelho de ultrassonografia ficava no andar de baixo, ao qual cheguei descendo por uma estreita escada em

espiral. Outra sala de espera. Mais revistas. Mais mulheres sem sutiã e vestindo camisolas cor-de-rosa, uma tentando evitar a outra. Nenhuma mulher ali estava acompanhada do marido, namorado ou companheiro. Todas as mulheres daquela sala de espera estavam sozinhas.

Fui chamada para a sala de exame. Deitei-me sobre uma mesa de metal fria. Deitada lá, me lembrei da única vez na vida em que eu tinha feito algum tipo de ultrassom. Eu estava grávida, meu marido segurava a minha mão e ficamos encantados de ver nosso filho chupando o dedão e boiando no líquido amniótico.

Comecei a pensar também no dia em que Michael nasceu. Também foi em uma manhã de segunda-feira. Ele nasceu às 9h01 de um dia imaculado de primavera, cristalino e cintilante, no início de maio. Não havia uma só nuvem no céu. Sempre me disseram que o primeiro filho demora para nascer. Michael nasceu duas semanas antes do previsto. Quando cheguei ao hospital, já estava totalmente dilatada. Não houve tempo nem para preencher a papelada de internação, e eu já tinha passado da hora de tomar anestesia epidural. Quando dei por mim, já estava sendo levada às pressas para a sala de parto, e Michael chegou ao mundo de maneira impetuosa. Rich acompanhou o parto e viu o médico cortar o cordão umbilical e colocar o pequerrucho em meus braços. Beijei suas bochechas, seu narizinho, sua cabeça, depois suas mãos e pezinhos. Encarei os olhinhos dele. Para mim, era um milagre, e eu não conseguia tirar os olhos dele. Eu tinha amado meu filho desde o segundo em que fiquei sabendo que estava grávida.

Foi um dia de alegria desenfreada. Minha irmã se livrou do trabalho e apareceu trazendo um buquê de tulipas amarelas e íris violetas, e foi a primeira das minhas irmãs a chegar ao hospital, a primeira a segurar no colo o sobrinho recém-nascido.

O gel gelado no meu seio me deu um susto, dando fim ao meu devaneio. “Vamos dar uma olhada no seio esquerdo primeiro.” O tom de voz da técnica em radiologia era tão solene quanto o da médica. A incapacidade e falta de tato dessa gente para estabelecer o menor e mais superficial vínculo humano fez com que eu me sentisse mais sozinha do que eu já estava. Cheguei a pensar que ninguém ali queria saber de mim, como se eu estivesse com uma doença grave e contagiosa. Ninguém fazia uma gentileza, nenhuma tentativa de deixar as

pacientes tranquilas. Era tudo um mero negócio. Ninguém parecia ter a menor noção de que o alívio psicológico era de suma importância para diminuir a temperatura emocional de todas as mulheres na sala de espera, sem mencionar eu mesma, deitada na mesa de aço com gel nos seios e tentando encontrar indícios de respostas nas mais remotas expressões do rosto de cada uma daquelas pessoas.

A sala de exame também era escura. A médica entrou e praticamente repetiu o mesmo procedimento que a técnica já tinha feito, examinando uma tela enquanto ia movendo a sonda sobre um seio, depois sobre o outro. A ultrassonografia confirmou o que mamografia tinha mostrado: um inchaço no seio esquerdo, com o formato característico de um tumor cancerígeno. A médica disse: “Sim, exatamente como eu pensei”. Ela parecia estar quase fazendo um autoelogio, feliz por ter acertado o diagnóstico, tão indiferente e absorta em si mesma que tinha esquecido a mulher de 48 anos de idade deitada na mesa, cada vez mais próxima de receber o diagnóstico de câncer de mama.

Perguntei quais eram as chances de aquela alteração no contorno do seio ser câncer. A médica respondeu: “Vou ser franca” (como se houvesse outra opção). “A chance de ser maligno é de 75%. Vamos precisar de uma biópsia para termos certeza”.

Eu disse que queria fazer o exame naquele mesmo dia. Não me importava se tivesse de ficar horas e horas esperando. Felizmente, alguém com uma biópsia marcada para aquela manhã cancelou, de modo que as máquinas e os funcionários da clínica estavam à disposição. Minha biópsia poderia ser feita na mesma hora.

A médica perguntou se eu queria ligar para alguém. Mas ela não disse “Talvez a senhora esteja se sentindo um pouco desassossegada. Quer telefonar para alguém vir buscar a senhora, caso precise de ajuda pra voltar pra casa?” ou nem mesmo “A senhora gostaria de ligar para alguém e avisar o que está acontecendo?”. Foi apenas um seco “Quer ligar para alguém?”. Eu me senti como uma presidiária sendo comunicada que tinha direito a um telefonema.

Do outro lado da linha, Rich ficou animado ao atender e constatar que era eu. “Oi, benzinho, tudo bem com você? Eu estava começando a ficar preocupado de não ter notícias suas.”

Estávamos casados havia vinte anos. Eu sabia que, independentemente do que eu dissesse ou do tom de voz que eu usasse, ele perceberia na hora que havia algo de muito errado. Mesmo que eu dissesse que estava tudo bem, ele saberia que não estava.

Eu queria ficar com ele ao telefone e ao mesmo tempo pedir para que viesse me buscar às pressas. “Ainda estou no médico. Encontraram alguma coisa”, consegui dizer, sem chorar. “Preciso fazer outro exame. Você pode vir pra cá?”

Eu estava encarando meus próprios pés, tentando fixar os olhos em alguma coisa de modo que não ficasse tonta nem caísse. Eram os mesmos sapatos que eu tinha usado poucos dias antes, e com eles eu tinha me sentado com meu marido no Caffé Quadri, espreguiçando-me ao sol e observando Michael dar de comer aos pombos. O garçom que nos atendeu, Nicolai, tinha nos contado histórias sobre a vida em Veneza, contente de ver que tínhamos ido lá apenas para tomar um *cappuccino*, mas depois resolvemos ficar horas a fio batendo papo. “Já estou indo.” Rich sabia que não era hora de me fazer perguntas.

Assinei uma batelada de papéis, eximindo de culpa a médica, caso algo desse errado. O procedimento era chamado biópsia de fragmento e consistia na retirada de cinco fragmentos de tecido alterado. Pela primeira vez naquela manhã, não tive de esperar. Não tive chance de ver Rich nem de ganhar um abraço dele, pois fui imediatamente chamada para a sala de exames.

Deitei-me na mesma mesa de aço da ultrassonografia. Guiada pela tela do ultrassom, a médica ia inserindo em meu seio agulhas grossas, posicionando-as nas protuberâncias suspeitas, de onde foram retiradas células para análise. Havia um instrumento que mais parecia uma pistola, que fazia um barulho de estalidos toda vez que as células eram retiradas. Desviei os olhos.

Eu não estava com medo. Não estava com vontade de chorar. A dor não me incomodava. Eu ainda estava na fase de reportagem, coletando fatos, mantendo as emoções sob controle. Naquele momento, tentei não pensar em Rich ou Michael. Tentei não pensar no fato de que Michael tinha apenas onze anos de idade. Tentei não pensar nos efeitos devastadores que a deterioração da saúde do pai ou da mãe pode ter sobre uma criança, em como isso pode privá-la da inocência e fazê-la amadurecer muito antes do tempo, experiência pela qual eu mesma tinha passado. Em vez disso, me concentrei nas pessoas que poderiam

me ajudar a encontrar os melhores médicos, a melhor assistência. Comecei a elaborar listas mentais das pessoas a quem eu podia recorrer em busca de ajuda.

Ao mesmo tempo, estava ficando impaciente com o jeito mal--humorado e indiferente da médica e da técnica em radiologia. Estava na cara que eram pessoas que lidavam havia muito tempo com máquinas. Se eu tivesse me fiado no comportamento delas para tentar decifrar qual era a minha situação, provavelmente teria concluído que estava à beira da morte. Quando estava prestes a enfiar a quinta agulha no meu seio, a médica finalmente teve um raro momento de humanidade e perguntou se estava “tudo em ordem”.

A biópsia foi rápida. Três horas depois de ter vestido a molambenta camisola cor-de-rosa, fui instruída a recolocar minhas próprias roupas. A médica disse que dali a três dias ficaria sabendo dos resultados e me pediu que telefonasse às quatro horas em ponto da quinta-feira – exatamente o que eu queria, mais espera.

Eu me vesti e a única coisa que passava pela minha cabeça era dar um jeito de obter mais informações. Mas quando fui ao andar de cima para pagar a conta e vi Rich sentado junto à mesa da recepção, a jornalista impassível e durona que há em mim fraquejou e tive vontade de chorar. Mas não chorei. Rich se levantou e ficou de pé ao meu lado. Paguei os 1.500 dólares. Ele segurou a minha mão e saímos da clínica.

Assim que a porta do elevador se fechou, ele me aconchegou em seus braços e disse, em meio a um abraço bem forte: “Eu te amo. Aconteça o que acontecer, vamos enfrentar juntos. Eu prometo”.

Depois, por fim ganhamos a rua e sentimos no rosto a brisa úmida e fresca da tarde.

Quando conheci Rich Pinsky, eu tinha 23 anos de idade; ele, 31. Eu já o conhecia havia vinte e cinco anos, mais da metade da minha vida. Nosso primeiro contato fora em um período em que ambos tínhamos empregos temporários em uma agência de serviço social, os dois com aspirações de seguir a carreira de escritor. De acordo com minha lembrança, Rich me disse alguma coisa sobre o meu sorriso; segundo a recordação dele, eu o pus a par da grande notícia política do dia, a de que Jimmy Carter havia nomeado Edmund Muskie como secretário de Estado.

Naquela época, nenhum de nós tinha dinheiro. Na fase inicial de namoro, em que um vai conhecendo melhor o outro, nós saíamos juntos fazendo programas de orçamento apertado – caminhadas pelo Central Park, horas sentados nos cafés, tardes zanzando pelas galerias do Museu Metropolitano de Arte, e passeio no trem para Hoboken, Nova Jersey, onde à noite podíamos sentar e contemplar, do outro lado do rio Hudson, a silhueta resplandecente de Manhattan.

Ao longo dos nossos muitos anos de casados, tivemos nosso quinhão de provações – a morte do meu pai, a cirurgia de substituição do quadril de Rich, dificuldades financeiras, a morte de amigos próximos. Mas jamais tínhamos lidado com um problema de saúde que ameaçasse nos privar um do outro.

Àquela altura não havia muita coisa a fazer a não ser rezar. Voltamos a pé para casa, de mãos dadas. Falei sobre a médica mal-humorada, expliquei tudo sobre a ultrassonografia e a agulha que fazia estalidos. E disse a ele que não dispunha de nenhuma outra informação além da doutora me alertando para sua suspeita de que a protuberância provavelmente era cancerígena. Rich reagiu da mesma maneira que eu – pôs as emoções de lado, bem guardadas em algum cantinho recôndito do coração. “Vamos esperar para ver”, ele disse. “Vamos esperar até que a gente saiba com o que está lidando e só aí a gente vê o que faz.”

Fizemos uma parada na minha igreja local, cuja arquitetura se assemelhava a uma basílica romana, a Santo Inácio de Loyola. Entramos despercebidos por uma porta lateral e percorremos a longa nave lateral. Passamos pela pia batismal e por pinturas representando as sete primeiras estações da Cruz, até chegarmos a um pequeno altar. Acendi uma vela e rezei pedindo força. Não sei se o que senti foi a proximidade com Deus ou com a minha infância, mas sei que me acalmei.

Sentei-me em um banco com Rich a meu lado e me pus a pensar na minha infância, nos dias mais felizes passados em Fairfield, Connecticut, onde eu vivia com meus pais, duas irmãs, um irmão e um cachorro em uma casa colonial branca em uma rua sem saída, rodeada por um riacho e uma colina. No topo da colina, uma cerca de pedra e dois blocos de rocha demarcavam o limite entre a nossa rua e a propriedade de um clube de campo adjacente. Quando perguntei ao meu pai por que motivo não éramos sócios do clube, ele me respondeu que

“Clubes são lugares feitos para excluir as pessoas, e eu não acho que a gente queira tomar parte disso”.

Era uma vizinhança bastante unida. Nas noites quentes de verão, as crianças do bairro ficavam no meio da rua jogando futebol até escurecer, e só parávamos quando já não dava mais para enxergar a bola. No inverno, patinávamos no gelo e descíamos a colina de trenó. Na primavera, era a vez de usar a bicicleta para despencar ladeira abaixo, um desafiando o outro para ver quem tinha coragem de pedalar sem as mãos no guidão e sem desabar em um trecho da rua em que as raízes das árvores rompiam o asfalto.

Minha irmã Barbara e eu gostávamos de brincar de “trem” nos degraus da escada em espiral que dava no porão. Uma vez, ela ganhou de presente de Natal pequenas malas, que enchemos de roupas de bonecas. E lá íamos nós duas: pegávamos nossa “bagagem” e nossas bonecas e embarcávamos no trem. Nossa imaginação nos levava a lugares de que só tínhamos ouvido falar – Paris, Roma e New Haven.

Outra de nossas brincadeiras favoritas era a “escola”, em que dávamos aulas para alunos imaginários. Nossa irmã mais velha, Louise, tinha livros de contos de fadas com lindas ilustrações. Nós nos enfiávamos na cama dela, e ela lia para nós. Nosso irmão Bill colecionava figurinhas de beisebol e nos ensinou um jogo em que encostávamos algumas figurinhas no friso do chão e, dando um piparote em outras figurinhas, conseguíamos derrubá-las.

Durante meus anos de escola primária, minhas duas melhores amigas foram Betsy Weldon, que morava na casa ao lado, e Mary Beth Quinn, cuja casa ficava no fim do quarteirão. Uma vivia dormindo na casa da outra. Invariavelmente, quando era a minha vez de pernoitar na casa de Betsy ou de Mary Beth, no meio da noite eu concluía que a vida era bem melhor na minha casa. Naqueles ambientes pouco familiares, o assoalho de madeira rangia, eu via sombras nas paredes, os pais das minhas amigas tinham um aspecto meio intimidador, e tudo isso me fazia ter vontade de voltar para o conforto do meu próprio quarto e da minha própria cama.

Eu saía sorrateiramente da cama e discava 336-5218, na esperança de que ninguém acordasse com o barulho do clique-clique-clique do disco do telefone. A voz do outro lado da linha dizia sempre a mesma coisa: “Já estou indo aí te

pegar”. Meu pai chegava trazendo minha boneca de pano e meu travesseiro e nunca fazia-me sentir constrangida de ter tanta saudade de casa a ponto de não conseguir dormir uma noite sequer na casa de outra pessoa.

A família de Mary Beth foi a primeira no quarteirão a ter um televisor colorido. Ela tinha uma coleção de bonecas Barbie. A família de Betsy tinha o disco de vinil da trilha sonora da montagem original de *A noviça rebelde* e um quartinho no porão abarrotado de latas de comida para o caso de irromper a guerra. Na casa dela se comia torrada com manteiga, canela e açúcar por cima. Eu invejava aquele tipo de coisa.

Mas nem Betsy nem Mary tinham uma irmã mais velha para ficar dando ordens, nem um irmão que era radioamador e conversava com gente do mundo inteiro. Pelo meu olhar de menina de oito anos de idade, elas não iam a Nova York com a mesma frequência que nós para ver peças nem para comer em restaurantes chiques, onde os garçons traziam junto com os pratos um moedor de pimentas enorme. Tampouco a mãe delas tocava “Clair de Lune” ao piano e também não sei se o pai delas costumava encher o carro com as crianças da rua e as levava à sorveteria, como meu pai fazia.

Na vizinhança todo mundo tinha cachorro, e nós também. O nosso era um dos maiores do quarteirão, um golden retriever que meu irmão ganhara de presente de aniversário e no qual pusera o nome de “Escoteiro”.

De vez em quando o cachorro escapava pela porta dos fundos e deixava toda a vizinhança em pânico. “O Escoteiro tá solto! O Escoteiro tá solto!”, gritavam em todas as varandas do quarteirão. Mais cedo ou mais tarde, ele acabava voltando para casa, depois de dar um mergulho no córrego e de zanzar pelo clube de campo. Às vezes, meu pai pegava a caminhonete, estacionava junto ao riacho e chamava Escoteiro, que mais cedo ou mais tarde vinha correndo. Eu sempre morria de medo toda vez que isso acontecia, pois certamente chegaria um dia em que ele não ia mais conseguir encontrar o caminho de casa.

Já adultos, eu e meus irmãos rememorávamos aqueles dias em Connecticut como a época mais feliz e estável da nossa vida. No fim das contas, meu pai sofreu revezes financeiros devastadores, e o problema cardíaco que ele tinha deixou de ser uma enfermidade com a qual convivia e se transformou em uma

doença grave que podia matá-lo a qualquer momento. Depois disso, ele mal conseguiu trabalhar.

Toda vez que ele cochilava na frente da televisão ou lendo um livro, ou quando fechava os olhos ouvindo uma música, eu ficava atenta, encarando-o para ver se ele estava respirando. Toda manhã, quando eu saía de casa para a escola, eu me perguntava se ele ainda estaria vivo quando eu voltasse.

Por muitos e muitos anos, nossa vida ficou à deriva. Minha mãe dava um duro danado para sustentar quatro filhos e um marido doente. Ela era enfermeira, embora tivesse tido uma breve carreira como pesquisadora na área de física. Aos vinte e poucos anos, recusou um convite do governo para trabalhar no Projeto Manhattan, pois tinha a firme convicção de que armas atômicas só causariam mais guerras. Foi uma atitude corajosa da parte dela. Ela cogitou a ideia de cursar medicina, mas amava mais o mundo dos livros e dos personagens criados pela imaginação do que a ciência. Ela até chegou a dar aulas de literatura, mas as circunstâncias da vida e a Segunda Guerra Mundial levaram minha mãe à enfermagem. Ajudar os feridos a sarar dos machucados físicos e espirituais passou a ser a obra da sua vida.

Uma vez que a situação financeira dos meus pais vivia oscilando entre altos e baixos, e pelo fato de que meu pai empreendia uma busca incessante por um patrão interessado em contratar um homem de mente brilhante mas saúde debilitada, minha família se mudava bastante, e vivíamos indo de um lugar para o outro.

Um dos períodos mais tenebrosos foi durante uma breve temporada em Nova Orleans, onde meu pai conseguiu emprego em uma distribuidora de medicamentos sediada em St. Louis. O chefe não sabia que meu pai não era do tipo que fazia parte de “panelinhas”, e ficou consternado quando o viu instalar um aparelho de televisão no galpão para que os funcionários pudessem assistir ao funeral de Martin Luther King Jr. A relação dos dois deteriorou-se rapidamente, bem como a saúde do meu pai. Hoje, quarenta anos depois, ainda me lembro nitidamente da imagem dele ofegante na varanda, penando para conseguir respirar, em uma noite tremendamente úmida. Meu pai sobreviveu ao episódio e voltamos para o Norte, mas a vida parecia estar sempre à beira do abismo, flertando com a catástrofe.

Voltamos para o Norte em meados do inverno. Eu não entendia por que razão não podíamos simplesmente voltar a morar em nossa velha casa em Connecticut, onde a vida havia sido tão segura e feliz. Em vez disso, rumamos para Nova Jersey (que, na minha cabeça, pelo menos era perto de Connecticut), mas lá não era nosso verdadeiro lar. Eu mal via a hora de voltar para a parte do país que me era familiar, à qual estava habituada. Eu sentia falta dos sólidos bordos, com suas folhas enormes, sentia saudade das delgadas bétulas-brancas, as colinas verdejantes, as peônias, forsítias e da praia. Minha irmã Barbara e eu rezávamos para que nevasse, embora já nem tivéssemos mais patins e trenós.

Pouco antes da mudança, quando nossa casa em Nova Orleans estava abarrotada de caixas e às voltas com a agitação de mais uma viagem, alguém saiu pelos fundos e deixou o portão de trás aberto. Escoteiro aproveitou e fugiu correndo. Entramos em pânico. Nenhum vizinho nos conhecia; não havia amigos berrando da varanda “O Escoteiro tá solto! O Escoteiro tá solto!”

Meu pai logo percebeu que o cachorro não saberia voltar sozinho para casa, pois morávamos ali havia pouco tempo e o terreno era pouco familiar. Meu pai passou dias varrendo as redondezas atrás de Escoteiro, mas seu esforço foi vão. Ele não conseguiu encontrar nosso querido golden retriever. Tivemos de ir embora e deixar o cachorro para trás. Foi uma dor dilacerante.

No dia da mudança, uma das últimas coisas que carregamos no caminhão foi um espelho que ficava pendurado no corredor de entrada da nossa casa em Connecticut. “Eu pego”, me ofereci. “É melhor me esperar”, disse meu pai. “É pesado demais pra você.” Eu tinha por volta de doze ou treze anos. Achei que ele estava errado.

Eu queria surpreender meu pai e mostrar a ele que era capaz. Queria poupá-lo de um esforço desnecessário por causa do seu problema no coração. Quando o espelho escorregou por entre meus dedos e se estilhaçou em mil pedaços no chão, fiquei devastada, decepcionada comigo mesma, chateada por ter feito uma coisa que ele me pedira para não fazer. Achei que com certeza teria pela frente sete anos de azar.

Uma semana depois, em uma triste e escura tarde de janeiro, o caminhão com todos os nossos pertences parou em frente à nossa nova casa. Não era Fairfield, Connecticut, mas teria de servir. O caminhão ainda estava sendo

descarregado quando a neve pela qual eu e minha irmã tínhamos rezado tanto começou a cair timidamente. E não parou por três dias. Deixamos de lado o constrangimento de começar a estudar em mais uma escola nova. Barbara e eu passávamos horas a fio enfrentando corajosamente o frio glacial, nos jogando sobre os montes de neve, construindo esculturas de gelo, espremendo bolas de neve com as mãos protegidas por luvas que ficavam encharcadas.

Com o tempo, acabamos nos ajustando à incerteza da nossa vida familiar.

Antes de irmos embora de Nova Orleans, meu pai colocou um anúncio no jornal oferecendo uma recompensa a quem nos ajudasse a encontrar Escoteiro. Dias depois da nossa chegada a Nova Jersey, um homem telefonou e disse que o vizinho da casa ao lado da nossa tinha encontrado o cachorro e estava com ele. Meu pai contratou um advogado para reaver Escoteiro. Meses depois, o golden retriever por fim chegou à nossa nova casa. Nós todos ficamos felizes e o amamos mais do que nunca, mas ele já não estava com a saúde tão boa e morreu pouco depois.

Apesar da turbulência daqueles anos, ou talvez por causa dela, minhas irmãs, meu irmão e eu aprendemos a ser muito unidos. Em toda situação de crise, não há a menor dúvida de que todos vão aparecer para ajudar. A única pergunta é quem vai chegar primeiro.

Sentada, porém, naquele banco de igreja com Rich, eu não queria contar nem para os meus irmãos nem para a minha mãe de 83 anos de idade que eu estava com câncer de mama. E também não queria dizer aos nossos amigos que Rich e eu estávamos esperando uma notícia que poderia virtualmente virar nossa vida de cabeça para baixo. O que todos eles esperavam ouvir eram novidades da nossa fabulosa viagem de férias pela Itália.

Pensei nas dificuldades e tristezas da minha infância, em como o caos e a saúde debilitada do meu pai tinham sido um fardo pairando sobre meus anos de menina, e no quanto eu queria algo diferente para o meu filho Michael.

Voltando a pé da igreja para nossa casa, Rich disse: “Quer saber de uma coisa? Pode ser que a médica esteja errada”.

Mas no fundo eu sabia que a médica estava certa, e acho que Rich também sabia disso.

Em geral, Rich é uma pessoa que tem bastante convicção acerca das

posições que assume e das ideias que defende. Ele tinha certeza absoluta de que Bill Clinton derrotaria George H. W. Bush, embora nosso velho amigo Andy Rosenthal, correspondente do *Times* na Casa Branca, garantisse que ele estava totalmente equivocado. Rich tinha certeza de que voltaríamos todo verão a Nantucket, embora nossa situação financeira sugerisse o contrário. Ele estava certo de que adoraria Veneza.

Rick também tinha certeza de que, caso os resultados dos exames de fato confirmassem o diagnóstico de câncer, a doença não me tiraria a vida; sairíamos daquele apuro ilesos, ainda mais apaixonados um pelo outro. Eu estava me sentindo tão vulnerável que coloquei meu marido na horrível posição de ter de me repetir isso várias vezes ao longo daqueles dias.

"Hoje você devia ficar em casa em vez de ir trabalhar", Rich disse, quando por fim chegamos em casa após nossa parada na igreja. Por um minuto, eu até cogitei a ideia, mas sabia que a melhor coisa a fazer era ir trabalhar. Mesmo sem levar em conta minhas semanas de férias longe do jornal, eu sabia que era melhor me sentar à escrivaninha e responder e-mails, retornar telefonemas, fofocar com meus colegas e me concentrar novamente nas extravagâncias políticas dos eua do que ficar em casa flertando com a depressão. Em nenhum outro momento da minha vida apreciei como naquele momento os rituais da vida cotidiana.

Eu tinha de encontrar uma maneira de fazer com que o intervalo de tempo entre a tarde de segunda-feira e a tarde de quinta-feira não parecesse uma eternidade. Eu estava agitada demais até mesmo para me sentar e tomar uma caneca de café com Rich antes de sair.

"Me liga assim que chegar ao trabalho", ele me pediu ao me acompanhar até a porta da sala. Saí do apartamento em direção ao metrô. Estava me sentindo invisível. Cumprimentei o jornaleiro e iniciei com ele uma conversa mais longa do que o meu habitual "Obrigada", e me flagrei fazendo perguntas sobre a família dele e como os filhos estavam se saindo na escola.

Desci a escadaria de concreto da estação do metrô, dessa vez de um jeito que eu não me lembrava ter feito algum dia, apoiando-me no frio corrimão de metal. A hora de maior movimento já tinha ficado para trás, e havia vários assentos disponíveis, mas eu não quis me sentar. Fiquei de pé, apertando com

força uma das barras de apoio de metal e estudando o rosto dos passageiros, especialmente as mulheres, me perguntando se alguma delas tinha câncer.

Assim que entrei sã e salva no prédio do *Times*, sentei-me à minha escrivaninha e fiz o que qualquer jornalista faria: comecei a pesquisar sobre o câncer de mama. Adiei a tarefa de responder e-mails e dar telefonemas. Digitei "taxas de sobrevivência de câncer de mama" no Google. Apareceram aproximadamente 1.130.000 resultados.

As salas de redação estão cheias de gente protegendo segredos. Em geral, esses segredos têm a ver com quem quer e quem não quer ir a público e revelar coisas sobre crimes e delitos de políticos ou funcionários públicos, ou sobre alguma corporação que ganha zilhões de maneira questionável, ou sobre um atleta que não é tão super-homem quanto imaginam seus fãs. O fardo de guardar o segredo é compartilhado entre repórter e editor, e às vezes por um círculo um pouco mais amplo. Mas o meu segredo dizia respeito apenas a mim, e eu ainda não estava pronta para dividi-lo com mais ninguém. Naquele momento, o fardo de carregá-lo era apenas meu.

Contudo, em meu local de trabalho eu encontrava conforto nos gracejos dos colegas com quem eu trabalhava havia décadas, na rotina de todo santo dia – falar com repórteres sobre suas matérias, responder e-mails, ler artigos, passar a tarde em reuniões decidindo que textos sairiam na edição do dia seguinte.

Eu ia mesmo precisar daquele conforto para conseguir tocar a vida nos dias seguintes. Rich tinha de viajar na terça e só voltaria na quinta, o que tornava ainda mais difícil a espera pelo telefonema da médica. Assim, ao voltar do trabalho eu ficaria sozinha em casa com Michael, preparando o jantar, ajudando-o no dever de casa, pondo o menino na cama toda noite. Eu teria de deixar de lado todas as minhas preocupações relativas ao câncer, pois as crianças são os melhores leitores de pessoas que existem. Se eu quisesse mesmo guardar segredo do Michael, teria de me esforçar.

Tentei manter minha mente ocupada com o meu trabalho e com a vida de Michael. Toda noite, eu preparava o jantar favorito do meu filho: espaguete com almôndegas, macarrão com queijo, ou salmão. E toda noite eu ia me deitar bem cedo, pouco depois dele, por volta das nove e meia, para não correr o risco de me ver deitada na cama, desperta e no escuro, pensando no câncer. Eu não tinha

tanto medo de acordar cedo demais, pois de manhã pelo menos havia luz e eu podia me ocupar lendo os jornais. Meu receio maior era passar a noite em claro, refém do medo. Bem que seria bom ter a companhia de um cachorro.

Todo dia de manhã, após o café, Michael e eu atravessávamos a cidade de ônibus rumo à zona oeste, onde ele estudava. Eu caminhava com ele até o portão da escola e depois ia de metrô para o jornal, na estação Times Square. Sempre gostei de levar Michael à escola. Era uma rara oportunidade de simplesmente ficar sentada ao lado dele no ônibus, batendo papo.

A quinta-feira por fim chegou. Saí do trabalho mais cedo para poder ligar para a médica na privacidade do meu quarto. Quando cheguei ao meu apartamento, Michael e sua babá, Caroline Clarke, estavam sentados à mesa da sala de jantar jogando Stratego, um de seus jogos de tabuleiro favoritos. “Oi, mãe”, exclamou, ao me ver entrar. “Estou ganhando.” E continuaram o jogo, movimentando os dois exércitos, azul e vermelho, no tabuleiro e tentando evitar o uso de bombas.

Rich disse que faria o possível para estar de volta quando eu fosse falar com a médica. Mas estava ficando tarde e eu não podia mais esperar, sob o risco de ligar para a clínica depois do horário comercial e ouvir a notícia de que ela já tinha ido embora.

Entrei no meu quarto, fechei a porta, peguei um bloquinho de anotações de repórter de dentro de uma gaveta, andei para lá e para cá dentro do quarto e por fim me sentei à escrivaninha. Tirei o telefone e teclei o número, que naquele mesmo dia eu tinha anotado em um pedaço de papel e enfiado no bolso. Eu estava calma. Pedi para falar com a médica, dizendo que ela estava esperando minha ligação. “Aguarde um momento”, respondeu a voz anônima do outro lado da linha. Eles me deixaram no “modo de espera” por dez dilacerantes minutos. “Ela está ocupada agora, e disse que seus resultados ainda não chegaram e que é melhor você voltar a ligar amanhã.”

“Mas a médica me disse explicitamente que já teria os resultados em mãos hoje. Você não poderia, por favor, pedir a ela que ligue para o laboratório para saber os resultados? Eu realmente não posso mais esperar.” Mais uma vez, a atendente me pediu para aguardar.

Em questão de segundos, a médica atendeu ao telefone e disse: “Já estou,

sim, com os seus resultados, sra. Elder; a senhora tem mesmo um câncer de mama lobular invasivo. Deve entrar em contato com o seu ginecologista, que vai recomendar um cirurgião".

Naquele exato momento, Rich entrou no quarto. Ainda consegui articular uma pergunta para a médica. "Com base nos resultados dos exames laboratoriais, o que mais a senhora pode me dizer sobre o câncer?" Ela respondeu: "Está se espalhando lentamente, mas o tumor é grande. A senhora vai precisar de cirurgia, quimioterapia e radiação".

Depois de dizer isso, ela desligou o telefone.



Capítulo 3

“Meu bem, precisamos comprar um cachorro pro Michael.”

Minutos depois de desligar o telefone e relatar a Rich tudo o que a médica tinha dito, era eu que estava implorando. O diagnóstico de câncer trouxera à minha vida um senso de urgência. A necessidade emocional de meu filho ter um cachorro era agora inequívoca. Eu queria dar a ele o cãozinho que ele tinha imaginado em suas apresentações em Power Point, tantos anos atrás – o cãozinho do qual o dono “sempre pode ganhar um abraço quando estiver se sentindo triste”.

Meu tratamento de câncer seria uma estrada árdua e longa para todos nós – cirurgia, meses de quimioterapia, radiação. Eu queria que prometêssemos a Michael que, ao final de tanta tristeza, ele teria o cachorrinho que sempre desejou. Eu não queria que ele perdesse nem um pouco da sua inocência e da sua doçura, sua alegria de viver, sua fé na bondade e esperança na vida. Não queria que ele passasse os seis meses seguintes preocupado comigo, entreouvindo conversas com palavras como *sobrevivência* e *sistema imunológico*; eu queria que ele passasse aqueles meses empolgado com a ideia de ter um cachorro.

“Tudo bem, tudo bem, podemos falar no assunto”, disse Rich.

“A gente tem de fazer isso”, aleguei. “O Michael estava certo o tempo todo.

Ele precisa de um cachorro, e agora precisa mais do que nunca. Que melhor antídoto para toda essa preocupação e tristeza do que a expectativa de ganhar um filhotinho?”

E então percebi que Rich e Michael estavam em vias de passar por um turbilhão emocional. “Não sabemos o que vai acontecer comigo”, argumentei, esforçando-me para usar um tom de voz desprovido de qualquer demonstração sentimental. “Se eu piorar em vez de melhorar, um cãozinho vai ajudar o Michael, e talvez você também.”

Rich fez todas as perguntas óbvias, mas sensatas. “Quanto isso vai custar? Quem vai treinar o cachorro? Como vamos dar conta disso tudo?” E disse ainda que tinha absoluta certeza de que a tarefa de sair para andar com o cachorro sobraria para ele.

“Não, na verdade, não”, aleguei. E, citando o que nossos vizinhos do poodle toy haviam dito, argumentei: “A Jennifer disse que dá pra ensinar esses cachorrinhos pequenos a fazer suas necessidades em uma folha de papel”. Então, para reforçar ainda mais meus argumentos, acrescentei: “E isso de andar com o cachorro não é um problema. Eu posso me encarregar de levar o cãozinho pra fora de manhã e à noite, e a Caroline faz isso à tarde”.

Meu discurso estava começando a ficar parecido com os apelos que Michael vinha fazendo para mim ao longo de tantos anos. Tentei explicar que em última instância tudo ficaria sob responsabilidade de Michael, assim que ele tivesse idade suficiente para sair desacompanhado pelas ruas de Nova York. Rich não se deixou convencer, mas concordou mesmo assim.

Assim que tomamos nossa decisão, Rich, em uma atitude tipicamente sua, mergulhou de cabeça na ideia, embora tenha feito uma ressalva: “Tem de parecer um cachorro de menino. Não quero um daqueles cachorrinhos que parecem pantufas de madame, nem um daqueles que está na cara que são de menina”, declarou. “Já que vai ser um cachorro pequeno, que seja pelo menos um de cor escura; preto, por exemplo.”

Decidi resistir à minha habitual vontade de refutar o que eu considerei um comentário ridículo. “O que dizer das legiões e legiões de mulheres nova-iorquinas cujo guarda-roupa era única e exclusivamente constituído de roupas pretas?”, tive vontade de dizer. Mas deixei para lá. Ele tinha concordado em ter

um cachorro, e eu estava empolgadíssima.

Rich e eu também chegamos à conclusão de que o nosso filhotinho não viria de imediato. Embora ainda não tivéssemos entrado em contato com uma equipe de oncologistas e ainda estivéssemos meio que tateando no escuro, sabíamos que a chegada do cachorrinho teria de esperar até o final dos meus tratamentos. A quimioterapia me deixaria mal a maior parte do tempo, e a radiação acabaria com a minha energia física. Para Michael, por enquanto bastava saber que suas orações tinham sido atendidas. Quanto a mim, só de acalentar a ideia de finalmente dar um cachorro ao meu filho, eu já estava me sentindo melhor.

Ter um filhotinho faria bem a nós todos, uma nova vida no centro da nossa vida, uma declaração de fé no futuro. Michael agora já estava mais velho, e eu me sentia menos preocupada diante da perspectiva de ter de deixá-lo dormindo sozinho no apartamento, durante as ausências de Rich, quando eu precisasse sair para andar com o cachorro. A Tia Babs poderia tomar conta do cãozinho quando fôssemos viajar. Nós podíamos fazer a coisa dar certo. Nós *tínhamos* de fazer.

Rich e eu decidimos contar a novidade para Michael – que ele finalmente ganharia o cachorrinho que vinha querendo havia tanto tempo – no dia de seu aniversário, 10 de maio. Embora tivéssemos de esperar até o outono, quanto antes ele ficasse sabendo, mais cedo teríamos algo para nos distrair do câncer.

Por pura coincidência, 10 de maio também era a data em que eu receberia o relatório histopatológico. Somente por meio desse laudo é possível saber até que ponto o câncer avançou no corpo da gente. Com ele, eu saberia o quanto a doença havia se espalhado, quantos nódulos linfáticos estavam envolvidos, e se eu era ou não candidata aos medicamentos mais recentes que ofereciam a promessa de uma sobrevivência a longo prazo. Uma amiga que havia recebido tratamento para câncer de mama me alertou que a semana de espera por esse relatório podia ser psicologicamente devastadora. A bem da verdade, as palavras dela foram: “Vai ser a pior semana da sua vida”.

Foi a pior semana da minha vida. O bálsamo que me trouxe alívio foi planejar a estratégia de como daríamos ao nosso filho a notícia de que ele finalmente ganharia um cachorro. Podíamos dizer logo de cara, sem rodeio, ou podíamos dar a ele presentes com pistas e indícios, como uma coleira ou uma

tigela ou uma caminha de cachorro. Em vez disso, decidimos desenhar um pôster com a fotografia de um cachorrinho. Assim, ele teria uma lembrança do momento e também um instante para assimilar a ideia. Já nós, desfrutaríamos do incomparável momento de ver a expressão no rosto de Michael ao perceber que estava prestes a ganhar um cachorrinho de verdade, o animal de estimação que ele vinha desejando a vida toda.

Poucos dias antes do aniversário de Michael, Rich aproveitou que o menino estava ausente e entrou no quarto dele para usar o seu computador, no qual estava instalada nossa impressora colorida, e imprimir o anúncio que ele tinha elaborado:

Feliz Aniversário, Michael!

Como presente de aniversário, você vai ganhar um cachorrinho só seu. Comece a pensar em nomes e a separar um canto no seu quarto para a caminha dele.

Nós te amamos.

Mamãe e Papai

Abaixo do texto, a foto de um poodle toy preto, sentado em um gramado, em um dia de sol, encarando a câmera, com uma bolinha de tênis na sua frente. Como Foguete, a pelagem desse poodle toy tinha um “corte-filhote” e não um “corte poodle”, o que lhe dava a aparência mais de um cãozinho felpudo do que de um poodle, ou seja, mais norte-americano do que francês.

Enquanto Rich estava ocupado com o cartaz, eu saí para tentar encontrar um cachorrinho de pelúcia preto que fosse pelo menos parecido com o que tínhamos em mente, para acompanhar o pôster. Fui a pé até uma loja das redondezas, a cerca de quinze quadras de onde morávamos (uma caminhada razoável pelos padrões nova-iorquinos). Achei o cachorrinho de pelúcia ideal.

Mais divertido do que pensar no relatório histopatológico era imaginar a reação de Michael, no quanto ele ficaria surpreso dali a alguns dias, quando abrisse o pôster.

Mal sabíamos que a nossa surpresa, arquitetada com tanto cuidado, acabaria sendo frustrada por um simples descuido. Enquanto eu estava na loja, Michael

chegou da escola e sentou-se à escrivaninha para fazer a lição de casa. O Microsoft Word, programa que ele usa e do qual Rich tinha se servido para imprimir o pôster, registra os nomes dos arquivos mais recentes que foram abertos no computador, mesmo que tais documentos não tenham sido salvos no computador. Sentado à sua escrivaninha, encarando a tela, Michael acessou seu histórico de documentos mais recentes e viu a lista dos arquivos. Ali, bem no topo da lista, leu “cachorro aniversário Michael”. E ficou perplexo.

Por um momento, o menino limitou-se a ficar sentado, imóvel, olhando fixamente as palavras na tela. Hesitou antes de fazer menção ao que tinha acabado de ver. Porém, como ele diria depois, a ideia de que ganharia um cachorro “atropelou” todos os outros pensamentos. Ele se levantou tão rápido que quase derrubou a cadeira no chão.

“Pai! Pai! Pai!”, ele saiu aos berros e irrompeu pela porta da sala onde Rich estava trabalhando. “É verdade mesmo? Sei que eu não devia ter visto, mas não deu pra evitar. É verdade mesmo? Vou ganhar um cachorro?”

De início, Rich não fazia ideia de como Michael podia ter adivinhado que suas preces tinham sido atendidas. E então Michael explicou o ocorrido: “Papai, eu sei que não devia ter visto, mas liguei o computador e vi...”.

“Oh, Mikey, a gente queria te contar só no seu aniversário. Eu imprimi no seu computador a nossa carta pra você e me esqueci de apagar as pistas”, Rich confessou ao levantar da cadeira. “Sim, querido, você vai ganhar um cachorro, assim que acabarem os tratamentos da mamãe.”

Michael foi correndo na direção do pai e deu-lhe um abraço apertado, aos pulos de alegria. “Não acredito! Não acredito!”

Cheguei pouco depois. Ao me ouvir enfiando a chave na fechadura, Michael escancarou a porta antes mesmo que eu tivesse chance de girar a chave. “Obrigado, mamãe, muito obrigado”, disse, abraçando-me a cintura. “Nem posso acreditar que isso esteja finalmente acontecendo. Não acredito que vou ganhar um cachorro.”

Rich veio logo atrás, explicando o que tinha acontecido e como Michael ficara sabendo que seu sonho de ser dono de um cachorro finalmente seria realizado.

No dia seguinte, na escola, Michael contou a todos os seus amigos e

professores que até que enfim teria um cachorro. “Eles ficaram muito felizes por mim”, fez questão de nos dizer em casa.

***

A alegria do nosso filhou perdurou e contaminou a todos nós no início do meu tratamento de quimioterapia, em junho, e ao longo dos meses de verão. Em julho, Michael foi para uma colônia de férias, onde passou quase o mês todo. As cartas que nos mandava eram repletas de relatos sobre as partidas de beisebol que ganhava e perdia, os novos amigos que ia fazendo e sobre como ele mal podia esperar pela chegada do cachorro, no outono. Quando fomos buscá-lo no final do mês, a quimioterapia já tinha me deixado careca. A primeira coisa que perguntamos, assim que ele entrou no carro, foi se eu devia tirar o lenço para que ele visse e tocasse o topo da minha cabeça.

“Nossa, que legal!”, ele disse, passando os dedos pela minha cabeça lisa. Michael não pareceu nem um pouco perturbado.

Antes de ficar careca, eu já tinha comprado uma peruca de antemão. Mas foi só quando me vi sem cabelos diante do espelho que percebi que eu simplesmente não era o tipo de pessoa que usa peruca. Eu não ia fingir que tinha cabelos.

Felizmente, eu não precisava ter cabelos para trabalhar. Algumas mulheres acham que seu local de trabalho exige que elas tenham cabelos. Eu não. Mesmo assim, para mim, um dos dias mais difíceis foi no final de junho, quando entrei carequinha na redação do *The New York Times*. Entrei no prédio, passei pela segurança, peguei um elevador vazio. Apertei o botão do terceiro andar. Nossa redação ainda ficava na rua 43, e os elevadores tinham um acabamento espelhado. Assim que as portas do elevador se fechavam, as pessoas sempre se olhavam discretamente, encolhendo a barriga ou ajeitando a gravata. Mais de uma mulher já foi flagrada com uma escova de cabelos ou um batom na mão. Agora ali estava eu, sozinha, encarando uma desconhecida careca, usando uma saia azul e branca, uma blusa azul e um lenço de seda ridiculamente caro na cabeça.

Eu não tive tempo de respirar fundo. As portas do elevador se abriram e dei de cara com o meu chefe, Bill Keller, editor executivo do jornal. Ele ergueu os

olhos da pilha de papéis que estava lendo, me deu uma olhada de soslaio pelos óculos e me cumprimentou: “Oi, Janet, como vai?”.

Sem pensar muito, deixei escapar alguma coisa sobre o quanto eu estava me sentindo constrangida naquele momento, e sobre como eu estava apreensiva de entrar na redação sem cabelos. “Sabe de uma coisa?”, ele disse, “Acho que você está ótima. Levei apenas alguns segundos para me acostumar com você assim, e acho que é isso que vai acontecer com todos os outros também.”

Foi um comentário extraordinariamente sensível. Respirei fundo e saí caminhando pela redação. Como para a maioria das coisas na vida, a realidade não foi tão ruim.

Aparentemente, ninguém se abalou com a minha careca, exceto eu mesma. Adam Nagourney, amigo e colega que trabalha em Washington, vinha trocando e-mails comigo ao longo do meu tratamento. Naquele dia de junho, pouco depois de eu me sentar à escrivaninha, chegou mais um.

“Como vão as coisas?”, me perguntava ele. “Perdi tanto cabelo que raspei a cabeça toda. Fiquei careca”, respondi. Segundos depois, a resposta de Adam piscou na minha caixa de entrada. “Bacana!” Eu caí na risada.

Uma semana depois que Michael tinha voltado da colônia de férias, fizemos nossa jornada anual em Nantucket. Como sempre, o ar, o sol, a água de lá conseguiam revigorar minhas forças. No meio da nossa estada, deixei meu filho e meu marido na ilha e retornei a Nova York para mais uma rodada de quimioterapia. Era a sexta, só faltavam mais duas, seguidas de seis semanas de radiação. Minha irmã Louise me acompanhava nas sessões, que duravam horas, e passava as noites na minha casa. Ela é uma alma gentil e graças a ela foi imperceptível a pequena interrupção das minhas relaxantes férias na praia.

Durante os vários meses em que me submeti ao tratamento de câncer, continuei indo trabalhar sempre que podia. Rich tentou se ausentar um pouco do trabalho, e nas folgas fazíamos longas caminhadas no parque Carl Schurz. Sempre me sentia melhor toda vez que saía de casa, ao ar livre, fizesse chuva ou sol. Era também uma excelente oportunidade de observar cachorros e ter uma melhor noção sobre as diferentes raças.

O parque Carl Schurz, onde fica a Mansão Gracie, residência oficial dos prefeitos de Nova York, está localizado às margens do East River, e é um dos

tesouros escondidos da cidade. É um parque pequeno, com um batalhão bastante ativo de voluntários que todo ano se incumbe da iluminação da árvore de Natal e organiza um evento de cânticos natalinos, cuida dos narcisos amarelos e das íris violetas na primavera, e dos girassóis e amores-de--moça no verão. Quando o calor começa a dar os últimos sinais de vida, os voluntários montam uma enorme tela de cinema no rinque de patinação no gelo e, assim que cai a noite, exibem para a multidão que abarrota a quadra de basquete uma seleção de filmes clássicos, como *Noivo neurótico, noiva nervosa* e *A mulher faz o homem*. Aparece todo tipo de gente: bebês dormindo no carrinho e seus pais exaustos, velhos em busca de companhia, adolescentes à procura de diversão noturna e cachorros que chegam acompanhados dos donos.

A bem da verdade, o parque parecia estar sempre apinhado de gente passeando com cães pelo calçadão junto ao rio. No outono, Rich e eu já estávamos parando as pessoas que traziam na coleira certo tipo de cachorro – os que tinham o andar mais firme ou os que pareciam especialmente carinhosos e brincalhões.

Rich estava tão entusiasmado com a ideia de arranjar um cachorro para o Michael que não hesitava em se dirigir a desconhecidos para fazer perguntas sobre os animais. Elaboramos uma lista de raças: beagles, cotons, labradoodles, spaniels, westies, cockapoos. Todas estavam na nossa alça de mira e sendo analisadas.

Em meio a esse desfile interminável de cachorros, era fácil perceber o quanto eles eram bem cuidados e amados por seus donos. Os cães que conhecíamos no parque eram bons companheiros tanto de pessoas que moravam sozinhas, viúvos e viúvas, quanto de famílias numerosas, repletas de crianças. Conhecemos diversos casais jovens em que o rapaz e a moça ainda pareciam incapazes de um comprometimento mais sério um com o outro, mas que, apesar disso, já se dedicavam a um cachorro. Alguns cães sentavam-se nos bancos, ao lado dos donos, e com eles ficavam contemplando o movimento dos barcos no rio.

Rich e eu chegávamos em casa e contávamos a Michael e Caroline tudo sobre os maravilhosos cães que tínhamos visto.

***

Eu achava que com certeza Michael ia querer um westie. Mas, no fim das contas, a decisão foi fácil. Ele nos disse que queria um poodle toy, igual ao Foguete, o cachorro dos vizinhos por quem tinha se apaixonado anos atrás e que ainda morava três andares abaixo.

Nós sonhávamos com o filhotinho e falávamos animada e incessantemente do momento em que ele passaria a fazer parte da nossa família, depois que a longa e árdua batalha do tratamento contra o câncer de mama estágio ii chegasse ao fim. Michael planejou o lugar em que o cãozinho ia dormir.

Apesar do meu entusiasmo, houve um par de vezes em que, exaurida por causa dos tratamentos, questionei e pus em dúvida a ideia do cachorro. Mas uma amiga e colega de trabalho, Connie Hays, que estava às voltas com uma forma de câncer bem mais letal que a minha, insistiu comigo e me instigou. Connie tinha três filhos e falava de um jeito que me fazia crer que cuidar de um cachorro e levá-lo para passear consumia a mesma quantidade de tempo que levar o lixo para fora. Mais experiente e tarimbada nas coisas da vida do que eu, ela me aconselhou com palavras sábias: “Você não vai se arrepender de fazer isso. Mas se não fizer, nunca vou te perdoar”.

Connie era uma daquelas mulheres capazes de dar conta de tudo – trabalho, filhos, marido, obras de caridade. Ela esquiava. Ela cozinhava. Ela sabia bordar. Ela correu uma maratona pouco antes de ser diagnosticada com câncer. Ela havia até mesmo conseguido escrever um livro sobre a história da Coca-Cola com base em sua experiência jornalística cobrindo a empresa para o *Times*. Ela era incansável.

Mesmo agonizando na cama, ela fez o marido, John, comprar um livro para mim: *The art of raising a puppy* [A arte de criar um filhote], escrito pelos monges de Nova Skete, grupo de monges que vivem em um mosteiro no interior do Estado de Nova York, onde criam pastores alemães. Levando uma vida tranquila ali, bolaram um método de treinamento de filhotes cuja melhor maneira de definir é: firme e carinhoso e sem gritos. Não é muito diferente dos livros sobre como criar os filhos.

Li o livro de ponta a ponta de uma sentada só. Saí da leitura menos

interessada em ter um cachorrinho do que em ir viver uma vida monástica nas montanhas, onde o tempo se esticava eternamente e onde a paciência é um instinto. As lições do livro me pareciam inalcançáveis. O processo todo exigia muito tempo e paciência, duas coisas que andavam em absoluta falta na minha vida. Até mesmo o capítulo sobre cães da cidade me pareceu não levar em conta o ritmo frenético da vida urbana. Nossa vida era tudo, menos plácida. Devia haver outros livros.

No final de outubro, quando faltavam poucas semanas para o término do meu tratamento de radiação, liguei para Lisa Cannarozzo, criadora de poodle toys na Flórida, a mesma de quem os Simon haviam comprado o Foguete. O acaso entrou em cena. “No momento tenho apenas um macho, vermelhinho”, ela disse. Por acaso, era o meio-irmão de Foguete. Tinha de ser. Rich teria de aceitar que compraríamos um cachorrinho abricó, e não preto.

“Ele é tão carinhoso”, ela disse. “Nasceu no dia 5 de julho, então ainda é bem filhotinho e é simplesmente maravilhoso.” Meu aniversário é dia 6 de julho.

Lisa parecia mais uma mãe orgulhosa do que uma criadora de cães tentando me vender um. “Ele é tão esperto, já consegue se segurar a noite inteira.” Depois aflorou o lado vendedora. “A gente pensou que ele seria um dos nossos cãezinhos de exposição, mas as orelhas dele são grandes demais, o que na verdade só o torna mais bonitinho. Mas não sei, não; já o prometi para uma família de Chicago. Se você acha que quer mesmo ficar com ele, tem de me dizer agora, e vou ver o que faço com a outra família.”

Lisa não sabia que não precisava me vender o cachorro enaltecendo sua aparência. Eu não tinha o menor interesse em saber se ele era ou não um cãozinho de exposição. Por mim, podia nem ter orelhas. O que me importava era saber que ele era carinhoso. Eu só queria ter certeza de que Michael ganharia um cachorro que retribuiria seu amor. Quando desligamos o telefone, a família de Chicago já tinha sido posta para escanteio. “Não sei se eles estavam realmente falando sério sobre comprar o cãozinho; você pode ficar com ele”, decretou Lisa.

Destino. Tinha de ser. A conversa com Lisa teve um ar de profecia, de predestinação. Aquele era nosso cachorro, o cãozinho das nossas fantasias, o cãozinho graças ao qual meu filho tinha conseguido superar o pavor de me ver passar pelo tratamento de câncer. Eu mal podia esperar para vê-lo.

Desde o primeiro minuto em que demos a Michael a notícia de que ganharia um cachorro, ele começou a cogitar todo tipo de nome, discutindo uma lista com os amigos. Pensou em chamar nosso cãozinho de Chip, em homenagem a Chip Cody, o cirurgião que tirou de mim o tumor cancerígeno. Pensou em batizar o cachorro de "Fogoso ao Mar", palavras encantadoras e de origem desconhecida que ele berrava alegremente quando era ainda bem pequeno e jogava carrinhos feitos de caixas de fósforo contra montanhas de plástico de um metro e vinte de altura. "Gacky", outra possibilidade, era o amiguinho imaginário que vivia no carrossel do Central Park, quando Michael tinha três anos. Zeus (sugestão de seu amigo Jack), Caiaque, Cisco, Guacamole e Tuck.

Mas assim que vimos nosso cãozinho no website Calisa Poodles, Michael não teve dúvida de que aquele filhotinho lindo, adorável, ruivinho, de olhos de corça e aparência travessa, devia se chamar "Huck", um caçador de aventuras, como o imortal personagem de Mark Twain, Huckleberry Finn. A família inteira se apaixonou.

Durante os preparativos para a chegada de Huck, marcada para o fim de semana do Dia de Ação de Graças, dias depois da minha última sessão de radioterapia, Lisa e eu conversamos sem parar. Logo percebi que ela e o marido, Joe, estavam apaixonados pelo cãozinho que em breve seria o nosso Huck e estavam com tremenda dificuldade para se separarem dele. Lisa se referia ao poodle como "amoreco" e comecei a me sentir mal por tirá-lo deles.

Fiquei imaginando Lisa e Joe em sua casa na Flórida, rodeados de poodles castanho-avermelhados, falando com eles do mesmo jeito que algumas pessoas conversam com criancinhas. "Agora deixem o papai em paz." Comecei a me perguntar como devia ser criar cachorros. Acho que devo ter lido muitos dos livros infantis de Michael quando ele era pequeno. Eu achava que os cãezinhos moravam em uma estrutura tipo celeiro, ao passo que os de Joe e Lisa viviam dentro da casa. Ela me corrigiu. "Não, não, aqui somos uma única família, numerosa e feliz, na mesma casa", disse. "Aquele amoreco assiste televisão com o Joe toda noite."

Mandei-lhe um cheque; ela me enviou uma longa lista de parafernálias caninas que eu devia comprar antes da chegada do Huck – xampu, cortador de

unha, ração de filhote sabor frango e arroz, limpador de orelha, escova de dentes, Pepto-Bismol (uma espécie de leite de magnésia), um tubinho de suplemento alimentar Nutrical e um pote de água. Na parte de baixo da lista de instruções, em letras maiúsculas e sublinhada com marca-texto vermelho, a seguinte mensagem:

Segure sempre firme! Nunca o deixe solto em uma área aberta!

Lisa e Joe eram criadores atenciosos, carinhosos e dedicados. Eu me senti uma pessoa de sorte por tê-los encontrado. Somente depois de ter tomado todas as providências para a chegada de Huck é que, por intermédio de um amigo, fiquei sabendo do mundo da adoção de cachorros abandonados. Se eu tivesse conhecimento disso antes, provavelmente teríamos adotado um cãozinho em vez de comprar um de um criador. Mesmo assim, eu ainda tinha a convicção de que o destino tinha nos levado a Huck.

Nós contávamos os meses, as semanas, e, por fim, os dias que antecediam a chegada do Huck. Duas semanas antes de ele se tornar oficialmente o mais novo membro da família, Rich, Michael e eu saímos de casa em um dia claro do início de novembro para visitar a Tia Babs em Ramsey, Nova Jersey. No caminho, paramos na Butique do Cão, nos arredores de Allendale, para comprar tudo o que havia na lista de Lisa e um pouco mais. Michael escolheu uma caminha, várias coleiras e guias de cores brilhantes, brinquedos, tigelas e um suéter para o frio. Encontrou um capacho para colocar debaixo das tigelas com a frase “Eu amo meu cachorro”. Com os olhos brilhando, um sorriso de orelha a orelha e as covinhas mais pronunciadas do que o habitual, ele me mostrou o tapetinho e perguntou: “Não é perfeito, mamãe?”. Michael estava muito feliz. Rich e eu também.

Um dia depois do feriado de Ação de Graças, Lisa colocou Huck dentro de uma gaiola de transporte e despachou o cãozinho em um avião rumo ao aeroporto de Newark. Nós tínhamos mandado pelo correio uma meia de Michael para ser colocada dentro da gaiola, a fim de que ele se acostumasse ao cheiro do menino e servisse de alento durante a viagem.

O avião desembarcaria no terminal C da Continental Airlines, no escritório

do serviço Quikpak. Lisa nos alertou: por medida de segurança, devíamos resistir à tentação e só podíamos abrir a gaiola ao chegar em casa, para evitar que Huck saísse como um raio da gaiola, correndo em disparada pelo aeroporto. “Eles são como lebres”, ela riu. “É preciso ficar de olho neles.”

O voo 1410 partiu de Sarasota às 11h05 da manhã. Saímos do nosso apartamento mais cedo que isso. Em circunstâncias normais, levamos uma hora para chegar ao aeroporto, mas estávamos preocupados com o pico de tráfego por causa do feriado.

Para nossa surpresa, havia pouco movimento na estrada, e chegamos com horas de antecedência. A longa espera de Michael, sua ânsia pueril de segurar no colo e abraçar seu próprio cachorro estavam prestes a chegar ao fim graças a um filhotinho de pouco mais de dois quilos, orelhudo e de temperamento quase tão doce quanto o seu próprio. Andamos de um lado para o outro, nos contorcendo nas desconfortáveis e inclementes cadeiras de plástico do aeroporto, bem em frente ao escritório do Quikpak. Para abreviar a espera, tentamos pensar em jogos e brincadeiras. Brincamos de Geografia e depois de Indo a um Piquenique.

Eu comecei: “Estou indo a um piquenique e vou levar biscoitos de chocolate”.

Michael pegou a deixa e continuou: “Estou indo a um piquenique e vou levar biscoitos de chocolate pra nós e uma guloseima de cachorro pro Huck”.

Depois, foi a vez de Rich: “Estou indo a um piquenique e vou levar biscoitos de chocolate pra nós, uma guloseima de cachorro pro Huck e uma melancia”.

Depois, eu de novo: “Estou indo a um piquenique e vou levar biscoitos de chocolate pra nós e uma melancia e hã... hã...”

“Uma guloseima pro Huck, mãe. Você esqueceu o Huck”, Michael me deu uma bronca.

Não sei se era por causa da empolgação e da expectativa ou da confusão mental da quimioterapia, mas meu estoque de palavras estava em baixa até mesmo para brincar de Indo a um Piquenique.

De repente, do nada, começou uma movimentação na área da quikpak. Rich se virou para o Michael e disse: “Mikey, acho que o Huck chegou”.

Nós três entramos correndo no escritório. Lá, no chão, vimos uma gaiola

vermelha, cheia de adesivos com os dizeres “animal vivo”. E um outro, escrito à mão:

Por favor, não abram. Sou rápido.

Michael se ajoelhou, olhou dentro da gaiola e, com voz suave, começou a conversar com Huck pela grade de metal. “Oi, Huckie”.

Michael ergueu os olhos e nos encarou com uma expressão no rosto que dizia: “Ele é tão bonitinho”.

Fiz força para não chorar.

Rich disse: “Ele é seu, filho”.

Michael virou-se novamente para o cachorrinho, enfiando os dedos pela grade da gaiola. Huck começou a lamber os dedinhos do meu filho. “Bom menino, Huck. Oi, Huckie. Bom menino.”

Um homem de uniforme azul me disse que eu precisava assinar alguns papéis antes de ir embora, o que consegui fazer apesar dos olhos rasos d’água. Depois de assinar a papelada, Rich pegou a gaiola e anunciou: “Michael, vamos levar o Huck pra casa”.

“Eu já amo meu cachorrinho, mamãe”, Michael me disse, me dando um abraço apertado.

E assim nossa família, agora com quatro membros, se dirigiu para o estacionamento.

No banco de trás do carro, sentado ao lado da gaiola, Michael conversou com Huck o caminho todo. “Huck, espere só pra ver onde você vai morar. Você pode dormir no meu quarto.”

Era como se Michael finalmente tivesse encontrado o velho amigo que vinha procurando a vida inteira. Ele ficava enfiando o dedo pela grade da gaiola, tentando fazer com que Huck, a essa altura desidratado e faminto, comesse alguma coisa.

Havia mais tráfego na volta para casa do que no caminho de ida para o aeroporto naquela manhã. Ficamos presos no engarrafamento, prosseguindo em ritmo de tartaruga na rodovia expressa de Nova Jersey. Tentando seguir à risca as instruções de Lisa, ainda não tínhamos tirado Huck da gaiola. Ainda não

tínhamos tido a chance de abraçá-lo, pegá-lo no colo, nem sequer de dar uma boa olhada nele. Por sua vez, Huck estava quietinho e encolhido.

Por fim, entramos com o carro na garagem do nosso prédio. Com extremo cuidado, Rich pegou a gaiola do banco de trás, subiu com ela as escadas e posou-a no chão da sala de estar, Michael sentou-se em frente. Dei a ele uma toalha velha para forrar o colo.

Abri a gaiola. Ainda zonzo por causa da viagem, Huck deu um passo cauteloso para fora. Em um gesto carinhoso, Michael ergueu o filhotinho nos braços e aninhou-o junto ao peito.

“Eu amo você, Huck”, ele disse. “Você é um bom menino. Você enfrentou uma viagem de avião. Você conseguiu, Huck.”

Olhei dentro da gaiola e vi, lá no fundo, amarrada com um nó, a meia branca de Michael que tínhamos mandado para Lisa semanas antes. Deve ter sido uma dureza para aquela criaturinha minúscula, com seus dois quilos e pouco, enfrentar a viagem de avião. O pobrezinho estava trancafiado em uma gaiola, junto com as bagagens. Era tão frio no compartimento de cargas que a companhia aérea não queria se responsabilizar pela sobrevivência dos animais durante as viagens e a transportadora exigiu que um veterinário na Flórida assinasse papéis atestando que o cachorro conseguiria aguentar uma temperatura abaixo de zero.

No nosso apartamento, quando Huck saiu da gaiola para os braços ansiosos de Michael, estava cambaleante e cheirando mal, como se tivesse vomitado ou urinado em si mesmo, ou as duas coisas. Em um esforço de melhorar a aparência de Huck, Lisa tinha ensopado o cachorrinho de perfume e enfeitado sua cabeça com um lacinho de fita vermelha.

Na hora, percebi que a primeira coisa a fazer era me livrar da fitinha e levá-lo para a banheira a fim de lavá-lo. Naquele momento, nem todo mundo na família achou Huck irresistível. A bem da verdade, Rich estava decepcionado. Em particular, ele me segredou: “Não achei o Huck nada bonito, mas a gente o comprou pro Michael, não pra mim. Se ele está feliz, eu também estou”.

Michael tentou fazer o cãozinho brincar um pouco, despertando seu interesse por alguns dos brinquedos que ele tinha comprado, mas Huck ainda estava trôpego e fraco, exausto da jornada rumo ao Norte.

Sugeri que déssemos um banho morno nele. Michael topou e quis entrar na banheira junto com o cãozinho. Pegamos o xampu que Lisa nos tinha instruído a comprar. Tiramos o laço da cabeça dele; Michael vestiu shorts e entrou na banheira. Nós o ensaboamos cuidadosamente e o enxaguamos usando a mangueirinha. Molhado, Huck parecia tão minúsculo, tão vulnerável, e absolutamente adorável. Eu o enrolei em uma toalha. Michael saiu da banheira e imediatamente pegou Huck nos braços.

Nesse momento o telefone tocou. Era a nossa vizinha, Emily Simon, membro da família do Foguete, e a prima dela, Caroline Bronston. Elas não aguentavam mais a ansiedade de conhecer Huck, e queriam vir na mesma hora. Michael estava felicíssimo de exibir seu cachorrinho. Minutos depois, elas bateram à porta.

As meninas deram gritos de alegria. “Ele é tão lindo”, disseram, em uníssono. As três crianças ficaram sentadas no chão com Huck, revezando-se em carícias e tentando animá-lo a correr atrás de uma bolinha ou comer um biscoito canino. Mas Huck estava tão exausto que mal reagia. Parecia mais um cachorro velho do que um filhotinho.

Na primeira noite, fizemos exatamente o que Lisa tinha mandado fazer. Colocamos Huck e um de seus brinquedinhos dentro da gaiola, na qual prendemos um pote de água, e nos despedimos com um “Boa noite, Huck”. Já tínhamos deixado tudo pronto no quarto de Michael. Rich e eu abraçamos e beijamos nosso filho, demos “Boa noite” para ele também e fechamos a porta atrás de nós. Eu não sabia ao certo o que aconteceria depois. Imaginei que não demoraria muito para que Huck começasse a latir e a choramingar.

Dez minutos depois que tínhamos desabado na cama, Michael apareceu na porta do nosso quarto. “Acho que não consigo dormir com o Huck no meu quarto”, alegou o menino. “Ele faz muito barulho quando bebe água.”

Acho que Michael estava tão acostumado a ter seu próprio quarto e a dormir em silêncio total que precisaria de algum tempo para se acostumar com a presença de outro ser vivo, especialmente um que bebia água ruidosamente. Julguei que esta sensação passaria dali a alguns dias, assim que os dois se tornassem inseparáveis. Foi o que aconteceu.

Mas naquela primeira noite, colocamos a gaiola na cozinha e ligamos o

rádio. Huck ficou em completo silêncio até as três da manhã, quando então começou a latir. Ser acordada daquele jeito de madrugada era terrivelmente parecido com a época em que eu tinha de sair da cama para dar de mamar ao meu filho recém--nascido.

Consegui achar meus chinelos e meu robe e fui aos trancos e barrancos até a cozinha. Senti pena do Huck naquela gaiola, latindo. Lisa tinha me orientado a dar uma batidinha na parte de cima da gaiola e dizer, “Quieto, quieto”, e ir embora. *Mas e se ele precisar ir ao banheiro?*, pensei. Segui as instruções, deixei o cãozinho lá e voltei para a cama.

Assim que encostei a cabeça no travesseiro, Huck começou a latir. Novamente calcei os chinelos, deixei o roupão para trás e, ouvindo a voz de Lisa na minha orelha, fui mais uma vez para a cozinha, bati na gaiola e disse, “Quieto, quieto, quieto”, e voltei para a cama, mas agora já não conseguia dormir. Fiquei esperando a rodada seguinte de latidos.

Huck só recomeçou a latir depois de uma hora. Dessa vez descalça, fui tropeçando até a cozinha e abri a porta da gaiola. Huck saiu e se aliviou em cima do papel que havíamos colocado no chão. Deu meia-volta e tornou a entrar na gaiola.

Embora exausta, comecei a rir. “Huck, a Lisa estava certa. Você é mesmo esperto. Eu devia ter te dado ouvidos.” Ao apagar a luz da cozinha, percebi que já estava fazendo o que tantos amantes de animais fazem com seus bichos de estimação. Eu estava conversando com Huck como se ele fosse gente, uma pessoa capaz de compreender tudo que eu estava dizendo. À medida que o tempo foi passando, esse hábito de conversar com ele foi ficando cada vez pior. Minha única surpresa era o fato de que Huck não respondia.

No dia seguinte, Huck parecia plenamente recuperado da viagem de avião e totalmente adaptado ao seu novo ambiente. Sua personalidade começou a aflorar. Ele era animado, ativo, sedutor e incrivelmente bonito. Estava sempre a fim de brincar e se divertir. Todos os brinquedinhos novos foram postos à prova. Ele era carinhoso e bastante generoso no quesito lambidas no rosto. Huck era uma combinação singular de doçura e travessura. Não tinha um pingo de agressividade e era dono de uma insaciável afeição. Não hesitava em deitar-se de costas no chão e se oferecer para qualquer um que desse sinais de querer afagar

sua barriga.

Naquele dia, Rich começou a amolecer. Primeiro, Huck ficou observando-o enquanto ele se barbeava. Depois, quando meu marido se sentou na cadeira de balanço da sala de estar, Huck se aproximou e encostou a cabeça no colo dele, à espera de um toque carinhoso. Em um piscar de olhos, Rich já o estava chamando de “menino Huckie” e rolando de rir ao ganhar um banho de lambidas no rosto. E pensar que, um dia antes, estava com dúvidas sobre os encantos e a aparência do cãozinho. Agora, estava arrebatado.

Rich tinha se apaixonado por Huck, e vice-versa. Na primeira vez em que Rich teve de viajar por um período mais longo, Huck engalfinhou-se com uma camiseta cinza que ele tinha deixado na cadeira de sua escrivaninha e tanto mordeu até que conseguiu arrancá-la de lá. Depois, saiu trotando com ela e a levou para a própria cama, jogou-a no chão e se deitou em cima.

Michael tornou-se alvo da inveja dos amigos cujos pais ainda não tinham concordado com a ideia de ter um cachorro. Jesse, filho de Susan Finkelstein, a mulher que vivia me dizendo que cachorros talvez fossem “uma coisa que nossos filhos vão ter de se acostumar a *não* ter”, declarou que queria um cãozinho idêntico a Huck, e cujo nome seria Tom; assim, os dois meninos, amigos desde a creche, teriam cachorros chamados Huck e Tom, tributo ainda mais completo à visão que Mark Twain tinha da infância.[2] Outro amigo também pediu um cachorro aos pais, cuja resistência foi tão grande que começaram a pensar na ideia de comprar um coelho.

Huck seguia os passos de Michael por todo o apartamento. Quando Michael chegava da escola, Huck, em êxtase, lambia seu rosto. Enquanto Michael fazia sua lição de casa, Huck dormia a seus pés. Quando Michael se sentava para assistir televisão ou jogar videogame, Huck se espremia no sofá ao lado dele. Quando Michael saía de casa, ele esperava junto à porta da sala.

Era fácil ver por que Lisa se referia a Huck como seu “amoreco”. Ele estava sempre procurando alguém para acariciar sua cabeça, afagar suas costas e sua barriga. Ele gostava de ser tocado. No instante em que algum de nós se sentava em uma cadeira ou no sofá, ele vinha correndo e sentava aos nossos pés e pousava a cabeça no joelho, esperando para ter a cabeça acarinhada, esperando para lamber a nossa mão.

A devoção desenfreada de Huck me fazia lembrar de um cachorro retratado em um quadro que vi nas paredes do Museu Metropolitano de Arte em Nova York. Em *Rapaz e moça em uma estalagem*, do pintor holandês Frans Hals, há dois jovens rindo, com enorme satisfação, na entrada de uma hospedaria. Um cão está com a cabeça pousada na mão do rapaz, contente simplesmente de estar com o homem. Este também era o espírito de Huck, que se sentia feliz e bem-aventurado por ter um colo para se sentar ou uma mão humana para roçar a cabeça.

Huck também adorava brincar. Eu tinha mais paciência do que Rich ou Michael para brincar de pegar a bolinha, coisa que Huck percebeu de imediato. Um dia, Rich tinha ido assistir a uma partida de beisebol de Michael, e eu fiquei em casa com Huck, tentando usar o tempo para limpar a casa antes que os dois voltassem. Mas Huck estava determinado a me mostrar que atividades domésticas não eram uma ideia muito boa, e que o certo era brincar de jogar a bolinha.

Ele pegou com a boca sua bolinha plástica favorita – uma alaranjada, bem macia – e começou a me seguir pelo apartamento, até me fazer parar. Soltou a bolinha aos meus pés e olhou para mim, esperando que eu a pegasse e jogasse longe. Ele saía correndo e voltava com ela entre os dentes, e mais uma vez a pousava aos meus pés, novamente à espera. Depois de algumas idas e vindas, tentei dar fim à brincadeira. Mas Huck estava apenas se aquecendo. Agora ele começava a soltar a bolinha aos meus pés e a latir, olhando para mim como se quisesse dizer “Vamos lá, vamos brincar mais um pouco!”.

Quando eu não lhe dava atenção, ele tentava outras maneiras de me atrair de novo para o jogo. Eu estava trocando os lençóis quando a bolinha alaranjada surgiu do nada e parou aos meus pés. Huck estava deitado, debaixo da cama, à minha espera, aguardando que eu me aproximasse o suficiente para então mandar a bolinha como mensagem. Ele era persistente, o que fez com que se encaixasse diretinho na nossa família.

Huck sempre adorou observar as pessoas. Ele ficava plantado me vendo colocar pratos e copos na lavadora de louças, na expectativa de conseguir capturar um pedacinho extraviado das sobras do que quer que fosse. Ele ficava plantado vendo Michael colocar livros na mochila; e ficava plantado olhando

Rich guardar os sapatos no armário.

Quando Huck veio morar com a gente, tinha apenas quatro meses de idade, e o infatigável espírito travesso de um filhote. Saía correndo atrás do aspirador de pó, pegava todas as meias do cesto de roupas sujas, espalhando-as pelo chão da sala de estar. Ele adorava fazer bagunça. Quando Michael se sentava ao piano, Huck se enfiava debaixo, entrelaçando-se nas pernas do menino, que, assim, não conseguia tocar música nenhuma. Quando assistia à televisão, Huck ficava confuso e latia para a tela toda vez que aparecia a imagem de algum cachorro. Ele aprendeu a gostar de queijo cremoso, o que adorava mais do que qualquer outra guloseima. Bastava a gente dizer “queijo cremoso, Huck” que ele vinha correndo.

Estávamos todos ansiosos para levar Huck para passear, mas ainda havia impedimentos. Lisa nos disse que precisávamos da autorização de um veterinário antes de sair com o cãozinho de casa.

Os Simon tinham sido nossos orientadores em todos os assuntos que diziam respeito a Huck, e não tivemos dúvidas na hora de seguir também seus conselhos sobre a questão dos veterinários. De táxi, levamos Huck para ver Jon Miller, veterinário do bairro dotado de maneiras divertidas e peculiares.

“Muito bem, muito bem. Ora, ora, de quem é este cachorro?”, perguntou o dr. Miller, assim que Michael, com um gesto ágil, colocou o cãozinho sobre a mesa.

“É meu!”, exclamou meu filho, todo orgulhoso.

Depois de examinar os olhos e as orelhas do Huck, medir a temperatura, ouvir os batimentos cardíacos, manipular as quatro patas e conferir cada centímetro do corpo do cão, o dr. Miller declarou que ele estava “perfeito”. E disse que podíamos levar Huck para dar uma volta na manhã seguinte. E por fim acrescentou: “Gostei do nome”.

Agora estávamos liberados e prontos para sair com Huck pelas ruas da cidade. Nossa primeira aventura seria ir até o ponto de ônibus da rua 72 com a avenida East End, onde Michael pegava o ônibus para a escola.

Naquela manhã, Michael pulou cedo da cama para caminhar com seu cachorrinho. Saímos de casa por volta das sete e meia. Ajeitei a coleira no pescocinho de Huck e Michael prendeu a guia. Marinheiros de primeira viagem,

Rich e eu inspecionamos e reinspecionamos a coleira várias vezes, de modo a assegurar que tudo estava na posição correta.

Michael, Huck e eu saímos pela porta, entramos no elevador, passamos pelos porteiros, que a essa altura já tinham começado a se referir ao nosso cão como “O Incrível Huck” (uma referência jocosa ao super-herói Incrível Hulk, capaz de proezas descomunais graças à sua força sobre-humana) e chegamos à calçada. Mal colocamos os pés na rua, diversas pessoas, que caminhavam apressadas para o trabalho, pararam para admirar Huck. Ele tinha um rosto tão doce, era tão pequeno e tinha uma cor tão incomum para um cachorro que era impossível não reparar nele. Além disso, quem segurava a guia era um lindo e sorridente menino loiro. Juntos, os dois pareciam um quadro de Norman Rockwell.

Michael segurou bem firme a guia e fomos caminhando na direção do ponto de ônibus. Como uma criança pequena que acabou de aprender a andar, Huck queria parar para examinar cada pedacinho de papel, cada pessoa, cada cachorro, cada carro estacionado, cada caixa de correio. O percurso do nosso prédio até a parada de ônibus, que normalmente leva vinte e cinco minutos, começou a dar sinais de que demoraria uma hora. Sem conseguir fazer Huck andar, Michael me passou a guia. Minha sorte não foi melhor. Percebi que aquela não era a hora mais adequada para ensinar Huck a andar pelas ruas da cidade. Michael estava prestes a se atrasar para a escola. Peguei Huck no colo e o carreguei até o ponto de ônibus.

Michael entrou no ônibus e se virou para acenar e mandar beijos. Assim que o ônibus partiu, dei meia-volta, pus Huck no chão e dei início ao nosso trajeto de volta para casa, subindo a avenida. No caminho de volta, Huck parecia igualmente determinado a explorar tudo e todos na rua, como fizera na ida. Ele parava por alguns instantes diante de um hidrante e depois tentava atravessar a rua. Comecei a ter vontade de ser um daqueles monges.

A certa altura, ele começou a fazer força. Antes que eu conseguisse entender o que estava acontecendo, ele conseguiu escapar da coleira, deslizando o pescoço fino. Fiquei em pânico. “Huck! Huck!”, berrei. “Oh, não! Ai, meu Deus!”.

Huck arrancou pela avenida East End. Parava para cheirar alguma coisa e

depois saía correndo de novo. Lá estava ele, um cãozinho de pouco mais de dois quilos, à solta, sem coleira e sem experiência, nas movimentadas ruas da cidade. A bem da verdade ele não sabia nem seu próprio nome.

Fiquei aterrorizada. Tive medo que ele fosse atropelado. Como aquilo podia estar acontecendo? As pessoas tentavam ajudar, mas isso só fazia Huck correr ainda mais. E eu ia correndo atrás dele. Por um momento ele parou para cheirar outro cachorro. Eu estava longe demais para agarrá-lo, mas perto o bastante para que, se me atirasse ao chão, talvez caísse em cima dele. Ignorando todos os avisos e alertas dos médicos para não me cortar nem me machucar, foi exatamente o que eu fiz: joguei meu corpo em cima de Huck.

Agora ele estava de novo em meus braços. Várias pessoas pararam para ajudar. Alguém recolocou a coleira nele. Eu o levei no colo para casa. Assim que entramos sãos e salvos no apartamento, descobri que meus joelhos estavam ensanguentados e percebi que, em meio ao caos, eu perdera o lenço que estava usando para cobrir a minha careca. Era uma espécie de metáfora: desde o início nosso cãozinho tinha feito com que todos nós esquecêssemos o câncer e seus debilitantes efeitos emocionais e físicos.

Naquele momento constatei o quanto eu já amava Huck, coisa que antes nunca tinha me passado pela cabeça. Até o dia em que ele chegou, eu só pensava no quanto deixaríamos Michael feliz. Desde o momento em que apareceu, Huck encheu nossa vida de amor.

Como bem sabem todos os donos recentes de cachorro, demorou um pouco, mas no fim das contas Huck e nós criamos nossos próprios hábitos e desenvolvemos nosso próprio ritmo. Michael ensinou o cãozinho a cumprimentá-lo. “Toca aqui”, ele dizia, e erguia a palma da mão. Huck levantava a patinha e tocava a mão de Michael. “Bom menino”, Michael dizia, sorrindo triunfante.

Isso também era um tipo de metáfora. Tínhamos fechado a porta de um capítulo bastante sombrio da nossa vida. Tínhamos conquistado uma vitória e Huck tinha sido nosso mascote.

Descobri que eu tinha aprendido com Connie e os monges o suficiente sobre a refinada arte do uso da gaiola, o que facilitava bastante o treinamento do cãozinho. Huck jamais mastigou a mobília nem fez nada destrutivo. Sim, houve

alguns acidentes no tapete da sala de estar, mas nada que valha a pena mencionar. Depois daquele primeiro dia na rua, em que Huck escapou da coleira, contratamos um adestrador para uma ou duas aulas, na esperança de que ele nos ensinasse a fazer Huck andar do nosso lado, e não na frente nem atrás de nós. Mas isso parecia um exagero para um cachorrinho tão pequeno. Era uma coisa exagerada, nova-iorquina demais. Para dizer a verdade, era constrangedor. Quando o adestrador falou em fechar um contrato de longo prazo, foi a gota d'água e encerramos o assunto.

***

No início de dezembro, uma amiga muito próxima, a mesma que tinha me dado de presente o par de brincos à moda antiga, me convenceu a deixar de lado minha relutância e ficar na berlinda por uma noite. Generosamente, ela e o marido ofereceram um jantar para celebrar o término do meu tratamento de câncer.

Michael encarou uma sala abarrotada de amigos e colegas meus e declarou, "Estou muito orgulhoso do modo como a minha mãe enfrentou o câncer".

Quando olhei ao meu redor e pensei em tudo que cada uma daquelas pessoas ali presentes havia feito por mim e por minha família, fiquei tão emocionada que perdi a fala. Só consegui passar por tudo que passei porque contei com muita ajuda. A verdade é a seguinte: eu é que tive a doença, mas só consegui superar o câncer porque todo mundo naquela sala, juntamente com muitas pessoas que não estavam ali naquele momento, me ajudaram. O que me deu forças foram o profundo afeto, o carinho e a compaixão daquela gente. O que me salvou foi o espírito destemido de Rich e a coragem de Michael.

Rapidamente chegaram as festas de fim de ano. Naquele ano eu me sentia especialmente grata por todas as bênçãos recebidas e minha expectativa pela alegria do período natalino estava maior que a habitual. Uma vez que eu, Rich e Michael celebramos tanto o Natal como o Chanucá (O Festival das Luzes Judaico), a impressão é de que passamos todo o mês de dezembro ora festejando, ora planejando festejar. A tradição que cultivamos com mais carinho é a de cortar nossa própria árvore de Natal. Quando Michael tinha seis anos, Rich descobriu uma fazenda que vendia árvores de Natal, porque sabia que essa era

uma das lembranças mais felizes da minha infância.

Desde então, todo mês de dezembro nós entramos no carro e dirigimos uma hora e meia até a fazenda da família Jones, em Shelton, Connecticut, propriedade de 160 hectares que pertence aos Jones desde meados de 1800. Lá há oitenta hectares de árvores de Natal de todo tipo – abeto Fraser, pinheiro branco do Canadá, abeto Douglas, pinheiro-escocês, abeto-vermelho, abeto-azul.

Assim que chegamos, estacionamos o carro, pegamos um serrote de dentro de um cesto repleto de serras e serrotes e subimos uma encosta por uma trilha de neve e lama em busca da árvore perfeita. Eu sou sempre a primeira a encontrar uma, mas sempre cedo demais, pois Michael e Rich insistem em dizer que as melhores árvores ficam no topo da montanha. Então a gente segue subindo, enfiando penosamente as botas na neve.

A fazenda da família Jones é um lugar feliz. Durante uma de nossas caçadas, um rapaz com uma garrafa de champanhe em uma das mãos e uma árvore recém-cortada na outra saiu do meio das moitas e pediu que tirássemos uma fotografia dele e da namorada. Momentos antes ele a pedira em casamento e ela havia dito “sim”.

Com um cachorrinho novo em folha em casa, achei que naquele ano desistiríamos da história da árvore. Mas tradição é tradição. Por isso, deixamos Huck no apartamento, pegamos o carro, enfrentamos a neve, subimos a montanha e debatemos sobre qual das árvores Huck ia gostar mais. Michael, que a cada ano ia se incumbindo mais e mais da tarefa de cortar a árvore, fez o primeiro talho e começou a serrar; trabalhou até seus dedos quase congelarem, a ponto de nem conseguir mexê-los. Depois, entregou o serrote ao pai, que concluiu a empreitada.

Por fim, carregamos a árvore cortada montanha abaixo, para o local em que os funcionários da fazenda punham dentro de uma enfardadeira (um aparato de formato cônico dentro do qual a árvore é “empacotada” com cordas entrelaçadas), e a amarramos no teto do carro. Depois, nos juntamos a outras pessoas suficientemente doidas para fazer tudo isso e bebemos cidra quente e comemos biscoitos de mirtilo com lascas de chocolate em volta de uma fogueira ao ar livre. Era o Natal igualzinho aos das minhas lembranças de menina.

Quando chegamos em casa, entramos com a árvore porta adentro e a

colocamos sobre o suporte. Huck não entendeu nada e começou a latir para a árvore. Mas logo parou e se acomodou debaixo dela, onde ficou quietinho enquanto a adornávamos com luzes e enfeites.

Naquele ano penduramos quatro meias: uma para Rich, uma para Michael, uma para mim e uma para Huck. A meia do cachorro tinha sido presente dos Finkelstein. Era verde e vermelha e tinha o nome dele bordado em cima. Do lado, a palavra *Au* e três patinhas de cachorro.

Na noite de Natal, antes de ir para a cama, Michael encheu a meia de Huck com os presentes que ele mesmo tinha comprado e cuidadosamente embrulhado. Meu filho não fez nenhuma menção aos presentes que queria ou poderia ganhar. Estava totalmente concentrado em Huck. “Acha mesmo que ele vai gostar dos presentes?”, me perguntou quando fui lhe dar um beijo de boa noite.

Na manhã seguinte, ignorando as dezenas de presentes colocados debaixo da árvore, Michael foi direto pegar a meia de Huck. Sentou-se no chão, pôs o cãozinho no colo e tentou fazer Huck rasgar com os dentes os embrulhos. Com algum auxílio de Michael, Huck rasgou o papel do primeiro presente. “Olha, Huck, é um brinquedinho novo!”, Michael exclamou. “É um Papai Noel.” Huck pegou com os dentes o guinchante Papai Noel de plástico mole, correu com ele pela sala, soltou-o no chão e sentou-se de novo no colo de Michael, aparentemente à espera do presente seguinte. Era difícil acreditar que aquele era o primeiro Natal de Huck. Ele se comportava como um veterano.

E assim a coisa seguiu até que todos os novos brinquedinhos de cachorro fossem abertos. Só depois que a meia de Huck ficou vazia é que Michael deu atenção aos próprios presentes.

Eu abri o presente que ganhei de Michael e Rich: um par de brincos com três anéis entrelaçados, para celebrar a força que a nossa pequena família tinha demonstrado naqueles últimos meses.



Capítulo 4

O inverno pós-festas de fim de ano foi longo e frio. Quando chegou março, nas duas semanas de recesso escolar de Michael, eu estava a fim de tomar um pouco de sol. Era hora de fazer a Tia Babs cumprir sua palavra e cuidar do nosso cachorrinho. Seriam nossas primeiras férias desde que meu tratamento do câncer chegara ao fim e a primeira vez que deixaríamos Huck sozinho por mais do que algumas horas.

Michael, que adora beisebol e é torcedor fanático dos Yankees de Nova York, queria assistir a alguma partida da temporada de treinos de primavera do time. Os Yankees jogariam contra seus arquirrivais, os Red Sox de Boston. Rich e eu concordamos em levar o menino para ver os Yankees na Flórida e decidimos acrescentar uma esticada em um *resort*. Sol, beisebol, praia – o tipo de férias que me faz sentir mais jovem, saudável e cheia de vida. Sem cobranças, sem prazos a cumprir, sem jornal, sem computador, sem telefonemas. Tudo perfeito.

Eu tinha me submetido aos rigores do tratamento do câncer com a ideia fixa de me manter em forma. Os médicos haviam me dito que uma das consequências menos compreendidas dos tratamentos contra o câncer de mama é o ganho de peso. Ganho de peso? Eu sempre pensei que a quimioterapia deixasse a pessoa

exaurida e magra. Aparentemente, a quimioterapia para o câncer de mama é diferente. A parte em que o paciente fica esgotado é a mesma, mas a parte da magreza é diferente. Eu estava determinada a não ganhar peso. Careca e gorda? Isso já me parecia muita crueldade.

Ao longo de todas as etapas do tratamento eu passava horas na academia de ginástica, sempre que tinha forças para tanto, e mantive uma dieta disciplinada. Eu andava a pé sempre que podia. Funcionou. Apesar dos muitos meses recebendo veneno no organismo e das semanas recebendo diariamente radiação no peito, pescoço e braço, saí em melhor forma física do que tinha entrado – na ocasião eu vinha de uma temporada bebericando cappuccinos em Veneza.

Em uma consulta de retorno com meu cirurgião em janeiro, ele comentou que eu estava em excelente forma. Eu disse a ele que o hábito de me exercitar me dava a ilusão de controle sobre o meu corpo. Embora eu seja eternamente grata e sinta enorme carinho por ele, sua resposta foi bastante indiferente: “Bom, não passa disso, só uma ilusão”. Eu preferia que ele simplesmente me deixasse buscar refúgio na minha ilusão.

Para a nossa viagem à Flórida, me presenteei com *shorts* brancos e um maiô. Comprei frascos de bronzeador e um chapéu novo, pois tinha jogado fora o que eu usara no verão anterior para cobrir minha cabeça então careca. A bem da verdade, eu tinha jogado fora ou doado tudo que de alguma forma estava relacionado ao câncer.

Assim que meu cabelo cresceu o suficiente para eu não precisar mais de lenço, peguei todos os lenços que ganhara de amigos queridos, lavei e passei um por um, embrulhei todos em papel seda e dei a uma mulher que eu conhecia e que estava passando pela segunda vez pela quimioterapia. O resto foi quase tudo para o lixo. Era como se eu quisesse que o caminhão de lixo levasse embora toda a dor e o medo que tinham insidiosamente se tornado parte da nossa vida cotidiana. Agora tínhamos uma vida nova. Agora tínhamos o Huck.

Na véspera da nossa partida rumo à Flórida, pegamos Huck, seu enorme travesseiro redondo, um tênis de plástico turquesa e branco que rangia quando ele cravava os dentes nele, sua guia vermelha, a jaqueta vermelha, sua ração e um pote de queijo cremoso para levar para a casa dos Clarks em Ramsey, Nova Jersey. Huck só tinha estado lá por algumas horas na noite de Natal.

Huck não se sentia confortável no carro. Como muitos nova--iorquinos, ele nunca tinha uma boa razão para estar dentro de um carro, e a viagem para Nova Jersey era uma das poucas que ele fizera na vida. Eu o pus no colo, ele sossegou um pouco, mas continuou trêmulo a maior parte do trajeto de 45 minutos cruzando o rio Hudson e subindo as Montanhas Ramapo, no norte de Nova Jersey.

Eu também estava me sentindo um pouco trêmula. E contente por Rich estar dirigindo. Eu ainda não me sentia inteiramente competente atrás do volante de um carro, um dos estranhos e inesperados efeitos colaterais do tratamento contra o câncer. Embora meu cabelo agora já tivesse crescido o bastante para adquirir a aparência de um corte curto e chique, outras partes de mim estavam voltando mais lentamente.

Em algum momento dos últimos onze meses, eu tinha perdido a capacidade de intuir as coisas. Eu achava que já não podia mais confiar na minha intuição, fosse com relação ao que Michael ia querer comer no jantar, fosse sobre qual o melhor ponto de vista para publicar uma matéria jornalística eficaz. Era enervante e desanimador. Eu sentia uma estranha inconstância acerca da minha própria capacidade de discernimento.

Mencionei esse fato ao meu médico, que era de opinião de que devia ser parte da desorientação intelectual que pode resultar da quimioterapia. Mas eu sempre achei que era algo mais profundo. Era como se eu tivesse perdido a percepção profunda sobre a vida. Eu me sentia indecisa a maior parte do tempo. Era incapaz de julgar qual seria o tamanho do tombo se acaso eu tomasse uma decisão errada.

Aos poucos fui deixando isso de lado, mas naquela fria noite de março parecia difícil encontrar a terra firme. Dentro do carro, na estrada escura, comecei a me perguntar se não seria um erro deixar Huck em um lugar que ele conhecia tão pouco. Os Clarks levavam uma vida muito corrida. Barbara viajava toda manhã para trabalhar em Manhattan. Dave também trabalhava. Darian, a caçula dos três filhos e a única que ainda morava com eles, praticava esportes e jogava em vários times. Talvez eu estivesse me aproveitando da generosidade deles. De repente, tive uma sensação mais de melancolia do que de empolgação. Mas afugentei esses pensamentos.

Descemos a Main Street de Ramsey, passamos pela igreja episcopal revestida de pedras e com portas vermelhas, passamos pelo parque dos Veteranos com seu monumento em homenagem aos combatentes da Segunda Guerra Mundial, passamos pelo imponente prédio da escola de ensino médio, pelos trilhos do trem, pela loja de ferragens, pelo banco, pela sorveteria, o cinema e a biblioteca; passamos por todos os símbolos do orgulho e do agudo senso de comunidade da cidadezinha.

Em Ramsey há seis igrejas. Voluntários administram o corpo de bombeiros e as equipes esportivas, bem como uma dúzia de organizações cívicas. Os líderes da cidade não deram permissão para que redes como Gap e McDonald's substituíssem as lojinhas familiares tradicionais.

Em seus primórdios, os residentes de Ramsey plantavam morangos junto aos vagões ferroviários e despachavam os carregamentos da fruta para Nova York. A cidade tem raízes que remontam à época da Guerra da Independência e se orgulha de sua casa mais antiga, que data do período. Durante grande parte do século xx, a cidade ostentou a seguinte placa: Ramsey – altitude 125 metros – A 3ª cidade mais saudável dos Estados Unidos. Fico me perguntando quais eram as outras duas.

Todo outono, quando as folhas começam a ficar amarelas e alaranjadas e o ar está fresco, a cidadezinha realiza uma festa anual, o "Dia de Ramsey", celebração com desfile, cortejo de caminhões dos bombeiros, grupos de escoteiros e escoteiras, pelo menos uma banda marcial e gerações de moradores que saem às ruas para festejar sua vida ali.

Gente como Fred Swallow, que uma vez conheci no Dia de Ramsey. Homem alto e bonito, barbeiro aposentado e veterano da Segunda Guerra, Fred cuida da banquinha da Associação dos Veteranos de Guerra, vendendo camisetas brancas com a imagem de uma enorme águia ladeada por bandeiras norte-americanas e a frase Orgulhoso dos Estados Unidos da América.

Fred tinha cursado uma escola de cabeleireiros em Nova York depois de servir o exército como técnico de laboratório, com passagens pelas bases de Nova Guiné e depois nas Filipinas, onde trabalhou para proteger soldados de surtos de malária e sífilis.

Um de seus amigos dos tempos do exército era de Wayne, Nova Jersey, e

em 1948 instigou Fred a ir morar em Ramsey. No fim das contas, Fred acabou comprando a barbearia da estação ferroviária da cidade, rebatizou-a de Barbearia do Fred, e lá ficou por trinta e cinco anos, período em que o preço do corte de cabelo aumentou de 90 centavos para sete dólares. Era o tipo de vida que ele amava.

Na opinião de Fred, o mundo protegido e seguro da barbearia na estação de trem de Ramsey foi ameaçado não pelo advento dos salões de cabeleireiros unissex, mas sim pelos Beatles. “Tínhamos quatro cadeiras. Tudo ia bem até que apareceram os Beatles”, ele disse, relembrando seus dias de empreendedor na cidade. “Depois disso, a meninada parou de cortar o cabelo.”

Mas a bucólica Ramsey é também o tipo de lugar em que os adolescentes ficam inquietos. Embora a cidade celebre sua comunidade, a polícia tem um trabalho danado para convencer os jovens sobre os perigos da letal combinação de beber e dirigir.

Ramsey está inscrustada entre a municipalidade de Mahwah e o condado de Allendale. Os agrupamentos de casas estão separados por bosques densos, colinas e lagoas. A quietude dos subúrbios é um alívio bem-vindo nos meses quentes de verão, mas no inverno o lugar parece pesado, vazio e desolado. Nesses meses, as ruas ficam desertas e nos pátios e áreas abertas não há viva alma. As missas e cultos dominicais nas igrejas são ocasiões de prece, mas também de convívio social.

Naquela noite fria de meados de março, Ramsey parecia ao mesmo tempo inóspita e hospitaleira. Eu não tinha nenhuma relação especial com a cidade, além do fato de que era o lugar em que minha irmã e sua família já moravam havia mais de uma década. Eu certamente nutria certa simpatia pela vida pacata da cidadezinha, mas já tinha me tornado uma nova-iorquina ferrenha demais para levar esse tipo de existência.

Entramos com o carro na propriedade dos Clarks e estacionamos sob as árvores desfolhadas e um aro de basquete. Embora a rua seja movimentada, a casa fica recuada do barulho, nos fundos de um gramado comprido. Há uma cerca de madeira, uma garagem separada, com lenha empilhada dos dois lados, e um quintal imenso e cercado onde ficam os cachorros.

Saí do carro segurando com força a guia do Huck. Assim que eu o pus no

chão, ele imediatamente começou a explorar o terreno. O ar estava um pouco carregado com o odor reconfortante das lareiras. O céu enegrecido era uma colcha de retalhos de estrelas.

Rich, Michael, Huck e eu subimos a trilha de pedras até a casa, passamos pelo jardim com uma pedra em que se lia “Jardim do Papai” e chegamos à porta da frente, que estava destrancada, o que não era surpresa nenhuma. Entramos com Huck e toda a sua parafernália. A televisão estava ligada e o fogo crepitava na lareira. Barbara e Darian estavam aninhadas no sofá, sob o teto abobadado da sala de estar, assistindo à televisão. Ambas usavam calças de moletom pretas e camisetas azuis justinhas, o que realçava seus cabelos loiros. Pareciam mais duas irmãs do que mãe e filha.

Darian, um ano mais nova que Michael, estava empolgadíssima de ver meu filho e receber Huck como hóspede. De pronto, os primos subiram as escadas com Huck e foram para o quarto dela, onde os três ficaram brincando no chão. Embora ainda não tivesse passado muito tempo com Huck, ela já o amava, em parte porque tinha uma relação de grande proximidade com Michael. Ela possuía talento para o desenho e, no Dia de Ação de Graças, antes de Huck desembarcar no aeroporto de Newark, tinha desenhado cartazes de boas-vindas para o nosso cãozinho.

“Vocês têm certeza de que trouxeram tudo?”, gracejou Dave, antes de pegar as mochilas e sacolas dos meus braços e me cumprimentar com um beijo no rosto. “Quanto ele pesa mesmo?”

Fomos para a cozinha e Dave começou a explicar a Rich que tinha tapado os buracos que um de seus cães havia escavado sob a cerca, para evitar que Huck fugisse por ali. Rich estava preocupado com os buracos. Dave também tinha colocado uma pedra enorme em frente a um ponto da cerca onde julgava que havia uma distância muito grande entre a parte mais baixa da cerca e o chão.

Ouvindo a conversa dos dois sobre a cerca, eu não sabia dizer se Dave estava tentando apenas amenizar nosso (usualmente exacerbado) nível de preocupação com as coisas, ou se ele próprio também estava preocupado com a possibilidade de que Huck pudesse escapulir por debaixo da cerca. A vida na casa da minha irmã sempre foi mais tranquila e relaxada do que na minha. Não se tratava simplesmente da divisão gente do campo versus gente da cidade.

Barbara e Dave jamais teriam comprado um segundo Rolha, como nós fizemos, para proteger nosso filho da dor de perder seu bichinho de pelúcia favorito. Eles teriam sentido muito mais confiança de que Rolha não seria esquecido no banco de trás de um carro ou, se fosse, de que conseguiriam reencontrá-lo. Ou, se não conseguissem, tudo bem também.

Reconhecidamente, Rich e eu vigiávamos muito de perto a vida de Michael, cuidávamos dele de maneira minuciosa demais, típica da aflição dos pais de filho único, diferente dos pais que têm três filhos. A diferença de estilos de educação dos filhos propiciava a Barbara e a Dave boas risadas às nossas custas. Quando as crianças ainda eram bem pequenas e nós íamos visitá-los, Barbara e Dave ficavam contentes de deixar Michael e Darian brincando lá fora no quintal sem a supervisão de adultos. Eu não ficava. E passava o tempo todo na janela, espiando as crianças. Talvez eu já tivesse morado tempo demais em Nova York, onde arriscar-se fora de casa sem um adulto é um verdadeiro rito de passagem. Ou talvez o fato de serem pais tarimbados, com três filhos, permitia que Dave e Barbara tivessem se livrado de seu instinto superprotetor. Não sei, mas sei que os dois adoravam tirar sarro de mim.

Meu filho invariavelmente se beneficiava do estilo mais aventureiro dos tios. Uma vez, quando Michael ainda era bem pequeno e Rich estava viajando, fomos visitar a casa dos Clarks. Era uma tarde fria de inverno, o chão estava coberto de neve e Dave sugeriu que descêssemos em uma boia um morro ali perto. Criada em Connecticut, eu me considerava especialista em descidas de trenó, mas descer em uma boia era novidade para mim. É impossível pilotar uma boia na neve. Um trenó de madeira pode ser desviado de uma árvore. Já a boia não dava ao piloto nenhuma possibilidade de evitar a catástrofe, a não ser saltar na neve. Nem é preciso dizer que eu não era muito fã da brincadeira.

Dave disse que desceria com Michael. Eu estava relutante. Mas Dave me deu umas cutucadas e, para a infinita alegria de Michael, ganhou a parada. Com meu filho no colo, deslizou colina abaixo. Assim que chegaram ao pé do morro, Michael pulou do colo dele e pediu, aos berros, “De novo!”.

Desde que Michael nasceu, Barbara sempre se esforçou para ter uma relação de grande proximidade com o sobrinho, e ele a amava por isso. Não me surpreendi quando, logo que fui diagnosticada com câncer, ela ligou para

Michael e disse que se ele precisasse de alguém com quem conversar, era só telefonar para ela.

Darian e Michael também tinham um tipo especial de amizade. Quando eram pequenos e o calor do verão derretia o asfalto das ruas de Nova York, pegávamos o carro e íamos para a casa dos Clarks. Darian e Michael ficavam sentados juntos em uma piscininha rasa, um jogando água na cabeça do outro, enquanto comiam picolés; o rosto deles ficava todo melado e pintado com as cores da guloseima gelada. Era um prazer tão simples, mas uma marca indelével da infância de Michael. Os dois cavoucavam o jardim procurando minhocas, corriam um atrás do outro no quintal e depois voltavam para a piscina.

Quando ficaram grandinhos demais para a piscininha, Michael e Darian revezavam-se no balanço de pneu que Dave tinha pendurado em uma árvore do quintal. Os dois ficavam no quintal até de noite, hora de caçar vagalumes. Em mais de uma ocasião, Michael veio correndo e disse: “Mamãe, estou me divertindo tanto. A gente pode voltar amanhã?”. Sua pele ensopada de suor, o rosto bronzeado de sol, as covinhas bem pronunciadas, os olhos azuis reluzindo, ele tinha cheiro de brincadeiras ao ar livre. Eu o abraçava, na esperança de congelar a passagem do tempo, mas em questão de segundos ele tinha escapado de novo.

À medida que Michael e Darian foram crescendo, o beisebol e a devoção aos Yankees foram tomando conta dos dois, que iam ao parque Finch, ali perto, e treinavam arremessos e recepção com luva e aprendiam a deslizar na terra. Quando voltavam, iam brincar de *wiffleball* (um tipo de “beisebol de criança”, com uma bola mais leve) no quintal, dando a Rich e Michael a chance de acionar os próprios músculos de praticantes de beisebol.

Naquela noite, enquanto desempacotávamos os pertences de Huck na cozinha, fiz um detalhado relatório sobre os hábitos do cãozinho. “Ele sai três vezes ao dia, mas também está treinado a fazer suas necessidades em uma folha de papel. Então, se vocês não puderem levá-lo para dar uma volta, basta estender um pedaço de papel.”

“Não precisamos de papel, a gente vai deixar o Huck solto no quintal”, argumentou Dave. “Você se preocupa demais.”

Falei do queijo cremoso. “É a guloseima favorita dele. Toda vez que vocês

quiserem dar uma recompensa pra ele, ou mesmo se quiserem chamá-lo, é só dizer ‘queijo cremoso’ que ele virá correndo na hora.”

Dave e Rich batiam papo sobre beisebol e os jogos que veríamos na Flórida. Eu zanzava de um lado para o outro, nervosamente. Barbara caçoou de mim. “Ei, dá pra relaxar? Acho que a gente sabe cuidar de cachorros”, ela disse, apontando para as múltiplas caminhas de seus múltiplos cães. “Ele vai ficar bem.”

Eu admirava minha irmã. Quando éramos crianças e adolescentes, sempre tive uma atitude bastante protetora em relação a ela. Por ser mais nova – sem contar que era a terceira filha –, ela arcara com o fardo de todos os problemas da nossa infância. Mas, na verdade, Barbara não precisava de proteção; ela era bem durona e briguenta.

Na época do ensino médio, Barbara tinha sido animadora de torcida, com uma quedinha para o melodrama, duas características que faziam com que, mesmo depois de adulta, as pessoas se sentissem atraídas por ela. Ela sempre foi a fonte de energia do ambiente.

A Barbara adulta tem um vigoroso senso de família, lealdade e ordem. Como eu, ela também é “maníaca por limpeza”, algo que, tenho certeza, é resultado do tumulto que foi a nossa juventude. Isso propicia um senso de ordem mesmo quando não existe nenhum.

Dave é um homem tranquilo, um tanto quanto impenetrável. Ele é dado a pequenos atos de bondade e generosidade, mas faz de tudo para desviar a atenção de si. A não ser pelas viagens diárias de Barbara a Nova York para trabalhar, os Clarks quase nunca se aventuram na cidade grande.

Barbara e Dave são o casal perfeito. O temperamento reticente e reservado dele complementa a alta voltagem dela. Dave tem o físico de um maratonista e seu rosto tem um arsenal limitado de expressões. Seus pais morreram ainda jovens. Todo verão, ele leva a família para ver corridas de cavalos em Saratoga, coisa que fazia quando criança. Dave adora jardinagem, jogar beisebol e correr. Orgulha-se de saber se virar na cozinha, habilidade que aprendeu na Escola de Administração Hoteleira de Cornell. Ele e Barbara se casaram em Cornell, para onde retornam todo ano para fazer caminhadas nas colinas escarpadas de Ithaca e comer sanduíches de almôndega vendidos na carroceria da picape chamada “A

Picape Quente", algo que ele adorava fazer quando cursou a universidade local.

Dave e Barbara são apaixonados por Ramsey, a cidade onde criaram suas filhas. Ambos tinham sido treinadores de várias equipes femininas de *softball* da cidade. Dave chegou inclusive a atuar voluntariamente como comissário da liga, que incluía nove cidades. Depois de uma década de bons serviços prestados, os dois aposentaram tacos e luvas. A cidade os agradeceu e homenageou com placas ornamentais, e a cada nova temporada os convida para o arremesso inicial e simbólico na partida inaugural do campeonato.

Ao longo de todo o outono, nas manhãs de sábado, Barbara ia para a escola ajudar a vender cachorro-quente e refrigerante durante os jogos, e lá ficava tagarelando sobre a vida com os outros residentes de Ramsey.

Barbara é o tipo de pessoa que qualquer um gostaria de ter como vizinha. É a vizinha com quem se pode contar para avisar caso você saia de casa e se esqueça de fechar a porta da garagem; é a vizinha a quem se pode pedir para buscar seus filhos na escola em caso de atraso; ou para cozinhar uma travessa de lasanha se algum parente seu for parar no hospital. Eu sabia que ela cuidaria bem do Huck.

Deixei Dave, Rich e Barbara conversando na cozinha e subi para ver o que Michael, Darian e Huck estavam fazendo. Quando fui chegando mais perto do quarto, ouvi gargalhadas e latidos. Fiquei parada no corredor, e vi Huck fazendo o que ele sabia fazer de melhor. Com uma pata plantada na bochecha de Darian, o cãozinho lambia o rosto, os olhos, o nariz e as orelhas da menina. Era como se ele estivesse segurando o rosto dela com as mãos. "Quando ele gosta da pessoa", disse Michael, morrendo de rir, "pode ficar horas lambendo o rosto dela."

Estava ficando tarde. "Precisamos ir embora daqui a cinco minutos", avisei Michael.

Ele respondeu como sempre fazia quando eu tentava tirá-lo do acampamento Clark, a casa onde estava a diversão: "A gente não pode ficar?".

Dei minha resposta de sempre. "Não, temos de ir embora. Cinco minutos."

A verdade é que eu também não estava pronta para ir embora. Nem dali a cinco minutos nem dali a cinco horas.

Desci as escadas, passei pela sala de estar e parei junto ao piano para olhar o mais recente acréscimo na coleção de retratos de família, um de Michael e

Darian em um recital de dança dela. A semelhança física era grande, os dois podiam passar por irmão e irmã. Devolvi cuidadosamente a fotografia ao lugar certo e voltei para a cozinha.

“É melhor a gente ir embora”, anunciei para ninguém em particular.

Barbara me abraçou. “Vocês precisam se divertir um pouco. Vocês merecem essas férias. Aproveitem bastante, e, por favor, não se preocupem com o Huck. Ele vai ficar bem!”, ela disse.

De volta à sala de jantar, parei ao pé da escada e chamei Michael. Ele e Darian desceram. Vendo a menina segurando Huck nos braços, pensei que embora o cãozinho tivesse quase duplicado de tamanho desde que chegara – ele agora pesava quatro quilos –, ainda era bem pequenininho. Ele era do tamanho perfeito para segurar no colo; parecia tão vulnerável. Eu me perguntava se ele sentiria nossa falta tanto quanto sentiríamos a dele.

Era hora de ir embora. Eu me segurei. “Tchau, Huckie”, eu disse. Afaguei a cabecinha dele.

Michael pegou Huck dos braços de Darian e olhou o cãozinho fixamente nos olhos. “Seja um bom menino, Huck”, disse ele. “Eu te amo.”

Para Rich a despedida também foi difícil. “Beleza, Huck. A gente se vê em breve.”

Rich abraçou Huck. Michael devolveu o cãozinho a Darian. Barbara nos acompanhou até o carro. “Falando sério, Jan, não se preocupe. Apenas divirta-se”, ela recomendou.

Rich, Michael e eu entramos no carro. Rich imediatamente tentou salvar o momento, lançando uma pergunta entusiasmada: “Esta família está pronta pra tirar umas belas férias?”. Saímos da garagem, cruzamos as ruas escuras de Ramsey, pegamos a estrada. Rich começou a atualizar Michael sobre as últimas novidades dos Yankees – que tinha ouvido de Dave.

Tive uma terrível sensação de mau pressentimento. Achei que podia ser um punhado de coisas, bem como coisa nenhuma. Mas estava ali, uma dorzinha fraca, algo que decidi ignorar, na esperança de que fosse embora.

Nosso apartamento parecia vazio, como se estivesse faltando alguém, e estava mesmo, claro. Huck vivia ali fazia apenas quatro meses, mas já era difícil imaginar a vida sem ele.

Na manhã seguinte, quando estávamos prestes a embarcar no avião, meu celular tocou. “Eu só queria avisar que o Huck está bem. Ele dormiu no meu colo. A gente está adorando ficar com ele aqui, especialmente a Darian.”

Foi reconfortante. Entramos no avião. Michael e eu pegamos um baralho e passamos horas jogando Oito Maluco e dando risadas das reprises da série *Everybody loves Raymond* que o avião estava exibindo.



Capítulo 5

Eu adoro aquele momento das férias em que o avião toca o solo e você percebe que desapareceram todas as obrigações do seu dia a dia. E a aventura em que você embarcou – qualquer que seja ela, cruzar o oceano ou viajar de um Estado para o outro – está apenas começando. Foi exatamente isso que senti no instante em que o avião aterrissou em Tampa. Era um momento em que tudo era possibilidade e empolgação.

Depois de ficar confinada dentro da aeronave por três horas, em um minguado espaço para esticar os cotovelos e as pernas, me levantei, juntei os livros e revistas que eu tinha folheado a bordo, a minha gigantesca garrafa de água, meu projeto de bordado – em que eu mal havia tocado. Liberdade. É difícil saber se eu me sentia livre do cativeiro do avião ou das exigências da vida cotidiana, ou do pesadelo que eu tinha vivido por tanto tempo; mas não importava.

“Bem-vindos a Tampa”, anunciou o piloto. “A temperatura aqui é de 24 graus centígrados.” Ao descer do avião, agradeci ao piloto, ao copiloto, à comissária de bordo, todo mundo que eu fui encontrando pelo caminho. Eu nunca me senti tão feliz de estar na Flórida. Eu estava praticamente sentindo vertigens. Assim que chegamos, constatei que nem estava sentindo tanta falta do

Huck. Para dizer a verdade, até que era boa a sensação de ter deixado para outra pessoa a responsabilidade de sair com ele três vezes ao dia, só para variar.

Eu já tinha visitado a Flórida antes – quase sempre trabalhando na cobertura das campanhas presidenciais. Também já tinha ido visitar a mãe de Rich algumas vezes, e em uma outra ocasião para visitar a família de uma amiga, mas nunca propriamente em uma viagem de férias. A Flórida sempre me pareceu quente demais, um Estado que precisava da sombra de árvores. Mas não desta vez. Naquele dia, a diferença de temperatura em relação a Nova York era de quase cinco graus. Tiramos nossas jaquetas e suéteres e fomos direto para o balcão da locadora de carros. Eram apenas dez e meia da manhã, o dia estava só começando, e nós estávamos prontos para tomar conta de Tampa.

Em seu período áureo, Tampa fora uma cidade de trabalhadores braçais que vasculhavam as águas em busca de fosfato e camarão, além de produzirem uma boa quantidade dos charutos enrolados à mão do mundo.

Mas isso tinha sido antigamente. Agora, a zona portuária de Tampa era salpicada de arranha-céus de aço, bancos e restaurantes chiques, com lanchas e iates amarrados no píer. A cidade não é nem de longe tão interessante como deve ter sido no auge do charuto. Mesmo assim, em qualquer época do ano, o visitante encontra alguma equipe esportiva profissional em plena temporada. A cidade conta com um time de beisebol, um time de hóquei e um de futebol. Além disso, há uma equipe de beisebol de uma liga da segunda divisão e também um time de futebol feminino chamado Tampa Bay Terminators [As Exterminadoras da Baía de Tampa].

Deve haver algo de estratégico na localização de Tampa no meio das águas; a cidade está rodeada de um lado pela baía de Tampa e do outro pelo rio Hillsborough (que desemboca na baía de Hillsborough), ambos se abrindo no Golfo do México. A Base Aérea do Comando Central MacDill ocupa uma área de sessenta hectares (600 mil metros quadrados), parte dela usada para proteger espécies de animais ameaçadas de extinção, incluindo a águia-careca.[3] Dessa base partiram as ordens de comando das guerras no Golfo e das campanhas militares no Afeganistão e no Iraque. Alguns generais gostam tanto que acabam ficando. O general Norman Schwarzkopf, que comandou a primeira Guerra do Golfo, e Tommy Franks, que comandou a segunda, hoje são cidadãos civis e

supostamente moram no mesmo condomínio fechado. Aposto que os vizinhos deles se sentem seguros.

Alugamos um carro e fomos para o hotel. Nós nos hospedamos no Hilton Westshore, perto do aeroporto e do Legends Field, estádio onde os Yankees realizam seus jogos no inverno. Por mais de trinta anos o time jogou suas partidas de inverno na parte leste do Estado, em Fort Lauderdale (em um estádio que leva o nome da cidade). Mas aconteceu que George Steinbrenner, dono da equipe, nasceu em Tampa, onde passava suas férias de inverno, e então decidiu mudar a equipe para lá.

George Steinbrenner é dono do Hotel Radisson, que ele decretou ser o "hotel oficial" da equipe. Mas os milionários jogadores não se hospedam lá. Se eu tivesse feito de antemão um trabalho decente de jornalismo investigativo, talvez descobrisse os hábitos dos craques do time – onde tomam o café da manhã, onde abastecem o carro –, e assim poderíamos ter planejado encontrar "por acaso" Derek Jeter e Jason Giambi.

Nosso hotel não ficava no centro da cidade, perto da água, nem junto aos mangues, nem perto das águias-carecas. Ficava perto dos Yankees, próximo aos campos de treino, perto do estádio, das lojas de suvenires. Tudo isso por causa do Michael. Ele queria respirar o mesmo ar que o time respirava.

Naquela parte de Tampa não há muitas atrações para os turistas, a não ser os *shopping centers*, dentre os quais o mais chique e vistoso é o International Plaza. Repleto de lojas grã-finas, como Neiman Marcus, Tiffany, Louis Vitton e Burberry, é a Avenida Madison de Tampa. Hoje em dia, os *shoppings* são presença necessária em qualquer esquina do país, exceto em Manhattan. Para os moradores de Manhattan, *shopping center* é coisa de turista.

Eu tinha me lembrado de trazer tudo que era necessário para as perfeitas férias de sol e praia, exceto o item mais essencial – óculos escuros. Embora tivesse recomendado a Michael e Rich que pusessem os deles na mala, acabei esquecendo os meus. Rich sugeriu uma visita à loja de departamentos Neiman Marcus. Eu sugeri que fôssemos a alguma farmácia. Rich venceu.

Entramos na loja e passamos por bolsas Fendi, bolsas Jimmy Choo e bolsas Chanel, todas expostas como se fossem obras de arte em um museu, protegidas por vidro. No balcão de óculos de sol, encontrei um par que eu mais ou menos

podia pagar, ou talvez estivesse tão inebriada pela brisa morna que acabei convencendo a mim mesma que eu podia pagar. O fato é que agora eu era dona de um par de óculos escuros Kate Spade.

Quando a vendedora devolveu o cartão de crédito a Rich, ele perguntou: “Algum jogador dos Yankees faz compras aqui?”.

“Oh, sim. Derek Jeter compra calças jeans aqui.”

O dia estava ficando cada vez melhor. Quem sabe Derek Jeter aparecesse por ali para comprar mais calças? Tudo era possível. Decidimos ir almoçar. A vendedora apontou a direção da escada rolante. “Lá em cima vocês vão encontrar várias opções para comer. Há todo tipo de bons restaurantes. Tudo que vocês quiserem.”

Subindo pela escada rolante, de repente nos vimos debaixo de centenas de borboletas feitas de algum tecido cintilante suspensas no teto. Por um momento, aquilo pareceu estranhamente sobrenatural. Saímos, passamos pela sorveteria Häagen-Dazs e por uma lojinha da Nestlé e encontramos uma fileira de restaurantes ao ar livre.

As veredas e calçadas entre os restaurantes foram projetadas tendo em mente a Europa. Caminhando pelas aleias de tijolo pintado, uma imaginação mais ativa poderia evocar Siena, na Itália. Eu disse que as paredes de estuque de alguns restaurantes me lembravam o tipo de cor de laranja-queimada que eu vira muito em nossa viagem à Itália. Michael declarou que parecia cor de queijo nacho. Era tudo uma questão de imaginação.

Encontramos um pequeno restaurante italiano, o Pizza Roma, e nos sentamos em uma mesa do lado de fora. Michael e Rich pediram uma pizza três queijos, eu pedi uma salada. Dava para ver que Michael estava muito feliz. “Eu estava tão de boa, tão tranquilo, tão relaxado”, ele diria mais tarde. “Na minha cabeça era tudo encantador. Eu estava com a minha família. Tínhamos as férias inteiras pela frente.”

Conversamos sobre o quanto estávamos empolgados para ver naquela noite o que seria o primeiro de uma série de jogos de beisebol – para qualquer fã dos Yankees, era um duelo saboroso e imperdível – Yankees versus Red Sox. Os dois times só voltariam a se enfrentar em maio. Johnny Damon, ex-Yankees, agora do Red Sox, estaria jogando contra seu ex-time pela primeira vez. E o melhor de

tudo é que assistiríamos ao jogo na companhia de nossos grandes amigos Mimi e John Kepner, que tínhamos conhecido anos antes em uma praia de Nantucket.

John e Mimi, namorados desde os tempos da faculdade, casaram-se bem cedo. Quando eu os vi pela primeira vez jogando *wiffleball* na areia, foi difícil perceber que eles eram pais de família. Sua aparência era tão jovial que achei que eles e os filhos faziam parte de algum grupo de adolescentes. John, já entrado na casa dos cinquenta anos, era extremamente ágil, jogava muito bem tanto como rebatedor quanto como corredor, e seu corpo era tão forte quanto o de seus dois filhos adolescentes, Tim e Dave. Mimi, com seu boné e arremessos mortíferos, não parecia muito diferente das namoradas adolescentes de Tim e Dave, que também estavam jogando. Achei até que ela jogava melhor que todo mundo ali. Antes mesmo de saber o nome dela, eu pensei comigo mesma que ela havia estabelecido um padrão impossível de ser atingido por outras mães.

Nossa afinidade com os Kepner foi forte e instantânea. Pouco depois de termos nos conhecido já estávamos passando juntos todos os dias das férias, refestelando-nos em nossas praias favoritas, organizando noites de churrasco. Dali em diante, todo verão tentávamos planejar nossas idas a Nantucket nas mesmas semanas que eles.

A amizade logo ultrapassou os limites de Nantucket. Nós visitávamos os Kepner em sua casa na Pensilvânia no Natal, eles vinham a Nova York na primavera.

Nossas famílias tinham muitas paixões em comum – beisebol, Nantucket, biografias de figuras históricas, bicicletas, *wiffleball*, assistir ao pôr do sol no mar, jogos de tabuleiro e passar noites na Main Street de Nantucket vendo Tim e Dave em ação com sua banda, chamada Serviço Completo.

Era como se os Kepner fossem da nossa família. Tim e Dave tratavam Michael como um irmão mais novo. Tim, que chegara a jogar beisebol semiprofissional, passava horas treinando arremessos com Michael na praia; Dave levava Michael para cima e para baixo, onde quer que fosse. Quando Michael ainda era bem pequeno, John lhe ensinou a arremessar a bola de futebol americano e as regras do jogo de beisebol da família Kepner, inventado por ele mesmo e chamado “beisebol com dados”.

Os Kepner torciam em primeiro lugar pelos Phillies da Filadélfia, e em

segundo lugar pelos Red Sox. John atormentava Rich e Michael usando todos os dias na praia um boné do time de Boston.

Por pura coincidência, Tyler Kepner, o filho mais velho de John e Mimi, é jornalista esportivo e faz a cobertura dos Yankees para o *The New York Times*. Naquela noite, ele estaria no estádio.

Depois do almoço, voltamos para o hotel, para nadar um pouco antes do jogo. Eu me sentei em uma espreguiçadeira, com o sol no rosto, sentindo-me completamente saudável pela primeira vez em muito tempo.

No finzinho da tarde, encontramos John e Mimi para jantar. Michael não estava muito interessado na sobremesa. Ele queria chegar cedo ao estádio para ver o aquecimento dos times. O menino tinha a esperança de pegar uma bola perdida ou o autógrafo de algum jogador, coisas praticamente impossíveis durante a temporada regular. As intertemporadas de treinamento na primavera serviam justamente para proporcionar a proximidade dos atletas com os torcedores.

A caminho do estádio, passamos por uma mesa abarrotada de parafernália dos Yankees. Michael, criança que raramente pede as coisas, deu uma boa espiada em um boné bastante diferente dos Yankees, que devia ser algum que sobrara de uma edição especial em comemoração ao Dia de São Patrício.[4] Era verde, com um trevo em cada lado. Michael interrompeu sua correria rumo ao estádio para examinar o boné. “Este aqui, sim, é um boné da sorte”, ele me disse. Passou os dedos pelo trevo antes de recolocar o boné sobre a mesa.

“Quer que eu compre pra você?”, perguntei.

“Amanhã a gente compra. Não quero me atrasar e perder a chance de pegar bolas e autógrafos”, respondeu Michael.

No estádio, achamos nossos lugares. Ficavam bem no alto. Seção 17, fila P, cadeiras 1-5. Estávamos mais próximos de um dos *foul poles* (traves amarelas que ficam nas quinas do campo) do que do *home plate*, a base principal. Dava para ver o rosto dos jogadores, mas não as expressões. “Vou lá embaixo na cerca”, disse Michael, e ele começou a descer os degraus de concreto, dois de cada vez, na direção do campo.

O estádio estava começando a encher. Alguns detalhes eram bastante diferentes do que eu estava habituada a ver no estádio dos Yankees no Bronx.

Para começar, vi algumas pessoas andando de um lado para o outro, comendo pernas de peru gigantes, coisa que eu só tinha visto na Disney World.

Mas outras coisas no Legends Field eram iguais ao Yankee Stadium. Para começar, as dimensões do *outfield* (ou jardineira, a parte exterior do campo) eram as mesmas. E os rouquenhos e apaixonados torcedores de Tampa em nada diferiam dos fãs do Bronx, caso do menino de rosto sardento que eu vi usando uma camiseta com uma bola enorme e as palavras jogue duro ou vá para casa. Era uma camiseta cheia de atitude.

Em Legends Field, assim como no Yankee Stadium, havia lembretes constantes de que estava em ação uma desenfreada organização cujo objetivo era arrecadar dinheiro, mesmo que isso significasse esmagar o espírito dos jovens torcedores. Duas horas antes do início do jogo, velhos usando calças cáqui e camisetas amarelas com as palavras indicadores de lugares nas costas montaram guarda nas cadeiras no nível do campo, de modo a impedir que qualquer pessoa que não tivesse comprado ingresso para aquele setor conseguisse olhar de perto os jogadores. Não sei como Michael se enfiou ali, exceto pelo fato de que deve ter aprendido com a mãe jornalista como entrar despercebido nos lugares.

Pacientemente, ele ficou plantado de pé junto à cerca, na expectativa, esperando. E nada de bolas extraviadas nem de jogadores. Até que, por fim, se aproximou dele um jogador dos Red Sox. Era Terry Francona, capitão do time de Boston. Na sua empolgação, Michael tinha se esquecido de levar consigo um folheto com o programa do jogo para colher autógrafos. De improviso, tirou uma caneta do bolso e estendeu seu boné dos Yankees ao capitão dos Red Sox. “Boné errado, garoto”, disse o jogador, com um sorriso, e assinou o boné.

Não era o autógrafo de um de seus jogadores dos Yankees amados, mas era a assinatura de um dos grandes do beisebol. John Kepner ficaria impressionado.

Sob o sol poente, com o céu coalhado de riscos alaranjados e avermelhados, nós nos acomodamos em nossos lugares. A temperatura começou a cair. Os funcionários incumbidos da manutenção do campo molharam a terra, jogaram cal na caixa do rebatedor, na base do receptor e nas *foul lines* (área que demarca as jogadas consideradas válidas, entre a *home plate* e o muro dos jardins direito e esquerdo). Todas as pessoas presentes no estádio ficaram de pé para cantar “Star Spangled Banner”, o hino dos Estados Unidos, sempre um dos meus momentos

favoritos em todos os jogos. E a primeira bola foi arremessada. O estádio estava abarrotado com mais de 10 mil torcedores nova-iorquinos e bostonianos.

Michael sentou-se entre Rich e John, cujo conhecimento enciclopédico sobre beisebol rivalizava com o de Michael. Meu filho não desgrudava os olhos do campo e não parava de falar um minuto.

Muita gente vaiou Johnny Damon assim que ele pisou no campo. Alguns rebatedores foram atingidos por bolas lançadas pelos arremessadores. Um atleta dos Red Sox acertou um dos Yankees nas costas. A intensidade emocional do jogo era tal que parecia a decisão de um campeonato mundial. Bernie Williams acertou um *home run* no segundo *inning* (entrada). Rich e Michael deram pulos de alegria e socos no ar.

No meio do jogo, comecei a sentir frio, e, apesar do calor da partida, estava começando a me entediar. Mimi e eu fomos procurar alguma coisa para nos aquecer – nossa esperança era achar chá quente, chocolate quente ou, dependendo do nível de desespero, suéteres.

Passamos pela barraquinha que vendia as tais pernas de peru, por uma que vendia caranguejo defumado (outra iguaria que não era vendida no estádio dos Yankees) e chegamos ao balcão do cachorro-quente. Não havia chá nem bebidas quentes, só cerveja, limonada, água e refrigerante. Dali fomos para a loja de suvenires, mais pela chance de ficar em um lugar aquecido. Decidimos abortar a ideia de comprar os suéteres, que eram caríssimos. Andamos pelos corredores cheios de lápis, globos de neve, camisetas, bonés, adesivos e bolas, e saímos de novo.

Não estávamos longe do lugar que vendia os bonés verdes com o trevo dos lados. Fui até lá e dei mais uma olhada. Só haviam sobrado dois. Decidi comprar um para o Michael. Eu sabia que ele queria, e só não tinha comprado porque estava ansioso demais para chegar logo ao campo e não queria perder tempo. Não dava para saber se naquela noite, quando fôssemos embora do estádio, ainda haveria algum disponível. Por isso comprei o boné e o enfiei na bolsa.

Quando voltamos às nossas cadeiras, Mimi e eu tínhamos passado tanto tempo andando para lá e para cá que já nem estávamos mais com frio. Tyler descera das cabines de imprensa para relatar com detalhes a Michael como Jorge Posada tinha sido levado ao hospital antes do jogo depois de ter se distraído e

levado uma bolada entre o olho esquerdo e o nariz. Michael adorava as fofocas e a camaradagem do beisebol.

Para mim, o maior prazer da noite foi ver a alegria de Michael. Eu estava feliz de ver meu filho feliz.

O jogo tinha sido apertado, mas os Yankees tomaram a dianteira do placar no sétimo *inning*, 5 a 3. As coisas se complicaram de novo no oitavo *inning*, mas o jogo acabou com a vitória dos Yankees, 5 a 4. Saímos do estádio animadíssimos e cantando "New York, New York", fazendo coro à gravação de Frank Sinatra que é tocada em alto e bom som após o encerramento de todas as partidas do time.

Dei o boné a Michael. "Espero que isto aqui te traga muita sorte."

"Obrigado, mãe. Adorei. Mal posso esperar pra mostrar pro Jack."

Jack, amigo de Michael, também era fã ardoroso dos Yankees, e tinha especial predileção pelo Dia de São Patrício. Eu me lembrei de outra ocasião em que viajamos para a Flórida para visitar a mãe de Rich. Michael estava com apenas cinco anos e ainda tinha ataques de riso e senso de humor escatológico. Depois de ver uma placa indicando a Butt Road [estrada do Bumbum], ele ficou desesperado para ligar para o amigo e contar. Hoje, os meninos já estavam crescidos demais para achar graça nisso, mas ambos viam graça em um boné dos Yankees verde com um trevo do lado. Lamentei não ter pensado em comprar um para o Jack. A caminho da saída do estádio, vi o vendedor e perguntei se ele tinha mais bonés verdes. Mas eles tinham acabado.

"Amanhã você vai ter mais?"

"Não, pra este ano não. Acabaram todos os nossos verdes da sorte. A senhora vai ter de esperar até o ano que vem." Fiquei feliz de ter garantido um para o Michael.

De volta ao hotel, tomamos um lanche de fim de noite com John e Mimi e nos despedimos deles, pois iriam embora na manhã seguinte.

Fomos para o nosso quarto. Radiante com a vitória dos Yankees sobre os Red Sox, Michael já estava fazendo planos para o dia seguinte. Ele queria ir assistir aos treinos da segunda divisão e também queria nadar na piscina do hotel. Tínhamos uma extensa lista de coisas a fazer antes do jogo da noite seguinte contra o Texas Rangers.

Estávamos todos exaustos. Michael mal conseguia ficar de olhos abertos para trocar de roupa e escovar os dentes. Ele se deitou na cama, levantou-se de novo, foi até a mochila e de dentro de um livro pegou uma fotografia de Huck, que colocou escorada no abajur sobre o criado-mudo, ao lado do seu boné novo. “Boa noite, Huck.” Caiu no sono assim que sua cabeça encostou no travesseiro.

Eu já estava sentindo os efeitos de me distanciar um pouco, física e emocionalmente, de Nova York. Estava começando a relaxar, algo que não acontecia havia muito tempo. A quebra da rotina, tão temida após o meu diagnóstico de câncer, era agora um alívio muito bem-vindo. Contudo, assim que me deitei na cama e percebi que nem eu, nem Rich, nem Michael tínhamos saído com Huck para seu passeio noturno, pensei no cãozinho, dormindo em uma casa que lhe era estranha. Perguntei a Rich se Huck estava bem. “Tenho certeza de que está, mas se você quiser ficar tranquila, pode ligar pra Barbara.”



Capítulo 6

Na manhã seguinte, saímos sob um céu carregado de nuvens em busca dos campos de treino da segunda divisão. O recepcionista do nosso hotel nos deu instruções de como chegar a um parque onde arquibancadas simples, verdes e antiquadas separavam dois campos de beisebol em formato de diamante. Assim, dependendo de onde você sentava, podia ver a ação dos dois campos ao mesmo tempo. Por acaso, estava em andamento um jogo da liga secundária em um dos campos. Ficamos lá um pouco, vendo alguns jogadores novatos acertarem rebatidas que mandavam bolas a distâncias que os surpreendiam a si próprios, ao passo que outros erravam jogadas elementares. Michael e Rich iam comentando os lances e criticando os jogadores.

Toda essa overdose de beisebol fez com que Michael começasse a pensar na sua própria atuação na próxima temporada na escola. Ele queria aproveitar o clima quente da Flórida e treinar um pouco. Rich, que tinha trazido sua luva – porque deduziu que seria intimidado pelo filho a jogar horas a fio quando estivéssemos na praia –, sugeriu que déssemos uma parada em alguma loja esportiva e comprássemos uma luva para mim também. Assim, Michael poderia treinar com o auxílio de um arremessador e um jogador na posição de jardineiro.

Eu sabia que na loucura de Rich havia um método. Arremessar e interceptar

bolas em um campo da Flórida era um progresso e tanto para quem tinha passado pela quimioterapia. Era uma boa ideia – do ponto de vista físico e espiritual –, simplesmente uma boa ideia.

Então lá fomos nós. Pegamos a estrada novamente, paramos em uma loja esportiva no Bulevar Kennedy, onde experimentei dezenas de luvas. Eu não tinha a menor ideia de como escolher uma, então acreditei na opinião deles, que me recomendaram com insistência que eu ficasse com uma marrom e macia, da marca Wilson. Eu nunca tinha tido uma luva. No meu tempo, as meninas não jogavam em times de beisebol da escola. A caminho do caixa, enfiei a mão direita na luva e, com a esquerda, fui dando socos dentro dela, para amaciá-la e deixá-la do meu jeito. E imaginei que eu conseguiria me tornar tão boa como a mãe-jogadora--de-beisebol Mimi Kepner.

Voltamos para o hotel para trocar de roupa e nadar. Eu queria que Michael almoçasse antes de nadar, mas ele insistiu que comeria depois de nadar, alegando que ainda estava cheio por causa das panquecas do café da manhã.

Éramos as únicas pessoas na piscina. O céu estava ficando escuro. Mesmo assim, Michael foi o primeiro a cair na água. Com um olho em Michael na piscina, Rich e eu nos sentamos, fazendo planos para a parte praiana da nossa viagem. “Vem, pai”, ele chamou. “Vem, eu trouxe a bola.”

“Me dá um minuto.”

Assim que Rich se levantou para tirar a camiseta e mergulhar na piscina, começou a chuviscar. O céu estava enegrecendo. Banquei a estraga-prazeres: “Venha, Michael, está começando a chover. Você tem de sair da piscina.”

“Vamos esperar e ver se para”, ele pediu.

“Não vai parar. Vamos lá, vamos almoçar. Se parar, a gente volta mais tarde.”

Um Michael ensopado, um pouco decepcionado e repentinamente faminto, saiu da piscina, enrolou-se em uma toalha e perguntou: “O que vamos comer?”.

Subimos ao quarto para trocar de roupa. Michael pegou o controle remoto, ligou a tv e começou a zapear os canais procurando o programa *SportsCenter*. Eu estava entrando no banheiro para trocar de roupa quando meu celular tocou.

“Aposto que é do *Times*”, disse Michael. “Se for do jornal, não atenda. Você prometeu que não ia trabalhar.”

“Eu tenho de atender.” Agarrei meu telefone e olhei na tela o nome de quem estava me ligando. Não era o jornal. Era Barbara. “É a Tia Babs.”

Abri o telefone. “Oi.”

“Jan, estou no trabalho. Adicionei o Dave em uma chamada em conferência. Ele tá na linha.”

“O que aconteceu?” Eu não queria ouvir a resposta.

De repente, nosso quarto ficou em silêncio. Michael tinha desligado a televisão. Eu podia sentir os olhos dele e de Rich cravados em mim.

Em uma voz quase inaudível, Dave disse: “Janet, eu sinto muito. O Huck fugiu hoje de manhã. Procuramos por ele o dia inteiro. Ele sumiu.”

Eu perdi a fala. O choque e a dor quase me derrubaram. Olhei para Michael, enquanto ainda tentava assimilar as palavras de Dave. Era insuportável. Passei o telefone para Rich.

“Dave.”

Dave repetiu o que tinha acabado de me dizer. Huck tinha sumido.

“Oh, não. Oh, não.”

Naquele exato momento, Michael juntou os pedaços da conversa e se jogou em meus braços, soluçando de maneira incontrolável. “O que aconteceu com o Huck? É o Huck?”

Antes que eu pudesse esboçar uma resposta, ele perguntou de novo, aos berros: “Me diz. O que aconteceu com o Huck? É o Huck?”.

Tentei segurar as lágrimas. “Ele fugiu.”

Michael começou a chorar e a gritar com toda a força dos pulmões.

Os gritos eram viscerais, como se ele estivesse sentindo uma dor física dilacerante. Eu o abracei. Seu corpo estava trêmulo. Seus gritos eram tão agudos que Rich mal podia ouvir Dave.

Rich falou mais alto. “Quando isso aconteceu?”

Devagar e com calma, Dave começou a reconstituir os eventos daquela manhã e detalhou a história que é o pesadelo de todo mundo que tem cachorro, o pesadelo por causa do qual é uma coisa tão arriscada dar seu coração a um animal de estimação. Para a nossa família, Huck representava nada mais, nada menos que a afirmação da vida.

“Foi por volta das sete e meia. Saí na garagem pra pegar o jornal, como

sempre faço.”

Barbara interrompeu Dave: “O Huck já tomou a vacina antirrábica?”.

“A gente já chega lá, querida.”

E continuou seu relato: “Passei pelo quintal e tranquei o portão atrás de mim. O Huck estava lá no quintal, na dele. Eu estava de pé dando uma olhada no jornal e, quando dei por mim, vi o Huck latindo e descendo a garagem. Chamei-o pelo nome, mas ele não voltou. Tentei pegá-lo, mas toda vez que eu o alcançava, ele escapava de mim”.

Barbara começou a atropelar a fala de Dave. “O Huck já tomou a vacina antirrábica?”, ela perguntou novamente.

Impaciente, Rich virou-se para mim: “Janet, o Huck já tomou a vacina antirrábica?”.

“Sim, sim, por quê?”

Rich tentou continuar falando com Dave. Meu marido estava fazendo o melhor que podia para manter suas emoções sob controle, concentrando-se inteiramente nos fatos. Agora, sua voz era enérgica, impetuosa. “Barbara, ele já tomou a vacina. Agora, Dave, isso aconteceu a que horas?”

“De manhãzinha, bem cedo, antes de Darian sair pra escola. Aliás, ela nem foi pra escola hoje. Ficou ajudando a procurar o Huck. Ela está muito chateada.”

Rich demorou um pouco para conseguir entender a história toda. “Dave, como o Huck saiu?”

“Ele é tão pequeno e magrinho que deve ter dado um jeito de escapulir pelo ponto onde a cerca encontra o portão”, continuou Dave. “Ali, tem uns oito centímetros: não sei se ele me viu na garagem, pegando o jornal, e quis me seguir, ou se queria sair do quintal. Eu simplesmente não sei. Mas de repente lá estava ele latindo e correndo de um lado para o outro entre o quintal da frente e a garagem. Toda vez que alguém chegava perto, ele corria pra longe. A Darian tentou chamá-lo. E se ele quisesse ir com alguém, seria com ela. Mas ele não quis. A certa altura consegui agarrá-lo por trás, mas ele girou o corpo e me cravou os dentes, o que me surpreendeu. Não foi um bom lugar pra tentar agarrá-lo, mas eu não tive escolha. E quando ele começou a me morder, não pude mais segurar. A Barb estava tentando sair pro trabalho – já estava toda arrumada e de salto alto –, mas também saiu correndo da casa pra tentar pegá-lo.”

Barbara ainda estava preocupada com o que o Huck tinha feito com Dave. “Vocês tinham que ver como ficou a mão do meu marido. Ele nem consegue mexê-la. Quero que ele vá ao médico, mas ele não quer.”

Rich, cuja mente perspicaz funciona com a exatidão de um raio laser, continuou tentando levar a conversa de volta para a cronologia dos eventos. “Sinto muito pela sua mão, Dave, daqui a pouco falamos disso. Primeiro termine de contar o que aconteceu.”

A voz de Dave agora tinha adquirido um tom mais firme. “Era a hora do *rush* matinal. Tinha um tráfego pesado em frente à casa. Estão fazendo alguma obra na Wyckoff Avenue, a quinhentos metros da minha casa, então estava tudo meio engarrafado. A certa altura, o Huck chegou lá na entrada da garagem e fiquei com medo de que saísse correndo na rua e fosse atropelado. A Barb saiu na rua e parou o trânsito. A Darian e eu continuávamos tentando agarrar o Huck. Dos carros as pessoas começaram a olhar pra ver o que estava acontecendo. O Huck não parava de correr entre o quintal da frente e a garagem. Havia gente indo pra escola e que parava pra olhar. Por causa da bagunça do trânsito, tinha muita gente apertando a buzina. Em certo momento, um cara parrudão dirigindo uma picape parou, desceu do carro e começou a andar na direção do Huck, berrando e fazendo ruídos. Acho que o cara queria fazer o Huck voltar correndo pra dentro da casa. Mas isso não aconteceu. O cara só assustou ainda mais o cãozinho. O Huck saiu feito um foguete pela avenida, na direção da Escola Hubbard. Eu ainda estava de roupão e chinelos, a Darian ainda estava de pijama, mas mesmo assim saímos correndo atrás dele, inclusive a Barb, de salto alto e tudo. A gente berrava o nome dele, mas ele não parava. Eu corro rápido, mas ele deixou a gente pra trás. A Darian foi até a Oak Road, mas depois perdeu o danado de vista. Já era hora de a Barb ir pro trabalho. A Darian e eu passamos o dia inteiro procurando o Huck. Ela nem foi pra escola.”

Rich finalmente estava começando a entender a situação. “E a sua mão, Dave?”

“Ele me pegou de jeito. Como eu disse, fiquei muito surpreso. Mas tudo bem. A Barbara acha que é pior do que realmente foi. Saiu muito sangue, mas acho que não fez estragos sérios. Só está um pouco inchada agora. Mas vou ficar bem.”

“Sinto muito que o Huck tenha feito isso.”

“Rich, quem sente muito somos nós. Não sei o que dizer. Estou me sentindo péssimo. Estamos todos arrasados.”

“Nós também. Vamos pensar no que fazer e te ligo de volta. Que tipo de coisa vocês estão fazendo pra encontrar o Huck?”

“Liguei para um amigo meu que mora por aquelas bandas e ele disse que viu o Huck passando por lá. Esse cara falou que o Huck estava no lugar em que estão fazendo obras na pista. Então, fui de carro a todas as ruas da área, mas não o vi. Já liguei para algumas delegacias e veterinários em um raio de oito quilômetros. A Darian está fazendo um cartaz. Posso ampliar o raio de busca, se você quiser.”

“Sim, claro. Mal não vai fazer”, disse Rich.

Agora Rich queria desligar para organizar as ideias. “Eu te ligo daqui a alguns minutos, assim que a gente resolver o que vai fazer.”

Nesse ínterim, Michael não tinha conseguido parar de chorar e soluçar. Eu tentava ao mesmo tempo abraçá-lo e esticar o braço para pegar o celular do Rich. Para mim, era intuitivo tentar agilizar as coisas por telefone. Eu queria imediatamente começar a ligar para as companhias aéreas para saber em quanto tempo poderíamos embarcar em algum voo. Na minha cabeça não restava dúvida de que iríamos para casa a fim de procurar Huck.

“Vocês não precisam vir embora”, argumentou Barbara para Rich. “A gente pode espalhar cartazes e continuar procurando o Huck. O que vocês têm de fazer é ficar aí e aproveitar o resto das férias.”

“Não sei o que vamos fazer. Vou conversar com a Janet; acho que ela já está pendurada no telefone ligando para as companhias aéreas”, comentou Rich. “Eu volto a te ligar.”

Rich desligou e tentou abraçar Michael, mas o menino se desvencilhou e foi pegar sua mala, ainda quase intocada, e começou a enfiar suas roupas dentro. Com voz serena, Rich tentou explicar o que tinha acontecido.

“Quando o tio Dave saiu para pegar o jornal na garagem hoje de manhã, o Huck deu um jeito de escapar pela cerca do quintal. O tio Dave, a Darian e a tia Babs tentaram agarrá-lo, mas não conseguiram. O Huck saiu correndo pela avenida. A Darian e o tio Dave passaram o dia atrás do paradeiro dele, mas não o

encontraram.”

“Ele morreu?”, perguntou Michael.

“Um amigo do tio Dave que mora naquela direção viu o Huck, mas não sei a que horas foi isso.”

Agora eram três e meia da tarde. Dali a pouco seria a hora do *rush*. Eu estava tendo dificuldades para convencer a American Airlines a encontrar passagens para que a gente embarcasse imediatamente. Eu implorei à mulher do outro lado da linha que encontrasse três lugares em qualquer empresa, para qualquer hora daquela mesma tarde ou noite. Ela disse que não tinha mais nada. Implorei mais um pouco. Eu aleguei que se tratava de uma emergência familiar, depois expliquei qual era a emergência. Fiquei grata quando ela me colocou em espera. Achei que era um bom sinal.

Mandei Rich fazer as malas também. Ele fez uma pausa, depois perguntou: “Esta é a decisão certa?”. Sem sequer esperar minha resposta, ele me deu instruções: “Diga a ela que a gente tem de ir pra casa. Peça pra ela deixar você falar com o supervisor, pergunte se a gente pode ir pro aeroporto e ficar na fila de espera”.

Enquanto eu esperava, olhei para o Michael. O coração do nosso filho estava despedaçado. Nosso filhotinho de oito meses e quatro quilos, que a gente tinha deixado em uma casa estranha, tinha sumido. Esqueça os jogos de beisebol. Esqueça os mergulhos no oceano Atlântico e as tardes deitada na praia lendo um livro. Esqueça a sensação de liberdade e despreocupação. Esqueça testar a luva de beisebol nova. Agora nada importava a não ser encontrar o Huck.

“Sra. Elder?”

“Sim, sim.”

“Posso arranjar três assentos no nosso último voo saindo de Tampa hoje. Sai às 18h02.”

“Ótimo. Fico com eles. É só trocar as nossas passagens de Palm Beach na semana que vem por bilhetes do voo que sai de Tampa hoje à noite.”

“Sinto muito, senhora. Mas não posso fazer isso.”

Eu não me lembro do que ela disse até chegar à parte em que mencionou que os bilhetes custavam quinhentos dólares cada – passagem de ida da Flórida para Nova York, quinhentos vezes três –, ou seja, 1.500 dólares só para

voltarmos para casa. Comprar outras passagens significava também que agora tínhamos nas mãos passagens inúteis de Palm Beach para Nova York. A garantia que a mulher me deu, de que poderíamos guardar os bilhetes para o ano seguinte, foi uma espécie de prêmio de consolação, nada reconfortante.

Dei a ela o número do meu cartão de crédito, anotei o número do voo e da nossa reserva e desliguei o telefone. A essa altura, Michael tinha parado de chorar e seus olhos estavam quase fechados de tão inchados. “Já fiz a mala. Podemos ir?”

“Dê só uns minutinhos pro seu pai e eu ajeitarmos as coisas e a gente dá no pé.”

Liguei para a recepção e perguntei se eles podiam fechar a nossa conta. Expliquei que teríamos de ir embora naquele mesmo dia e não na manhã seguinte, porque nosso cachorro tinha fugido e precisávamos voltar para casa e procurá-lo.

“Senhora, aguarde um minuto, por favor?”, pediu a recepcionista. Com a minha mão desocupada, comecei a fazer a minha mala. “Senhora, não cobraremos a diária de hoje. Sua conta estará pronta daqui a cinco minutos. Basta passar pela recepção. Espero que encontrem seu cachorro.”

Nenhum outro gesto jamais causou em mim tanta simpatia por um hotel. A gentileza amenizou o choque dos 1.500 dólares a mais das passagens de avião. “A gente quer doar nossos ingressos para o jogo dos Yankees. Será que tem alguém da recepção interessado?”

“Que bom. Vou procurar saber.”

Desliguei e comecei a fazer a mala, explicando atabalhoadamente a Rich que nossas férias tinham ficado 1.500 dólares mais caras, embora tivéssemos economizado um pouco com o desconto da diária do hotel. Ele nem estava me ouvindo direito. Tinha internalizado suas preocupações e estava se culpando pelo desaparecimento de Huck.

“Eu sabia, eu sabia. É por isso que eu estava preocupado com os buracos na cerca. A culpa é minha. De mais ninguém, só minha. Eu estava sentindo. Não sei por que levei essa história adiante se estava com mau pressentimento. Eu nunca devia ter arriscado. Não devia ter colocado nem o Huck nem os Clarks nessa posição. A culpa é minha. Estou furioso comigo mesmo.”

Obviamente, a culpa não era de Rich, não mais do que era minha, ou de Barbara ou de Dave. Mas não havia como convencer Rich disso naquele momento. Eu sabia que ele estava tão arrasado quanto eu e preocupado com o fato de que a nossa intempestiva viagem de volta só traria mais angústia ao nosso filho.

Pedi a Rich que ligasse para Dave e avisasse que estávamos a caminho. “Pergunte a ele se está muito frio. Talvez a gente tenha de passar primeiro em casa para pegar nossos casacos de inverno.”

“A gente vai ter de passar primeiro em casa de qualquer jeito; precisamos pegar nosso carro.”

“Vamos embora logo”, pediu Michael. A gente não pode ir direto pra casa deles? A gente pode usar o carro deles.

Eu não queria envolver Michael no nosso programa de ação. “Apenas avise o Dave que vamos embarcar no voo das seis e chegaremos lá por volta das dez da noite. Ah, sim, e pergunte a ele o nome daquele hotel em que a gente ficou hospedado uma vez, no Dia de Ação de Graças.”

Consultei meu relógio de pulso. Não dispúnhamos de muito tempo. Tínhamos de sair do hotel, dirigir até o aeroporto, devolver o carro alugado, pegar as passagens e passar pela segurança. Enfiei minhas roupas na mala, junto com a minha luva de beisebol nova, meus livros e meu projeto de bordado. Agora não fazia sentido colocar nenhuma daquelas coisas na minha bagagem de mão.

A bateria do meu celular estava quase acabando. Eu sabia que ainda teria de fazer incontáveis ligações assim que chegássemos ao aeroporto, por isso enfiei o carregador e meu Palm Pilot na minha bolsa, junto com um bloco de anotações e uma caneta. Revirei a mala do Michael e peguei tudo o que tinha de mangas compridas. O avião estaria gelado por causa do ar condicionado. Nova York estaria mais gelada ainda.

Rich ligou para Dave a fim de avisá-lo dos nossos planos e pegar as informações sobre o hotel. “Chama-se Hotel Woodcliff Lake, na Tice Road. Vocês têm certeza de que virão mesmo embora?”

“Temos, Dave.”

“Tudo bem. A Darian está trabalhando no cartaz.”

“Ótimo. E, Dave, diga a ela para escrever que pagaremos uma recompensa de mil dólares.”

Michael estava sentado no chão, encostado em uma das camas. “Vamos pagar dois mil. Eu posso dar os mil do dinheiro que ganhei de aniversário que está na minha conta no banco.”

Rich esticou o braço e afagou o ombro do filho. “Mil dólares é muito dinheiro”, alegou. “É o suficiente para as pessoas prestarem atenção. Quem for procurar o Huck por 2 mil, procuraria por mil. Não temos de usar seu dinheiro.”

Depois reiterou o aviso a Dave: “Uma recompensa de mil dólares, Dave”.

“Uau!! Tudo bem.”

“Ah, e Dave, acho que vocês devem ter uma foto do Huck. Eu mandei uma para o e-mail da Barbara assim que a gente buscou o Huck. É provável que vocês ainda a tenham. Se tiverem, a Darian pode usá-la no cartaz.”

“Beleza, vou verificar. A gente se vê mais tarde.”

Rich estava mais calmo. Sem sombra de dúvida, já estava elaborando um plano de ação. Eu estava ocupada demais tentando tirar a gente de Tampa e conseguir hospedagem em um hotel de Nova Jersey. Era a parte fácil. Eu sabia que Rich estava lidando com o impossível – imaginar um esquema para encontrar um cachorro minúsculo em uma área montanhosa e desconhecida. Ele já tinha decidido dar a recompensa de mil dólares. E já tinha se lembrado de que os Clarks tinham uma foto do Huck perdida em alguma pasta do computador.

“Todo mundo pronto?”, perguntei.

“Vamos conferir se pegamos tudo”, aconselhou Rich. E começou a inspecionar o quarto.

“Pai, vamos embora. Não faz mal se a gente deixar alguma coisa pra trás.”

Michael enfiou na cabeça o boné verde dos Yankees. Sorumbáticos, atravessamos o saguão do hotel, os três puxando malas de rodinhas. A conta estava pronta. Ninguém da recepção quis saber dos ingressos do jogo.

“Espere”, eu disse ao Rich, que já estava bem na frente. “O Michael ainda não comeu. Precisamos comprar um sanduíche, alguma coisa.”

“Mãe, não.”

“No hotel não tem nada. A gente acha alguma coisa no aeroporto.”

Quando chegamos ao estacionamento, começou uma ventania. O boné de

Michael saiu voando sobre uma fileira de carros. Um homem que tinha acabado de estacionar desceu do carro e agarrou o boné antes que caísse em uma poça de lama. Entregou-o a Michael e disse: “Este aqui tem cara de ser um daqueles que você não gostaria de perder”.

Michael respondeu baixinho: “Obrigado”.



Capítulo 7

Nosso comportamento devia estar exalando pânico. Lá estávamos nós, no aeroporto de Tampa, rumo a Nova York depois de férias que tinham durado cerca de trinta horas. Os atendentes no balcão da Hertz, a mulher do guichê da companhia aérea e praticamente todos que íamos encontrando fizeram de tudo para ser solícitos e nos ajudar. O aeroporto estava apinhado de turistas, muitos deles bronzeados, agora em busca de climas mais frios, fato perceptível pelos casacos de lã dobrados sobre os braços.

A preocupação nos consumia. No saguão do aeroporto estávamos rodeados por vasos com palmeiras e janelões pelos quais entrava a luz do sol. A certa altura, procurando o guichê, nos vimos debaixo de pelicanos de cobre pendurados no teto, lendo anúncios que faziam a publicidade de coisas como Sun Country [Terra do Sol]. Era surreal.

Pegamos as passagens e demos nossos ingressos para o jogo dos Yankees a um rapaz atrás do balcão da American Airlines. “Parece que é meu dia de sorte”, ele disse ao ganhar de desconhecidos três ingressos. “Este ano ainda não fui a nenhum jogo de beisebol, nem no ano passado, porque eu estava desempregado e não tinha dinheiro para comprar ingressos. Por isso, muito obrigado mesmo. Vocês têm certeza de que não há nada que eu possa dar em troca dos ingressos?”

“Não”, respondeu Rich. “Só torça pra que hoje seja nosso dia de sorte também.”

Caminhamos para a área de segurança, onde havia uma longa fila de pessoas tirando os sapatos e colocando-os dentro de tubos de plástico cinza. Rich sabia que seria parado. “Por que você e Michael não vão na frente e eu encontro vocês no portão de embarque. Vejam se arranjam alguma coisa pra comer.”

“Tá bom. Quer que eu compre alguma coisa pra você comer?”

“Compre qualquer coisa pra mim.”

As próteses de titânio nos quadris de Rich sempre acionavam o detector de metais, o que fazia com que sua experiência com a segurança dos aeroportos fosse particularmente árdua. A rotina nunca varia. Antes de passar pelo detector, Rich avisa que tem próteses de titânio nos quadris e que certamente o alarme vai disparar. Mas só depois que ele passa e o equipamento apita é que o funcionário da segurança chama alguém para vir e investigar mais a fundo meu marido. Rich então é tirado da fila e aguarda do lado enquanto os funcionários revistam sua bagagem de mão. Depois chegam mais funcionários com um detector portátil, com o qual esquadrinham o corpo inteiro de Rich. Quando o bastão chega à altura do quadril, apita feito doido. E aí é hora de um segurança apalpar Rich. Certamente deve haver uma maneira mais fácil de certificar que uma pessoa com uma ou duas juntas artificiais não está escondendo algo ilícito.

Como sempre, fui a primeira a passar pelo detector, depois Michael. Rich ainda estava esvaziando os bolsos.

“Você vai ter de voltar e tirar o boné, rapazinho”, disse o segurança a Michael.

Michael tirou o boné verde dos Yankees, colocou-o em um recipiente plástico e depositou na esteira de metal da máquina de raio X. Depois recuou e passou uma segunda vez pelo detector de metais. Entreguei-lhe seu boné, seus sapatos e disse: “Vamos achar algo pra comer”.

“Mãe, não quero comer nada.”

“Bom, o papai está com fome. Vamos achar alguma coisa pra ele. Eu vou comprar algo pra você, caso sinta fome no avião.”

“Eu realmente não quero comer nada e não vou querer nada nem no avião.”

“Tudo bem. Vamos pegar alguma coisa pro papai.”

Caminhávamos apressados pelo aeroporto, como se comprar logo a comida fosse nos fazer chegar mais rápido a Nova Jersey. Em outras circunstâncias, Michael teria dado risada do letreiro com o nome da lanchonete Frankly Gourmet [Francamente Gourmet] e teria vontade de conferir de perto como seria um cachorro-quente *gourmet* de aeroporto. Mas nem mostrei o letreiro. Paramos em um balcão bastante comum que vendia sanduíches prontos, empilhados dentro de um *cooler* refrigerado de metal, e garrafas de água, refrigerante e suco enfileirados em outro. Ao lado do caixa havia cestas metálicas com saquinhos de batata frita e biscoito.

Peguei três sanduíches de peru e três garrafas de água, tentando agir rápido antes que Michael me impedisse também de comprar água para ele. Paguei para uma mulher totalmente desinteressada e muito acima do peso, sentada em um banco sem encosto de madeira e que pegava o dinheiro dos clientes e lhes devolvia o troco com a menor interação verbal possível.

Eu pelejava para conseguir segurar a sacola de comida e guardar o troco na carteira quando percebi que um impaciente Michael começou a correr tanto que já estava bem longe de mim. “Espere um pouco, me deixe guardar o dinheiro”, chamei.

“Eu só quero ir para Nova Jersey”, Michael disse. “Não há nada que possamos fazer enquanto estivermos aqui. Eu odeio estar neste aeroporto.”

Consegui que Michael diminuísse o passo; agora pelo menos ele andava, em vez de correr, e por fim chegamos ao portão de embarque, que estava abarrotado de crianças com menos de cinco anos e pais de aparência cansada e irritada. Uma mãe estava viajando sozinha com duas pequeninas gêmeas, ambas usando vestidos cor-de-rosa com margaridas brancas, ambas segurando um cachorrinho de pelúcia cor-de-rosa, ambas chorando.

Eu me sentia desanimada. Só conseguia pensar em uma maneira de ajudar Michael a lidar com a sua tristeza. Ele estava sentindo muita dor. Eu martelava a cabeça achando que tinha cometido algum erro ao pensar que dar um cachorro para o meu filho o pouparia da angústia de ver os pais lidando com uma doença tão terrível. Mas aquilo ali também não era uma agonia?

Rich já estava no portão e tinha jogado as malas em cima de três bancos de couro falso. Ele parecia furioso. Eu nem quis saber o motivo. Não sabia se os

caras da segurança tinham pegado pesado demais com ele, ou se ele ainda estava se culpando pelo sumiço do Huck, ou se recebera algum telefonema de trabalho que o estava incomodando.

“Comprei um sanduíche de peru pra você”, eu disse.

“Obrigado. Vou pra algum lugar mais silencioso dar uns telefonemas. Por que não se sentam aqui?”

“Tudo bem, mas eu também preciso fazer umas ligações”, avisei.

Rich sugeriu que eu telefonasse para Lisa, a criadora de quem tínhamos comprado Huck. “Talvez ela saiba de algum caso semelhante ocorrido com outros poodles que ela criou. Talvez haja alguma característica da raça que a gente precise saber ou quem sabe ela tenha alguma ideia. Ah, sim, pergunte se ele aguenta passar a noite ao relento sob temperaturas abaixo de zero.”

Michael deixou o corpo desabar na cadeira. Pus meus braços em volta dele.

“Mamãe, você acha que o Huck foi atropelado?”

“Não. Não acho. Ele é muito esperto, você sabe. Acho que ele é suficientemente esperto para não ficar dando sopa na rua.”

“Ele deve estar morrendo de medo.”

“Vou ligar pra Lisa. Quer que eu vá pra outro lugar pra ligar pra ela ou quer ouvir a conversa?”

“Tanto faz.”

Teclei o número de Lisa. Por pura coincidência, a cidade onde ela vivia, o lugar onde Huck tinha nascido, não ficava assim tão longe do aeroporto de Tampa.

Lisa atendeu com voz jovial, o que era incongruente com o que eu estava sentindo. Eu detestava ter de dar más notícias.

“Oh, não, oh, aquele amoreco”, Lisa exclamou, assim que eu contei que tinha deixado o cãozinho com parentes em Nova Jersey e ele fugira. “Por que não o trouxeram com vocês pra Flórida? Você sabe que esses carinhas são ótimos viajantes, e muitos hotéis aceitam animais de estimação.”

De repente, eu me senti uma incompetente completa. “Isso nunca nos passou pela cabeça”, aleguei, um pouco na defensiva. “A minha irmã sempre teve vários cachorros, ela tem experiência com cães.”

“Oh, mas isso é terrível. Espero que ninguém o roube. O que eu tenho a

dizer é que vocês têm de continuar procurando, sem parar. Não tenho nenhum conselho especial. Minha preocupação é que alguém o encontre e fique com ele. O que eu faria é ligar para os veterinários de lá, caso alguém o entregue em alguma clínica ou *pet shop*."

"Lisa, até que ponto o Huck pode tolerar o frio? Acha que ele consegue sobreviver em temperaturas muito baixas?"

"Bom, não sei. O veterinário daqui disse que ele podia sobreviver em temperaturas bem baixas – a gente precisou de uma aprovação disso tudo antes de mandá-lo pra você –, mas, para dizer a verdade, eu não sei quanto frio ele aguenta e por quanto tempo. Ele só tem oito meses; talvez nem tenha se desenvolvido totalmente."

"Acha que ele poderia sobreviver uma noite ao relento em temperaturas abaixo de zero?"

"Oh! Eu realmente não sei. Aposto que o seu filho, oh, coitadinho, deve estar arrasado. Oh, meu Deus, espere até eu contar pro Joe. Por favor, me ligue dando notícias."

Fiquei aliviada que ela não tenha insistido em saber meus motivos para ter achado que seria bom levar Huck para Nova Jersey.

Assim que me virei para contar ao Michael o que Lisa me dissera, percebi que ele não estava mais ali. Tive um momento de pânico, mas logo avistei seu boné verde no portão ao lado. Ele voltou arrastando os pés no piso de lajotas azuis e brancas.

Observando Michael caminhar de volta para nossas cadeiras, pensei no que Lisa me dissera sobre alguém ter roubado Huck. Apesar do meu próprio pesadelo de infância de ter tido um cachorro roubado, jamais me ocorreu que alguém faria isso com Huck.

"O que ela disse?", Michael perguntou.

"Disse que a gente deve continuar procurando, procurando, procurando."

"O que mais ela disse?"

"Ela disse que a gente deve ligar para os veterinários da área, porque alguém pode levar o Huck pra casa e depois ir com ele a um veterinário."

"Tipo alguém roubar o Huck?"

"Sim, é disso que estou falando."

“Eu prefiro que alguém roube o Huck e cuide bem dele do que ser atropelado por um carro e morrer.”

Eu ainda estava tentando absorver a capacidade do meu filho de colocar o bem-estar do cãozinho acima de suas próprias emoções quando ele disse: “Mamãe, se a gente não encontrar mais o Huck, nunca mais quero outro cachorro”.

“A gente pode conversar mais sobre isso. Eu entendo.”

A esta altura, já fazia um bom tempo que Rich tinha ido telefonar. Havia certa movimentação no portão de embarque. As pessoas estavam começando a entrar no avião. Fiquei me perguntando onde Rich tinha se metido para telefonar e para quem estava ligando.

“Cadê o papai?”

“Não sei, querido. Ele deve voltar a qualquer minuto.”

Michael e eu nos pusemos de pé, peguei a sacola com os sanduíches e as garrafas de água e caminhei na direção do portão de embarque.

“Mãe, é sério: cadê o papai?”

“Eu não sei.”

A área de espera estava quase vazia. A maioria dos passageiros já tinha embarcado ou estava na fila para entrar no avião.

Eu estava quase ligando para o celular de Rich quando ele apareceu. “Desculpem a demora. Já chamaram a nossa fileira?”

“Fomos uns dos primeiros a ser chamados. A gente deve estar na parte de trás do avião.”

“Me desculpe. Eu precisava espairecer, clarear as ideias. Tinha de pensar em um jeito de aprender bem rápido o que as pessoas fazem quando coisas desse tipo acontecem. Liguei para o Miller.”

Demorei alguns segundos para me lembrar de que Miller era o dr. Miller, o veterinário.

“Ele deu alguma boa ideia?”

“Ele não estava. Falei com a assistente dele. Ela disse que em geral os cães vão pra onde tem tráfego. Ela acha que é possível que ele esteja correndo pela rota 17.”

“Eu não acredito nisso”, fui categórica. Eu não queria acreditar. A rota 17

era uma via expressa.

“Eu sei. Eu também não acredito, ela perdeu a credibilidade comigo quando disse que o Huck pode estar indo para a ponte George Washington. Isso me parece totalmente implausível. Ela deu uma boa sugestão: quando a gente fizer o cartaz, tem que incluir a frase ‘menino inconsolável’. Segundo ela, é mais provável que as pessoas se sensibilizem quando souberem que há uma criança envolvida.”

Ele fez uma pausa e, fora do alcance do ouvido de Michael, cochichou para mim: “Mas, você sabe, se ela estiver certa sobre o Huck ter ido na direção dos carros, correndo na rota 17, quando chegarmos a Nova Jersey não teremos como saber a que distância ele pode estar. E isso também aumenta drasticamente a probabilidade de que ele tenha sido atropelado”.

Com esse pensamento horroroso na cabeça, abrimos caminho no apertado corredor do avião e fomos para o fundo da aeronave. Nossos lugares eram de fato os últimos, na última fileira, junto aos banheiros. Uma vez que não havia mais assentos atrás dos nossos, a sensação de confinamento e claustrofobia parecia ainda maior do que geralmente se sente nos aviões. Michael sentou-se na janelinha, eu no meio, Rich na ponta.

Apertamos os cintos e tentamos nos acomodar nos assentos. Michael olhou para Rich e para mim e disse: “Aconteça o que acontecer, não podemos deixar os Clarks se sentirem mal com essa história toda”. Depois inclinou o corpo para a frente, encostou os cotovelos nos joelhos, pousou a cabeça nas mãos e começou a chorar. Afaguei suas costas. Não havia muito mais o que fazer ou dizer. Michael sempre tinha recorrido a mim em busca de conforto. Era a primeira vez que nada do que eu dissesse ou fizesse conseguiria consolá-lo.

Rich virou-se para mim e, com voz serena, disse: “Você sabe que eu precisava dessas férias, nós dois precisávamos. Mas agora preciso mudar de postura. O Michael vai precisar que eu adote uma certa atitude, de força. Eu não posso me dar ao luxo de sentir outra coisa. Neste momento eu não posso me sentir mal com o sumiço do Huck, porque isso é uma distração e uma perda de tempo e eu preciso pensar em procurá-lo. Tenho de ser durão. Não sei onde isso vai dar. Estamos pisando em terreno desconhecido. Não tenho a menor ideia de onde isso vai nos levar”.

Era como se Rich apenas precisasse se ouvir dizendo em voz alta todas aquelas coisas. Era como se estivesse falando consigo mesmo. Ele não esperava que eu respondesse.

“Posso dar mais um telefonema antes que o avião decole”, ele disse, enfiando a mão no bolso para pegar o celular. “Vou ligar pros Finkelstein.”

“Por que para eles?”

“Eles sempre têm boas ideias. A Susan talvez conheça alguém ou alguma coisa. Além disso, ela e o Rick nos amam e vão entender o quanto isso é importante pra nós.”

Susan Finkelstein está sempre disponível do outro lado da linha. Sempre mesmo, sem exagero. Os amigos brincam com ela por causa de seu constante estado de hipervigilância, mas são as mesmas pessoas que também contam com isso. Tenho certeza de que o nome de Susan Finkelstein aparece em diversas listas e agendas como a pessoa a ser chamada em caso de emergência.

Nos meus primeiros tempos no *The New York Times*, cobri um evento em que a jornalista Barbara Walters foi agraciada com um prêmio. Na cerimônia, quem ficou encarregado de apresentá-la foi Roone Arledge, à época presidente da abc News. Ao comentar a desenvoltura e o caráter inquebrantável de Barbara, ele disse que se um dia estivesse em apuros ou preso em um país estrangeiro, ou se fosse feito refém em qualquer parte do mundo e só pudesse dar um telefonema, ligaria para Barbara Walters. Eu ligaria para Susan Finkelstein.

“Isso está errado. Isso não devia estar acontecendo com vocês”, disse Susan, quando ficou sabendo a razão de estarmos em um avião voltando para Nova York. “Isso é simplesmente errado.”

Rich conseguiu encontrá-los na Califórnia, onde estavam passando duas semanas de folga.

“Susan, preciso que vocês pensem nisso e nos ajudem a saber o que fazer pra achar o Huck.”

“Pode deixar. Deixe eu só falar com o Jesse. Hoje ele está tendo um piti o dia inteiro porque queria ir pra Disney em vez de visitar este museu superbacana. Tenho certeza de que ele vai conversar com o Michael.”

Naquele instante, a comissária de bordo anunciou que estávamos prestes a decolar e todos os celulares teriam de ser desligados.

“Escute, vou ter de desligar agora. Eu te ligo assim que a gente aterrissar. Converse com o Rick, o Jesse e a Sophie. Veja se eles têm alguma ideia.”

“Tudo bem, tudo bem. Boa viagem. Ligue assim que chegarem lá.”

Os Finkelstein estavam zanzando pelo pouquíssimo convencional Museu de Tecnologia Jurássica em Los Angeles. Quando desligou o telefone, Susan virou-se para o marido e comentou: “Eles estão fazendo uma loucura. O Huck fugiu em Nova Jersey e eles estão indo pra lá pra tentar encontrá-lo. Isso é loucura. Sabia que é a primeira vez que eles tiram férias desde o câncer? Isso é pura loucura.”

Rick concordou. “Aquele cachorro já sumiu. Já era.”

Enquanto isso, quando o avião decolou, experimentamos uma sensação de esperança, ou pelo menos de objetividade, de que estávamos fazendo alguma coisa. Havia um certo alívio no fato de que finalmente estávamos no ar. Pelo menos íamos ficando fisicamente mais próximos de Nova Jersey. Por um ou dois minutos, Michael também pareceu aliviado. Sugeri que ele desse umas mordidas no sanduíche. Já eram mais de seis horas e ele não tinha comido nada desde as nove da manhã.

Relutante, ele concordou. Entreguei nas mãos dele a caixa triangular em que estava acondicionado o sanduíche e abri uma das garrafas de água. Ele segurou com as duas mãos o lanche de peru – que tinha a aparência de estar envelhecido –, encarou o pão seco por um ou dois segundos e deu uma mordida. Olhou pela janela e depois para mim.

“Dá pra se livrar disto? Estou enjoado.”

Tirei o sanduíche do colo dele e o entreguei, junto com a água, a Rich.

“Mãe, acho que vou vomitar.”

Michael esticou o braço e alcançou o saquinho de vômito no banco da frente. Inclinou-se, abriu o saco e vomitou dentro. Depois de um ou dois minutos que mais pareceram uma hora, ele se sentou, com o rosto empapado de suor, e me deu o saquinho, que passei para o Rich. Rich estava prestes a se levantar para jogar fora o saquinho quando Michael disse: “Ainda estou enjoado. Não joga fora o saquinho”.

Durante as três horas de duração do voo de Tampa a Nova York, Michael esteve ora vomitando, ora com a cabeça deitada no meu colo. A sensação era de

que o espaço físico que ocupávamos ia ficando cada vez menor. O odor dos banheiros bem atrás de nós era cada vez mais desagradável. A mulher com as gêmeas entrava e saía sem parar do pequeno compartimento, levando sempre uma das crianças pela mão.

Rich estava sentado com os olhos fechados. Seu pensamento devaneou e ele se lembrou da própria infância e do cachorro do seu tempo de menino, Relâmpago, um vira-lata de rosto meigo que de vez em quando escapava e se metia em brigas com outros cães, antes de perambular de volta para casa, o corpo com marcas das batalhas. A lembrança de Rich era de que sua mãe estava sempre se preparando para o pior, anunciando a cada fuga que provavelmente Relâmpago não voltaria, e que devia estar morto, caído em alguma beira de estrada. Isso, por sua vez, sempre deixava Rich apavorado. Sentado no avião, tentando pensar nos detalhes da caçada que teria de empreender ao próprio cachorro perdido, Rich pensou em Relâmpago e em si mesmo quando menino, e no quanto era doloroso se preocupar com a vida e a morte de um cachorro querido.

Minha mente evocou o amor carinhoso de Michael por Polegada, a larva. Agora, a situação era muito mais difícil. Depois de passar anos desejando um cachorro, depois de superar a confusão e o medo de ver a mãe enfrentar o câncer, depois de ter se apaixonado loucamente por Huck, eu estava preocupada com o tamanho do buraco que se abriria no coração de Michael.

Haveria um buraco no meu coração e no de Rich também. Encostei a cabeça no assento e fechei os olhos, e tudo que eu conseguia ver era o rostinho de Huck e seus enormes olhos castanhos.

Pensei no jeito com que ele se apoiava sobre as patas traseiras, encostando as patas da frente na nossa cama, toda vez que estávamos deitados lendo. Ele simplesmente ficava lá, parado, encarando a gente à espera de um afago na cabeça. Os poodle toys são especialmente afeitos a se apoiarem sobre duas patas, e não sobre quatro, o que aumenta ainda mais a probabilidade de seus donos os tratarem como gente. Huck era mestre em empertigar o corpo sobre as duas patas traseiras – no balcão da cozinha, do lado da cama, no sofá, no piano e na porta da sala.

Pensei no jeito que Huck dormia – em sua caminha azul, enrolado feito

uma bolinha, com a cabeça junto ao rabo e as patas enfiadas debaixo.

Lá pela metade do voo, quando a noite já tinha caído e o céu era uma massa negra, Michael olhou para mim e perguntou: “Mãe, o que devo fazer?”. Pensei que ele estava se referindo a alguma coisa para se sentir fisicamente melhor. Mas não era. Era uma pergunta mais profunda. Era um apelo em busca de algum alívio psíquico para o trauma emocional.

“Fico pensando que ele pode ter sido atropelado por algum carro. E quando não estou pensando nisso, vejo a imagem dele molhado e com frio, tentando encontrar alguma coisa, deitado debaixo de algum banco, fuçando o lixo. Dá pra ver no rosto dele que ele está apavorado. Dá pra ver nos olhos dele que se sente muito sozinho.”

“O que a gente pode fazer agora é tentar de tudo para se concentrar nos instintos de sobrevivência do Huck”, eu disse. “A gente tem de pensar em boas ideias sobre como encontrá-lo. Às vezes, ajuda se você pensar no que aconselharia outra pessoa a fazer.”

Foi o melhor e mais maternal conselho no qual consegui pensar no momento, mas a verdade é que eu também estava com medo. A ideia de que Huck estava com frio e sozinho era absurdamente dolorosa. A imagem de Huck agonizando em um acostamento era insuportável.

Pensei em algo que não tinha ocorrido a Michael e que eu não tinha certeza se passaria pela cabeça de Rich. Huck podia ter sido atacado por outro animal. Ele fugiu em uma área de mata e floresta, cheia de animais como ursos, coiotes, guaxinins e aves de rapina. Huck foi criado para viver com pessoas. Não sei se tinha instintos de luta. Eu não conseguia imaginá-lo tentando rechaçar ou revidar o ataque de outro animal.

“Senhoras e senhores, solicitamos que, por favor, desliguem seus aparelhos eletrônicos; coloquem suas bandejas e assentos na posição vertical. Iniciaremos a aterrissagem em Nova York. A temperatura é de 5,5 graus.”

Eu me agarrei àqueles 5,5 graus. Fiquei tentando imaginar o quanto seria mais frio no norte de Nova Jersey do que no aeroporto LaGuardia. Se a temperatura não caísse muito e se Huck ainda estivesse vivo, achei que ele talvez aguentasse passar a noite sem morrer congelado.

Uma vez que nossos assentos ficavam na parte de trás do avião, fomos os

últimos a descer. Michael disse que estava zonzo, o que não chegava a ser surpresa em vista do tanto que ele tinha vomitado o voo todo. Eu estava preocupada com ele. Àquela altura, Michael estava completamente esgotado e uma parte de mim queria levá-lo para casa e botá-lo para dormir em sua própria cama.

Misericordiosamente, não tivemos de esperar muito tempo pela bagagem. Enquanto aguardávamos, Rich ligou para Mimi e John Kepner e avisou que não estávamos mais na Flórida e que não tínhamos ido ao jogo dos Yankees. “Mimi, se tiverem alguma ideia sobre como lidar com isso, me liga.”

“Pode deixar. A gente te liga amanhã, de qualquer jeito. Boa sorte.”

Rich também ligou de novo para Susan. Jesse pediu para falar com Michael.

“Sinto muito pelo Huck”, disse Jesse. “Falei pra minha mãe que vocês deviam tentar ir a alguma rádio e pedir para as pessoas procurarem o Huck.”

“Obrigado, Jesse.” Depois Michael devolveu o celular a Rich.

Susan disse que sua família tinha conversado e tido algumas ideias – colocar anúncio no jornal, ligar para a aspca (Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade aos Animais) e ir às rádios, sugestão de Jesse. Todas eram boas ideias.

Pegamos nossas malas e saímos o mais rápido possível do aeroporto. Entramos em um táxi. De dentro do táxi liguei para o estacionamento onde guardávamos nosso carro e pedi para nos esperarem dali a vinte minutos com o carro pronto. Cruzando a ponte Triborough, tive a sensação de que só me ausentara de Nova York por uma tarde.

Quando o táxi estacionou em frente ao nosso prédio, Rich e Michael foram direto pegar o carro e eu subi para pegar casacos mais pesados. Quando enfiei a chave na fechadura, meio que esperei ouvir Huck do outro lado. Entrei no apartamento escuro e fui até o *closet* onde ficavam as roupas de inverno. Tive a presença de espírito de pegar também lanternas. Ao sair do *closet* dei um passo para trás e pisei em uma das barulhentas bolinhas plásticas de Huck, uma alaranjada que em geral usávamos para brincar com ele. Por um momento eu parei e encarei a bolinha, com os olhos rasos d’água, e saí correndo do apartamento. Passei apressada pelo saguão, e Ed, um dos porteiros, perguntou se

estava tudo bem. “Achei que vocês estavam de férias.”

“A gente estava, mas o Huck fugiu, então voltamos pra procurá-lo.”

“Oh, não, onde ele estava?”

“Com a minha irmã, em Nova Jersey.”

“Espero que dê tudo certo. Mas que coisa terrível. Espero que vocês o encontrem.”

“Eu também espero.”



Capítulo 8

Rich e Michael já estavam me esperando no carro, em frente ao nosso prédio. Abri a porta do carro e joguei os casacões e as lanternas no banco de trás, onde Michael parecia ter caído no sono.

Do lado de fora soprava uma brisa fria e úmida. Não havia nem sinal de primavera, o clima parecia mais de inverno. Era o tipo de noite de março que faz você querer fechar as cortinas e se aninhar na cama com um bom livro, coisa bastante diferente do que estávamos prestes a fazer.

“As lanternas foram uma boa ideia”, disse Rich.

“Eu estava achando que a gente podia sair ainda hoje à noite para procurar o Huck. Talvez seja uma completa loucura, mas eu não conseguiria me perdoar se a gente não pegasse o carro e desse uma busca, pelo menos um pouco.”

“Isso quer dizer que a gente não tem de passar na casa dos Clarks?”, perguntou Michael, ainda de olhos fechados. “A gente pode começar a procurar o Huck assim que chegar lá?”

“Acho que a gente tem de parar na casa da tia Babs para o tio Dave nos mostrar exatamente a área para onde ele acha que o Huck correu”, expliquei.

“A gente não pode simplesmente ligar para o tio Dave?”, perguntou Michael, em tom sincero.

“Acho que a gente tem de ir até a casa dos Clarks e ver se fizeram algum progresso. Não vamos ficar muito tempo lá, mas lá vai ser a nossa primeira parada.”

Embora meu instinto me mandasse começar a perambular pelas ruas escuras chamando Huck assim que chegássemos lá, eu sabia que isso não fazia sentido. Rich concordou e Michael também, lembrando o que ele tinha dito antes. “Temos de dar um jeito para que os Clarks não se sintam mal com essa história.”

“Nós todos estamos de acordo quanto a isso, querido”, eu disse. “Nada disso é culpa de ninguém.”

Eu sabia que Rich queria entrar na conversa e começar novamente a assumir a culpa, mas ele não fez isso. Pelo contrário, encarou os olhos de Michael pelo retrovisor e disse: “Michael, eu prometo a você, vamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance pra achar o Huck. Vamos fazer o que for preciso”.

Michael não respondeu. Seus olhos agora estavam abertos. Ele se sentou direito no banco de trás.

Rumamos para o norte pela fdr Drive, cruzamos a ponte George Washington e entramos em Nova Jersey. Na maior parte do trajeto, rasgando a escuridão, ninguém falou muita coisa. Poucos dias antes tínhamos feito a mesma viagem para levar Huck a Nova Jersey, e as nossas férias inteiras estavam à nossa frente.

Agora, depois que elas haviam sido abruptamente interrompidas, em vez de nos sentirmos com as energias renovadas, estávamos emocional e fisicamente arrebatados, prestes a iniciar uma busca desesperada em meio a matagais áridos, terrenos baldios, lagoas, riachos e o terreno montanhoso do norte de Nova Jersey, uma busca que talvez se revelasse infrutífera. Olhei para os números de neon azul no painel do carro: 22h30. Huck estava desaparecido havia quinze horas.

Liguei para Barbara e avisei que estávamos a caminho.

“A Darian fez um cartaz. Ela e o Dave já espalharam alguns”, ela disse. Então, a voz dela começou a tremer. “Você sabe que nem tenho como te dizer o quanto estou me sentindo péssima com tudo isso.”

Eu não queria que ela chorasse. Ouvir minha irmã mais nova chorando no

telefone só me daria vontade de chorar também. Eu estava cansada demais pra suportar isso. “O Michael foi o primeiro a dizer que nada disso é culpa de vocês.” Depois, tentando encerrar a conversa e fazê-la desligar o telefone, eu disse: “Estaremos aí o quanto antes. Acabamos de cruzar a ponte e chegaremos aí em meia hora”.

Olhei pela janela. O carro ia passando por uma sucessão infinita de *shopping centers*, todos já na hora de fechar, com poucos carros ainda parados nos amplos estacionamentos. Eu me virei para olhar Rich, sentado com as costas retas ao volante, concentrado na estrada à frente. Abaixei o visor para ver Michael no banco de trás. Ele estava passando o dedo pela aba do boné dos Yankees e olhando pela janela. De vez em quando, encostava a cabeça no vidro, como se tivesse visto alguém ou algo. Depois se afastava de novo.

Pensei no quanto estávamos todos cansados e me lembrei de que ainda não tinha providenciado um lugar para passarmos a noite. “Vou ligar para aquele hotel. Como o Dave disse mesmo que se chamava?”

“Era um Hilton. Woodcliff Lake Hilton”, acudiu Rich.

“Vou pegar o número. Quantas noites devo dizer que vamos ficar lá?”

“Diga que não sabemos.”

O recepcionista foi gentil e fez rapidamente as nossas reservas. Quando me pediu um número de cartão de crédito, eu não consegui me lembrar do meu, mas nem precisei. Rich possui na mente um catálogo facilmente acessível com o número de seu cartão de crédito e do seguro social.

Havia pouco movimento na estrada. Chegamos a Ramsey em um piscar de olhos, em parte porque Rich pisou na tábua. Entramos com o carro na garagem dos Clarks. Rich desceu às pressas e caminhou na direção da casa. Barbara e Dave estavam esperando na sala. Dave e Rich trocaram um aperto de mãos e, antes que tivessem chance de dizer qualquer coisa, Barbara se jogou nos seus braços e começou a chorar: “Eu sinto muito, eu sinto muito”, ela murmurou.

“Vai ficar tudo bem. Ainda acredito que vamos encontrá-lo”, disse Rich, tentando acalmá-la.

Eu fiquei um pouco para trás, pegando os casacos e esperando Michael, que durante a viagem de carro tinha tirado os tênis e agora tentava desajeitadamente amarrar os cadarços. Subindo a trilha até a casa, pude ver Barbara abraçada a

Rich, Dave de pé ao lado dos dois. Por mais que eu estivesse ansiosa para entrar e ouvir a história completa, atenta para qualquer detalhe que pudesse nos dar alguma pista do paradeiro de Huck, ao mesmo tempo eu não queria entrar por aquela porta e ter de encarar outro momento emocionalmente intenso. Eu estava exausta demais. Eu queria pular aquela parte. Mas também sabia o quanto Barbara nos ama e o quanto aquilo era difícil para ela e para Dave. Eu sabia que os dois estavam se culpando. E sabia também que ainda estavam de coração partido, lidando com a dor de terem perdido, meses antes, Roxroy, um golden retriever de mais de quarenta quilos, presente que Barbara ganhara de Dave pouco antes do nascimento de Darian e que tinha morrido de câncer nos ossos.

Michael e eu entramos. Dave se abaixou, olhou meu filho nos olhos e disse: “Eu sinto muito. De verdade”.

“Tudo bem”, disse Michael, abraçando o tio.

Eu senti as lágrimas brotando nos meus olhos. “Eu sinto muito, Jan”, desculpou-se Barbara.

Abraçadas, nós duas choramos juntas.

“Eu sinto muito também. Nós nunca devíamos ter colocado vocês nessa situação.”

“Mas é claro que deviam”, protestou Barbara, desvencilhando-se abruptamente do meu abraço. “Eu sou sua irmã. Onde mais você ia deixar o Huck senão aqui na minha casa?”

Era o tipo de comentário reservado para irmãos e irmãs, o tipo exageradamente sensível que mais parece uma briga ou disputa mas que na verdade era um momento de desabafo. Aos ouvidos de Barbara a minha frase dizendo que não devíamos ter colocado os Clarks na posição de não ter opção a não ser ficar com o Huck por uma semana soou como crítica.

Darian desceu correndo a escada com um cartaz de 22 × 28 centímetros na mão. Ela abraçou Michael e mostrou o cartaz que ela tinha feito. Uma imagem de Huck aparecia de cima a baixo. Ao que tudo indicava, Darian e Dave tinham encontrado o e-mail com a fotografia do cãozinho e conseguiram inseri-la no cartaz. A palavra recompensa berrava no alto do anúncio. Mas não havia menção ao valor da recompensa.

“O cartaz está ótimo”, disse Rich, olhando por cima dos ombros dela. “E

fico muito feliz que vocês tenham achado a foto do Huck. Mas precisamos mencionar a quantia da recompensa – mil dólares. Isso vai chamar a atenção das pessoas. Vai fazer as pessoas lerem o cartaz com atenção e anotarem nossos números de telefone."

Fomos todos para a cozinha e começamos a planejar a nossa busca. Concordamos que precisávamos de bastante publicidade. As prioridades do dia seguinte eram óbvias – divulgar a notícia, distribuir cartazes, falar com as pessoas. O objetivo era informar os moradores de Ramsey e das cidades vizinhas sobre o filhote desaparecido e a família desolada. Sabíamos que nosso sucesso ou fracasso dependia completamente da bondade de pessoas desconhecidas.

Dave já tinha deixado um mapa aberto sobre a mesa e mostrou a direção para onde Huck tinha corrido e a área em que, segundo sua opinião, devíamos concentrar as buscas. Rich tentou decorar o mapa e tentou desviar os olhos dos muitos lagos, lagoas, córregos e riachos, além de hectares e hectares de floresta mostrados no mapa. A área era mais ameaçadora do que ele se lembrava. Rich tentou não pensar em Huck como presa de outros animais, algo em que eu não parava de pensar.

Perguntei a Barbara se ela tinha alguma coisa que Michael pudesse comer. "É claro. O que ele quer?"

"Mãe, não estou com fome. Só quero sair e começar a procurar o Huck."

Eu também queria. Estava ficando tarde. Achei que a gente devia pegar as lanternas e dar uma volta, chamando Huck pelo nome. Talvez, e apenas talvez, o destino fosse bondoso e Huck estivesse ali por perto e responderia ao som familiar da nossa voz. Valia a pena tentar.

Rich e Dave largaram o mapa e foram para o computador; fizeram algumas alterações no cartaz de Darian, acrescentando o valor $ 1.000 e as palavras menino inconsolável; imprimiram cerca de vinte cópias.

Barbara se ofereceu para ficar em casa e atender eventuais telefonemas de alguém que por ventura tivesse visto os cartazes que Dave e Darian tinham espalhado naquela tarde. Rich foi dirigindo, Dave no banco dos passageiros dando instruções sobre o caminho, Michael, Darian e eu nos acomodamos no banco de trás. Começamos subindo e descendo as ruas nas imediações da avenida Wyckoff. As ruas eram pouco iluminadas. A maioria das casas estava

totalmente às escuras. Era como se a cidade inteira já tivesse ido dormir.

Estacionamos a alguns quarteirões da Escola Hubbard, a escola primária do bairro, e, com as lanternas na mão, descemos do carro. O único som que ouvíamos era o barulho do vento contra os ganchos de metal do mastro vazio da escola. Começamos a caminhar na escuridão, chamando o cãozinho: “Huck, Huck, Huck”. Dávamos alguns passos e chamávamos de novo: “Huck, Huck, Huck”. Michael estava berrando, chamando freneticamente seu amigo perdido. “Mãe, a gente tem de entrar no bosque. Ele provavelmente está lá, naquela mata ali”, ele disse, apontando para um grupo de árvores espigadas.

Caminhei com ele na direção das árvores. Demos alguns passos para além das primeiras, iluminamos a escuridão aveludada com nossas lanternas, mas não vimos coisa nenhuma. Michael gritou de novo: “Huckie, Huckie, Huck, sou eu”.

Mas nem sinal do Huck. Nenhum movimento.

“Vamos para o hotel dormir um pouco”, eu disse, “e depois, assim que o sol nascer, a gente volta.”

“Não posso ir dormir se o Huck ainda está perdido”, alegou Michael.

“Se ele estiver lá, isso quer dizer que fez um excelente trabalho de se proteger o dia inteiro. É provável que tenha encontrado algum lugar pra dormir e passar a noite”, eu disse. “A gente vai ter mais chance se estiver descansado.”

Chamei os outros. Michael e eu desligamos as lanternas. Meu filho ficou lá, encarando a escuridão. Por fim, voltamos para o carro, e dali para o hotel, para tentar dormir um pouco.



Capítulo 9

Rich não precisou de despertador. Ele nem sequer dormiu, no máximo cochilou, remexendo-se e revirando-se a noite inteira, deitado de olhos abertos, pensando em tudo que precisava ser feito na manhã seguinte, tentando organizar as tarefas em sequência na cabeça.

O quarto era um breu, como são os quartos de hotel com cortinas duplas – mesmo no meio da tarde, se as cortinas estiverem fechadas. A única luz era o brilho dos números do relógio sobre o criado-mudo entre as duas camas. Rich olhou para o relógio à uma da manhã, depois às duas e meia, e de novo às quatro, quando cogitou levantar-se e ir para a cidade, mas desistiu. Agora eram seis horas, e ele estava de pé, no escuro, procurando atabalhoadamente suas roupas, sua carteira, as chaves do carro e o celular.

Tive uma noite semelhante, andando de um lado para o outro, preocupada com Michael, e me perguntando se talvez não fosse uma lição de vida melhor para o meu filho aceitar o fato de que Huck tinha fugido e que nunca mais o veríamos de novo (por mais doloroso que isso fosse) do que dar a ele a desilusão de uma falsa esperança.

“Você está bem?”, perguntei a Rich, sussurrando.

“Vou para Ramsey começar a procurar”, ele disse. “Vou divulgar alguns

cartazes e ver se já tem alguém na rua. Talvez eu consiga falar com alguma pessoa a caminho do trabalho ou da escola. Quem sabe alguém tenha visto o Huck?”

“Como vou fazer para te encontrar se você vai levar o carro?”, perguntei, sentindo vontade de entrar no automóvel e ir com ele, não fosse pelo fato de que Michael estava dormindo a sono solto na cama ao lado.

“Quando o Michael acordar, liga pro Dave e pede pra ele vir pegar vocês dois. Temos de deixar o Michael dormir, e depois ele vai ter de comer alguma coisa.”

“E você, quando vai comer?”, perguntei.

“Eu pego alguma coisa no caminho. Quero ir já. É uma boa ideia você tentar dormir um pouco, porque não há nada que você possa fazer agora. Vou deixar dois cartazes aqui com você. Quando o Dave buscar vocês, peça para ele te levar em algum lugar para fazer mais cópias.”

“Acha melhor fazer cópias coloridas? Talvez saia caro. Se a gente vai mesmo espalhar cartazes pela cidade toda, que é o que acho que a gente tem de fazer, provavelmente o certo é começar com quinhentas cópias”, eu disse, mais pensando alto do que exatamente fazendo uma pergunta.

“Precisamos de cópias coloridas, senão o cartaz não vai chamar a atenção. Se for preto e branco, vai ser igual a qualquer um, e as pessoas vão passar batidas por ele. Ah, sim, veja se consegue fita adesiva e uma caixa de sacos plásticos para os cartazes que a gente for colar em postes e orelhões. Se a gente não usar uma capa plástica, a chuva vai estragar o cartaz.”

Rich obviamente tinha me deixado para trás na questão do planejamento. “Tá legal, é uma boa ideia.” Era tão típico de Rich pensar no que poderia acontecer caso chovesse ou ventasse forte. Ele tinha uma extraordinária capacidade de concentração, de pensar e repensar em todo tipo de detalhe, sem jamais se deixar distrair.

“A gente deve fazer o que tiver de fazer agora e se preocupar com dinheiro depois”, ele disse. “A gente tem de lidar com essa situação da maneira mais agressiva possível. Tenho de ir.” Rich saiu porta afora antes mesmo que eu tivesse a chance de responder.

Eu estava agitada demais para voltar a dormir. Tomei uma chuveirada e me

vesti, desconectei o celular do carregador que estava na tomada e, segurando o aparelho na mão, afundei na poltrona bege junto à janela, esperando Rich me ligar e Michael acordar. Percebi que estava deixando nas mãos de Rich a maior parte do fardo de planejar as coisas. Eu não era assim. Mas eu estava priorizando Michael, preocupada com sua sensação de perda e dedicada a achar maneiras de confortá-lo, de modo que não conseguia pensar em quase mais nada.

***

Lá fora, Rich saiu com o carro do estacionamento do hotel e rumou para Ramsey. A estrada para a cidade era desolada e praticamente só tinha curvas fechadas. Parado em um semáforo, Rich olhou de relance para os cartazes e se lembrou de que precisava de fita adesiva para afixá-los. Pensou em parar na casa dos Clarks assim que chegasse a Ramsey, mas ainda eram seis e pouco da manhã, e o mais provável era que eles nem tivessem acordado. No instante exato em que abortou a ideia de parar na casa dos Clarks, Rich viu do outro lado da rua um edifício de telhas vermelhas, em cuja frente havia uma placa de madeira pintada de preto. No centro da placa, um enorme morango vermelho, cercado pelas palavras “Empório do Elmar”. Do lado de fora, duas bombas de gasolina e vários carros parados no estacionamento. O lugar devia estar aberto. Estava.

O empório servia refeições e tinha pequenas lousas anunciando os pratos especiais do dia. Às seis e meia da manhã, o lugar estava apinhado de gente a caminho do trabalho, caminhoneiros, professores e estudantes, tomando uma caneca de café ou comendo ovos fritos. Era um lugar onde os clientes comentavam as fofocas locais, compravam jornais, bilhetes de loteria, cigarros e doces. Naquela manhã de uma fria sexta-feira de março, um homem desesperado por um rolo de fita adesiva conseguiu convencer o relutante funcionário do caixa a vender o único que ele tinha, e que era usado na própria loja, por dois dólares.

Rich chegou rapidamente a Ramsey, desceu a avenida Wyckoff, passou pela casa dos Clarks, virou à esquerda e pegou a rua Pine, área que julgava ter sido a que Dave tinha apontado no mapa na noite anterior. Estacionou na esquina, esquadrinhando a rua de cima a baixo. Começou a percorrer o quarteirão, com os cartazes debaixo do braço.

Uma casa de madeira não tinha nada a ver com a outra. Havia residências

de estilo colonial ao lado de casas de vários andares e outras de estilo rancho. Nas garagens, invariavelmente mais de um carro. Cada casa tinha algum indício revelador sobre seu morador. Muitas portas da frente traziam bandeirolas com dizeres como “Bem-vindos, amigos” ou “Aqui vivem netinhos mimados”. Em algumas varandas, Rich viu pilhas de lenha; em outras, cadeiras de balanço vazias, à espera da primavera. Alguns quintais ficavam escondidos atrás de cercas com avisos de cuidado: cachorro bravo. Em outros quintais havia camas elásticas.

Rich não perdeu tempo com o seu plano de fazer amizade com o maior número possível de pessoas e arregimentá-las para o exército de que precisávamos para encontrar nosso filhote. Ele abordou a primeira pessoa que viu, um homem apressado, de terno e gravata, que estava saindo pela porta da frente e descendo a garagem para entrar no carro. Rich tentou sorrir: “Senhor, tem um segundo?”, e então fez uma rápida sinopse da nossa história e pediu que o homem pegasse um cartaz e mostrasse aos amigos.

“Estou procurando o cachorrinho do meu filho, um poodle chamado Huck. Ele fugiu ontem de manhã da casa da minha cunhada na avenida Wyckoff. Meu menino está desolado. Estamos desesperados pra encontrar o Huck. Será que o senhor poderia nos ligar se o vir por aí? Estamos oferecendo uma recompensa de mil dólares. E, por favor, o senhor pode divulgar a notícia?”.

O homem respondeu de pronto. “Claro. Vou pegar alguns folhetos. Que pena. Há quanto tempo o cachorro está desaparecido?”, ele perguntou.

“Cerca de vinte e quatro horas.”

“Ainda não é muito. Espero que você encontre”, disse o homem. Depois entrou no carro e foi embora.

As ruas da área da avenida Wyckoff eram labirínticas, repletas de curvas, uma desembocando na outra. Rich cobria um trecho andando a pé o máximo que podia; depois, antes que se perdesse, voltava para o carro, dirigia para outras ruas no entorno da avenida, estacionava o carro e andava mais um pouco.

O relógio já marcava mais de sete da manhã. Agora havia muito mais gente saindo de casa, preparada para enfrentar o frio com casacos pesados e cachecóis coloridos. Eram pessoas até que bastante amigáveis, mas apressadas. Depois de um ou dois encontros, Rich já tinha desenvolvido a habilidade de resumir o

relato de acordo com o nível de pressa de cada pessoa.

Rich conversou com um homem chamado Dan, com uma mulher que estava acomodando seu filhinho em uma cadeirinha de bebê no banco de trás do carro, e com uma senhora que tentava amontoar quatro meninas em uma picape. Com um senhor cuja gabardina não escondia totalmente o roupão de banho que usava por baixo, e que em uma mão segurava uma caneca de café ao passo que com a outra dava a partida no carro para a mulher. Era vizinho de um homem que, com as roupas encharcadas de suor, acabava de voltar da corrida matinal. Rich trocava apertos de mão com todo mundo que ia encontrando, implorando a desconhecidos que divulgassem a história. Estava começando a se sentir como um candidato em busca de votos para algum cargo público.

Na Forest Avenue, Rich viu uma adolescente de cerca de quinze ou dezesseis anos, com olhos e cabelos pretos, óculos e um sorriso meigo. Ela estava entrando em um carro dirigido por uma mulher que era obviamente sua mãe. Tímida, mas disposta a ajudar, Kim Romans pegou um punhado de cartazes. “Eu posso distribuir entre meus amigos na escola”, ela disse.

Kim tinha muitos amigos na escola. Ela tocava flauta e oboé e era a coordenadora musical da banda marcial, que competia rigorosamente todo ano no campeonato estadual. No primeiro ano do ensino médio, Kim tinha sido animadora de torcida, mas agora, no segundo ano, dedicava cada vez mais tempo à banda, na esperança de tornar-se baliza.

Naquela manhã, assim que chegou à escola, Kim afixou alguns cartazes na parede de tijolos da sala de ensaios da banda e depois distribuiu outros entre seus amigos ao longo das aulas do dia. Na aula de culinária, deu um a Ray Leslie, saxofonista e grande amigo, menino que dividia o próprio quarto com um coelho gigante de Flandres de sete quilos chamado Dante e dedicava grande parte de seu tempo atuando como voluntário em organizações como Salve Darfur. “Isto aqui parece seu tipo de coisa”, disse Kim ao passar um cartaz às mãos do amigo.

Depois de falar com Kim e sua mãe, Rich continuou perambulando por ruas secundárias, pensando no quanto se sentia grato a Kim, que parecia uma menina simples e de bom coração. Ela foi tão simpática e solícita e acolheu sem rodeios e de maneira prática a tarefa de ajudá-lo. Ele voltou para o carro, ansioso para chegar ao próximo bairro. Entre Kim e outras pessoas com quem já tinha

conversado naquela manhã, Rich estava começando a se sentir menos solitário. E ainda era cedo.

Rich avançou com o carro em meio ao labirinto de ruas. Distraído com seus próprios pensamentos, acabou indo para bem longe de onde tinha falado com Kim. As casas começaram a parecer diferentes. Ficavam em terrenos maiores, e era como se tivessem sido construídas dentro da mata. Por cima das casas assomavam árvores.

No fim da Stone Fence Road, que não tinha saída, havia uma casa enorme, bosque adentro. No fim da comprida entrada para carros via-se uma garagem parecida com um celeiro. Rich viu um reluzente Jaguar entrar na garagem. Do carro saltou um homem de meia-idade calvo, musculoso, de rosto largo e usando óculos de aviador.

Harris Rakov tinha sido advogado antes de decidir dar uma basta. Trocou a vida atrás de uma escrivaninha por uma atrás do volante de carros de luxo com clientes endinheirados no banco de trás. Nesta sua segunda carreira, Harris era chofer, levava gente de um lado para o outro, ouvindo as histórias delas e contando as próprias lorotas. Muitos de seus clientes desembarcavam de jatinho particular no aeroporto Teterboro e queriam chegar ao seu destino final com estilo. E, de fato, Harris proporcionava o “Rode com estilo”.

Mas o principal motivo para essa incongruente mudança de carreira era o fato de que os filhos de Harris já estavam criados e ele queria passar mais tempo com a mãe deles, cuja carreira como corretora imobiliária tinha horários flexíveis. Barbara Rakov – mulher alta e esguia de olhos verdes brilhantes e traços delicados que, mesmo já na meia-idade ainda parecia estar cursando as aulas de balé que fazia quando menina em Sheboygan, Wisconsin – era o amor da vida dele.

Harris e Barbara haviam se conhecido em uma festa de Natal em Nova York. Ela ainda morava no Meio-Oeste, mas tinha ido visitar a cidade. Ele a cortejou e seduziu durante mais de um ano até finalmente convencê-la a pedir demissão do emprego e se mudar.

Em um dia gelado de janeiro, logo que o calendário anunciou o ano de 1980, Harris levou Barbara para um jantar romântico no alto do World Trade Center. Pediu champanhe. Ergueu a taça para fazer um brinde e discretamente

deixou cair dentro dela um anel de diamante, pedindo-lhe para que passasse o resto da vida dela ao seu lado. Vinte e três meses depois nasceu Sara, sua primeira filha. Eles saíram do hospital com o bebê na véspera de Natal e colocaram o berço de vime dela debaixo da árvore de Natal.

Harris adorava a esposa. Ele guardara todos os bilhetes e cartões que ela tinha mandado. Ele possuía uma compreensão inata do quanto a vida pode ser tênue. O pai de Harris morreu quando ele tinha apenas três anos de idade. Sua mãe o criara em Manhattan, não muito longe de onde eu morava com a minha família.

Harris era o tipo de homem que atraía as pessoas para junto de si, em vez de afastá-las ou mandá-las para longe. Assim, quando viu Rich caminhando em sua direção, esticou a mão antes mesmo que ele dissesse uma palavra.

“Bom dia”, ele cumprimentou meu marido.

“Oi”, respondeu Rich. “O senhor tem um minuto?”

“Claro, claro. O que posso fazer por você?”

“Bom, espero que o senhor possa me ajudar.” Rich pegou um dos cartazes e, sentindo a capacidade que Harris tinha de apreciar a vida, fez o relato mais longo da nossa saga, a versão que incluía o câncer.

No fim das contas, Rich descobriu que Harris também tinha sua própria história para contar, envolvendo um filho (no caso, sua filha Sara), animais de estimação e tristeza. Anos antes, o gato de Sara – o Pequeno Lely Faísca Azul Rakov, da raça Azul da Rússia –, felino completamente doméstico e sem unhas, saiu de casa. O irmão de Sara, Nicholas, que então tinha acabado de tirar carteira de motorista e ainda era meio barbeiro, foi dar marcha à ré e bateu em um carro; na confusão, todos se distraíram e o gato acabou escapando.

“Foi terrível”, Harris explicou. “Sara estava na faculdade. Fizemos exatamente o que você está fazendo. Barbara foi à Humaine Society [Sociedade Humanitária], pregamos cartazes, deixamos ração do lado de fora da casa para atrair o gato e a Barbara inclusive criou uma mala-direta para todas as casas da área.”

Rick fez a pergunta para a qual não tinha certeza de querer ouvir a resposta. “Vocês encontraram o gato?”

“Você não vai acreditar. Depois de seis ou oito semanas, o gato voltou pra

casa. Foi incrível. Eu estava saindo com o carro da garagem e lá estava ele, comendo a comida que tínhamos deixado a postos. Aposto que a Barbara ficaria feliz de criar umas etiquetas pra vocês e vocês podem enviar estes folhetos aqui pra todos os proprietários de casas da área."

Animado por receber de um total desconhecido uma oferta de ajuda tão gentil, Rich agradeceu efusivamente a Harris. Os dois trocaram números de telefone. Harris também deu a Rich o endereço de e-mail e o telefone comercial de Barbara Rakov, para que entrasse em contato com ela sobre a mala-direta. "Vou contar a história para a minha esposa e você pode ligar pra ela um pouco mais tarde, assim que ela sair para o trabalho e começar seu dia."

Os dois homens trocaram um aperto de mãos. Harris girou sobre os calcanhares e caminhou para a porta da frente da sua casa.

Rich começou a se afastar, depois se virou para olhar mais uma vez para Harris, esperando jamais esquecer o rosto daquele senhor tão generoso. "Obrigado mais uma vez, muito obrigado!"

"Aposto que vocês vão achar seu cachorro", Harris berrou, aconselhando: "É só ter um pouco de paciência".

De volta ao carro, Rich não conseguia se lembrar de como sair daquele emaranhado de ruas. Ele começou a imaginar que era exatamente isso que tinha acontecido com o Huck – entrou no bosque e, quando viu, estava tão entranhado na mata que não conseguia mais achar o caminho de volta.

Agora as ruas estavam mais desertas do que de manhãzinha bem cedo, quando Rich tinha começado sua jornada. A conversa com Harry tinha demorado mais do que ele percebera. Já eram quase oito e meia. Durante um bom tempo ele não viu viva alma. Será que todos que precisavam ir para a escola ou o trabalho já tinham saído de casa?

Foi aí que avistou uma mulher baixinha e bonita, usando um casaco de camurça marrom e passeando com um terrier tibetano preto e branco. Rich estacionou ao lado dela, que se apresentou como Lorraine Sassano, e seu cãozinho como Baxter. Rich perguntou se ela tinha visto um poodle abricó e contou a história.

"Deixe alguns cartazes comigo. É preciso espalhar rápido a notícia. Eu trabalho em Allendale. Vou colar alguns lá para você", ela se ofereceu. "E posso

afixar alguns também no consultório médico em que eu trabalho. Lá vai muita gente que mora na área."

"Seria ótimo, muito obrigado", Rich agradeceu e entregou a ela alguns cartazes.

"Por que não tenta ir às escolas?", sugeriu Lorraine. "Crianças gostam de desafio. Se você conseguir colocar cartazes nas escolas, aposto que elas vão se oferecer pra ajudar."

Pensando em Kim, Rich julgou muito bom o argumento de Lorraine. As crianças das escolas provavelmente conheciam todos os esconderijos da área e talvez conhecessem a mata melhor do que qualquer adulto. Afinal de contas, iam a muitos lugares a pé ou de bicicleta.

"É uma ideia muito boa. Vou tentar."

"Tem outra coisa que você deve dizer para o seu filho. Peça pra ele rezar para Santo Antônio. Ele já encontrou muita coisa pra mim."

"Obrigado, vou dizer."

Lorraine indicou o caminho para a avenida.

Tanta gente tinha sido tão gentil que Rich agora se sentia encorajado, pronto para levar sua campanha para uma próxima etapa. Ele tinha decidido começar a tocar a campainha das casas onde já parecesse haver gente acordada.

De volta à Forest Avenue, Rich avistou alguns homens com roupa de trabalho saindo de uma casa colonial com uma bandeira dos Estados Unidos tremulando na varanda. Na garagem, havia uma picape em cuja lateral lia-se, com letras bem desenhadas:
J. H. Myer Myer Empreiteiro. Ele se dirigiu para a porta da frente e tocou a campainha. John Myer abriu a porta e saiu, acompanhado por Lily, uma spaniel rei Carlos marrom e branca. "Espere, sua cachorra saiu", alertou Rich no instante em que viu o cão solto.

"Tudo bem. Ela não vai a lugar nenhum", John respondeu, tranquilamente, com Lily deitada a seus pés.

Por um momento, Rich sentiu inveja daquele homem cuja cadela se deitava no gramado em vez de sair correndo ou desaparecer na floresta. *Por que o Huck não pode ser assim?*, pensou. Ele se apresentou a John e contou a nossa história; quando entregou ao empreiteiro um cartaz, percebeu que suas cópias estavam

acabando.

John era um homem confiante, não apenas seguro de que seu cachorro ficaria deitado a seus pés, mas confiante em si mesmo, um sujeito de maneiras tranquilas, riso fácil e aperto de mãos firme. Carpinteiro de profissão, pai de três meninas, ele convidou Rich a entrar e se ofereceu para tirar gratuitamente fotocópias dos folhetos.

Rich seguiu John casa adentro. Os dois passaram pela cozinha, cujas paredes eram forradas por armários de cerejeira lindamente trabalhada; no centro, uma ilha com fogão e bancada de apoio. Depois da cozinha havia um recanto onde estavam em exposição amostras da perícia manual de John – frisos de madeira, uma cornija sobre a lareira de tijolos, um banco de madeira. Do outro lado, o escritório de John. Sem pestanejar, ele fez um punhado de cópias coloridas do cartaz e entregou a Rich.

“Vou ficar com alguns e colar em postes e árvores e também nos telefones públicos. Vou pedir também para os meus homens ficarem de olho.”

“É uma ajuda e tanto”, agradeceu Rich. “Nem percebi que minhas cópias estavam acabando.”

“Sem problema”, respondeu John. “Vamos procurar. Boa sorte.”

***

Enquanto Rich estava nas ruas e Michael dormia, peguei a lista telefônica na mesinha do nosso quarto de hotel, achei na minha bolsa o meu bloco de anotações e fui para o banheiro, onde eu podia acender a luz sem acordar meu filho. Ficar sem fazer nada era uma tortura. Eu tinha que começar a dar telefonemas.

Sentei-me na borda da banheira de porcelana, equilibrando o telefone no colo, e comecei a procurar nomes de jornais e abrigos de animais da cidade. Achei pelo menos três jornais em que eu podia colocar anúncios. Com meu celular, que eu vinha segurando na mão desde que Rich saíra, comecei a ligar para saber como colocar o anúncio e quanto ia custar. Tínhamos feito um trabalho tão bom no cartaz que seria melhor simplesmente reproduzi-lo em um anúncio de quarto de página ou de meia-página.

Minha primeira ligação foi para o *Suburban News*, jornalzinho semanal que

cobria as cidades de Ramsey, Waldwick e Mahwah. Falei com uma mulher chamada Pat, que me disse que era tarde demais. A edição do jornal já estava sendo fechada naquela manhã. Insisti, tentando ver se era possível reverter aquela decisão. Eu lhe disse que se tratava de um anúncio oferecendo uma recompensa por informações acerca de um cachorrinho perdido pertencente a um menino de doze anos. Eu disse que era de Nova York e que estava hospedada em um hotel local, vasculhando a área em busca do cãozinho. Eu estava pronta para contar a história inteira, mas não foi preciso. Ela se convenceu e cedeu rapidamente. “Se você puder me enviar um arquivo em formato jpeg em duas horas, eu consigo incluir. Mas tem de ser no máximo em duas horas.”

“Isso é ótimo. Muito obrigada, eu mando sim. Vou anotar seu e-mail. E se você esperar na linha posso te passar meu número de cartão de crédito.”

Pus o telefone, o bloquinho de anotações e a lista telefônica no chão. Abri a porta do banheiro para pegar meu cartão de crédito e levei um susto. Lá estava Michael, já de pé e completamente vestido, perguntando: “Mãe, a gente pode ir? Por que me deixou dormir tanto? Vamos procurar o Huck. Cadê o papai?”

“Espere eu acabar de falar ao telefone que vou te informar sobre tudo que está acontecendo.”

Dei a Pat meu número de cartão de crédito e a agradeci novamente. Eu não tinha a menor ideia do que era um jpeg, mas supus que Rich saberia e também que me ensinaria a mandar o tal arquivo para ela. Saí do banheiro e me sentei na cama de Michael, que se sentou perto de mim e encostou a cabeça no meu ombro.

“O papai saiu cedinho para conversar com as pessoas saindo de casa para a escola ou para o trabalho. A gente queria que você dormisse porque você vai precisar de bastante energia hoje. Eu estava esperando você acordar para ligar para o tio Dave e pedir para ele vir buscar a gente e ir a algum lugar fazer mais cópias dos cartazes. Aí a gente vai encontrar o papai. Agora, por que você não pede um café da manhã enquanto a gente espera o tio Dave?”

Michael já queria sair, mas concordou em comer alguma coisa enquanto esperávamos a nossa carona. Graças à noite de sono, ele parecia fisicamente muito melhor, e parecia mais calmo, mas seu entusiasmo característico tinha sumido. Liguei para o Dave e pedi que ele viesse nos pegar. Depois liguei para o

serviço de quarto e pedi ovos mexidos, leite com chocolate e torradas. Michael sentou-se na poltrona e serviu-se da bandeja sobre o divã à sua frente. Não ligou a televisão para assistir ao programa *SportsCenter* nem buscar notícias sobre beisebol, como geralmente fazia; simplesmente ficou lá sentado, obrigando-se a comer.

Enquanto isso, liguei para o Abrigo de Animais do Condado de Bergen, a fim de descobrir o que aconteceria caso alguém informasse ter encontrado um cachorro perdido. “Quando o município acha que há um animal perdido, o Centro de Controle Animal é acionado”, respondeu o homem do outro lado da linha. “Nós vamos buscar o animal e o trazemos aqui, onde ele fica por sete dias.”

Eu estava com medo de perguntar, mas fui em diante mesmo assim: “E depois, o que acontece?”.

“O animal é mandado para adoção.”

Aliviada, contei a nossa história e pedi conselhos.

“A senhora pode vir aqui para preencher formulários e dar uma olhada nos cachorros que a gente tem aqui. Mas, para ser sincero, não me lembro de ter visto nenhum cãozinho assim. Por que a senhora não continua procurando e vem aqui daqui a um ou dois dias?”

Parecia uma sugestão razoável. A jornalista que há em mim tinha de fazer a pergunta seguinte, mas eu estava relutante, por causa de Michael. Ele estava sentado bem à minha frente, finalmente tinha descansado e estava comendo alguma coisa. Eu não queria que ele começasse seu dia de um jeito errado. Eu não queria deixá-lo chateado, mas sabia que tinha de perguntar. “E o que acontece quando um cachorro é atropelado e morre ou se é atacado por algum animal selvagem e alguém encontra o corpo?”

“Bom, geralmente as pessoas se livram do corpo; a senhora sabe, alguém acaba sendo chamado para sumir com o corpo. A gente não fica nem sabendo.”

Não consegui me segurar. Eu queria ter certeza de que tinha entendido tudo que ele estava dizendo. Huck era uma parte tão importante daquilo que nós éramos como família, seu amor fiel era uma fonte tão constante de conforto e alegria, que eu achava impossível acreditar que ele podia morrer sem que ninguém nos contasse. Por isso, não pude evitar e fiz de novo a mesma pergunta,

para me certificar de que tinha entendido direito.

“O senhor está sendo muito solícito. Permita-me apenas ver se estou entendendo direito. O senhor está dizendo que se o nosso cachorro ou algum outro animal de estimação morrer atropelado ou atacado por um lobo ou coiote e alguém simplesmente der um sumiço no corpo, não temos como ficar sabendo?”

“Sim, isso mesmo.”

“Mas e se o animal tiver uma medalhinha de identificação na coleira com informações?”

“Alguém pode telefonar para você ou para outra pessoa. Mas isso seria um ato de bondade, não rotina.”

Agradeci e desliguei. Felizmente, ter entreouvido a minha pergunta sobre o cadáver de animais de estimação pareceu não abalar minimamente Michael, ou pelo menos ele não demonstrou, pois nada disse.

Pus a lista telefônica no colo e comecei a folhear as páginas à procura de números de telefone de outras organizações de animais que pudessem ser úteis. Pelos nomes era difícil saber se tinham alguma coisa a ver com animais perdidos. Havia a Humaine Society, o Abrigo de Animais de Ramapo Bergen, o Centro de Controle de Animais, a aspca. Seria demorado ligar para todos eles. Anotei todos os números; se eu tivesse tempo ao longo do dia, ligaria para todos, um por um.

***

Enquanto esperávamos Dave, Rich foi para a Escola de Ensino Médio de Ramsey, seguindo o conselho de Lorraine de recrutar crianças para ajudar na busca. No caminho, logo depois do trecho da avenida Wyckoff que estava em obras no dia da fuga de Huck, ele avistou, debaixo de um imponente abeto azul que se destacava em meio a um grupo de pinheiros menores, uma enorme pedra cor de areia da altura de uma criança de cinco anos. Na placa havia uma maçã prateada e as palavras Young World Day School [Escola Mundo Jovem].

Rich parou o carro no estacionamento da escola, pegou um cartaz da pilha no banco do passageiro e entrou. Por um minuto, ficou de pé junto às portas de vidro duplas, ouvindo o adorável som das vozes de crianças pequenas acompanhadas por um piano. “Eu estava trabalhando na ferrovia”, cantavam

todas elas, e as vozes iam ficando cada vez mais altas e alegres até explodirem no refrão: “Que trabalheeeeira”.

Dentro daquelas portas havia um lugar animado, colorido e acolhedor. Era um refúgio. Nas paredes pintadas de um pálido tom de amarelo havia uma profusão de quadros de avisos, cada um deles forrado de desenhos de bonecos de neve, frutos da imaginação das crianças, afixados sobre um fundo azul. Abaixo dos quadros de avisos havia fileiras de pinos, e em cada pino uma mochila pendurada. Acima da porta de todas as salas de aula havia um cartaz de boas-vindas. Rich se sentiu um intruso. Em uma época em que homens adultos vistos com crianças que não sejam seus próprios filhos são encarados com desconfiança, Rich não sabia como seria recebido. “Com licença, será que eu poderia falar com a pessoa responsável?”, perguntou a uma mulher de meia-idade sentada atrás de uma escrivaninha, que o atendeu com gentileza e não pareceu nem um pouco incomodada com sua solicitação.

“Ela está ocupada agora, mas se o senhor quiser se sentar e esperar, ela deve estar livre em dez ou quinze minutos.”

Rich ainda estava pensando na bondade das pessoas desconhecidas quando a pessoa responsável apareceu, aparentemente surgida do nada. Janet Jaarsma sentou-se ao seu lado e ouviu atentamente o relato da nossa saga, que mais uma vez meu marido narrava para uma pessoa que nunca tinha visto na vida.

Janet trabalhava na Young World – escola para crianças de dois anos até a quinta série – fazia décadas, transformando em realidade a visão que ela tinha de uma escola como lugar que enfatiza os aspectos positivos, aquilo que as crianças conseguem fazer, em vez do que não conseguem. O ambiente calmo e confortável, que Rich sentiu assim que pisou lá dentro, era a marca registrada da escola.

Janet cresceu em uma época, de acordo com o que ela mesma diria mais tarde, em que as “crianças eram vistas, mas não ouvidas”. Ela passara seus dias de menina em uma pacata comunidade de Prospect Park, Nova Jersey, onde ia a pé para a escola durante a semana e para a igreja aos domingos. Na adolescência, trabalhou como voluntária no hospital local, o Paterson General.

Janet era uma mulher pequena, de cabelos grisalhos, que fora educada com a expectativa de que, quando adulta, trabalharia com afinco e usaria seus

consideráveis talentos para ajudar os outros. E era o que ela fazia. Janet fez faculdade e mestrado, em uma época em que isso era raro entre mulheres. Ela se casou com Richard, um homem apaixonado por literatura e que compartilhava com ela a mesma visão positiva e independente da vida. Tiveram dois filhos.

Janet era delicada e tinha reverência por boas maneiras e flores bonitas. Sentada em um banco ao lado de Rich, ela achou que ele estava bastante perturbado e tentou acalmá-lo, incutindo nele o espírito compassivo da escola.

“Sempre pensei que se todo mundo se dedicar de corpo e alma a uma tarefa, daí só podem sair coisas boas”, disse ela a Rich, que estava perplexo com o fato de aquela mulher tão acolhedora e generosa sentada ao seu lado estar concedendo seu tempo e energia para ajudá-lo. “Deixe-me dar uma olhada no cartaz.”

Ela olhou para a fotografia de Huck e sorriu. “Eis o que eu vou fazer. Vou fazer uma cópia bem grande do cartaz e afixá-lo na janela da frente. Quando as pessoas passarem de carro ou vierem buscar os filhos, elas vão ver. Se alguma pessoa ligada à escola vir o cachorro, tenho certeza de que vai ajudar.”

Para Rich, era a mais recente de uma série de extraordinários atos de bondade por parte de pessoas que, sem pensar duas vezes, interrompiam seu dia para ceder de bom grado um pouquinho de seu tempo. Todo mundo, mesmo as pessoas com pressa, paravam e davam ouvidos a Rich, respondendo como podiam ao seu apelo. Ninguém fechou a porta, nem lhe virou as costas, nem o repudiou. A cidade de Ramsey estava abrindo o coração para Rich, e, por extensão, para nós também.

Rich voltou para o carro e pensou que devia ir para outras escolas o mais rápido possível, acalentando a ideia de formar um grupo de crianças para procurar Huck. Era sexta-feira; por isso, se não falasse com elas logo, só teria outra oportunidade após o fim de semana. Voltando pela avenida Wyckoff até a Main Street, Rich – que era um ferrenho nova-iorquino, nascido e criado na cidade grande – estava começando a apreciar a vida em uma cidadezinha. Ele estava maravilhado ao ver que as pessoas tinham a maior disposição de ceder seu precioso tempo. A maioria das pessoas com quem ele tinha falado naquela manhã não havia causado nele a sensação de que precisava contar às pressas sua história. Como Janet Jaarsma, as pessoas pareciam dispostas a ouvi-lo pelo

tempo que fosse necessário para explicar nossa situação. Era um contraste gritante com Nova York, onde um segundo a mais na hora de fazer seu pedido em uma delicatessen pode levar o balconista a colocar você de lado ou ignorá-lo para atender um cliente mais decidido.

Mas Rich não se permitiu acomodar-se demais com a compaixão das pessoas. As horas estavam passando e Huck ainda não tinha sido visto. Nenhuma daquelas maravilhosas pessoas tão solidárias com a nossa história tinha visto Huck, nem conhecia alguém que tivesse. Não havia sequer indícios que nos permitissem dizer que ele ainda estava vivo.

Rich avançou, esperançoso de que o que ele estava fazendo servisse como base para o nosso ímpeto publicitário, que manteria uma comunidade inteira de olhos abertos e atenta para procurar nosso cãozinho na mata. Ele passou pelo gramado em declive da Escola de Ensino Médio de Ramsey. Parou o carro no estacionamento e foi até a sala do diretor. A sra. Maxwell, mulher gentil e de maneiras tímidas, disse que o diretor não estava e sugeriu que ele discutisse sua intenção de espalhar cartazes pela escola com alguém do Conselho Municipal de Educação, cuja sede ficava em um prédio de pedra ao lado da escola.

Rich foi correndo para lá. Entrou e foi atendido pela secretária, Annette Augello, uma mulher diminuta de olhos pretos que ali trabalhava, rodeada de desenhos de crianças, recebendo as pessoas havia quinze anos.

“Não, no momento não há ninguém que possa dar ao senhor permissão para esse tipo de coisa”, ela disse.

Frustrado, Rich temeu que a coisa descambasse para meandros burocráticos. A distância entre seu nervosismo e o jeito plácido de Annette foi ficando cada vez maior. Ela perguntou se ele aceitaria um copo de água e o levou para uma sala de reuniões, cujas paredes decoradas com painéis exibiam fotografias das escolas da cidade; em um canto, havia uma bandeira dos Estados Unidos; em outro, um aparelho de televisão em um suporte preso ao teto.

No centro da sala havia uma enorme mesa oval com cadeiras estofadas, ocupando a maior parte do espaço.

Annette e Rich puxaram cadeiras e se sentaram. Rich tomou um gole da água do copo de plástico que Annette tinha providenciado e depois tentou explicar o quanto era importante receber autorização para afixar imediatamente

alguns cartazes na escola. Ele mostrou a ela um dos folhetos, na esperança de comovê-la. Mas Annette estava irredutível e alegou simplesmente que não tinha autorização para dizer nem “sim” nem “não”.

Tentando ser solícita, ela disse que havia na escola um grêmio de serviços comunitários que talvez estivesse disposto a ajudar. Já passavam das dez da manhã. Ela sugeriu que Rich ligasse mais tarde, e até lá ela teria uma resposta sobre os cartazes e o grêmio.

***

Ao mesmo tempo em que Rich estava sentado no Conselho Municipal de Educação de Ramsey, receoso de ter chegado a um beco sem saída, eu estava em uma loja Staples perto do hotel com Michael e Dave. Estávamos esperando enquanto uma senhora corpulenta, usando um avental vermelho, tirava quinhentas cópias coloridas do cartaz. Já tínhamos comprado fita adesiva e as capas plásticas. Quando ela terminou, entregou a pilha de papéis a Michael e pediu que pagássemos no caixa. “Você é o menino inconsolável do cartaz?”, ela perguntou. Antes que ele pudesse responder, ela disse: “Vou te dar um conselho: reze para Santo Antônio. Se você fizer isso, vai achar seu cachorro”. Mais uma vez, uma pessoa desconhecida sugeria que rezássemos para Santo Antônio pedindo ajuda divina para encontrar nosso cãozinho perdido.

Michael ficou confuso.

“Obrigado”, respondi por ele. “Nós vamos fazer isso.”

Pagamos o mais rápido possível e fomos para o carro. Liguei para Rich e disse que tínhamos de agir logo para conseguir colocar o anúncio no jornal local. Combinamos de nos encontrar na casa dos Clarks para que ele pudesse usar o computador e enviar o arquivo jpeg. Isso também nos daria a chance de planejar nosso próximo passo. A bateria do celular de Rich estava acabando, por isso ele estava com medo de ficar muito tempo ao telefone. Apesar da frustração no Conselho Municipal de Educação, ele estava animado com o progresso que tinha feito desde que saíra do quarto de hotel. “Está sendo uma manhã ótima. Quando a gente se encontrar, te conto pessoalmente.”

“Encontrou alguém que tenha visto o Huck?”, perguntei.

“Não, não, mas conheci um monte de gente que vai nos ajudar.” Sei que era

terrivelmente injusto, mas desliguei o telefone me perguntando como é que Rich podia dizer que estava sendo uma manhã ótima se não tinha encontrado ninguém que vira o Huck. Foi bom que tenha sido Rich a sair naquela manhã para falar com as pessoas. Eu estava irritada e impaciente demais e, no fim das contas, acabaria me convencendo de que eu teria de vasculhar sozinha todos os cantos de Ramsey procurando Huck. Acho que naquele momento eu não tinha tanta fé quando Rich de que pessoas que nem sequer conhecíamos estariam dispostas a nos ajudar.

“Para onde vamos?”, perguntou Dave.

“De volta para a sua casa.”

“Rich teve sorte?, ele quis saber.

“Ele disse que conheceu um monte de gente que vai nos ajudar. Mas também disse que não viu o Huck nem encontrou alguém que o tenha visto, então não sei o que pensar.”

“Mãe, acha que eu devia rezar para Santo Antônio?”, Michael perguntou.

“Isso deve ajudar”, respondi.

A verdade é que eu não sabia o que dizer.



Capítulo 10

De volta à casa dos Clarks, depois de enviar com êxito o arquivo jpeg para o *Suburban News*, Rich, Dave, Michael e eu ficamos na cozinha, encostados no balcão, um relatando para o outro os eventos da manhã e decidindo como dividir a rodada seguinte de tarefas. Ninguém estava suficientemente relaxado para conseguir se sentar, nem que fosse por alguns minutos. Já eram quase onze horas, e o dia voava.

Depois de ouvir a ideia acerca do batalhão de crianças, Dave sugeriu que fôssemos para outra escola de ensino médio da área – a Northern Highlands –, nos arredores de Allendale. Ele foi até o mapa estendido sobre a mesa da cozinha e mostrou a Rich como chegar à escola.

Dave tinha alguns compromissos de trabalho, por isso ficaria indisponível por umas duas horas, o que também queria dizer que teríamos apenas um carro. Eu me ofereci para percorrer a pé a Main Street e pedir aos comerciantes que afixassem os cartazes nas vitrines das lojas. Rich disse que ele e Michael iriam à delegacia de polícia de Ramsey e de lá seguiriam para a Northern Highlands.

Michael, o único a ter dormido e comido alguma coisa, embora não muito, estava ansioso para sair e pôr mãos à obra. “O que é que a gente está esperando? Vamos nessa”, ele implorou.

Fomos até o carro. Pedi a Rich que me deixasse no começo da Main Street. Lá chegando, desci com um maço de cartazes debaixo do braço e uma sacola cheia de rolos de fita adesiva. “Mãe, vê se eles colocam os cartazes em lugares que as pessoas consigam mesmo ver”, gritou Michael.

“É um bom conselho. Pode deixar”, respondi.

“Boa sorte.”

“Boa sorte para vocês também.”

Minha primeira parada foi em uma espécie de delicatessen e loja de conveniência criativamente chamada A Loja, anunciada por um colorido letreiro verde e branco acima de portas de vidro duplas. Era um lugar onde praticamente tudo que uma pessoa poderia precisar estava empilhado em sete corredores apertados. Ali se podia tomar uma xícara de café ou comer um sanduíche feito na hora a qualquer momento do dia ou da noite.

Um homem impecavelmente vestido chamado Unmesh tinha comprado a loja seis anos antes, depois de vir para os Estados Unidos juntar-se à sua numerosa família de Nova Jersey. Como tanta gente em Ramsey, Unmesh tinha consciência cívica e permitia que as instituições de caridade locais instalassem no estacionamento da loja caixas para doação de roupas usadas. Quando perguntei se podia afixar um cartaz na vitrine, ele pegou a fita adesiva da minha mão e pregou ele mesmo, separando-o dos outros anúncios escritos à mão oferecendo aulas de piano, serviços de jardinagem e paisagismo e babás.

“A gente quer ter certeza de que as pessoas vão ver este daqui”, disse.

Eu não tinha certeza se Michael já tinha ligado para aquela loja ou se Santo Antônio já tinha começado a intervir, mas me senti grata que Unmesh tivesse pensado em exibir o cartaz com tanto destaque, exatamente como meu filho esperava.

“Estou vendo que você tem vários cartazes na vitrine da loja. É muito gentil da sua parte ajudar as pessoas”, eu disse.

“Se isso ajuda alguém, eu quero fazer. É uma coisinha de nada”, ele respondeu.

Para mim não era uma coisinha de nada. Trocamos um aperto de mãos. Eu senti que tinha conquistado uma primeira vitória. Se todo mundo fosse bacana como Unmesh, em pouco tempo a fotografia de Huck estaria em todas as vitrines

da cidade.

Atravessei a rua e entrei no prédio de tijolos vermelhos da agência dos Correios. Dentro, uma placa de bronze: Agência dos Correios dos Estados Unidos da América John F. Kennedy, presidente dos Estados Unidos, 1962.

Eu tinha mesmo a impressão de que estava em 1962. Apesar das circunstâncias, subir e descer a Main Street tinha um certo charme de antigamente – a atitude franca, direta e acolhedora das pessoas, o ritmo lento do dia, a sensação de leveza das coisas.

Na agência dos Correios havia um quadro de avisos que, como a vitrine de Unmesh, estava abarrotado de anúncios caseiros e cartões de visita oferecendo todo tipo de serviço: telhadores, agentes de viagem, organizadores de garagem. Um folheto anunciando profissionais de adestramento (“Ensine seu cão a ficar do seu lado”) exibia uma fotografia de três cachorros perfeitamente eretos, um pastor alemão e dois golden retrievers. Peguei uma tachinha e preguei o nosso cartaz bem ao lado, esperando que alguém visse e achasse graça da ironia.

O cinema ficou com um cartaz, que foi afixado bem na frente, na bilheteria. O salão de cabeleireiro ficou com três. A padaria pegou dois. A loja de ferragens colocou um na vitrine e um junto ao caixa.

No meio da Main Street, vi uma loja na frente da qual eu já tinha passado muitas vezes a caminho da casa dos Clarks, mas nunca soube de fato o que era. Do lado de fora havia dois vasos, um em cada ponta de uma enorme vitrine cuja pesada e colorida cortina listrada e ornada com bolas estava aberta, revelando um grande armário de madeira vermelho com uma pilha de mercadorias bizarras – uma mesa de madeira, um regador, uma vasilha, dois anjinhos, um pinguim de pedra. Parei e dei uma boa olhada pela porta de vidro.

Entrei e me vi em um mundo de açúcar, uma terra de faz de conta, e fui saudada pelo dono, John Crames, um homem de mãos compridas e cabelo cortado como o de um fuzileiro naval, um homem que outrora tinha um lava a jatos. Ele tinha criado a LoLo’s porque queria tocar um negócio com a esposa, um negócio que fizesse as pessoas felizes. “Eu gosto de doces. Gosto da aparência deles. É como se a gente fosse um bar. Quando a pessoa está feliz ou está triste, ela vem aqui!”, ele disse.

A LoLo’s não é uma doceria comum. Ao longo de prateleiras espalhadas

pelas paredes há todo tipo de doce imaginável, que o cliente pega com uma concha, enfia em um saquinho e paga por peso – ursinhos de goma de chocolate, *pretzels* de chocolate, *donuts* de chocolate e melancias de goma azedinhas. Sob uma redoma de vidro enfeitada com um adesivo da bandeira dos Estados Unidos ficam as trufas, de vários sabores – *toffee* de manteiga, café irlandês, *white russian* (coquetel feito com licor de café, vodca e creme de leite), floresta negra. E há ainda *kits* para fazer pizza, livros sobre bolinhos, biscoitos no formato de bolas de basquete e de beisebol. Há uma árvore de pirulitos. Quando comentei sobre o sortimento incomum de delícias daquela loja imaculada, John disse: "Se eu consigo encontrar no shopping, não quero na minha loja. A gente tenta vender coisas que você não encontra em nenhum outro lugar".

Ele me ofereceu suas encantadoras guloseimas, mas polidamente recusei. Era muito cedo para comer chocolate e naquele momento eu provavelmente não teria estômago. Contei a ele nossa história e ele me contou a dele, envolvendo seu cachorro Otis, uma akita de seus tempos de solteiro. John teve de viajar para a Flórida e deixou Otis na casa de alguém. Surgiu uma emergência médica. O cão não foi tratado a tempo e acabou morrendo. John não disse quanto tempo fazia, mas, pela maneira como relatou o episódio, ficou claro que a dor da perda ainda era muito presente.

"Por que não vai em frente e prega um dos seus cartazes ali no quadro de avisos?", John sugeriu, apontando para um quadro de avisos perto da porta da frente, abaixo das palavras LoLo's pregoeiro público. "As pessoas ficam zanzando pela loja comendo doces e leem tudo que está no quadro. As pessoas vão ler. Vão ver a linda foto do seu cachorrinho e vão ler."

A história de John sobre Otis me fez pensar em Huck. Por mais que todo mundo fosse bondoso e gentil, era incrivelmente extenuante andar entrando e saindo das lojas, repetindo a história, pedindo permissão para usar as vitrines como quadro de avisos. Minhas forças estavam minguando. Eu estava empenhada no nosso plano de publicidade, mas comecei a ter cada vez mais dúvidas sobre a eficácia daquele nosso intenso esforço. Será que levaria a alguma coisa? Será que não devíamos pegar o carro e sair procurando Huck?

Depois de me despedir de John, voltei para a calçada e passei pelo posto de gasolina. Eu já estava esquadrinhando a área fazia mais de uma hora e queria me

sentar um pouco, mas não me dei ao luxo de ter um descanso. Ainda havia um vasto território a percorrer. A academia de ginástica ficou com alguns folhetos; a videolocadora também. Ao lado vi o *pet shop* Pet-a-Groom, loja dedicada única e exclusivamente a embelezar os animais de estimação da cidade. Quando abri a porta para entrar, uma moça levando um collie lindamente tosado em uma guia vermelha estava saindo. Ela espiou os folhetos na minha mão. “Você perdeu seu cachorro?”, ela perguntou. “Vou pegar um dos seus cartazes e colocar na igreja. Estou indo para lá agora.”

“Muito obrigada”, agradeci, entregando a ela um cartaz.

Ela pegou o papel, segurou-o alguns instantes enquanto lia, depois olhou para mim e perguntou: “O que aconteceu?”.

Fiz um resumo rápido do caso, sem querer parecer ingrata por sua ajuda, mas era difícil mascarar a minha sensação de que o tempo estava se esvaindo e que ficar ali de parada, conversando com ela, era jogar fora minutos preciosos. Ela deve ter percebido minha urgência, porque encerrou a conversa dizendo: “Vamos rezar por vocês”.

Dentro do *pet shop* havia quadros de avisos repletos de fotografias de cães e gatos bem-arrumados – na praia, diante de abóboras no Dia das Bruxas, havia até mesmo uma mostrando um cãozinho sentado no colo do Papai Noel. Era como estar no consultório de um pediatra, só que em vez de fotografias de crianças havia fotos de terriers, labradores, vira-latas. Sempre tive muita cautela com pessoas que cruzam a linha e antropomorfizam completamente seus animais de estimação. E embora eu vivesse repetindo para mim mesma que estava longe desse limite e que era bastante adulta na maneira de tratar meu cachorro, eu via como era fácil transformar os cães em membros da família, como se fossem gente. Eu ainda não tinha colocado Huck no colo do Papai Noel, mas isso também não estava totalmente fora de questão. Eu esperava ainda ter essa chance.

Doreen Titjen não se preocupava com esses limites e fronteiras. Franky, forma abreviada de Campeã Robbans Quatro Estações, era sua premiada rottweiler fêmea, também conhecida como “sua menina”, mas apenas um dos muitos animais que ela tinha criado e amado. A loja era dela e ela comandava o lugar como uma professora ciosa de seu ofício. “Sei quem são no instante em

que entram pela porta”, disse ela sobre os animais deixados sob seus cuidados.

Na infância, Doreen fora uma autoproclamada menina levada e competidora feroz, com uma extraordinária queda pelos habitantes do mundo animal, incluindo o tipo de bicho que a maioria de nós não se anima muito a ter, como cobras e tartarugas, que ela encontrava no bosque e levava para casa.

Quando fez dez anos de idade, seus pais a matricularam nas aulas de equitação. Não demorou muito para que ela começasse a cuidar dos cavalos, lustrando com esmero seu pelo; acompanhada da mãe, passou a levar seus cavalos – em um *trailer* preso à traseira do carro – para participar de competições e exposições, das quais voltava quase sempre com um troféu ou um prêmio de distinção.

Quando concluiu o ensino médio, já era profissional. Mas a situação financeira da família era instável, e embora ela quisesse cursar uma faculdade, não tinha como pagar. Tampouco tinha dinheiro para continuar competindo e participando de exposições equestres. Ela se casou aos dezenove anos e se divorciou aos vinte e um.

Doreen tinha segurado as pontas e se sustentado em uma infinidade de empregos – foi gerente de uma loja de bebidas, fez curso de *sommelier* (terminou em primeiro lugar da turma) e trabalhou em uma loja de informática. Mas todas essas ocupações tinham sido equívocos. Ela desejava a ligação que cultivara quando menina. A ligação com animais.

Um dia, o destino e um namorado a levaram para ver a exposição de cães Westminster Dog Show, no Madison Square Garden, e isso mudou sua vida. Ela adorou estar perto dos cães. Ela adorou a tensão da competição. Seis meses depois, comprou seu primeiro cachorro de exposição.

E não parou por aí. Em seu coração, os cachorros começaram a ocupar o lugar que outrora tinha sido dos cavalos. Doreen queria ficar perto deles o dia inteiro, todo dia. Ela se matriculou na Academia Nash de Tratamento Estético de Cães, em Cliffisde Park, Nova Jersey, e depois de seiscentas horas de aprendizado, levou adiante a temeridade de abrir sua própria loja em Ramsey.

De imediato, Doreen se mostrou solidária com a minha busca. A nossa ligação com o nosso cãozinho não precisava ser explicada. “Vamos afixar um punhado de cartazes; dois na vitrine, alguns dentro e fora da loja e um lá no

fundo, onde dou banho e faço a tosa dos cachorros", ela disse.

Perguntei a Doreen se, com base na sua experiência, ela achava que alguém podia roubar Huck e levá-lo a algum *pet shop* ou clínica de tratamento estético de cães para mudar o visual dele, como Lisa, a criadora, tinha sugerido quando liguei para ela do aeroporto da Flórida.

"Nada disso nunca aconteceu por aqui", ela ponderou. "Mas é possível que alguém o encontre e não saiba como entrar em contato com o dono e acabe trazendo-o pra cá. Vamos ficar de olhos abertos. Saiba que as pessoas aqui são boas para essas coisas. Se alguém achar seu cachorro, vai se esforçar para devolvê-lo a você."

"É bom saber disso", respondi. "O que você acha que acontece com a maioria dos cachorros fujões, de verdade?" Era a pergunta que eu não parava de fazer, esperando algum tipo de resposta que me reconfortasse e me desse segurança, algo para sufocar a corrosiva incerteza de que voltaríamos a ver Huck com vida.

"Bom, eu acho que a maioria dos cães acaba encontrando o caminho de volta para casa, mas a sua situação é diferente, porque seu cachorro fugiu de um lugar que não é a casa dele", ela disse, de maneira direta. "É difícil saber."

Eu apreciei a sinceridade dela, embora não tenha sido nem um pouco reconfortante. Percebendo que meu nível de ansiedade não tinha diminuído, Doreen disse: "Escute, fico feliz de ajudar você da maneira que eu puder. É só me dizer. Aqui está o meu cartão com os telefones. Pode me ligar se precisar de alguma coisa. Se eu não estiver aqui, as meninas sabem como me encontrar".

***

A alguns quarteirões dali, Michael chegava com Rich à delegacia de polícia com uma sensação um pouco parecida com a minha, de certo desespero sobre a maneira como estávamos perdendo tempo. Ele se sentia grato, mas a cada oferta de ajuda Huck parecia mais distante. Michael tinha esperança de encontrar respostas na delegacia.

Quando pai e filho pisaram juntos no capacho em que se lia Bem-Vindos à Delegacia de Polícia de Ramsey, Michael sentiu uma trepidação, imaginando se lá dentro haveria presos e se perguntando o que ele, um menino de doze anos de

idade, estava fazendo ali. Era um pouco assustador.

Dentro, havia uma pequena área de espera, com cadeiras de metal e um balcão encimado por uma divisória de vidro escuro que alcançava o teto, atrás da qual havia várias escrivaninhas e um televisor. As paredes de tijolos da área de espera estavam forradas de placas de homenagem e comemorativas, testemunhos do incansável trabalho dos policiais em prol do bem-estar da cidade. Uma delas era da Escola Preparatória Dom Bosco, colégio católico local para meninos. A placa era idêntica a uma afixada no ginásio esportivo da escola como um "tributo permanente a todos os homens e mulheres que arriscam diariamente sua vida no cumprimento do dever".

Havia uma placa do condado em reconhecimento à dedicação de Ramsey às vítimas de violência doméstica, lembrete de que mesmo aquela bucólica cidadezinha luta contra forças sombrias.

A maior parte das placas, porém, cerca de uma dúzia ou mais, tinha a ver com o envolvimento do departamento de polícia nas olimpíadas estaduais. A maior delas tinha uma tocha tridimensional e um pequeno texto:

> Todo ano os oficiais da lei percorrem Nova Jersey carregando a tocha olímpica – ou a chama da esperança – para difundir a consciência das habilidades das crianças com retardo mental e outras necessidades especiais relacionadas ao desenvolvimento.

Rich se dirigiu à divisória de vidro e explicou ao homem sentado do outro lado, em frente a um console, o motivo de estar ali. "Que dureza", disse o homem. "Por que o senhor não se senta enquanto chamo um policial?"

Já sentados, Michael e Rich começaram a conversar sobre o trabalho dos policiais, que passam a vida ajudando e servindo outras pessoas. Falaram sobre os bravos homens e mulheres de Nova York que tinham perdido a vida no Onze de Setembro. Antes que a conversa avançasse muito, Michael e Rich foram levados para uma sala dos fundos. Não viram nenhum preso. Um tenente alto, corpulento e de rosto redondo apareceu. Havia nele algo de consolador e intimidador ao mesmo tempo. "O que posso fazer por vocês?", perguntou.

Depois de ouvir o relato de Rich, toda a história do nosso cachorro fujão, o tenente Mark Delhauer entrou em ação. Disse que alertaria toda a força policial de Ramsey, e mais ainda. Avisaria pelo rádio todos os policiais das cidades vizinhas. Usaria o cartaz para fornecer a descrição de Huck e pediria que seus

homens ficassem de olho. Disse que afixaria um cartaz na sala de reuniões do pelotão para que os policiais de todos os turnos vissem. Michael começou a se sentir esperançoso. Finalmente, uma ajuda de verdade. Um homem com poder, com capacidade genuína de mobilizar um contingente de pessoas, ia nos ajudar.

Rich perguntou ao tenente Delhauer a mesma coisa que eu tinha perguntado a Doreen: “Em geral, o que acontece em casos como este?”

“Em 90% das vezes, as pessoas encontram seu cachorro”, respondeu Delhauer.

“Muito obrigado por sua ajuda”, agradeceu Rich, estendendo a mão ao oficial.

“Por nada”, respondeu o tenente, com um aperto de mãos firme. Depois, pousando a mão sobre o ombro de Michael, prometeu: “Vamos fazer tudo que pudermos”.

Saindo da delegacia, pisando novamente no capacho da entrada, Michael virou-se para Rich e disse: “Ele foi muito legal. Foi a melhor impressão que tive até agora”.

Contudo, embora mais animado, Rich estava preocupado. Se por um lado a conversa com o tenente tinha enchido Michael de esperança, por outro, o pai precisava prepará-lo para a possibilidade de nunca mais ver Huck com vida. “Eu também gostei dele”, disse Rich.

“Noventa por cento é um número bastante alto”, comentou Michael.

“É. São boas chances.” Mas depois alertou o menino: “Tenha em mente que o Huck não fugiu de sua própria casa, mas de uma casa com a qual ele não estava familiarizado. Isso talvez diminua um pouco as estatísticas”.

Michael não se deixou abalar. O tenente Delhauer havia inspirado meu filho. Agora, ele era um parceiro para o que desse e viesse, empenhado em espalhar os cartazes para que fossem vistos pelo maior número possível de pessoas. Estava pronto para ir até a escola Northern Highlands.

No carro, a caminho da escola por ruas sinuosas, os olhos de Michael não desgrudavam da mata, à procura de Huck. As árvores ainda estavam sem folhas, o que era uma bênção. O bosque era tão denso que teria sido impossível enxergar algo caso fosse primavera ou verão, com folhagem viçosa.

“O diretor não está disponível no momento”, avisou a secretária na

administração da escola. “Gostariam de falar com o diretor-assistente, o sr. Occhino? Ele pode atendê-los agora.”

Rich e Michael entreolharam-se e responderam “sim” ao mesmo tempo.

Joe Occhino, homem parrudo e de compleição atlética, sorriso ligeiro e olhar intenso, convidou meu marido e meu filho a entrarem em sua sala. Os dois ficaram impressionados com sua vasta coleção de parafernália dos Yankees – bonés, bolas, pôsteres –, acomodada em uma prateleira acima da escrivaninha. Acontece que, vinte anos atrás, Joe tinha se aventurado a fazer testes para jogar nos Yankees. No processo de demonstrar suas habilidades, acabou quebrando um taco pertencente a Graig Nettles, o lendário terceira-base.

Mas, infelizmente, Joe não se tornou jogador de beisebol profissional. Antes de atuar como diretor-assistente do colégio Northern Highlands, tinha trabalhado como professor de educação física, técnico de beisebol e orientador educacional. Joe era movido por uma crença inabalável de que “você só será lembrado pela pessoa que é e pelas vidas que você tocar”, conforme disse a Michael e Rich naquela fria tarde de março.

Suas únicas decepções e mágoas tinham a ver com as crianças que ele não tinha conseguido ajudar, que de uma maneira ou de outra tinham passado pela escola despercebidas ou inatingíveis. A parte mais dura de seu trabalho, a que ele nunca esperava ter de fazer, era enfrentar a morte de crianças, adolescentes bêbados atrás do volante de um carro ou que afundavam em um buraco negro depois de experimentar drogas.

Exibida com destaque na escrivaninha, havia uma fotografia de um menino loiro caminhando por uma estrada poeirenta com um cachorro. Em letras garrafais, a palavra orientação. E abaixo: “Para nossas crianças, a estrada para a felicidade e o sucesso geralmente é pavimentada com o nosso exemplo”.

As paredes e as mesas da sala estavam forradas de lembranças de alunos cuja vida ele havia influenciado. Eles juravam que jamais se esqueceriam do professor que os havia ajudado a navegar nas águas turvas (e desviar dos perigos e obstáculos) da adolescência.

Duas meninas que haviam acabado de se formar deixaram uma placa de homenagem que dizia:

Sr. Occhino, uma Pessoa Especial.
No mundo há poucas pessoas realmente especiais.
Elas se preocupam mais com os outros do que consigo mesmas.
Elas têm sempre um sorriso no rosto e amor no coração. Nada pedem em troca.
No senhor eu vejo isso tudo e ainda mais.

Rich e Michael sabiam que estavam sentados diante de um homem que entendia as crianças. Eles imaginaram que ele tratava seus alunos com leveza e era capaz de dar uma bronca sem atingir a autoestima deles.

Enquanto Rich desfiava nossa história, Joe não tirava os olhos de Michael. "Vou colocar o caso no topo da minha lista de prioridades", prontificou-se. E disse que viu tristeza no olhar de Michael. Naquele momento, decidiu que todas as outras coisas que ele estava fazendo teriam de esperar.

Ele pediu à secretária que tirasse cem cópias dos cartazes. "Vou afixar alguns na sala de estudos. Depois vou até a cantina, onde neste exato momento metade do corpo discente está almoçando. Esta menina adora ajudar as pessoas. É o tipo de criança que abre mão de tirar uma folga no feriado para ajudar a fazer sopa na cozinha."

Depois de uma rápida despedida e uma troca de aperto de mãos, Joe foi à biblioteca da escola, onde subiu as escadas e chegou a uma sala cheia de jovens de dezessete e dezoito anos, muitos dos quais saudaram a interrupção dos estudos. "E aí, sr. Occhino?"

"Se vocês acharem este cachorro, estão liberados da detenção até o fim do ano", prometeu.

Joe foi à cantina e entregou pessoalmente os cartazes. Os poucos remanescentes, ele mesmo afixou com fita adesiva nas paredes junto ao portão principal da escola. Enquanto pregava os cartazes, Joe pensava em Conhaque, o cachorrinho metade sheltie, metade collie miniatura tão amado por suas filhas. Quando as meninas ainda eram pequenas, Conhaque tinha se espremido na cerca e conseguido escapar. A busca frenética empreendida pela família em nada resultou. Noite após noite, Joe deixou o portão aberto, na esperança de que ele achasse o caminho de volta. Três dias depois, em uma manhã de sábado, Conhaque entrou pelo portão e ficou latindo na porta dos fundos. Como a

lendária Lassie, tinha encontrado o caminho de volta para casa.

Do lado da Northern Highlands, a caminho do carro, Rich tentou ligar para Annette Augello, secretária da Escola de Ensino Médio de Ramsey, para ver se ela já tinha alguma posição. Mas seu celular não estava conseguindo completar a ligação.

***

Voltando de carro para Ramsey, mais uma vez os olhos de Michael vasculharam a mata em busca de sinais de Huck. “Vamos encontrar a mamãe. Vamos ver quantos cartazes ela conseguiu colar em Ramsey.”

Dirigindo-se para a Main Street, viram uma placa na avenida Wyckoff indicando a Escola Hubbard, em cujo terreno eles haviam procurado Huck na noite anterior. “Vamos ver se o pessoal daquela escola pode nos ajudar”, propôs Rich. “Depois a gente vai e encontra a mamãe.”

A escola ficava bem afastada da rua. Eles desceram a alameda Hubbard, estacionaram o carro e caminharam apresados para o prédio de tijolos amarelos. O mastro, cujos ganchos vazios rangiam sob a ação do vento na noite anterior, agora ostentava uma bandeira norte-americana tremulando na brisa. Os dois passaram por uma fileira de bicicletas, algumas novinhas em folha, outras charmosamente velhas, nenhuma delas trancada com cadeados e muitas com capacetes pendurados no guidão.

Rich e Michael foram levados à sala do diretor. Michael E. Gratale tinha um pote de chocolates Hershey em cima da escrivaninha. Era um homem baixinho, de aparência poderosa, com uma barba grisalha. Ex-professor de carpintaria e desenho mecânico, Gratale passara a maior parte de sua longa carreira no sistema de ensino público de Ramsey.

Antes que Michael tivesse chance de se sentar ao lado do pai, o diretor pediu ao menino que esperasse do lado de fora. Rich achou estranho. E o que aconteceu a seguir foi ainda mais estranho. “Tudo bem, o que está acontecendo aqui?”

Usando um tom bastante comedido, Rich explicou a situação.

“Agora entendi”, disse o diretor. “Eu senti a sua aflição assim que senhor entrou, e só queria me certificar de que não havia nada errado com esta situação.

Vejo uma criança fora da escola e um homem perturbado e preciso saber o que está acontecendo. Mas agora entendo. Sei que se trata de um cachorro especial. E ficarei feliz de afixar um dos seus cartazes."

Rich agradeceu, deixou um cartaz, pegou Michael – que estava esperando em uma sala contígua – e voltou para o carro. O clima estava ficando mais quente, por isso diminuiu o passo para respirar fundo.

"Por que aquele homem não me deixou ficar dentro da sala?", Michael quis saber.

"Bom, acho que ele não está acostumado a ver um pai entrar com o filho na escola dele no meio da tarde e pedir esse tipo de ajuda. Talvez ele tenha achado que eu estava armando alguma coisa. Ele deve ter achado tudo muito estranho e não quis me fazer perguntas com você lá dentro."

"Isso tudo me parece meio maluco, pai."

"Bom, foi um pouco maluco, sim", concordou Rich, que agora via algum humor na conversa com aquele superzeloso diretor. E começou a rir.

"Tipo o que é que ele achou?", continuou Michael. "Que você era algum cara esquisito?" E também caiu na risada.

"Como alguém pode ter medo de você, pai?"



Capítulo 11

Eu já estava andando fazia horas. Somente na última hora eu tinha ido à loja de ferragens, ao posto de gasolina, ao salão de manicure, à floricultura, ao açougue e ao restaurante Shangai Gourmet. Todos os lojistas foram simpáticos e solidários, todos pegaram cartazes e quiseram ajudar. Muitos me contaram suas próprias histórias angustiantes de animais de estimação fugidos. Agora, de ponta a ponta, todo mundo que passasse pela Main Street tinha a sensação de já ter visto a fotografia de Huck em algum lugar.

Cansada e com sede, finalmente me sentei em um banco. Liguei para Michael e Rich para decidir qual seria o nosso passo seguinte. Eles não estavam longe e disseram ter conseguido mais ajuda e que haviam conhecido pessoas fantásticas e estavam vindo para me buscar.

Pouco depois, estacionaram em frente ao banco onde eu estava e eu me levantei, exausta, arrastando minha bolsa atrás de mim. Assim que entrei no carro, o celular de Rich tocou. Ele tinha a esperança de que fosse a mulher do Conselho de Educação cumprindo a promessa de telefonar.

“Oi, meu nome é Tina. Acabei de ver seu cartaz na escola Young World, acho que vi o seu cachorrinho.”

Rich ficou atordoado. “Oh, meu Deus – onde? Ele estava bem? Quando foi

isso?”

“Eu o vi sentado junto a uma caixa de correio na West Crescent. Ele estava lá, sentadinho, ontem de tarde, quando passei de carro levando meus filhos para a escola. Achei estranho ver um cachorro bonito daqueles na rua sem o dono, sozinho. Ele tem uma cor tão diferente que é impossível não notar”, contou a mulher.

“Acabei de ver seu cartaz na Young World, então eu e meu menino passamos em casa e pegamos queijo cremoso e voltamos para a West Crescent para tentar achar o cãozinho de novo. A gente procurou, mas ele não estava mais lá.”

“Por acaso você anotou o número da casa?”, Rich perguntou.

“O número eu não sei, mas tem uma curva na rua e uma casa verde com uma espécie de lagoa pantanosa do lado”, Tina explicou. “A caixa do correio fica ao lado da entrada da garagem. Foi ali que eu o vi.”

Rich, que agora tinha motivos para acreditar que a maioria das pessoas da cidade faria qualquer coisa para nos ajudar, não pensou duas vezes antes de perguntar a Tina se ela não se incomodaria de nos encontrar onde ela tinha visto Huck, só para garantir que estaríamos no lugar certo. Sem hesitar, ela concordou na hora.

Rich desligou e pegou o mapa que Dave lhe dera, repetindo para Michael e para mim os detalhes da ligação que acabara de receber, enquanto conferia e reconfirmava a localização da avenida West Crescent. “Uma mulher viu o cartaz na Escola Young World e ligou para dizer que viu o Huck. Infelizmente, foi ontem de tarde”, Rich apressou-se em explicar. “Mas mesmo assim já é alguma coisa. Alguém o viu.”

“Vamos embora. Vamos embora”, Michael berrou, do banco de trás.

Eu estava perplexa. Não sei o que me surpreendia mais, se era o fato de que alguém tinha visto Huck e o cartaz e se dera ao trabalho de ligar para nós, ou o fato de que Huck estava vivo na tarde do dia anterior. Ecoei o berro entusiasmado de Michael. “Vamos embora!”

O celular de Rich tocou de novo. Dessa vez era Ray Leslie, o menino da aula de culinária de Kim Roman. “Já encontraram o cachorrinho de vocês? Porque se ainda não, eu tenho algum tempo livre e posso ajudar a procurar.”

“É muita gentileza da sua parte. Estamos indo para a avenida West Crescent, pois alguém viu o Huck lá”, disse Rich.

“Tudo bem, eu encontro vocês lá”, respondeu Ray.

Com as duas mãos no volante, Rich desceu a avenida Wyckoff pisando na tábua. Dobrou à direita na West Crescent, avenida tremendamente arborizada em que as casas ficavam bastante recuadas da pista. No ponto da avenida em que há uma curva abrupta avistamos uma casa verde de dois andares com uma enorme janela de sacada e um muro baixo de pedra ladeando a longa entrada de carros da garagem. O gramado lateral da casa era íngreme e descia em declive até a Lagoa Van Gelder, massa de água de aspecto pantanoso atulhada de arbustos espinhosos. Ao lado da entrada da garagem, no ponto da avenida em que os carros precisam diminuir a velocidade para fazer em segurança a curva, havia uma caixa de correio, a mesma onde Tina tinha visto Huck sentado, desamparado, vinte e quatro horas antes.

Rick estacionou o carro na ponta da entrada da garagem. Naquele instante, Tina apareceu, com seus três filhos no banco de trás. Sem descer do carro, ela apontou para a caixa de correios. “Ele estava sentado bem ali. Vocês deviam perguntar para as pessoas que moram aqui se elas o viram. Podem me ligar se precisarem de mais ajuda. Você tem o meu número no seu celular.”

Rich, Michael e eu ficamos ali parados, de pé, encarando a lagoa. Embora não pronunciado, estava implícito o terror de que Huck, cujos instintos ainda eram os de um filhote, ainda não plenamente desenvolvidos, talvez confundisse os galhos e arbustos pairando sobre a água com um terreno sólido e se aventurasse a andar por ali, ou talvez tivesse escorregado na beira da água, tentando matar a sede. Fiquei quase paralisada de medo.

Depois, comecei a entrar na água, andando com cuidado. Em pouco tempo estava afundada até os tornozelos, embora ainda pisasse em terreno sólido. Era impossível ver o rastro de qualquer tipo de animal, e muito menos de um cachorrinho. Fiquei olhando para aquela massa de água morta, tentando me convencer de que os cães, mesmo muito jovens, instintivamente evitam o perigo no mundo natural. Talvez ele tenha até corrido para onde havia tráfego e movimento, mas não cairia em um pântano.

Protegendo Michael do terreno escorregadio e da água perigosa, e com

receio do que poderíamos encontrar ali, Rich levou o menino com ele para casa. Eles subiram os degraus de pedra e tocaram a campainha. Ninguém em casa.

Nós nos encontramos de novo no carro. “Não havia razão para a gente achar que o Huck ainda estaria aqui”, disse Rich. “Mas o que descobrimos é que ele foi visto ontem de tarde, o que dá mais ou menos oito horas depois de ter fugido. Foi um telefonema importante.”

Rich estava certo. Não havia razão para pensar que encontraríamos Huck ainda sentado na caixa de correio na avenida West Crescent. Mas tínhamos ficado tão eufóricos pelo fato de que alguém havia respondido ao nosso cartaz, que alguém tinha de fato visto Huck, que criamos uma expectativa grande demais, desproporcional à escassa informação que tínhamos recebido. Agora, estávamos desanimados.

Voltamos para a casa dos Clarks para ver se Dave ou Darian já tinham chegado. Os números têm força e sabíamos que precisávamos de um contingente maior de pessoas para ajudar.

Quando chegamos lá, os dois estavam em casa. Dave ainda estava com o mapa estendido sobre a mesa da cozinha. Rich sentou-se ao lado de Dave e apontou o lugar em que Tina avistara Huck. Dave pegou um lápis e marcou a localização da caixa de correio. Enquanto Dave traçava um X no mapa, Rich percebeu que as ruas em que tinha passado tanto tempo naquela manhã, as ruas onde conhecera Kim, Harris e Lorraine, ficavam do lado oposto à avenida Wyckoff, bem longe do lugar onde Huck fora visto. A ideia de que tinha desperdiçado a manhã inteira o deixou ainda mais angustiado.

O dia estava acabando. Era o final da sexta-feira, por volta de quatro e meia ou cinco da tarde. Tudo que tínhamos conseguido fazer era divulgar a notícia, espalhando cartazes. Todo o nosso enorme esforço resultara em um único telefonema, uma pista velha demais para ser significativa. Estava difícil recobrar o ânimo, e logo cairia a noite.

Rich tinha passado o dia todo em movimento incessante, sem se permitir um intervalo para descansar ou fazer uma refeição. Ele não tinha tido um instante sequer para rearranjar as ideias e imaginar o que diria a Michael caso nossos piores pesadelos se materializassem.

Quando Rich foi até a pia da cozinha para pegar um copo de água, seu

celular tocou. Ele mal disse “alô” e uma voz frenética do outro lado da linha começou a berrar: “Acabamos de ver o seu cãozinho. Se você for para lá agora, você vai encontrá-lo. Ele estava parado na mata com outro cachorro. Vá para o bosque e pegue a trilha do Cervo. Vá agora!”

“Obrigado, muito obrigado!”, Rich gritou ao telefone. E antes que pudesse pegar o nome da pessoa ou dizer que se achássemos Huck a recompensa seria dela, ela desligou.

“Dave, sabe como chegar à trilha do Cervo? O Huck está lá agora!”

“Claro. Não é longe. Vamos em dois carros”, sugeriu Dave. “A Janet pode ir comigo. Você leva as crianças e segue a gente.”

“Michael, Darian, vamos”, gritei. “Acabamos de receber outro telefonema. Entrem no carro. Vocês dois podem ir com o papai.”

Os dois desceram como um raio as escadas, quase desabando um por cima do outro. Nós todos saímos correndo da casa, tropeçando em uma mesinha e em um vaso de cerâmica verde e branco perto da porta da frente.

Assim que entrei no carro com Dave, me permiti acreditar que estávamos prestes a encontrar Huck. Eu não podia imaginar outro revés emocional. Parte de mim também estava exaurida. Eu precisava da minha família intacta novamente. Eu queria ficar em casa, no nosso pequeno apartamento, jogando com meu marido e meu filho Maçã para Maçãs, um dos jogos favoritos da família, com Huck sentado aos nossos pés. Eu queria um banho quente e uma refeição decente. Queria dormir na minha própria cama e tomar um café da manhã demorado. Eu queria levar Huck para passear no parque Carl Schurz e ver os rebocadores no rio. Eu queria que aquele pesadelo acabasse. Achei que isso estava prestes a acontecer.

Porém, na rua, nem sinal de Huck. Estacionamos. Assim que descemos dos carros, um grupo de seis crianças, de treze ou quatorze anos, todas de bicicleta, se aproximou: “São vocês que perderam o cachorro?”

“Sim, somos”, respondeu Rich. “Vocês o viram?”

“Não”, disse o menino em uma Mongoose azul e prateada. “Mas a gente veio aqui procurar.”

“Isso é fantástico”, disse Rich. “Acabamos de receber uma informação de que o Huck foi visto aqui por perto.”

“A gente vai dar uma volta de bicicleta por aí e procurar.” E antes que ele e os outros meninos saíssem pedalando, um de jaqueta preta e gorrinho perguntou: “Se a gente encontrar o cachorro, ganha a recompensa?”.

“Mas é claro!”, respondeu Rich.

O grupo de ciclistas mirins saiu em disparada.

Para entrar na mata densa primeiro tínhamos que subir uma colina. Não havia trilhas bem definidas. Decidimos nos separar. Rich levaria Michael e Darian em uma direção, e Dave e eu na direção oposta. Rich e as crianças saíram na frente. Quando os vi desaparecendo na massa compacta de árvores, percebi que começava a cair o crepúsculo.

“Dave, eu vou voltar para o carro e pegar umas lanternas”, avisei, “Você quer esperar?”

“Vou entrar um pouco no bosque, mas vou devagar, aí você me alcança.”

Sem perder um minuto, reuni a energia para descer colina, fui correndo para o carro, agarrei as lanternas e subi de novo o morro. Entrando na floresta, chamei Dave, que me ouviu e gritou de volta, mas estava fora da minha linha de visão. Em vez de perder tempo tentando encontrá-lo, eu o avisei, por meio de berros, que iria sozinha.

O ar tinha esfriado novamente. Comecei a andar, os galhos e a vegetação rasteira estalando sob meus pés. “Huck, Huck, Huckie”, eu chamava, sem parar. Na nossa pressa de entrar no bosque, nenhum de nós tinha se lembrado de trazer queijo cremoso para atrair nosso cãozinho. “Huck, Huck, Huck, Huckie”, continuei. Meu tom de voz era alto e, a essa altura, suplicante.

Rich, Darian e Michael tinham atravessado um riacho e só diminuíram o passo por causa da momentânea apreensão de Dave. Agora estavam na mata fechada, também chamando Huck.

Percebendo que a noite cairia dali a poucos minutos, Dave encontrou a saída do bosque. Ligou para o celular de Rich e disse a ele que saísse com as crianças, pois logo ficaria escuro e, como o tempo estava nublado, provavelmente não haveria luar para guiá-los.

Enquanto tentava refazer seus passos e achar o caminho de volta para a rua, Rich ouviu meus chorosos chamados por Huck e me viu antes que eu o visse. Parado ali de pé, observando sua esposa – que poucos meses antes tinha

superado o câncer – vagando na mata, no frio e na semiescuridão, gritando em busca do cachorro perdido, ele começou a se sentir mal por ter levado a família a acreditar que aquela empreitada daria certo. Talvez aquela história estivesse exigindo muito de nós todos, e mais cedo ou mais tarde talvez fosse hora de aceitar a dura realidade.

Eu sabia que tinha de sair da mata, e quando me virei na direção da rua, avistei Rich e as crianças. Dei a Rich uma lanterna; ele segurou a minha mão e, desviando de pedras e galhos, com Michael e Darian atrás de nós, saímos do bosque, sem Huck.

"Você está bem?", perguntou Rich. "Estou preocupado com o efeito que isso está tendo sobre você."

"Isso está afetando todos nós. Mas estou bem", respondi. "Sério." E depois, eu disse o que nós dois já sabíamos. "Em certo sentido essas aparições do Huck pioram ainda mais as coisas. É impossível não criar expectativas e depois a decepção é devastadora. É uma montanha-russa emocional. Para nós, já é dureza, mas odeio ter de fazer isso com o Michael e a Darian."

Dave estava esperando junto dos carros. Com seu jeito simples e despretensioso, ele sugeriu que, enquanto estivéssemos naquela área específica, devíamos procurar nas redondezas do campo de golfe, a alguns quarteirões de distância. Ele tinha de voltar para casa, mas antes explicou a Rich como chegar ao campo de golfe e sugeriu que procurássemos também na rua que margeia o campo, a Carriage Lane. Eu iria dirigindo, para que Rich pudesse consultar o mapa e dar instruções sobre o caminho. Darian e Michael, cujas esperanças tinham sido despedaçadas de maneira tão cruel, estavam esparramados no banco de trás, completamente exaustos.

Assim que pus o cinto de segurança, Rich olhou para mim. "Sabe de uma coisa? A gente pode deixar isso para amanhã. Não temos de ir ao campo de golfe. Ou posso levar vocês de volta para a casa dos Clarks e vou sozinho", se ofereceu Rich.

"Não, eu estou bem. Vamos todos juntos", eu disse. Eu me sentia melhor procurando Huck do que colando cartazes ou pedindo às pessoas para ficarem de olho e divulgarem a notícia. Assim, eu me sentia mais produtiva. Eu me sentia mais próxima do nosso cãozinho.

Passamos por ruas mal iluminadas: seguimos pela Shadyside Road, dobramos à esquerda na Pine Tree Road, à direita na Hemlock Road e à esquerda de novo, na Carriage Lane

E, então, de repente, avistamos o Huck.

“Olha lá o Huck!”, berrei. Ele estava no meio da Carriage Lane, descendo lentamente a rua, como se tivesse tido um dia longo e difícil. Pisei no freio, pondo o carro de lado para que os faróis não o assustassem. Huck parou, virou a cabeça e olhou diretamente na nossa direção.

“Olha ele ali, olha ele ali”, todos gritaram ao mesmo tempo.

Não havia tempo para discutir qual a melhor maneira de pegá-lo. “Michael, vai você”, eu disse. ”Chame o nome dele; quando ele ouvir sua voz, virá correndo.”

Michael passou por cima de Darian para abrir a porta mais próxima de Huck. Desceu do carro e antes que tivesse chance de dar um passo na direção do cãozinho ou chamar seu nome, Huck saiu correndo. “Huck!”, Michael gritou, “Huck! Huck! Volte aqui!”.

“Michael, entra no carro, depressa”, disse Rich. “Ele não pode ser mais rápido que o carro. Vamos.”

Michael saltou para dentro do carro e fechou a porta com força. Acelerei Carriage Lane abaixo. Mas Rich estava errado. Huck foi mais rápido que o carro. Ele correu para uma área arborizada no fim da rua sem saída, onde, aninhada no bosque, havia uma casa. Parei o carro, saltamos e subimos correndo a infinita entrada da garagem da casa, mata adentro. A luz da varanda não era suficiente para enxergar na escuridão da densa massa de árvores. “Huck, Huck, Huck”, Michael, Darian, Rich e eu berramos sem parar. Mas Huck tinha desaparecido na noite.

Michael ficou parado, encarando a mata. Pus meu braço em volta dos ombros dele. “Eu quero entrar na mata. Vamos usar as lanternas. Por favor, mãe. Acho que ele não foi para longe.”

De pé ao lado dele, liguei a lanterna, iluminando o bosque. “Não dá pra ver muita coisa. E se a gente entrar na floresta agora, vai acabar encontrando outros animais, e provavelmente a gente vai se perder. Não é uma boa ideia.”

“Mas a gente não pode simplesmente ir embora”, Michael argumentou, em

tom choroso.

“Receio que é isso que a gente vai ter de fazer”, eu disse. “Mas a gente volta assim que amanhecer. Eu prometo.”

“Huck, Huck, Huck, Huck, volte aqui”, Michael berrou, com o rosto vermelho de comoção. “Por favor.”

Darian juntou-se a ele. Era exatamente com isso que Rich e eu estávamos preocupados desde o início: que a dor só ficasse pior.

“É melhor a gente ir embora, crianças”, eu disse, com voz suave.

“Não, eu não quero ir embora”, protestou Michael, mesmo quando caminhou, relutante, na direção do carro.

Atordoados, voltamos todos para o carro em silêncio.

Sem perder um segundo, Rich reuniu as forças e a esperança que eu não tinha. “Eu sei que a gente não pegou o Huck, mas agora sabemos que ele está vivo. Isso é o mais importante”, ele disse. Depois virou o corpo e olhou diretamente para Michael e Darian no banco de trás. “A gente sabe que ele consegue dar um jeito de sobreviver.”

***

Da rua, vimos que a maior parte das luzes da casa dos Clarks estava acesa, o que era uma visão bem-vinda.

“Eu vi o Huck”, Darian anunciou entusiasticamente para Dave e Barbara assim que entramos na casa. “Você está brincando! Isso é fantástico”, Barbara disse, ao mesmo tempo em que perscrutava o rosto de Rich em busca de uma explicação para o fato de que, mesmo tendo visto Huck, estávamos de volta sem ele.

Rich relatou o episódio e a fuga de Huck, mascarando sua própria decepção.

Ao ouvir a história, com Michael e Darian esperando para ver qual seria sua reação, Barbara disse que achava que tinha sido um passo na direção certa. “Embora vocês não o tenham pegado, sabemos que ele ainda está bem. E eu tenho mais boas notícias. Enquanto vocês estavam fora, seis pessoas ligaram pra dizer que viram o Huck. Seis! Todas elas viram o cãozinho hoje à tarde, antes de vocês, mas pelo menos as pessoas estão vendo os cartazes.”

Rich entrou na conversa. “Isso é bom”, disse. “Mas há um problema aqui. As pessoas estão vendo os pôsteres horas depois de ver o Huck. Isso quer dizer que a publicidade está atrasada em relação ao momento em que ele está sendo visto”. E acrescentou: “A gente tem de espalhar mais cartazes e tem de fazer isso mais rápido”.

Então, Rich e Dave foram para a cozinha e se debruçaram sobre o mapa, como dois generais em uma sala de guerra. Dave tinha marcado a localização de cada um dos pontos onde Huck tinha sido visto e os dois tentaram imaginar o caminho que o cãozinho tinha percorrido.

Barbara, Michael, Darian e eu também ficamos estudando o mapa. Dave apontou a Carriage Lane e o campo de golfe do condado de Darlington que o margeava. Depois do campo de golfe havia uma vasta extensão de terra que no mapa parecia algo a ser medido em quilômetros, e não hectares.

“O que é isto?”, Michael perguntou, apontando para a massa verde no mapa.

“É a Reserva da Montanha Capgaw; é um parque estadual. Lá há trilhas de caminhada e pistas de esqui.”

“Vou dizer uma coisa. Se o Huck entrar lá, ele não vai mais sair”, Michael desabafou, em uma voz desanimada que sugeria que o menino estava dando a história por encerrada. E saiu da cozinha.

Depois de reconstituir os movimentos de Huck, Rich chamou Michael de volta para a cozinha. Com voz animada, Rich explicou: “Escute, Mikey, eu estou com uma sensação muito boa e vou dizer por quê. Olha só esta rota que o Huck percorreu”, mostrou no mapa. “Você já ouviu na escola alguma coisa sobre a lei da desordem, que algumas pessoas chamam de caminhada aleatória?”

Atento a cada palavra do pai, Michael fez que não com cabeça.

“Foi uma teoria elaborada por Albert Einstein que diz que, se você vendar os olhos de uma pessoa e pedir pra ela sair andando, ela vai sempre voltar a passar pelo ponto de partida, não importa quantas vezes mude de direção.”

“Verdade?”, Michael perguntou.

“Agora, olha aqui onde o Huck andou. Ele já refez o próprio caminho várias vezes.”

“Isso é mesmo verdade?”, Michael quis saber. “A pessoa não pode

simplesmente se afastar cada vez mais do lugar de onde ela saiu, mesmo que não se mova em uma linha reta?”

Rich foi salvo pelo toque do celular. Era Ray Leslie perguntando se a pista da tarde tinha ajudado a encontrar Huck.

“Não, o Huck ainda está desaparecido, mas por incrível que pareça a gente o viu. Só que não conseguimos pegá-lo”, explicou Rich.

“Então, ele ainda está sumido e vocês precisam de ajuda?”, Ray perguntou.

“Sim, o Huck ainda está sumido e precisamos muito de ajuda”, Rich respondeu.

Ray pediu desculpas por não ter conseguido se encontrar com a gente naquele dia, mas garantiu que no dia seguinte estaria lá logo de manhã.

Rich desligou o telefone e pousou a cabeça sobre a mesa, por cima do mapa, fechando os olhos por alguns segundos. Eu me aproximei e fiquei de pé ao lado dele; sentindo minha presença, ele abraçou minha cintura. “A gente fez muita coisa hoje. Amanhã a gente faz mais”, eu disse, tentando mostrar que eu estava ali e ele podia contar comigo – exausta, mas nem um pouco disposta a desistir.

Rich se levantou e começou a dobrar o mapa, enquanto Dave punha a mesa do jantar. Como em um passe de mágica, Barbara tinha preparado frango e salada, e o prato favorito de Michael, purê de batatas, que era a especialidade da minha irmã. Sentamo-nos todos para comer.



Capítulo 12

Quando saímos da casa dos Clarks, por volta da nove da noite, o ar parecia mais frio do que na noite anterior. Dava para ver a minha respiração. Tive de usar luvas. A temperatura já estava abaixo de zero, ou estaria em breve. Quanto tempo Huck conseguiria aguentar?

De volta ao hotel, o clima no saguão era festivo: no bar estava reunida uma turma barulhenta, que provavelmente tinha acabado o jantar de ensaio de um casamento;[5] no meio do saguão havia um piano de cauda preto; ao piano estava sentado um sujeito de cerca de cinquenta anos, tocando uma música dos Beatles: “Você ainda vai precisar de mim, ainda vai me dar de comer, quando eu tiver 64?”.[6]

No quarto, o clima não estava nada festivo. Dois pais exaustos tentavam disfarçar as preocupações e manter o rosto animado antes de colocar o filho na cama. Michael tinha se agarrado à explicação da teoria da caminhada aleatória dada pelo pai e nela encontrou algum consolo antes de cair no sono. Não era o caso de Rich.

Assim que Michael dormiu e apagamos as luzes, Rich admitiu seus próprios temores de que talvez nunca mais encontrássemos Huck – com ou sem teoria da caminhada aleatória. Ele estava atormentado pelo breve olhar que Huck

dera na nossa direção e sua escapada para longe de nós. Embora tenha sido animador vê-lo e saber que estava vivo, o fato de que ele tinha fugido ao nos ver era quase insuportável. Em questão de segundos tínhamos visto Huck e o tínhamos perdido novamente. Era um final duro de um dia extenuante.

"Acho que o Huck correu porque estava com medo do carro, não porque tenha ficado com medo de nós ou por não ter reconhecido o Michael", argumentei.

"Acho que você está certa", respondeu Rich, reconfortando a nós dois. "É pena que a gente não estivesse a pé naquela hora. Acho que teríamos tido mais chance. A gente devia levar comida. Vamos comprar queijo cremoso amanhã antes de voltar pra Ramsey."

"Vamos comprar mortadela também. O Huck adora mortadela, quase tanto quanto queijo cremoso", eu disse.

Rich e eu tivemos outra noite de sono espasmódica. Apesar do meu esgotamento físico e emocional, até mais ou menos três da manhã eu não consegui dormir por mais do que um intervalo de vinte minutos. Rich acordou ao raiar do dia e saiu de mansinho do quarto, sem nos acordar. Ele queria voltar o quanto antes para a Carriage Lane, onde tínhamos avistado Huck doze horas antes.

Era sábado; não havia gente correndo apressadamente para a escola ou o trabalho. Rich parou o carro no estacionamento do supermercado a&p, do outro lado da pista, em frente ao nosso hotel. Passou pelas portas automáticas, por fileiras de vasos de plantas, pela seção de hortifrutigranjeiros, pelo bufê de saladas, até chegar ao balcão de frios. Não havia nenhum funcionário fatiando frios. Quem compraria isso àquela hora da manhã? Ao lado do balcão viu um *display* refrigerado de frios e cortes de carne pré-embalados. Rich pegou um pacote de mortadela. Não ia arriscar ver novamente Huck sem estar munido de comida. Foi para a seção de laticínios e pegou um pote de queijo cremoso da marca Philadelphia. Ele era o único cliente do caixa. Pagou e voltou para o carro.

Quando passou pelo Empório do Elmar, não viu nenhum carro no estacionamento. Desceu pela Main Street de Ramsey, onde as lojas estavam fechadas. Passou pela casa dos Clarks e não viu nenhuma luz acesa. Entrou na

Carriage Lane. Estacionou e ficou lá sentado. O céu estava agourento. As ruas estavam silenciosas e lúgubres.

Pensativo e melancólico, Rich refletiu sobre tudo o que tinha acontecido com a nossa família no ano anterior – o terror do diagnóstico de câncer, os árduos meses de tratamento, a morte (em decorrência do câncer) de nossa amiga Connie, nossa paixão por Huck, a chegada das tão esperadas férias, e, agora, o sumiço de Huck. Durante todos esses acontecimentos Rich se manteve inabalável e infalivelmente forte e positivo. Agora estava esgotado. Precisava de férias tanto quanto eu tinha precisado. Ele não sabia quanto tempo conseguiria manter o pique.

Rich encarou a mata para onde Huck tinha fugido de nós e desejou que o cãozinho aparecesse novamente, para que ele pudesse ter mais uma chance de voltar para casa com o nosso filhotinho, nosso melhor amigo, incansavelmente afetuoso, e que mesmo antes de ir morar conosco tinha nos dado uma nova vida, amor incondicional e uma renovada sensação de alegria.

A solidão de Rich foi interrompida pelo toque de seu celular. Era Ray Leslie, o menino da escola que queria ajudar a encontrar Huck. Rich explicou onde era a Carriage Lane e Ray disse que demoraria um pouco – uma hora, uma hora e pouco – para chegar lá.

Rich desligou o telefone e mergulhou novamente em seus pensamentos dolorosos e seu atormentado remorso por ter deixado Huck em um ambiente tão desconhecido. Ele não conseguia parar de se culpar. A seu ver, ele tinha decepcionado sua família, e as consequências seriam terríveis. Ele estava com a guarda baixa, com os olhos rasos d’água.

Rich ouviu um barulho de carro. Olhou pelo retrovisor e viu que era Dave se aproximando. Os dois cunhados aparentemente tinham tido a mesma ideia. Voltar para a Carriage Lane e ver se por algum milagre Huck ainda estava lá. Rich desceu do carro e caminhou na direção de Dave. Dave abaixou o vidro da janela, olhou para Rich, notou que seus olhos ainda estavam úmidos e desviou o olhar, dando a Rich alguns segundos de privacidade para se recompor e voltar para o momento presente.

“O que você acha, Dave? O que acha que vai acontecer?”, perguntou Rich.

“Acho que daqui a alguns dias ele vai ficar com fome e vai aparecer na

porta de alguém", respondeu Dave. Era uma suposição que tinha mais a ver com sua compaixão por Rich do que com algo em que ele realmente acreditava que fosse acontecer.

Os dois homens ficaram encarando a cerca de tela e o campo de golfe do outro lado. "Vamos falar com os guardas", Dave propôs. "A gente tem de dar a volta, o que nos obriga a passar por ruas movimentadas, mas é possível que o Huck tenha passado por baixo da cerca e ido parar em algum lugar do campo de golfe. Acho que vale a pena falar com eles."

Era uma proposta melhor do que ficar sentado esperando. Rich voltou para o nosso carro e seguiu Dave até o campo de golfe. Os dois estacionaram um ao lado do outro e caminharam na direção de um prédio de andar único e telhado verde que ficava entre o estacionamento e a entrada do parque. Dave e Rich foram batendo papo, mas não havia constrangimento entre os dois. Rich quis saber mais sobre quem eram as pessoas que usavam o campo. Seu estado de ânimo começava a melhorar. A ação é sempre melhor do que a inação. As maneiras firmes e serenas de Dave ajudaram.

Naquela gelada manhã de um sábado de março, o campo de golfe estava vazio. Nem mesmo os golfistas sentiam vontade de sair para jogar em um dia sombrio como aquele. Dentro do prédio baixo havia uma lojinha de artigos de golfe, sem cliente algum naquele momento. Havia também uma área de recepção com uma escrivaninha, onde os sócios pagavam as mensalidades. Atrás da escrivaninha, Rich e Dave viram um homem em ótima forma física, provavelmente já na casa dos setenta anos e com cabelos grisalhos. Por ali também estava outro senhor, igualmente em forma. Dave se dirigiu ao homem atrás da escrivaninha, contou uma versão resumida do desaparecimento de Huck e pediu permissão para colar alguns cartazes. "Claro, vão em frente, mas não vi nenhum cachorro por aqui", disse o senhor.

Rich, cuja única experiência com golfe era do tipo jogado com bolinhas coloridas e um único taco em um campo com obstáculos como moinhos de vento e riachos, disse: "Quando vocês falarem com os guardas, por favor, peçam para eles tentarem pegar o Huck, e não apenas nos avisar que o viram".

Os dois homens grisalhos entreolharam-se. Houve uma pausa no diálogo.

"Hã, Rich, eles dois são os guardas", explicou Dave, sussurrando.

“Oh, me desculpem, eu não tinha entendido. A gente ficaria muito agradecido por qualquer coisa que vocês puderem fazer, é claro – um telefonema avisando que vocês ou outra pessoa viram o Huck aqui no campo de golfe seria ótimo.”

De novo lá fora, Rich e Dave, que antes estavam desanimados e pesarosos, compartilharam risadas. A ingenuidade de Rich, sua pouca familiaridade com o funcionamento do campo de golfe do condado e sua expectativa de que os homens encarregados de supervisionar uma extensão de terras tão grande fossem jovens musculosos usando uniformes propiciou um instante de alegria. “Essa foi uma das coisas mais estúpidas que eu disse em muito tempo”, ele admitiu, em tom autodepreciativo.

Rich entrou no carro e voltou para a Carriage Lane a fim de esperar Ray, enquanto Dave voltava para o hotel para pegar Michael e eu. Já estávamos no saguão. Michael, arrasado depois de ter chegado tão perto de Huck na noite anterior, estava usando o boné verde dos Yankess com o trevo da sorte.

“Lembram daquele campo de golfe de ontem?”, perguntou Dave, assim que entramos no carro. “Aquele no fim da Carriage Lane? O Rich e eu fomos lá hoje de manhã. Os caras que trabalham lá deixaram a gente afixar cartazes e prometeram ficar de olho, caso o Huck apareça.”

“Para falar a verdade, não acho que o Huck tenha entrado lá”, disse Dave. “Eu só queria garantir que a gente cobrisse todas as bases.”

“Foi uma boa ideia”, respondi, quase distraída, preocupada com outra coisa. Rich vinha dormindo e comendo muito pouco. “Você sabe se o Rich comeu alguma coisa?”, perguntei.

“Acho que não. E aposto que você e o Michael também não”, disse Dave. “Vamos fazer uma parada no caminho e comprar uns bolinhos e café.”

Fosse por causa das risadas ou por causa do companheirismo do meu cunhado, o tempo que Rich tinha passado com Dave devolveu ao meu marido a determinação, a força de vontade e sua natureza proativa. Ele não quis perder tempo sentado no carro esperando Ray. Ele quis começar imediatamente a vasculhar a mata para onde Huck tinha fugido na noite anterior. Ele seguiu pela Road Pine Tree, de modo a entrar no bosque pela extremidade.

Quando chegou na ponta da mata, no fim do quarteirão, Ray ligou de novo,

desta vez para dizer que agora estava de bicicleta, subindo a Carriage Lane. “Oh, você está de bicicleta. Achei que você viria de carro. Ray, quantos anos você tem?”, perguntou Rich.

“Tenho quinze”, respondeu o menino, alterando o retrato mental que Rich fizera dele.

“Ontem você estava de bicicleta?”, perguntou Rich.

“Não, ontem eu estava a pé.”

“Ray, eu não sabia de nada disso. Eu simplesmente supus que você já tinha idade para dirigir. Estou a apenas um quarteirão de distância, na Pine Tree, no fim da rua. Por que você não deixa sua bicicleta trancada na cerca do clube de golfe e vem a pé até aqui?”

“Beleza”, ele respondeu.

“Você pode vir comigo no carro e mais tarde eu te levo de volta até sua bicicleta”, acrescentou Rich.

Ray era um menino de olhos castanhos, sardas e um sorriso cativante. Tinha um forte senso de engajamento social, o que provavelmente explicava o fato de um adolescente acordar em um sábado de manhã para ajudar pessoas desconhecidas a procurar um cachorro perdido. Naquela manhã em particular, Ray estava usando calça jeans, uma camiseta verde com a frase Salvem Darfur e uma parca azul – em cujo zíper estava pendurado um ingresso/crachá plastificado de uma estação de esqui.

Como Michael, Ray adorava animais e teve de passar anos implorando a seus pais para que o autorizassem a ter um bichinho de estimação. Relutantes para comprar um cachorro, os pais de Ray acharam que ter um coelho seria mais fácil. E, assim, Dante apareceu em sua vida. Eles sabiam que Ray se apaixonaria pelo seu novo amigo. Mas não sabiam que eles também se apaixonariam.

Dante não tinha esse nome por causa do poeta italiano que escreveu o poema sobre os círculos do inferno. De acordo com a explicação de Ray, era uma palavra de sonoridade impetuosa, que combinava com a personalidade domesticada do coelhinho de orelhas caídas. Dante fora criado e morava no quarto de Ray, era tão carinhoso quanto qualquer cachorrinho, e ficava muito feliz quando mãos humanas o acariciavam. Dante esteve perto de morrer várias vezes, pois insistia em viver mastigando as correias e cordas usadas para mantê-

lo preso no cercadinho.

Enquanto iam avançando mata adentro naquela manhã, Rich e Ray foram conversando e Rich ficou sabendo que Ray era trigêmeo, tinha paixão por jazz e adorava Gerry Mulligan, o ágil saxofonista.

Enquanto iam se conhecendo melhor e trocando informações sobre a vida de cada um, os dois acabaram descobrindo que Ray era primo de um dos colegas de classe de Michael. Coincidência estranha, especialmente porque Michael frequentava uma escola pequena, que tinha apenas cerca de cinquenta meninos em cada turma.

Intensamente curioso acerca do cachorrinho que estávamos procurando com tanto afinco, em seu íntimo Ray duvidava da possibilidade de Huck ainda estar vivo. Mesmo assim, ele queria ajudar e ouvia com atenção todos os detalhes do relato de Rich sobre a quase captura da noite anterior.

“Uau! Bom, só espero que ele não tenha entrado no campo de golfe. Lá não há lugar onde um cãozinho possa se esconder. É muito aberto, e à noite há muitos animais, como guaxinins e raposas. Até eu ficaria com medo lá.”

A busca mata adentro continuou. Rich e Ray atravessaram um riacho tão largo que era impossível transpor de uma só vez, o que os obrigou a se equilibrarem em uma pedra no meio da água para conseguirem chegar ao outro lado. Nos últimos dias, Rich vinha fazendo coisas do tipo com tanta frequência que não hesitou e fez o movimento com a mesma agilidade que o seu novo amigo adolescente. No bosque, não havia o menor indício de vida. Se havia plantas brotando do chão, sinalizando a chegada iminente da primavera, era impossível vê-las por causa das folhas marrons e dos galhos e ramos caídos. Com um pacote de mortadela em um dos bolsos e um pote de queijo cremoso no outro, Rich chamava Huck pelo nome, apurava os ouvidos, mas nada ouvia exceto o som da sua própria respiração. “Ele não está aqui”, disse Rich por fim. “É melhor a gente voltar para a rua.”

Os dois abriram caminho e saíram da mata. Viram um homem parado junto a um gramado, no fundo de uma casa colonial com telhas de cedro e uma garagem em curva.

“Vamos falar com ele”, Rich propôs. “Talvez ele tenha visto o Huck.”

O homem parou o que estava fazendo quando viu os dois se aproximando.

“Estamos procurando um cachorro perdido”, anunciou Rich.

O homem alto e de rosto amigável, Dick Seelbach, e sua esposa Jackie eram donos de dois scotties – um deles vivia fugindo, mas acabava sempre voltando para casa. O casal adorava cães. Dick e Jackie tinham criado e exibido seus scotties em exposições e competições ao longo de quarenta anos. Dick era inclusive juiz do American Kennel Club.[7]

Um dia antes, na tarde de sexta, quando Dick viu um poodle abricó inicialmente no bosque, e depois sentado na beira da piscina do vizinho, ficou de olho e percebeu que se tratava de um cãozinho perdido. Ele disse que passou a maior parte da tarde vigiando Huck, e por fim tentou pegá-lo.

“Mas aquele carinha não me deixava nem chegar perto. Ele simplesmente saía correndo”, disse Dick. Mais uma pessoa tinha visto Huck, e outra vez tinha sido tarde demais.

Rich reconheceu em Dick outro amigo, pronto para ajudar em nossa busca. Ele contou nossa história e explicou que todos na cidade vinham sendo extremamente gentis e receptivos. Entregou a Dick um cartaz e relatou nosso próprio encontro com Huck na sexta-feira. “Se você está me dizendo que viu o Huck bem aqui a tarde inteira, isso significa que a gente deve tê-lo visto logo depois que você tentou pegá-lo”, Rich concluiu. “Minha nossa, a gente chegou tão perto. Obrigado por tentar.”

“Sempre há a chance de ele voltar por aqui”, Dick respondeu. Rich perguntou se podia deixar um pedaço de mortadela e um pouco de queijo cremoso na entrada da garagem.

“Claro”, disse Dick. Ray, que até então estava em silêncio, se perguntou em voz alta se era mesmo uma boa ideia deixar comida ali, pois isso poderia atrair outros animais, como cervos, dada a proximidade da casa de Seelbach com o bosque. Mas Rich não se dissuadiu e deixou a comida assim mesmo.

Os dois homens trocaram um aperto de mãos. “Muito obrigado por tentar pegar meu cãozinho ontem”, Rich agradeceu.

“Espero que vocês o encontrem. Vou ficar de olho”, prometeu Dick.

Rich e Ray continuaram rua acima, deixaram para trás a casa de Dick e Rich ruminou em voz alta uma ideia. “Eu fico me perguntando quem mais viu o Huck por aqui ontem. Aliás, eu queria saber se alguém o viu hoje de manhã.

Talvez depois de ter entrado na mata, ontem à noite, ele tenha voltado para esta vizinhança.”

Já eram quase onze da manhã. Os olhos de Rich esquadrinhavam cada centímetro da rua à procura de pessoas tirando sacolas de compras do porta-malas ou cuidando de alguma coisa no quintal. Ele percebeu uma garagem e uma porta da frente abertas, do outro lado da rua. Era uma casa colonial cinza-esverdeada com venezianas pretas e guarnições brancas. Na garagem, viu um aro de basquete e um utilitário estacionado. “Vamos falar com aquele pessoal ali.”

Rich e Ray subiram pela entrada da garagem, avançaram um ou dois degraus da porta da frente e Rich tocou a campainha. Um senhor de meia-idade apareceu na porta. “Estamos procurando nosso cachorro”, Rich anunciou, tirando um cartaz do bolso. “Ontem à noite, ele entrou correndo na mata, no final do seu quarteirão, depois de ter passado boa parte da tarde nesta área. Será que o senhor o viu?”

“Agora tudo faz sentido pra mim”, disse o homem, que se apresentou como Brian O’Collahan. “Ontem à noite ouvi alguma coisa aqui fora, e disse pra minha esposa que achava que era algum animal selvagem. Depois, ouvi o que julguei ser o barulho de plaquinhas de identificação de cachorro, e disse pra ela: ‘Não, não pode ser um animal selvagem, porque acho que são as medalhinhas dele’. Nós dois concluímos que devia ser um cachorro.”

“O senhor se lembra a que horas foi isso?”, perguntou Rich.

“Deve ter sido por volta das dez”, respondeu Brian. “Eu diria que é bastante provável que fosse o seu cachorro, porque os cães daqui não saem andando por aí sem coleira fora dos quintais.”

Rich começou a fornecer a Brian alguns detalhes da nossa história. Descreveu os eventos da sexta-feira, encaixando as peças do quebra-cabeça. “Se o Huck estava no seu quintal ontem tarde da noite, isso quer dizer que ele provavelmente nunca chegou a ir muito longe mata adentro, depois que saiu correndo de nós, ou, se ele fez isso, conseguiu achar o caminho de volta. Estávamos com medo de que ele tivesse passado pela cerca e entrado no campo de golfe, mas, com base no que você está me dizendo, Brian, creio que a possibilidade do campo de golfe é improvável.”

Brian queria fazer alguma coisa. “Vou fazer o que puder para ajudar”, Brian

se ofereceu. “Você pode me dar alguma coisa com o cheiro do seu filho, uma luva, por exemplo? Vou pegar meus filhos e vamos sair procurando na mata.”

“É um gesto incrivelmente generoso da sua parte”, Rich disse, mais uma vez recebendo a gentileza de estranhos. “Eu odeio ter de interromper seu sábado.”

“Não tem problema nenhum”, disse Brian, de uma maneira que fez com que Rich soubesse na hora que aquele senhor era o tipo de homem acostumado a ajudar as pessoas, de um jeito simples e sem cerimônia. “Você não pode estar aqui o tempo todo, mas eu estou, então eu posso ser seus olhos e ouvidos. Pense em mim assim. Vou te dar meus números de telefone, todas as formas de entrar em contato comigo, para o que você precisar, a qualquer hora do dia ou da noite.”

Depois perguntou: “Quem é a sua cunhada? Talvez eu a conheça”. No fim, descobriram que um dos filhos de Brian tinha a mesma idade de Darian. Os dois estudavam juntos. Os O’Callahans conheciam os Clarks.

Reconstituindo os movimentos de Huck na sexta-feira, Rich ficou frustrado e agora lamentava ter ido embora para casa depois que Huck correra para o breu da mata naquela noite. Era enlouquecedor pensar no quanto eles tinham estado perto de Huck sem conseguir encontrá-lo.

Michael e eu ainda estávamos no carro com Dave, a caminho da Carriage Lane. Tínhamos parado para comprar café e bolinhos, o que, junto com o pesado tráfego de sábado, tinha nos atrasado. Liguei para Rich para saber exatamente onde ele estava. Michael e eu estávamos ansiosos para retomar nossas buscas. Rich explicou que tinha se encontrado com Ray e que agora os dois estavam na ponta da Pine Tree Road. “Encontrem a gente lá.”

Assim que chegamos ali, deixei Dave e Michael no carro e levei um saquinho de bolinhos e um copo de papel com café até onde Rich e Ray estavam parados, junto ao nosso carro, na entrada da mata. Rich me apresentou a Ray, que disse que aproveitaria para entrar no bosque por alguns minutos. Entreguei a Rich um bolinho sabor mirtilo e pus o copo de papel sobre o capô do carro.

Com um sorriso no rosto, Rich começou a me contar sobre o mais recente da série de desconhecidos generosos que ele tinha conhecido. “Você não vai acreditar neste sujeito que eu acabei de conhecer, Brian o’Callahan. Ele mora

bem ali", disse Rich, apontando para a casa enquanto dava uma mordida no bolinho. "Ele me disse que ontem ouviu barulhos por volta das dez da noite. Primeiro, achou que fosse algum animal selvagem", continuou Rich, "mas depois ouviu as medalhinhas de identificação e concluiu que devia ser um cachorro."

Rich bebeu um gole do café e depois continuou o seu relato: "Acho que era o Huck. O Brian é um cara incrivelmente legal. Ele disse que vai levar os filhos com ele mata adentro para procurar mais".

Enquanto eu estava ali de pé, ouvindo Rich falar com tanto entusiasmo de Brian, pensei na facilidade com que meu marido ficava profundamente tocado por pessoas que são sinceras e no quanto ele abominava todo e qualquer tipo de sentimento fingido ou esnobismo. As pessoas que Rich vinha conhecendo – Brian era a mais recente delas – tinham comovido meu marido. Eu podia ver que ele já nutria por elas grande afeição e que esse sentimento seria duradouro.

Do ponto onde estávamos, podíamos ver Michael e Dave dentro do carro de Dave. Michael passou do banco de trás para o banco de passageiro da frente. "Por que não passa pra cá, come um bolinho e bebe um pouco de suco de laranja?", Dave tinha sugerido. Michael aceitou a sugestão, deslizou para o banco da frente e pegou um bolinho de dentro do saquinho branco, no chão do carro. Havia um console entre os dois bancos. Dave tirou do console alguma coisa que Michael não podia ver.

"Venho andando com isto aqui desde pouco depois do Onze de Setembro. Um homem que eu mal conhecia me deu isto, dizendo que eu talvez fosse precisar para sentir esperança", disse Dave. "Quero que você fique com ela."

Estendeu a mão aberta para Michael. Dentro dela havia uma bola de beisebol branca, com a costura vermelha, símbolo da paixão que tio e sobrinho tinham em comum. Na bola, em letras vermelhas estava escrito: *11.09.01. Por isso, não desanimamos. Coríntios 4:16-18.*

"Sério? Tem certeza de que quer me dar isto?", perguntou Michael, tocado pelo espírito generoso do tio.

"Tenho certeza", respondeu Dave. "Acho que você precisa dela para ter esperança."

"Muito obrigado, tio Dave."

Michael segurou a bola na mão. O mero ato de segurar aquela bola o acalmava – a sensação familiar de ter entre os dedos uma bola de beisebol, a maneira como ela se encaixava em sua mão, o toque da costura contra a palma da mão. Era o conforto de uma velha amiga. Ele enfiou a bola no bolso da jaqueta e fechou o zíper. Ao longo do dia Michael abriu muitas outras vezes o bolso, tirando a bolinha, segurando-a, apertando-a e enfiando-a novamente no bolso. Era um momento privado e secreto entre sobrinho e tio. Rich e eu só ficamos sabendo da bolinha no fim daquela noite.

De pé, junto ao carro, Rich e eu recapitulamos nossas opções. Estávamos tentando decidir entre passar mais tempo na mata à procura de Huck e espalhar mais cartazes, na esperança de que mais gente ficasse de olho nele.

Depois de alguma discussão, decidimos que tínhamos de afixar mais cartazes. Por mais difícil que fosse ter de deixar o lugar em que havíamos visto Huck pela última vez, sabíamos que ainda precisávamos fazer nossa mensagem chegar a mais gente da comunidade. Ainda precisávamos dar um jeito de contornar o problema que havíamos reconhecido no dia anterior, o descompasso entre nossa publicidade e as aparições de Huck.

Fomos para o carro de Dave discutir a ideia com ele. Dave parecia ter sempre outro mapa da área à mão. Ele tinha mesmo, e desceu do carro e estendeu o mapa sobre o capô. “Não acho que o Huck tenha ido para o campo de golfe. Não vi nenhum tipo de abertura na cerca através da qual ele pudesse ter passado.”

“Acho que você tem razão”, concordou Rich. “Aliás, acabo de falar com um cara que conhece a Barbara, e ele disse que ontem ouviu um animal no quintal da casa dele por volta de dez da noite. Ele ouviu as medalhinhas de identificação. Meu palpite é que era o Huck.”

Dave prosseguiu. “Na minha opinião, a gente deve avançar mais na direção de Mahwah. A gente cruza a West Crescent, onde fica aquela caixa de correio, onde a mulher viu o Huck na quinta, e na direção da Youngs Road e ruas adjacentes.”

Dave conhecia bem a área. Eu estava inclinada a fazer tudo que ele julgasse certo, mas estava preocupada com o fato de que, embora tivéssemos afixado cartazes em praticamente todos os estabelecimentos comerciais de Ramsey, não

tínhamos colado pôsteres em postes, telefones públicos e árvores, lugares que as pessoas pudessem ver de dentro carro. Talvez isso fosse mais importante do que ir para Mahwah. Mas Rich achou que Dave estava certo, de que precisávamos expandir o raio de ação. Por enquanto, ele achou que devíamos espalhar alguns cartazes na área que Dave estava sugerindo, e depois poderíamos retornar para as cercanias mais próximas do centro de Ramsey.

Nós continuávamos tentando tomar decisões baseadas em fatos e na lógica, e quando isso dava errado, em palpites inteligentes. Mas a verdade é que na maior parte do tempo estávamos voando às cegas; não tínhamos a menor ideia do que estávamos fazendo. É claro que havia certa lógica em colar cartazes e alertar as pessoas para ficarem de olhos atentos para um cachorro perdido. Mas decidir em que direção seguir?

Rich, Michael e Ray foram em um carro. Dave e eu no outro, parando na casa dos Clarks para pegar Darian, martelos e pregos. Quando entramos na garagem, Barbara veio correndo. “Alguma coisa?”, ela perguntou.

“Não muito”, Dave respondeu. “O Rich conversou com alguém na Pine Tree Road que ouviu um cachorro no quintal dele ontem, por volta das dez da noite. Então, se era o Huck, há boas chances de que ele não tenha entrado no campo de golfe, e em todo o caso eu acho que ele não entrou mesmo.”

“Qual é o plano?”, ela perguntou, em tom surpreendentemente animado.

“Vamos pregar mais cartazes nos bairros do outro lado da West Crescent. Se a teoria do Rich estiver certa, o Huck talvez volte para a área onde a mulher o viu junto à caixa de correio, e talvez suba na direção de Mahwah.”

Barbara queria entrar no carro e ir com a gente, mas se conteve para ficar em casa cuidando dos telefonemas, no caso de alguém ligar. “É melhor eu ficar aqui”, ela disse. “Como vocês sabem, hoje é um dia em que as pessoas saem às compras; as lojas vão estar lotadas; mais pessoas vão estar nos lugares em que colamos nossos cartazes”, ela teorizou. “Com sorte, alguém que vir um dos cartazes verá o Huck e vai ligar.”

Comecei a pensar no tipo de compra que a maioria das pessoas faz em um sábado: mantimentos. Constatei que não tinha colocado nenhum cartaz em nenhum supermercado em Ramsey, provavelmente porque não ficavam na Main Street.

Em pânico, perguntei a Barbara: “Onde a maioria das pessoas daqui faz compras de supermercado?”.

“Provavelmente no Shop Rite”, ela respondeu. “Por quê?”

“A gente tem de colocar um cartaz lá”, respondi.

“Você está querendo me dizer que não colou cartazes no supermercado?”

À sua maneira típica, ela entrou em ação. “Entre no carro”, ela ordenou. “Querido, a gente volta daqui a um minuto”, avisou a Dave, que a esta altura estava na garagem procurando martelos e pregos.

A caminho do supermercado, Barbara entrou no “modo irmã” e continuou expressando sua descrença de que eu tivesse me esquecido de colocar um cartaz no supermercado. “Não consigo acreditar que você tenha ido a todas aquelas lojas, e não ao supermercado”, disse, em tom jocoso. “Qual é o primeiro lugar onde os pais vão em uma manhã de sábado, depois que os filhos já voltaram dos esportes?”

“Nossa vida é diferente”, respondi, em uma patética tentativa de me defender. “Ir ao supermercado não é um evento. É algo que você faz quando tem um tempinho entre uma coisa e outra”, disse. “Aos sábados, depois da nossa prática esportiva, a gente vai almoçar ou passear no Central Park.”

“É, eu sei, vocês são tão civilizados e tudo que a gente faz aqui é sair de carro e comprar coisas. Vou esperar no carro”, ela disse, parando em frente ao Shop Rite.

Entrei na loja e avistei um enorme quadro de avisos, perto da entrada, que os clientes não poderiam deixar de notar ao sair da loja. Já era quase meio-dia, e o supermercado estava lotado. Os supermercados do subúrbio pareciam muito diferentes dos supermercados de Manhattan. Para começar, o espaço é muito maior. Os corredores são largos, os carrinhos são maiores, a variedade de produtos é estonteante e há muitas filas no caixa.

Perguntei a uma mulher de camiseta verde-escura, de pé atrás de um dos caixas, onde eu poderia encontrar o gerente. Ela apontou para um homem na casa dos trinta e poucos anos, que mantinha uma atitude de cortesia enquanto uma mulher berrava – berrava mesmo – com ele por causa de um cupom (já expirado) que ela tinha apresentado para comprar papel-toalha. Aos berros, ela o chamava de “estúpido”, ameaçava-o dizendo que o faria perder o emprego e

alegava que ele não era suficientemente inteligente para fazer seu trabalho. Achei que eu faria a ele um favor interrompendo a discussão.

“Com licença, senhor, desculpe a interrupção”, comecei.

“Oh, tudo bem, o que posso fazer pela senhora?”

Com isso, a mulher virou as costas e foi embora.

“Tudo bem se eu afixar este cartaz no quadro de avisos?”, perguntei e entreguei a ele um dos folhetos.

Ele levou um minuto para ler o texto. “Mil dólares?! Deve ser um cachorro e tanto! Quantos anos tem o menino que vocês dizem estar inconsolável?”

“Ele tem doze”, respondi.

“Então, não é tanto pelo cachorro, é mais pelo menino”, ele comentou.

“Ambos”, respondi.

“Idade difícil para as crianças. O menino da minha irmã também tem doze. Por que a senhora não coloca um na vitrine da frente também? Teoricamente, eu não poderia fazer isso, mas vá em frente. Hoje é um dia movimentado. Mil dólares vão chamar bastante atenção.”

“Muito obrigado, de coração. Agradeço muito a sua ajuda.”

Voltei para o carro e contei a Barbara que o gerente tinha sido muito gentil. “É claro”, ela comentou. “Faz anos que venho te dizendo isso, todo mundo aqui é gentil.”

Aproveitando a oportunidade da camaradagem fraterna, observei: “Bom, nem todo mundo. Você devia ter ouvido aquela mulher berrando por causa de cupons de papel-toalha”.

Quando chegamos à casa dos Clarks, Dave já estava nos esperando. “É melhor a gente ir agora. Eu já avisei o Rich, o Michael e o Ray que a gente vai encontrá-los.”

“Cadê Darian?”, Barbara perguntou.

“Ela tinha treino de basquete e eu lhe disse para ir e, quando voltasse, poderia nos ajudar. Acho importante que ela vá ao treino.”

“Concordo. Fico feliz que você tenha dito isso a ela. Vejo vocês mais tarde. Me avisem se acontecer alguma coisa.”

“Pode deixar”, respondeu Dave. “E, querida, liga para a gente se alguém telefonar dizendo que viu o Huck depois da noite de ontem. Qualquer coisa antes

disso não ajuda muito.”

Eu fiquei triste que Barbara tivesse de ficar em casa. A minha breve ida ao supermercado com ela, nossas brincadeiras e provocações de irmãs haviam sido um alívio bem-vindo em meio ao pesado fardo emocional que vinha pairando sobre mim durante os últimos dias. Eu achava que nosso plano de ir a Mahwah seria outro beco sem saída. Eu não queria que Barbara ficasse em casa, pois ela representava a chance de um alívio psicológico momentâneo. Eu não queria ter de enfrentar mais momentos dolorosos.



Capítulo 13

Dave e eu entramos no carro. Ele me entregou dois martelos e uma caixa de pregos pequenos.

“Assim que a gente chegar àquela área, eu vou parar o carro e a gente pode sair e pregar cartazes no maior número possível de postes e árvores”, ele sugeriu. “Ainda tenho uma caixa daquelas capas plásticas no banco de trás, então por que você não começa a colocar os cartazes dentro delas enquanto eu dirijo?”

Estiquei o braço e peguei os cartazes e os plásticos no banco de trás e comecei a enfiar os folhetos dentro dos invólucros; não era tarefa fácil, porque o papel era barato e o encaixe não era perfeito. O esforço deixou meus dedos cobertos de cortes do papel.

Subimos por ruas sinuosas. Quanto mais nos afastávamos da avenida Wyckoff, mais difícil era acreditar que Huck pudesse ter ido tão longe. Será que ele tinha mesmo corrido para um lugar tão remoto? Eu comecei a duvidar e a questionar a decisão de passarmos horas preciosas da luz do dia percorrendo uma área que parecia distante demais para dar algum resultado. Como sempre, estávamos agindo na base da fé, e a minha estava abalada, para dizer o mínimo.

Do carro avistei um dos cartazes em um poste telefônico, depois outro, em uma árvore, e outro. Rich e sua turma já tinham passado por ali. Era

reconfortante constatar que os cartazes eram claramente visíveis de dentro do carro.

Dave e eu passamos por vários grupos de postes telefônicos e árvores, até que estacionamos junto a um grosso carvalho. Descemos do carro munidos de martelos, pregos e os cartazes embrulhados no plástico. Com uma das mãos usei um prego para posicionar um folheto contra o poste; com a outra ergui o martelo e comecei a bater o prego na madeira seca. Quando cheguei ao segundo prego achei que já estava ficando boa naquilo, pois só tinha acertado duas vezes meu polegar, e meus outros dedos tinham escapado ilesos.

E assim foi. Às vezes Dave e eu saíamos do carro; outras, quando só havia um poste ou uma árvore, Dave parava no meio da rua deserta, eu saltava e rapidamente martelava os pregos no cartaz. De dentro do carro era fácil escolher os locais perceptíveis na linha de visão dos motoristas.

Depois de mais ou menos uma hora, nós nos reunimos com Rich, Michael e Ray na Fawn Hill Drive. Estacionamos e descemos dos carros para mais uma vez decidir a divisão de tarefas. Como eu não tinha passado muito tempo sozinha com Rich, propus que nos dividíssemos em duas equipes de coladores de cartazes – Rich e eu seguiríamos em uma direção; Dave, Michael e Ray em outra. Não houve resistência.

Rich e eu começamos a descer a rua juntos. Aproveitei que estávamos a sós e perguntei o impensável: “Você não acha que devíamos ter mais ou menos em mente até quando vamos continuar com isto? Envolvemos Michael em um turbilhão de alta voltagem emocional e estou muito preocupada com o que vai acontecer se a coisa der errado, e cada vez mais parece que vai dar errado. E tem a Darian também”.

“Eu também estou preocupado, mas não posso pensar em desistir agora. Eu simplesmente não sei”, foi a resposta de Rich.

Continuamos andando, pregando cartazes em postes e árvores, deixando a questão suspensa no ar, sabendo que mais cedo ou mais tarde ela teria de ser respondida.

As ruas estavam estranhamente quietas para uma tarde de sábado. Rich e eu estávamos usando tênis, que não faziam barulho nenhum quando pisávamos no chão. “Será que alguém por aqui viu o Huck?”, perguntou-se Rich. “Acho que a

gente devia tentar tocar umas campainhas e perguntar. Vamos começar pelas casas onde parece haver gente."

"Não tem ninguém em casa", aleguei. "Parece uma cidade--fantasma."

"As pessoas têm de estar em casa. Há vários carros nas garagens", Rich observou. "Vamos escolher uma."

Gostei da ideia. Eu estava querendo esquecer a minha pergunta sobre dar um ponto final à nossa busca. Eu estava desesperada para ouvir alguém, qualquer pessoa, dizer alguma coisa sobre o Huck. Eu não estava minimamente relutante em bater à porta da casa de pessoas desconhecidas e perguntar se elas tinham alguma pista sobre o nosso cãozinho.

Quando chegamos ao fim da Fawn Hill Drive, no ponto em que cruza a Deerfield Terrace, avistamos uma casa de vários andares amarelo-mostarda coma acabamentos marrons. Em um gramado lateral havia lenha empilhada, coberta com lona preta. Estávamos prestes a subir os degraus da porta da frente quando um senhor de meia-idade, de corpo largo e olhar honesto, surgiu vindo dos fundos da casa. "Vocês estão procurando um cachorro abricó?", ele perguntou.

Meu coração disparou. Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Quase comecei a chorar. Ainda que com cautela, Rich ficou esperançoso.

"Sim, sim, estamos", Rich respondeu rapidamente e mostrou o cartaz ao homem. "Sabem de uma coisa, este é o cachorro. Ele passou a manhã inteira sentado junto às toras de lenha. Para falar a verdade, quando contei para minha mulher, ela disse que tinha visto no supermercado o cartaz de um cachorro perdido. Ela acabou de sair daqui para voltar lá no supermercado e anotar o número."

Rich e eu estávamos tentando processar o que aquele homem tinha acabado de dizer. "Então, o senhor viu o nosso cãozinho hoje de manhã? Faz quanto tempo isso?", perguntou Rich.

"Algumas horas", o homem respondeu. "Eu tentei pegar o danadinho, porque ele parecia perdido. Parecia o cãozinho de alguém, só que perdido", o homem continuou. "Eu tinha saído com o meu rottweiler e quando seu cachorro me viu com o meu cachorro, saiu correndo. Que coisa, ele saiu disparado feito uma lebre. Não havia como pegá-lo."

Senti um aperto no coração. Aquela gangorra emocional tinha chegado ao auge e era avassaladora. Eu não podia imaginar como Huck estava conseguindo sobreviver, ou em que condição física ele devia estar. A que tipo de angustiantes experiências ele estava sendo submetido, e por quanto tempo mais ele conseguiria aguentar? Na manhã em que tinha fugido da casa dos Clarks, ele mal pesava quatro quilos. De que maneira ele estava se mantendo?

Mas Rich não se abalou. Pelo contrário – ficou animadíssimo pelo fato de que Huck tinha sido visto com vida depois de outra noite fria perambulando por uma área que para ele era selvagem. E também por saber que Dave tinha tomado a decisão certa. Tínhamos deslocado a nossa publicidade para a direção certa.

Rich perguntou ao homem para que lado Huck tinha corrido e o homem apontou para a Youngs Road, rua movimentada e sinuosa em que as pessoas dirigiam mais rápido do que deveriam. Naquele momento, as emoções de Rich deram uma guinada, e o otimismo de um segundo antes desapareceu. Ao sentir a súbita mudança de ânimo do meu marido, o homem alertou: “Mas você sabe, não tenho certeza”.

“Muito obrigado por sua ajuda”, Rich agradeceu. “Se o senhor o vir novamente, ligue para um destes números.”

“Pode apostar que sim”, respondeu o homem.

Retomamos a caminhada. Rich ligou para Dave e contou tudo que tínhamos acabado de saber. A reação de Dave foi muito parecida com a do próprio Rich, embora sem a perceptível mudança de estado de ânimo.

“Bem, a parte boa é que ele estava vivo poucas horas atrás, o que é bastante surpreendente”, Dave disse. “Além do mais, estava bem frio ontem à noite.”

“E qual é a parte ruim?”, perguntou Rich.

Sem hesitar, Dave disse: “Que o cara não tenha conseguido pegar o Huck e que ele tenha ido para Youngs Road”.

Estava ficando tarde e começava a escurecer.

“Eu tenho de voltar para casa pra cuidar de algumas coisas e ver como está a Darian”, disse Dave. “O Michael e o Ray vão encontrar vocês no seu carro. Alcanço vocês depois.”

“Tudo bem”, respondeu Rich. “Obrigado por tudo que você fez esta manhã.”

Rich e eu continuamos colocando cartazes. A gente deve ter pregado e colado cartazes em todas as árvores, postes e orelhões do bairro. No processo, íamos procurando febrilmente nosso cãozinho, chamando-o pelo nome:

“Huck, Huck, Huckie. Huck, vem aqui, menino”.

Mas não ouvimos latidos, não vimos nenhum pelo avermelhado no terreno marrom e escuro. Infelizes, fomos andando até nosso carro. Tínhamos de nos reagrupar, decidir quais seriam os passos seguintes, uma vez que agora sabíamos onde Huck tinha estado naquela manhã.

Michael veio descendo a rua na minha direção. “Mamãe, o que aconteceu?”, me perguntou, agitado. “O tio Dave disse que alguém viu o Huck hoje cedo.”

Afaguei o rosto de Michael antes de contar a ele que Huck tinha sido visto, mas novamente tinha fugido. “Sim, uma pessoa viu o Huck e disse que ele ficou sentado a manhã inteira junto a uma pilha de lenha na casa dele”, expliquei. “O homem tentou pegar o Huck, mas ele fugiu.”

“Como a gente vai fazer para pegar o Huck?”, Michael perguntou com voz chorosa, as emoções à flor da pele.

Antes que eu pudesse responder, Rich se antecipou e fez isso por mim. Ele se agachou para olhar Michael nos olhos. “Escute, meu amor, a gente sabe que o Huck ainda está vivo, e isso é a coisa mais importante de todas”, ele disse. “E a gente sabe que está no rastro dele, a gente está sempre indo aos lugares onde ele esteve. Se a gente tivesse levado comida ontem à noite, teria conseguido pegá-lo”, Rich continuou. “Foi uma falha minha. Não vai acontecer de novo. Mas vamos manter em mente que o Huck ainda está vivo.”

Michael estava tentando resolver o drama na sua cabeça, tentando se convencer de que, de um jeito ou de outro, o destino permitiria a chegada do momento em que Huck seria visto, seria chamado e todos nós voltaríamos a nos reunir. Ele queria acreditar que a nossa história teria um final feliz.

Por mais doloroso que fosse, eu preferia que Rich pelo menos fizesse alusão à ideia de que, apesar da proximidade com o nosso cãozinho, Huck talvez desaparecesse para sempre da nossa vida. Mas não estava no dna de Rich fazer isso.

“Mas e as outras pessoas que veem o Huck e depois ele foge correndo?”,

Michael continuou. “Como isso vai mudar?”

Rich manteve-se firme e irredutível em seu otimismo. “É para isso que servem os cartazes. Se alguma pessoa que viu o Huck até agora tivesse visto primeiro o nosso cartaz, saberia oferecer queijo cremoso ao Huck, e provavelmente teria conseguido pegá-lo.”

E acrescentou: “E, Michael, sei que você viu com os seus próprios olhos, as pessoas que moram aqui têm sido tão generosas com a gente, tão acessíveis e gentis. Elas querem nos ajudar. Tem um monte de gente procurando o Huck, dando o máximo que pode para ajudar a gente”.

Tudo isso podia ser verdade, mas também era verdade que Huck ainda estava em algum lugar, encarando a morte a cada passo – um carro ou um caminhão em alta velocidade, um animal selvagem como um coiote ou um urso, uma ave de rapina agressiva, a fome, a desidratação. A mata ali era ainda mais densa do que na área da Carriage Lane e cobria boa parte do terreno. O céu estava ficando bem mais escuro, uma tempestade se formando. Seria outra ameaça à sobrevivência de Huck e também nos obrigaria a ficar dentro de casa, perdendo horas preciosas da luz do dia.

Tínhamos coberto a área de cartazes. A sorte tinha nos levado a um homem que chegou a ver Huck, mas esse mesmo homem informou que o cãozinho tinha fugido de novo. Não fazia sentido continuar apertando campainhas na Fawn Hill Drive.

Voltamos para o carro. Rich disse que deixaria Ray no local em que ele havia trancado a bicicleta, para que o menino pudesse ir embora para casa antes que começasse a chover. Na hora de sair, sem querer, Rich pôs o carro em marcha à ré e deu uma batidinha de leve em um poste de iluminação, em que havíamos martelado um cartaz com a fotografia de Huck.

“Droga”, gritou, e desceu para ver se tinha feito algum estrago no carro ou no poste. Achei que ele estava demorando muito, o que me fez pensar que o estrago havia sido grande, uma complicação de que certamente a gente não precisava. Eu já estava quase descendo do carro quando ele voltou. “Tudo bem. Peço desculpas, pessoal”, ele disse. E voltamos em silêncio quase absoluto pela Carriage Lane, até a bicicleta de Ray.

Lá chegando, Ray se ofereceu para voltar mais tarde, depois que passasse a

chuva. Rich estava começando a se sentir envergonhado de tomar tanto tempo livre do menino. “Você tem sido tão legal e solícito”, Rich disse. “Mas não quero que você gaste todo o seu tempo ajudando a gente.”

“Não, tudo bem. Eu quero ajudar”, Ray respondeu. “De verdade.”

Era tocante o desejo de Ray de fazer parte constante do grupo de busca. Ali estava um adolescente que abria mão de horas e horas de seu precioso fim de semana para vasculhar a mata à procura de um cachorro que pertencia a pessoas que ele jamais tinha visto na vida. Em muitos sentidos, Ray era a personificação do espírito alegre e animado e dos corações abertos que tínhamos encontrado nos últimos dias.

“Por que a gente não conversa mais tarde e aí a gente vê em que pé as coisas vão estar?”, propôs Rich.

“Legal, a gente se fala mais tarde”, respondeu Ray. Em seguida, ele saiu do carro, destrancou a bicicleta, acenou e saiu pedalando.

Rich, Michael e eu ficamos sentados no carro por um momento e começamos a conversar sobre o que fazer a seguir. Rich repassou as conversas da manhã. Ele nos falou sobre Dick Seelbach e como Dick tinha passado a tarde de olho em Huck, e sobre a mortadela e o queijo cremoso que Rich tinha deixado na entrada da garagem de Dick. Rich contou também a história de Brian O’Callahan e de como Brian tinha ouvido Huck no quintal, tarde da noite.

“Acho que a gente devia colocar um cartaz na casa de todo mundo nessa rua”, Michael propôs. “A gente podia enfiar nas caixas de correio ou nas maçanetas.”

Era uma boa ideia, já que duas pessoas da mesma rua tinham visto ou ouvido Huck. Porém, a informação era do dia anterior e Huck claramente não estava mais por lá. Ele tinha sido visto naquela manhã em um lugar a mais de um quilômetro ao norte.

Rich cogitou a sugestão de Michael, mas também estava pensando adiante, para ver o que devíamos fazer a seguir. “Sabe se os Clarks receberam alguma ligação hoje?”, Rich me perguntou.

“Duvido”, respondi. “Acho que a Barbara já teria me ligado a essa altura.”

“Por que você não liga pra ela, em todo caso?”, sugeriu.

Antes que eu pudesse teclar o número dela, Barbara me ligou. “Escute, a

Darian já voltou do treino. Acho que você devia trazer o Michael; assim ele faz um intervalo e almoça", ela propôs.

"Não sei se ele vai querer, mas vou perguntar", respondi. "Estamos tentando resolver o que fazer daqui para a frente. Você recebeu alguma ligação hoje?", perguntei.

"Nenhuma. Estou até um pouco surpresa", Barbara respondeu. "Talvez seja porque as pessoas ainda estão fora de casa. Quem sabe mais tarde?"

"Eu te ligo de volta assim que a gente tiver um plano sobre nosso próximo passo", prometi.

Michael tinha ouvido o bastante da conversa para supor que Barbara estava insistindo que ele fizesse uma pausa. "Eu quero ficar com o papai", ele avisou. "Não quero voltar para a casa dos Clarks."

Eu dei a Rich e a Michael a desoladora notícia de que naquele dia ninguém tinha ligado. Até onde a gente sabia, tirando o homem com a pilha de lenha coberta com lona, ninguém mais tinha visto Huck, nem de manhã, nem de tarde. Só havia mais um X no mapa de Dave.

Por achar que talvez tivéssemos abandonado prematuramente a área em que Huck tinha sido visto naquela manhã, sugeri que voltássemos às ruas em torno da Fawn Drive Hill, ou que fôssemos pregar mais cartazes nas árvores e postes de Ramsey. Era impossível saber o que fazer, e eu descartei rapidamente as minhas próprias ideias, algo que não tinha absolutamente nada a ver com a minha personalidade.

Michael não se deixou convencer. Naquele momento ele estava insistindo na ideia de ficar na Carriage Lane, na vizinhança em que na noite anterior ele chegara tão perto de voltar a ter Huck nos braços. Ele achava que Huck voltaria para lá. Ele queria ir até a casa de Seelbach para ver se a mortadela e o queijo cremoso tinham magicamente atraído Huck de volta à área.

Acho que nem Rich, nem eu queríamos dizer a Michael que achávamos que a suposição dele era a menos provável de todas. "O que me dizem disto?", propôs Rich. "Michael, eu e você deixamos a mamãe na Main Street e ela pode começar a pregar cartazes nos postes e árvores de lá. Depois a gente volta aqui e procura mais um pouco. A gente faz o que você sugeriu e dá um jeito para que todo mundo no quarteirão pegue um cartaz. Mais tarde a gente encontra a

mamãe na casa dos Clarks e come alguma coisa antes de voltar para Fawn Hill Drive.”

Michael estava satisfeito. Ele tinha sido ouvido. “Parece uma boa ideia”, disse.

Eu sabia que provavelmente era pura perda de tempo, embora achasse que Michael e eu estávamos sendo guiados pelo desejo de voltar ao lugar em que Huck tinha estado. Para Michael, era uma questão de voltar ao local em que tinha visto Huck com os próprios olhos. Para mim, era uma questão de voltar ao lugar onde todo mundo tinha posto os olhos em Huck.

Liguei para Barbara e a informei do nosso plano, e Rich rumou para a Main Street. Assim como tinham feito um dia antes, Rich e Michael me deixaram no começo da rua, depois da escola de ensino médio, só que dessa vez eu estava munida de martelo e pregos, juntamente com os pôsteres cobertos com plástico. De repente, me dei conta de que não sabia se aquilo que eu estava fazendo – e que a gente fizera ao longo de toda a manhã – tinha autorização legal. Eu nem sequer tinha parado para pensar nisso. Eu me imaginei na frente de um juiz tentando explicar por que motivo eu havia desfigurado todos os postes telefônicos de Ramsey e Mahwah. Na minha imaginação, o juiz era clemente, já que também tinha filho e cachorro.

Rich e Michael foram mais uma vez para a Pine Tree Road. Michael estava mais animado, agora que os adultos, ou pelo menos um deles, se dispuseram a seguir sua sugestão. “Eu quero voltar para a mata no lugar em que a gente viu o Huck sair correndo ontem à noite”, Michael disse. “Acho que ele deve estar lá.”

Michael sentia uma desesperada necessidade de vasculhar ele mesmo aquela área. Desde que tinha visto Huck fugir para o meio das moitas, árvores e arbustos, Michael não conseguia entender por que razão seu amado cãozinho correu dele e não para ele. Será que o som da sua voz não bastava para trazer Huck de volta para casa? Será que Huck não sentia falta dele tanto quanto ele sentia a falta de Huck?

Quando chegaram à Pine Tree Road, Michael desceu e ficou com as mãos e os joelhos no chão, em frente ao carro, para tentar entender qual tinha sido a perspectiva de Huck e entender por que seu cachorro tinha fugido dele.

“Se você é um filhotinho, o carro é bastante assustador visto daqui de

baixo”, teorizou Michael. “Só dá para ver as luzes ofuscantes e esta máquina enorme que parece que vai te esmagar a qualquer segundo. Daqui não dá nem para ver o retrovisor e as pessoas dentro do carro”, Michael descreveu, ainda agachado no chão, na frente do carro estacionado.

“Aposto que por causa do motor ligado, o Huck nem me ouviu chamando. Ele só saiu correndo porque ficou com medo do carro.”

“Aposto que você está certo”, disse Rich, estendendo o braço para cumprimentar o filho.

Michael e Rich primeiro subiram a rua por um lado da calçada, depois desceram pelo outro, deixando um cartaz em cada caixa de correio ou enfiando um folheto por baixo de cada porta. Depois fizeram o mesmo na Carriage Lane, antes de entrar na mata para procurar mais. Viram a mortadela e o queijo cremoso intocados na frente da casa dos Seelbach. Sem que Michael soubesse, Rich estava determinado a dar apenas uma olhada rápida na mata. Só estava fazendo aquilo para satisfazer a vontade do filho. Assim como eu, Rich estava ansioso para voltar à Fawn Hill Drive.

Caminhando entre as árvores desfolhadas, perto de uma das pontas do bosque, Michael e Rich avistaram um homem acompanhado de dois meninos e um cachorro bastante esperto, um shiba inu, cerca de quatro vezes maior que Huck. “Vamos falar com eles”, disse Rich.

Quando chegaram perto da família, o homem gritou: “Estão procurando alguma coisa?”, e caminhou na direção de Rich. O homem estendeu a mão e se apresentou: “Oi, meu nome é Ben Mamola. Estes são meus filhos, Ben e Peter, e este é nosso cachorro, Scooter. A gente mora bem ali”, acrescentou, apontando para uma casa na entrada do bosque.

Ben era um homem de trinta e poucos anos, bonito e vigoroso, de cabelos e olhos pretos, extraordinariamente acessível e amigável, mesmo para os padrões de Ramsey. “A gente viu vocês na mata e pareceu que estavam procurando alguma coisa, e não apenas dando uma caminhada. Por isso resolvemos perguntar.”

Rich se apresentou, apresentou Michael e começou a explicar o que estavam procurando, e como tinham ido parar na mata ao lado do quintal da casa dos Mamola. Ben parecia ouvir atentamente cada palavra, e isso fez com que

Rich, embora cansado de repetir à exaustão a nossa história, sentisse vontade de contar cada detalhe – o câncer, a aquisição de Huck, nossas férias frustradas, o sumiço de Huck. E contou também como tínhamos chegado perto de reaver o cãozinho na noite anterior.

A infalível devoção de Rich à família e sua busca ardente e incansável pelo cachorrinho da família comoveram profundamente Ben. Ele podia sentir a angústia de Rich. Loucamente apaixonado pela esposa, Ben começou a pensar no que Rich tinha sentido ao ver a mulher doente e, depois que ela recuperou a saúde, a frustração ao levá-la em uma viagem de celebração que dera errado.

Então, o filho mais velho de Ben, Ben Jr., um menino de cinco ou seis anos, se ofereceu: "Papai, vamos ajudar a procurar o cachorro".

"Vamos sim", Ben respondeu. "É a coisa mais estranha, mas é como se eu já conhecesse vocês a vida inteira. Deixe-me ajudar. A gente conhece muito bem esta mata. Por que vocês não deixam a gente procurar aqui? Aí a gente pega o carro e segue na direção de Mahwah."

Embora muitas pessoas em Ramsey tenham ido muito além das gentilezas, tenham sido bem mais que gentis ou polidas, tenham verdadeiramente feito amizade com desconhecidos como nós, a oferta de Ben – abrindo mão de sua tarde de sábado para nos ajudar a procurar Huck – era tão extraordinária que impressionou Rich.

Em uma inversão do personagem George Kellerman, interpretado por Jack Lemmon no filme *Forasteiros em Nova York*, um homem severo que viaja com a esposa de Twin Oaks, Ohio, para Nova York, enfrenta todo tipo de problema na cidade grande – o casal é enganado, roubado e raptado – e mantém um catálogo de nomes e números de telefones das pessoas que pretende processar, Rich estava elaborando uma lista de nomes e telefones de pessoas que tinham nos ajudado, com a intenção de agradecer-lhes depois que a nossa saga tivesse terminado. Não importava qual fosse o final. A lista era longa. E agora incluía Ben Mamola.

"Seria uma ajuda e tanto", Rich disse em resposta à oferta de Ben. "Mas você tem certeza? Eu odiaria fazer você perder boa parte da tarde de sábado."

"Não tem problema nenhum", disse Ben. "Minha esposa está em um retiro religioso. Os meninos e eu íamos fazer algumas coisas na rua hoje, mas isso

pode esperar.”

“Você é um grande sujeito. Muito obrigado”, agradeceu Rich, pondo a mão nas costas de Ben, em um gesto de gratidão e afeto. “Tome aqui uma cópia do cartaz. Assim você vê a foto do Huck e tem nossos números de telefone.”

Ben e a esposa, Catherine, eram membros ativos da paróquia de São Paulo, a igreja católica de Ramsey. Catherine estava passando o final de semana em um retiro para mulheres chamado “Pedra Angular”, em que as participantes davam seu testemunho e conversavam detalhadamente umas com as outras sobre os eventos mais importantes da vida delas. Para algumas das mulheres, fazer as pazes com os episódios que haviam mudado suas vidas era doloroso; para outras, era uma chance de mostrar gratidão.

Ben tinha conhecido Catherine em uma espécie de encontro às escuras em uma noite quente de maio de 1993, em um bar em Clifton, Nova Jersey, chamado Yakety Yaks. “Dei uma olhada na mão dela e pensei, ‘Isto não vai dar certo. Deve haver alguma coisa errada. Ela é bonita demais’”, disse Ben, relembrando o primeiro momento em que pôs os olhos na bela e loira Catherine.

Mas deu certo. Ele a apresentou aos pais no final de semana do feriado de Quatro de Julho, em outubro ficaram noivos e se casaram em agosto do ano seguinte. Os dois conseguiam ser bem-sucedidos profissionalmente em qualquer ocupação que escolhessem. Ela, depois de abrir mão de uma carreira na área de marketing em Manhattan para ficar em casa cuidando dos filhos, passou a se dedicar à pintura a óleo e se estabeleceu como artista, vendendo suas obras por intermédio de uma galeria em Rhode Island. Ele desistira de sua carreira em Wall Street para atuar na área de investimentos privados, o que logo depois abandonou também porque queria ter a sensação de estar fazendo algo de concreto. Formado em engenharia química, conheceu alguém na igreja que lhe sugeriu a ideia de usar ômega-3 em produtos alimentícios. E assim ele abriu a Zymes, empresa dedicada justamente a isso.

Rich ficou grato a Ben por seu espírito destemido e pela maneira abnegada com que ele e seus filhos se colocaram à disposição para nos ajudar a fazer o impossível – encontrar o nosso cãozinho naquele labirinto de mata e ruas.

Ben também deixou Michael impressionado. “Uau. Não dá para acreditar no quanto esse cara é legal”, disse meu filho a Rich, enquanto eles voltavam

caminhando até a Pine Tree para pegar o carro. “Ele não só disse que vai procurar na mata ao lado da casa dele, mas vai até Mahwah também. Isso é inacreditável.”

***

A chuva, que ao longo do dia vinha ameaçando desabar na forma de uma garoa curta, agora tinha encorpado e se tornara um aguaceiro constante. Eu tinha pregado cartazes dentro de invólucros plásticos ao longo da Main Street e da avenida Wyckoff, até que eles acabaram. Minhas mãos estavam machucadas de tanto martelar árvores e postes. Voltei para a casa dos Clarks pouco antes de a chuva engrossar. Rich e Michael entraram na cozinha pela porta dos fundos, logo depois de mim.

Barbara e Dave estavam sentados na mesa da cozinha analisando o mapa com as marcações de Dave. “Algo novo a acrescentar?”, ele perguntou.

“Não”, Rich e eu respondemos ao mesmo tempo.

“Conheci um cara que viu o Huck na tarde da sexta, antes de nós”, Rich começou a explicar. “Depois, outro cara que ouviu o Huck no quintal da casa dele ontem à noite. E acabamos de conhecer outro cara da mesma vizinhança que disse que vai levar os filhos para procurar na mata lá na Pine Tree e depois vai de carro até Mahwah, onde o Huck foi visto hoje de manhã. Mas não, nenhuma aparição nova.”

“Sim, mas o cara que viu o Huck na tarde de sexta é novidade”, argumentou Dave. “Não é recente e é a mesma área em que a gente sabe que ele esteve na sexta à noite, mas ainda assim é uma nova aparição. É um ponto a mais no mapa.”

“Isso é verdade”, Rich concordou. “Vamos olhar o mapa e ver se a gente consegue concluir se faz ou não sentido voltar para Fawn Hill Drive.” Enquanto nós todos nos debruçamos sobre o mapa observando Dave traçar os movimentos de Huck, ou pelo menos o que a gente imaginava serem os movimentos de Huck, com base nas informações e relatos que tínhamos coletado, Michael subia para falar com Darian.

Assumindo sua pose de generais diante do mapa do campo de batalha, Rich e Dave estavam perdidos. “É difícil saber, mas acho que o que faz mais sentido

agora é a gente voltar para as ruas nas cercanias de Fawn Hill Drive", disse Rich. "Esse é o último lugar em que ele foi visto com vida e não temos nenhum registro de outra aparição que sugira movimento fora dessa área."

O tempo ruim não era impedimento para mim, e tampouco seria para Rich. Mas eu não queria que Michael ficasse zanzando na chuva gelada. Achei que era melhor que eu e Rich fôssemos sozinhos. O problema seria convencer Michael.

"Podem ir", instigou Barbara. "O Michael está lá em cima com a Darian. Depois que vocês saírem, eu falo para ele."

"Não posso fazer isso", eu disse. "Preciso avisá-lo de que a gente está indo." Eu não precisava olhar para minha irmã para saber que ela estava revirando os olhos, em sinal de desaprovação.

Para minha surpresa, quando falei com o Michael, ele aceitou ficar. O que ele não queria aceitar era o fato de que tinha de almoçar. Nos últimos dias ele tinha comido muito pouco, certamente não o suficiente para um menino em fase de crescimento. Minha preocupação era constante.

***

Rich e eu pegamos emprestado um par de guarda-chuvas de Barbara, entramos no carro e seguimos para a Fawn Hill Drive e cercanias de Mahwah, a cidadezinha nos arredores de Ramsey. No caminho, passamos por muitos dos cartazes que tínhamos pregado naquela manhã. Todos eles estavam aguentando bem, apesar da chuva, graças à ideia de Rich das capinhas plásticas.

Começamos pela casa onde Huck tinha sido visto pela última vez, junto às pilhas de lenha cobertas com lona. Agora a pé, vasculhamos a rua e as ruas adjacentes. Exploramos cada quintal, cada terreno baldio, em uma busca desesperada. Tocamos campainhas, paramos carros. Olhamos atrás de garagens, debaixo de balanços e escorregadores, dentro de galpões e debaixo de qualquer coisa que pudesse servir de abrigo para um animalzinho assustado. Enquanto íamos pisando na lama e afundando em poças, chamávamos Huck, implorando para que ele saísse de onde quer que estivesse. Os minutos se transformaram em horas, e a escuridão da noite começou a cair.

Quando decidimos voltar para o carro, eu já estava rouca. Sentei-me ao lado de Rich no banco de passageiro, me olhei no espelho e vi que estava

totalmente ensopada. Mesmo naquele momento eu pude ver que a mente de Rich estava inquieta, tentando decidir o que mais poderíamos fazer nos últimos minutos que restavam de luz do dia. Eu sabia que ele não ia parar. Já eu, contudo, ensopada e exausta, mais uma vez me peguei imaginando até quando prosseguiríamos naquela busca. E então imaginei Huck, com frio e ensopado, em algum lugar, e me perguntei quanto tempo mais ele conseguiria aguentar.

Concordamos em procurar um pouco mais de carro, para usar os poucos minutos da luz do dia de modo a manter nossos olhos treinados na paisagem. Era inútil. Ambos sabíamos que era inútil. Depois que o homem tinha visto Huck sentado junto à pilha de lenha naquela manhã, Huck parecia ter desaparecido. Tínhamos pregado todos os nossos cartazes, mas ninguém tinha telefonado. O rastro tinha esfriado.

Por um momento, Rich rompeu o silêncio. “O Huck pode estar a quilômetros daqui, ou a gente pode estar passando por ele neste exato minuto e nem saber.”

Eu não queria dizer em voz alta o que ambos tínhamos em mente. Huck podia estar morto. Voltamos para a casa dos Clarks.

Barbara e Dave sabiam. Sabiam que voltaríamos ensopados até os ossos e sem esperança. Eles fizeram o que sabiam fazer. Acenderam a lareira e Dave ofereceu a Rich uma bebida forte, embora soubesse que meu marido não estava pronto para desistir.

Eles nos informaram que ninguém tinha ligado o dia todo. Michael e Darian desceram e se juntaram a nós na cozinha. Michael não fez perguntas sobre nossa última busca. Simplesmente se aconchegou a mim, encostando o corpo no meu colo, sem realmente se sentar, do jeito que as crianças fazem.

Barbara não parava um minuto, indo da pia para a geladeira, às vezes sem razão aparente. Os outros encaravam o mapa, ainda estendido sobre a mesa da cozinha, como se ele tivesse a resposta para o paradeiro de Huck, como se ele soubesse que Huck ainda estava vivo e em que direção deveríamos olhar para vê-lo.

Por fim, Dave dobrou e guardou o mapa e Barbara pôs a mesa do jantar. Eles tinham ligado para um restaurante local e pedido pizzas e salada. Nenhum de nós comeu muito. Depois do jantar, Rich e eu nos sentamos junto à lareira.

Barbara e Dave colocaram a louça suja na lava-louças e juntaram-se a nós perto do fogo. Michael e Darian subiram as escadas para assistir televisão no quarto de Barbara e Dave.

O telefone insistia em não tocar.

Michael adormeceu no chão, em frente ao televisor. Depois de deixá-lo dormir um pouco, eu o acordei e disse que tínhamos de voltar para o hotel. Nós nos despedimos dos Clarks e mais uma vez voltamos para o Woodcliff Lake Hilton. Todas as lojas da Main Street de Ramsey estavam fechadas e trancadas, exatamente como de manhãzinha, quando começamos nossa jornada.

"Eu não quero voltar para o hotel", protestou Michael, sonolento, assim que entramos com o carro no estacionamento do hotel. "Quero continuar procurando o Huck."

Era de partir o coração. De alguma maneira, Rich tinha achado forças para assegurar ao menino que no dia seguinte retomaríamos nossas buscas, que Huck tinha dado provas de que conseguira sobreviver por duas noites e era capaz de continuar se mantendo vivo. Não sei de onde Rich tirava a força emocional para isso. Eu estava exaurida.

Rich sugeriu nos deixar, Michael e eu, em frente à entrada do hotel para que não tivéssemos de atravessar debaixo de chuva o estacionamento. Estava chovendo torrencialmente. Mas recusamos e juntos estacionamos o carro, juntos saímos andando sob a chuva e passamos pelo piso de mármore do saguão, juntos entramos no elevador e subimos até o nosso quarto.

Todos nós estávamos precisando de um banho quente. Michael foi o primeiro e tomou o tipo de banho que era sua especialidade: uma chuveirada de vinte e dois segundos. Eu o pus na cama. Ele adormeceu instantaneamente. Também tomei um banho rápido, embora mais demorado do que vinte e dois segundos.

Rich plugou seu celular na tomada para recarregar a bateria. Sem pensar muito no que estava fazendo, desligou o telefone. O último a entrar no chuveiro, Rich também foi rápido. Eu me deitei na cama. Assim que saiu do banheiro, Rich ajeitou-se ao meu lado e apagou a luz.

Deprimida, com o corpo dolorido, fechei os olhos, ouvindo a chuva e o vento uivante. Eu achava que a gente devia suspender as buscas. Tentei imaginar

de que maneira eu diria a Michael que essas coisas acontecem na vida e que tínhamos feito tudo que estava ao nosso alcance para encontrar Huck, mas que o nosso cãozinho se fora. Eu diria a ele que lamentava muito, que estava muito triste, que eu sabia o quanto aquilo doía e que eu estaria ao lado dele para ajudá-lo a superar a tristeza. Por mais que isso fosse doloroso para nós dois, eu achava que era a coisa certa a fazer. Eu achava que assim estaria protegendo meu filho daquele constante vaivém emocional que estávamos vivendo. Eu achava que era hora de ajudar Michael a aceitar sua perda devastadora.

Rich também tinha fechado os olhos, mas seus pensamentos não podiam ser diferentes dos meus. Ele estava pensando em quanto tempo podia levar a coisa adiante. Em sua opinião, devíamos ficar hospedados no hotel mais um pouco e continuar procurando, colocando anúncios no jornal, espalhando cartazes e conversando com as pessoas no momento em que saíam de casa para trabalhar ou para colocar o lixo na lixeira da calçada. Pagaría-mos anúncios nas rádios. Rich tinha elaborado um plano: assim que eu voltasse para o trabalho e Michael para as suas aulas, ele continuaria indo sozinho para Nova Jersey, toda vez que pudesse tirar uma folga do trabalho. Ele achava que se a gente apertasse o cinto, seria possível usar mais mil dólares da nossa poupança. Ele tinha decidido prolongar as buscas por mais seis semanas. Só depois disso, julgava Rich, ele poderia realmente encarar Michael e dizer que tínhamos feito tudo que estava ao nosso alcance para encontrar Huck.

Naquela noite, o último pensamento de Rich foi a imagem de Huck e a chuva gelada tamborilando na janela do nosso quarto de hotel. Ele sabia que Huck conseguiria sobreviver mais uma noite, escapando de ser presa de algum animal selvagem, mas não sabia até que ponto ficaria mais difícil sobreviver com o acréscimo daquele elemento: a chuva forte. Rich adormeceu rezando para que Huck ainda estivesse vivo.



Capítulo 14

Às seis e meia da manhã de domingo, o telefone do hotel tocou no nosso quarto, acordando todo mundo com um sobressalto. Eu fiquei alguns segundos desorientada, mas consegui manter um nível mínimo de coerência a ponto de me perguntar quem poderia estar ligando àquela hora para o hotel, já que todos os cartazes tinham o número do celular de Rich e da casa dos Clarks. Peguei o telefone e respondi com um quase inaudível “Alô?”.

“Por que ninguém está atendendo o celular do Rich?”, perguntou Barbara com um grito agudo. “Levanta. Ligaram pra cá. Um homem acabou de ver o Huck, coisa de minutos atrás. Vocês têm de ir para a Fawn Hill com a Youngs”.

Antes que eu tivesse realmente entendido o que ela estava dizendo, e antes que eu dissesse a Rich para onde deveríamos ir, comecei a berrar para o meu filho e o meu marido: “Vistam-se. Depressa. Alguém acabou de ver o Huck. A gente tem de ir rápido”.

“Janet, Janet”, minha irmã chamou, tentando retomar nossa conversa telefônica. “O Dave já saiu. O Rich sabe como chegar ao cruzamento da Fawn Hill com a Youngs?”

Eu me virei para Rich e perguntei: “Você sabe como chegar ao cruzamento da Fawn Hill com a Youngs?”.

E sem esperar pela resposta, antes que Rich tivesse a chance de vestir as meias, joguei o telefone em cima dele e sugeri: “Por que você não pega a informação diretamente com a Barbara?”.

Michael estava no banheiro e se olhou de relance no espelho. Ele ficou lá parado um segundo e pensou: *Aposto que chegou a hora. A gente pode realmente achar o Huck agora. Tem de ser agora. Não posso perdê-lo de novo*. Antes de sair do banheiro, ele se permitiu o luxo de abrir um sorriso.

Rich estava ao telefone com Barbara, amarrando os tênis o mais rápido que podia. “Droga. Não acredito que deixei o celular desligado. No que eu estava pensando?”, ele disse para si mesmo. “A Barbara teve de perder minutos preciosos procurando o número do hotel.”

“Esquece isso”, eu disse. “Vamos embora.”

A agitação era tão grande que ninguém se lembrou de vestir casacos. Rich pegou a mortadela e o queijo cremoso. “Pegue as jaquetas”, berrei.

E assim saímos do quarto. Michael foi o último a sair, pois fez questão de procurar seu boné verde dos Yankees. Passamos às pressas pelo corredor. Ansiosa, apertei repetidas vezes o botão do elevador. Nós três atravessamos correndo o saguão até a porta da entrada do hotel. O gerente chamou a nossa atenção: “Parem. Devagar. Não corram no saguão. Não é permitido”.

Nós ignoramos completamente o homem. Depois de passar voando pelo saguão, chegamos ao estacionamento salpicado de poças e entramos no carro. Michael se acomodou no banco de trás. Rich entregou a ele a mortadela e o queijo cremoso.

Não tenho ideia da velocidade que Rich atingiu, mas com certeza ele pisou na tábua. Passamos pelo Empório do Elmar, descemos a Main Street em Ramsey e subimos a Fawn Hill, área onde Rich e eu estivéramos no final da tarde de sábado. A certa altura, Rich olhou pelo retrovisor e viu Michael comendo um pedaço da mortadela.

“Fico feliz de ver que você está comendo, querido, mas é melhor guardar um pouco pro Huck.”

“Ah, claro”, respondeu Michael com um sorriso no rosto. Ele enfiou o que tinha sobrado na embalagem dentro do bolso da jaqueta, junto com o queijo cremoso.

Dave já estava lá, tendo estacionado seu carro no lado da intersecção da Fawn Hill. Rich estacionou nosso carro do lado da Youngs Road. Ficamos na Fawn Hill Drive, olhando para a primeira casa da rua. Era uma casa térrea, com venezianas azul--acinzentadas e um amplo quintal em declive. Mas não estava claro se a casa do cruzamento era aquela ou uma outra, de telhas brancas, na ponta da Young Road.

“Não sei a qual casa o cara se referiu quando disse que viu o Huck no cruzamento”, Dave disse. “Obviamente, o Huck não está na frente de nenhuma das casas, então por que a gente não vai dar uma olhada nos fundos?”

Rich e Dave mais uma vez elaboraram uma estratégia. “Parece que os dois quintais se encontram. Por que você e Michael não dão a volta por aquele lado?”, disse Rich, apontando para a extremidade da primeira casa da Fawn Hill. “A Janet e eu vamos pela Youngs.”

Aliviada e perplexa por saber que Huck tinha sobrevivido mais uma noite, uma noite de violenta tempestade, eu não queria dizer que achava que o nosso cãozinho tinha sumido de novo. O homem que telefonara disse que Huck estava no cruzamento. Bem, ele não estava no cruzamento. A bem da verdade, ele não estava em lugar nenhum perto dali, pelo menos que fosse visível do carro. Nós havíamos chegado tarde demais. Um considerável intervalo de tempo devia ter passado entre o momento em que o homem avistou Huck, telefonou para Barbara, que então ligou para nós, nos conduzindo até o local. Por uma ou outra razão, não tínhamos sido suficientemente rápidos.

As casas da área ficavam em uma colina. Rich e eu subimos a ladeira, que estava escorregadia por causa da grama ainda molhada em função do aguaceiro da noite anterior. Embora o sol já estivesse surgindo, ainda era cedo demais para que o chão tivesse secado. Rich chegou ao topo da colina e se virou para ver a que distância eu estava. Assim que cheguei ao topo da colina, entramos no quintal atrás da casa.

Discretamente, Rich começou a murmurar alguma coisa, repetidas vezes, algo que ele às vezes dizia para Huck quando estava brincando com o cãozinho no chão da sala de estar: “Você é um bom menino? Sim, você é um bom menino”. Era uma daquelas coisas meio bobas e sem sentido que as pessoas de repente se pegam dizendo para seus bichinhos de estimação. Eram palavras de

ternura. Rich esperava que Huck ouvisse e voltasse para nós.

De repente, levei um susto. Espantada, agarrei o braço de Rich, para sufocar um grito. Ali, bem ali na nossa frente, estava Huck, a cerca de sete metros.

Huck parecia exausto e estava com os pelos embaraçados. Ele olhou para Rich, que começou a se ajoelhar. Mas, antes disso, Huck virou as costas e saiu trotando. Ele não correu, o que me fez supor que estaria machucado. Estávamos prestes a sair atrás dele quando o celular de Rich tocou.

Era Dave, ligando do outro lado da casa. “O Michael está vendo o Huck”, ele disse. “O Huck está a uns nove metros dele.”

No momento em que viu o Huck, Michael pôs em prática todo o seu autocontrole. Não fez movimentos bruscos. Agachou-se. Depois, em um gesto ágil, enfiou a mão no bolso da jaqueta e pegou um pedaço de mortadela, que colocou no chão à sua frente. Devagar, bem lentamente, levou de novo a mão ao bolso e conseguiu abrir o pote de queijo cremoso, o suficiente para lambuzar o dedo, com a intenção de esfregar o queijo na mortadela. Michael tinha conseguido passar de agachado para ajoelhado sem fazer um ruído.

“O Huck agora está a uns sete metros e meio de distância”, Dave sussurrou ao telefone.

Rich e eu, atrás da casa e de um dos lados do quintal, e Dave, fora da nossa linha de visão e do outro lado, estávamos congelados no chão, paralisados.

“Oi, Huck, como vai, menino?”, Michael perguntou, com voz suave. “Eu senti sua falta. Você está com fome? Quer um pouco de queijo cremoso?”

“Agora, ele está a cerca de seis metros”, Dave sussurrou ao telefone. “E agora a uns quatros metros e meio.”

“Oi, Huck, meninão”, Michael continuava usando a voz suave para atrair Huck. “Quer um pouco de queijo cremoso?”

Era tudo que Michael podia fazer para se conter. Ele queria agarrar Huck nos braços e cair no choro e na risada. Mas estava calmo e controlado feito um jogador de beisebol profissional prestes a dar a tacada vencedora em uma final de campeonato mundial.

Rich, com o telefone apertado contra a orelha, estava parado com o corpo mais ou menos inclinado, de modo que a minha cabeça estava encostada à dele,

embora eu não conseguisse escutar nada.

Dave continuava sussurrando ao telefone: “O Huck agora está a três metros do Michael”.

“O Huck agora está a três metros do Michael”, Rich me repetiu, o que ia fazendo a cada relato de Dave.

“Ele está a dois metros e meio.”

“Ele está a dois metros.”

“Ele está a um metro e meio.”

Huck deu mais um passo na direção de Michael, e quando meu filho estendeu o braço, Huck deu vários passos para trás. Michael temeu que o cãozinho fosse sair correndo.

“O Huck recuou”, informou Dave.

Demorou uma eternidade para que Rich e eu voltássemos a ouvir outro informe atualizado de Dave.

“A gente achou que ele ia sair correndo, mas não. Agora eu diria que o Huck está a cerca de um metro e meio de distância.”

“O Huck está a um metro e pouquinho.”

“Ele está a menos de um metro.”

“Ele está a meio metro.”

“O Michael está com o Huck nos braços.”

Rich e eu saímos correndo para o outro lado do quintal. Michael estava abraçando seu cãozinho, seu melhor amigo, seu confidente de confiança, o animalzinho de estimação que ele tinha desejado a infância toda, o antídoto contra o período em que a morte havia roçado de leve sua mãe. “Eu te amo, Huck. Eu senti tanto a sua falta. Por onde você andou, menino?”, ele perguntou docemente.

Huck, que a essa altura lambia o rosto, os lábios, as bochechas, o nariz e até os olhos de Michael, estava ocupado demais para responder.

Dave, tomado de emoção, falou com uma voz poderosa – a mais alta que Michael já tinha ouvido sair da boca dele: “Vamos levá-lo para o carro e fechar todas as janelas”. Ele estava com medo que Huck fugisse de novo.

Ao ver nosso filho e seu cãozinho no banco de trás do carro de Dave, finalmente reunidos – Michael gargalhando, com um sorriso no rosto, Huck

lambendo o menino e subindo na cabeça dele –, Rich e eu caímos no choro, derramando lágrimas de alegria.

Uma mulher, ainda usando roupão, saiu de sua casa e ficou parada um minuto nos degraus da porta da frente olhando para Rich, que dava pulos de alegria e socos no ar. “Acharam seu cachorro?”, ela perguntou.

“Sim, achamos”, respondi, rindo das palhaçadas de Rich.

“Ô se achamos!”, berrou Rich. “Obrigado por perguntar.”

“Parabéns”, disse a mulher, sorrindo.

Rich tirou alguma coisa do bolso que eu nem sabia que estava com ele – a guia de Huck. Quando estávamos junto ao carro de Dave, Rich bateu na janela do banco de trás e pediu a Michael que abrisse uma fresta, pela qual ele passou a guia. Naquele momento, Huck começou a lamber o vidro da janela. Rich pediu para Michael prender a guia na coleira e enrolar com firmeza na mão. Não íamos mais arriscar.

Assim que Michael prendeu a guia e o cãozinho estava sob controle e seguro, abri cuidadosamente a porta traseira do carro e entrei. Mais uma vez, fiquei emocionada. Com Huck pulando em cima de nós dois, abracei meu filho. Depois abracei e beijei Huck, que lambeu meu rosto. Devolvi o cãozinho a Michael. Eu já estava quase saindo do carro quando Dave entrou e disse: “O Rich acha que é melhor vocês ficarem no meu carro, a gente se encontra com ele na minha casa.”

Eu me senti mal por Rich, o general, o otimista, o pai e marido incansável, que ainda não tinha tido a chance de pegar no colo o recém-encontrado Huck. Se não fosse pela insistência de Rich, por sua crença de que de um jeito ou de outro encontraríamos nosso filhotinho na densa mata no sopé das montanhas, não teríamos sentido a arrebatadora alegria daquele momento.



Capítulo 15

Rich chegou primeiro à casa dos Clarks e já estava à nossa espera na entrada da garagem. Ele gesticulou para Michael, instruindo o menino a ficar um pouco mais dentro do carro. Só depois que Rich, Dave e eu formamos uma falange junto à entrada do carro é que meu marido abriu a porta para que Michael saísse, ainda segurando Huck nos braços e apertando com força a guia enrolada na mão.

Como agentes do serviço secreto protegendo um candidato às eleições presidenciais, subimos juntos, como uma unidade militar, a trilha de pedras até a porta da frente. Olhando em retrospecto, foi um momento hilário, mas que na ocasião pareceu ser a coisa certa a fazer.

“Não o ponha no chão até termos certeza de que a porta dos fundos está fechada”, recomendou Dave.

Barbara estava na cozinha, fazendo café. Ela veio correndo para a sala de jantar. O geralmente calmo e sereno Dave a mandou voltar. “Veja se a porta está fechada. Tranque-a.”

Barbara voltou às pressas para a cozinha e depois correu na direção de Michael e Huck. “Oh, meu Deus”, ela exclamou, com o rosto banhado de lágrimas. “Darian, desce aqui! Rápido!”

Descalça e de pijamas, Darian desceu correndo as escadas, saltando os

degraus de dois em dois. “Huck”, ela berrou, radiante de alegria ao ver o cãozinho. “Como vocês o encontraram?”

Sem esperar a resposta, ela começou a afagar a cabeça de Huck e a beijar o cãozinho. Barbara não conseguia soltar Michael, que não soltava Huck. Dave, satisfeito depois de verificar que a casa estava bem trancada, disse para Michael: “Agora pode colocar o Huck no chão”.

Mas Michael não obedeceu. Ele se virou e entregou Huck para o pai. E pela terceira vez naquela manhã, senti meus olhos rasos d’água.

“Oiê, meninão”, Rich disse, pegando Huck nos braços. O cãozinho lambeu sem parar o rosto de Rich, que agora estava dando risadas. Suas gargalhadas iam ficando cada vez mais fortes a cada lambida de Huck, que, embora aparentasse cansaço, era o mesmo cachorrinho doce e brincalhão de sempre.

Rich devolveu Huck a Michael, que foi com o cãozinho para a cozinha, seguido por nós todos. A angústia dos últimos dias havia sido substituída por pura felicidade.

Todos nós estávamos curiosos para saber quem era o homem que havia telefonado tão cedo naquela manhã para nos alertar sobre o paradeiro de Huck. Ele tinha aparecido como o anjo Clarence Oddbody, no filme natalino *A felicidade não se compra*, que se materializa na vida de George Bailey em um momento de completo desespero.

“A Barbara tem o número de telefone dele”, disse Dave. “O nome dele é John alguma coisa, e ele mora lá pertinho de onde a gente achou o Huck.”

Descobrimos que John era John Mantineo, um humilde senhor de 73 anos de idade, alto, de olhos azuis e cabelos brancos, marido de Janet, pai de seis filhos, todos adultos; o único que ainda morava em casa com eles era Michael, de 27 anos, que tinha síndrome de Down. Muitos dos filhos de John e Janet (bem como os maridos e esposas deles) atuam em profissões que ajudam as pessoas – bombeiros, policiais, professores, enfermeiras, paramédicos, socorristas. Fotografias dessas pessoas enfeitam o corredor dos quartos e cobrem a geladeira da casa amarela dos Mantineos, na Deerfield Terrace, pertinho da Fawn Hill Drive.

Entre essas fotos está uma reprodução emoldurada de um artigo de jornal sobre Michael, que aos treze anos de idade, como parte de um projeto

educacional especial, passava horas levando seus animais de estimação – gatos, cães, coelhos, porquinhos-da-índia – para visitar idosos nas casas de repouso da região. Michael tinha jeito com animais. Chegou a ganhar prêmios em exposições de cães e troféus de equitação nos Jogos Paraolímpicos.

Quando criança, Michael teve muitos animais de estimação. Aos vinte anos ele já trabalhava no Hospital de Animais Franklin Lakes.

John e Janet criaram sua extraordinária família com o salário que John ganhava como engenheiro de campo do Departamento de Parques do Condado de Bergen, onde foi trabalhar após dar baixa do exército em 1955. Depois de se aposentar, John entregava flores e fazia trabalhos de carpintaria.

Naquele fim de sábado, John tinha visto um dos nossos cartazes pregado em um poste telefônico. Ele achava que seguramente um cãozinho tão pequeno como Huck seria devorado por algum animal selvagem. Recentemente, Janet tinha atirado pedras em um corvo na tentativa de fazê-lo soltar do bico um filhote de coelho que a ave roubara do ninho. John sabia que naquela área havia não apenas aves de rapina, mas também coiotes, ursos e raposas. Ele tinha voltado para casa a fim de pegar papel e caneta para anotar o número.

Na manhã seguinte, John fez o que fazia todas as manhãs de domingo antes de ir com a família para a igreja. Ao amanhecer, pegou o carro e saiu para percorrer um trajeto de onze quilômetros até a Bagel Train, em Suffern, a fim de comprar *bagels* (pão em forma de anel, muito popular nos Estados Unidos), lembrando-se de incluir em sua sacola bagels de gergelim e de todos os sabores.

Naquela manhã de domingo, sua viagem para comprar *bagels* foi interrompida quando ele avistou um cachorrinho ruivo, molhado e sujo, sentado no cruzamento. Certo de que era o cãozinho do cartaz, ele desceu de seu Malibu marrom e chamou Huck, dizendo “queijo cremoso”, mas o cachorro saiu correndo. John voltou para casa e ligou para o número que ele tinha anotado, acordando Barbara e Dave.

Mais tarde, os Mantineos foram para a missa na igreja da Imaculada Conceição, em Mahwah, onde John e Janet são voluntários – recebem as pessoas na porta – e Michael ajuda na celebração como acólito. “Eu gosto de estar perto de Deus”, diz Michael sobre a experiência de ficar no altar. Quando voltaram a ouvir notícias do cachorrinho foi para saber que Huck tinha sido encontrado

graças ao telefonema de John.

Naquela manhã, na cozinha dos Clarks só havia sorrisos e gente se revezando para ficar perto de Huck. Eu queria que ele comesse alguma coisa, mas a ração dele não parecia ser a coisa certa. “Barbara, tem algum iogurte?”, perguntei, pois sabia que era algo que ele adorava e que comeria sem problemas.

“Não tenho, não”, ela respondeu.

Dave e eu decidimos sair para comprar iogurte para Huck e *bagels* para todos os demais.

Rich já estava pensando lá na frente e me lembrou de que precisávamos pagar a conta e devolver as chaves do hotel e recolher o maior número possível de cartazes. Naquele momento, seu celular tocou. Era Ray, que já estava acordado, pronto para passar mais um dia conosco, procurando Huck.

“Nós o encontramos”, disse Rich, triunfante.

“Vocês o encontraram? Como? Onde? Posso vê-lo?”, Ray fez todas as perguntas de uma só vez. “Onde vocês estão agora?”

“Ainda estamos na casa da minha cunhada. Por que você não passa aqui pra comer uns *bagels* com a gente?”

Quando voltamos com o iogurte e os bagels, Ray já tinha chegado e estava sentado na cozinha com todo mundo, Huck ainda nos braços de Michael. Ray se levantou e apertou a mão de Rich. “Ele é o poodle mais bonito que eu já vi”, assegurou Ray, com um largo sorriso.

Entreguei a Michael um pote de iogurte de cereja e uma colher. Ele mexeu o iogurte e antes que tivesse a chance de colocar um pouco na ponta da colher para seduzir Huck, o cãozinho já tinha enfiado o focinho no pote, praticamente inalando o conteúdo cremoso. Ele lambeu o pote até limpar, e seu rosto ficou todo lambuzado.

Quando Michael finalmente colocou Huck no chão, Rich e eu notamos que o olho direito estava mais fechado que o esquerdo. “A gente devia levar o Huck ao veterinário”, eu disse. “Talvez seja possível marcar uma consulta para hoje ainda. De vez em quando, o dr. Miller trabalha aos domingos.”

Liguei.

“Desde que não seja uma emergência vocês podem esperar para trazer o animal amanhã”, respondeu a jovem do outro lado do telefone. “É sobre o

Huck?”, ela perguntou.

“Sim, é”, respondi, surpresa que ela soubesse o nome dele.

“Quer dizer que vocês o encontraram?”

“Sim, encontramos.”

“Isso é maravilhoso!”, ela exclamou. “Mal posso esperar para contar para todo mundo. Estávamos todos preocupados. Todo mundo vai ficar muito feliz. O dr. Miller estará aqui amanhã às oito e meia. A senhora pode trazê-lo a essa hora?”

“Claro”, respondi, aliviada por ter marcado a primeira consulta do dia e tocada pelo fato de que toda a equipe do veterinário estava tão preocupada.

Comemos nossos *bagels* e ficamos vendo Huck brincar no chão, como se a angustiante jornada dos últimos dias nem sequer tivesse acontecido. Mas aconteceu. E teve um final feliz. Aprendemos muito sobre o coração de uma cidadezinha e sobre o extraordinário nível de preocupação que pessoas desconhecidas podiam demonstrar umas para com as outras. Aprendemos muita coisa sobre nós mesmos, também, sobre a persistência, coragem, determinação e nossa dedicação mútua.

Nossa singular jornada tinha trazido para nossa vida um incontável número de pessoas generosas. Era hora de começar a dizer “obrigado”. Rich pegou um guardanapo de papel e começou a escrever uma carta ao editor do jornal local, o *Town Journal*, agradecendo a população de Ramsey, Mahwah, Allendale e Wyckoff.

> Ao Editor:
>
> No dia 22 de março, minha esposa, meu filho e eu saímos de Nova York para um período de dez dias de férias, após um ano lidando com sérias questões de saúde. Deixamos nosso cachorro, Huckle-berry, um poodle toy abricó – que compramos para o nosso filho em parte para ajudar no nosso embate com o referido problema de saúde –, na casa da irmã de minha esposa, em Ramsey. Decorrido um dia de férias, recebemos um telefonema informando que Huck fugira. Voltamos imediatamente, no primeiro voo, e demos início a uma busca desenfreada dia e noite. A generosidade do povo de Ramsey, Mahwah, Allendale e Wyckoff em termos de preocupação, oração e assistência genuína (houve quem inclusive alterasse os próprios planos e compromissos para auxiliar nas buscas) foi uma experiência marcante e inesquecível. Acreditamos na bondade inata das pessoas, mas o povo dessas comunidades demonstrou uma profunda solidariedade, mesmo que isso significasse arriscar suas próprias emoções. Graças a uma informação, conseguimos encontrar Huck depois de 72 horas. Ao

longo do caminho conhecemos pessoas incríveis, e várias delas são agora nossos amigos. Nós queremos agradecer às pessoas dessas comunidades. Estamos profundamente gratos por tudo aquilo que vocês fizeram.

Richard Pinsky

Cidade de Nova York

"Acho que é isto", disse Rich, passando-me o guardanapo. "Acho que diz o que a gente quer dizer."

Dessa vez, eu não tinha nada a acrescentar ou alterar, o que nem sempre acontece quando um de nós mostra ao outro o que escreveu. Rich tinha dito tudo com perfeição.

Eu estava ansiosa para ir embora para casa. Eu queria resolver o que ainda precisávamos resolver em Nova Jersey e depois queria retomar a nossa vida. Rich e eu estávamos nervosos por ter de deixar Michael e Huck para trás, fora da nossa linha de visão, enquanto íamos acertar as coisas no hotel. Estávamos preocupados que alguém deixasse alguma porta dos fundos aberta ou que Huck conseguisse escapulir da casa dos Clarks de algum jeito imprevisto. Mas também sabíamos que tínhamos muito a fazer antes de entrar no carro e voltar pela ponte George Washington. E sabíamos que Dave e Barbara estariam prestando bastante atenção a cada movimento de Huck.

No hotel foi jogo rápido. Foi fácil fazer as malas, já que na verdade nunca chegamos a desfazê-las. Paguei a conta enquanto Rich guardava a bagagem no porta-malas, que ele fechou com uma batida estrondosa. "Vamos cair fora daqui", ele disse, radiante de alegria.

Passamos pelo Empório do Elmar e voltamos para Ramsey. Estacionamos mais ou menos na metade da Main Street e começamos a arrancar os cartazes, um após o outro. A sensação que tivemos foi de que todas as pessoas que nos viam tirando cartazes de postes e vitrines de lojas sabiam da nossa história. Algumas perguntavam por Huck pelo nome. "Acharam o Huck?" ou "Encontraram seu cãozinho?" Algumas mulheres me abraçavam quando ficavam sabendo da boa notícia. Outras pessoas apertavam nossas mãos, ao passo que outras simplesmente exclamavam "Que coisa boa" ou "Parabéns", depois entravam no carro e iam embora.

Alguns cartazes, como os das escolas e das lojas que estavam fechadas, teriam de esperar até segunda-feira, e começamos a elaborar uma lista de pessoas para as quais sabíamos que teríamos de telefonar para falar sobre eles. A seguir fomos para a Pine Tree Road. Deixamos um bilhete para Brian O'Callahan, um dos que se ofereceram voluntariamente para procurar Huck acompanhado de seus filhos, e outro para Dick Seelbach, o homem que permitiu que colocássemos mortadela em sua garagem.

Fomos para a Carriage Lane, onde encontramos Ben Mamola e sua esposa Catherine, que tinha acabado de voltar de seu retiro religioso, pegando sacolas do porta-malas de um de seus carros. Quando contamos que tínhamos achado Huck, houve uma calorosa troca de abraços. Era a primeira vez que víamos Catherine, mas por intermédio de Ben ela já estava a par da nossa história. "Todos estávamos rezando por vocês", ela disse.

"Inclusive meus meninos", acrescentou Ben, "ontem à noite, antes de dormir, rezaram pedindo pra vocês acharem o seu cãozinho. Quero só ver quando eles ficarem sabendo da novidade."

Agradecemos Ben por toda a ajuda e concordamos em manter contato. "Sabe, acredito que tudo acontece por uma razão."

Rich e eu entramos no carro e voltamos para a casa dos Clarks a fim de pegar o nosso filho e o nosso cachorro e ir embora para casa. Dessa vez, Michael não pediu para ficar. Ele também estava doido para voltar para casa.

Dave levou todos os pertences de Huck – sua caminha, seus brinquedos – para o carro e colocou tudo no porta-malas. Michael foi carregando Huck. Ficamos todos parados junto ao carro, sem saber exatamente o que dizer um para o outro. Nós nos abraçamos, demos risadas e ficamos lá parados mais um pouco. A dolorosa experiência tinha aprofundado nosso amor e respeito mútuos.

Entrei no carro e me sentei no banco do passageiro dianteiro. Michael me entregou Huck e esperou o cãozinho se aquietar no meu colo antes de ir para seu lugar no banco de trás. Rich fechou a minha porta, depois a de Michael e sentou-se ao volante. Prendeu o cinto de segurança e ligou o carro. Olhou para mim, depois para Michael e perguntou: "Esta família está pronta para ir para casa?".

"Vamos embora", berrou Michael, feliz. Os Clarks ficaram na garagem acenando; Rich saiu de ré e ganhou a rua.

Eu virei o corpo e vi Michael sorridente, sentado no banco de trás, com o boné verde da sorte dos Yankees na cabeça, jogando para o ar a bola de beisebol do Onze de Setembro que ganhara de presente de Dave, aquela que tinha a função de inspirar nele esperança.

Agradecimentos

Espero que *Huck* seja um testamento duradouro da bondade e generosidade dos moradores de Ramsey, Mahwah, Wyckoff e Allendale, que não hesitaram em estender a mão a desconhecidos necessitados.

Huck é parte de um capítulo da minha vida intitulado câncer. O apoio firme do *The New York Times* durante a minha doença propiciou-me a liberdade de me concentrar em recobrar minha saúde sem a angústia de imaginar que meu papel no jornal seria diminuído. Sou grata ao editor do jornal, Arthur Sulzberger, e aos meus chefes, Bill Keller, Jill Abramson e John Geddes.

Minha profunda gratidão aos médicos que cuidaram de mim de maneira excelente e que me ajudaram a abaixar minhas sobrancelhas de jornalista e confiar neles: Ann Carlon, Chip Cody, Catherine Hart, Tom Kolb, Beryl McCormick e Anne Moore.

A afeição, o bom humor, os gestos solícitos – grandes e pequenos – de muitos amigos e colegas iluminaram o caminho ao longo de um período bastante sombrio da minha vida e seus inconstantes desdobramentos. Meu eterno obrigado a Rich Berke, Alison Bommarito, Sal Bommarito, Rachel Breitbart, Adam Bresnick, Orville Buddo, Dana Canedy, Dolly Cannon, Mary Ellen Caruso, Caroline Clarke, Marjorie Connely, Brad Connor, Sharon Connor, Louise Conway, Peggy Conway, Maureen Dowd, Tonne Goodman, Alison Gwinn, Deborah Hofmann, Michael Kagay, Brian Kennedy, Dave Kepner, John Kepner, Mimi Kepner, Tim Kepner, Glenn Kramon, Mark Leibovich, Rich Meislin, Adam Nagourney, Patty Newburger, Todd Purdum, Joyce Purnick, Andy Rosenthal, Jane Rosenthal, Martin Rutishauser, Susan Scott, Robert Sherman, Tammy Sherman, Ilde Smilen, Steve Smilen, Dalia Sussman, David Sussman, Dick Stevenson, Nina Tager, Megan Thee-Brenan, Angela Tortorella, Jeffrey Wilks, Lise Wilks, Donna Wilson, e Caren Zuckerman.

Nestas páginas, presto tributo a amigos queridos cujos corações me tocaram

e que morreram antes da hora: Connie Hays, David Kern, Bob Parisien, John Siskind, Ruth Sussman e Robin Toner.

Uma boa parte de *Huck* foi escrita nas salas iluminadas da New York Society Library. Meus agradecimentos aos funcionários da biblioteca, que me propiciaram um lugar tranquilo para pensar e trabalhar.

Quando já tinha escrito três quartos do livro, sofri uma queda de cavalo e quebrei o cotovelo. Minha eterna gratidão a Emily Altman e Robert Hotchkiss por seus cuidados médicos de primeira classe e aos meus amigos Regina Lasko e David Letterman, por seu apoio incondicional. Juntos, eles me possibilitaram terminar o livro em tempo adequado, apesar do gesso que aumentou o tamanho do meu braço.

Embora eu tenha amado *Huck*, não tinha ideia de como o livro seria recebido. Pus meu destino nas mãos de Christine Kay e Barbara Strauch, notáveis editoras entre notáveis editores do *The Times*, que de bom grado assumiram a tarefa de ler os originais em sua primeira versão. Tenho uma dívida de gratidão com ambas.

Foi uma honra trabalhar com o talentoso pessoal da Broadway Books. Christine fez um trabalho primoroso e editou *Huck* de maneira graciosa, e, apesar dos meus protestos, ela tinha razão ao bater o pé e defender com firmeza sua crença de que já a partir do título o leitor quer saber que o livro que comprou tem um final feliz. Meu muito obrigado a toda a "Equipe Huck" por seu cuidado, criatividade e contagiante entusiasmo em lançar *Huc*k para um grande público leitor: Jacob Bronstein, Laura Duffy, Ellen Folan, Laurie McGee, Catherine Pollock e Jennifer Robbins.

Sou grata à minha agente literária, Esther Newberg, que instiga os autores mas não os importuna com resmungos, uma vigilante escritora de e-mails, que em uma noite de domingo encontrou *Huck* em meio a suas missivas eletrônicas e concluiu que era uma história que precisava ser contada. Ela tem sido uma defensora tanto de *Huck* como de sua autora.

Larry Pinsky apontou sua câmera para Huck e captou o cãozinho em toda a sua doçura para a foto da capa. Sou grata a ele, à sua esposa Elizabeth e a Doris Kaplan por sua preocupação e ajuda durante minha doença.

Agradecimentos especiais a Rick Finkelstein, Caroline Kennedy, Susan

Scheftel e Ed Schlossberg por sua amizade e pela ajuda diária prestada a Rich, a Michael e a mim mesma ao longo dos difíceis meses de tratamento do câncer.

Aqui devo homenagear meus pais, meu irmão e minhas irmãs: meu pai William, cujo amor pelos livros e cães atravessou gerações e chegou ao coração do neto, que ele não viveu tempo bastante para conhecer; e minha mãe, Harriet, nossa amorosa matriarca, que enfrentou uma grande dose de adversidades com dignidade e força. Obrigado a meu irmão Bill e a minha irmã Louise, por seu amor inequívoco e por seu apoio a *Huck* e a todos os meus projetos. E ao marido de Louise, Joe, por estar sempre ao lado dela.

Como todo leitor de *Huck* vai ver, eu não poderia ter uma melhor amiga da vida inteira do que minha irmã Barbara, desde a nossa infância, quando brincávamos de viagens de trem na escada, até a nossa busca frenética por Huck em algum lugar da mata. Meu amor e meu muito obrigada a Barbara e sua família: Dave, Justin, Kaitlyn e Darian.

Agora eu sei o que já devia ter sabido anos atrás, que o anseio que uma criança sente de ter um cachorro deve ser levado a sério e não pode ser descartado como mera questão de conveniência. Meu filho Michael me ensinou mais do que eu ensinei a ele sobre as coisas da vida. Sua coragem, abnegação, generosidade e seu coração alegre me inspiraram ao longo da nossa busca e continuam me inspirando ainda hoje.

Acima de tudo, sou grata ao meu adorável e adorado marido, Rich, cujo espírito intrépido nos manteve caminhando sempre em frente, como sempre faz, mesmo contra todas as dificuldades. Se não fosse pelo amor sem limites que ele sente por sua família,` e sua crença de que as coisas são possíveis, nem sequer existiria esta história. Rich nos levou até Huck.

[1] Romance de Thomas Wolfe (1900–1938), publicado postumamente em 1940. (n. t.)
[2] Referência aos romances *As aventuras de Tom Sawyer*, 1876, e *As aventuras de Huckleberry Finn*, 1884, ambos de Mark Twain (pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens, 1835-1910). (n. t.)
[3] A águia-de-cabeça-branca, águia-careca, águia-americana ou pigargo-americano (*Haliaeetus leucocephalus*) é o símbolo nacional dos Estados Unidos da América. (n. t.)
[4] Saint Patrick's Day, festa anual que celebra São Patrício, um dos padroeiros da Irlanda, comemorada no dia 17 de março. (n. t.)
[5] Nos eua, o *rehearsal dinner* (jantar de ensaio do casamento) é uma festa bastante tradicional. Trata-se de um jantar em geral realizado na véspera da cerimônia de casamento propriamente dita e normalmente oferecido e custeado pelo noivo ou os pais do noivo (em uma casa particular que seja grande ou em um restaurante formal) para os padrinhos, familiares, amigos e todos os participantes da cerimônia de casamento. Na ocasião, os noivos, pais e padrinhos oferecem brindes e os futuros cônjuges abrem presentes. (N. T.)
[6] "Will you still need me, will you still feed me, When I'm sixty-four?". A canção em questão é "When I'm sixty-four", do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967). (N. T.)
[7] O maior clube de registro de genealogias de cães puro-sangue nos Estados Unidos e que também promove eventos para cães com pedigree. (N. T.)